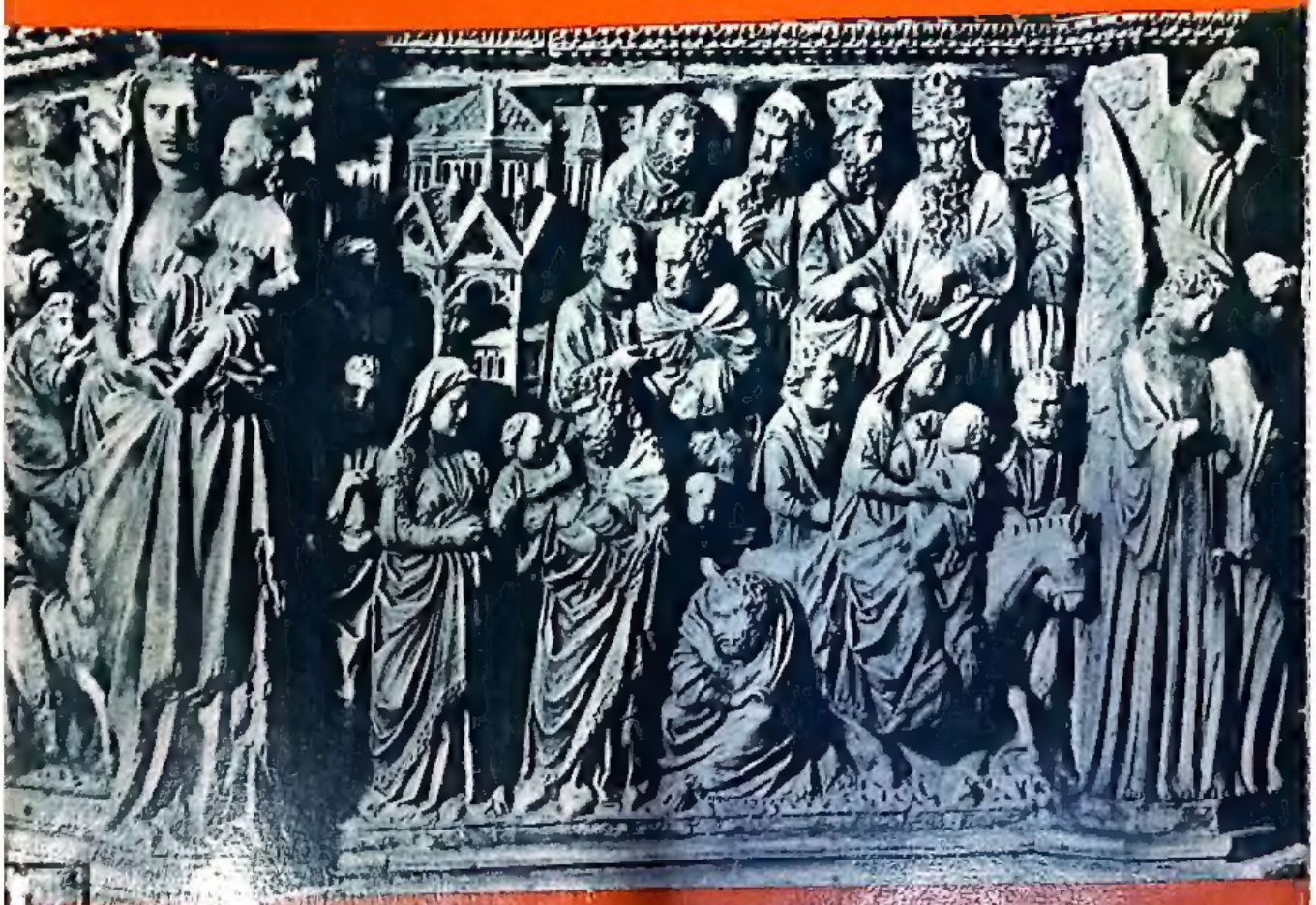
DR. WILLIBALD DEMAL O.S.B.

PSICOLOGIA PASTORAL PRÁTICA

COLEÇÃO PASTORAL



FONTES DOCENTE

EDIÇÕES PAULINAS

Digitalizado com CamScanner

PSICOLOGIA PASTORAL PRÁTICA

Dr. Willibald Demal, O.S.B.

É um amplo estudo de questões psicológico-pastorais, deduzidas da experiência cotidiana, destinado aos sacerdotes com cura de almas (vigários, capelães, educadores, etc.). Pelo fato de ter a formação e assistência espiritual, por objeto a alma humana, infere-se que o pastor de almas atuará com tanto mais sucesso, quanto maior fôr sua competência no campo psicológico. O sacerdote que não souber compreender e penetrar as almas que lhe foram confiadas, e não souber inteirar-se das suas estruturas e situações particulares, bem pouco compreenderá de suas exigências, para poder remediar: não poderá descobrir-lhes as inclinações e possibilidades latentes, a fim de poder valorizá-las ou encaminhá-las para o melhor; ignorará os meios a seu alcance, para poder utilizá-los. Em nossos tempos já não é possível desenvolver o mistério pastoral de direção ou formação — sem adequada preparação e sem os conhecimentos necessários da psicologia experimental. Está dividida em três partes: a primeira, analisa os problemas resultantes dos diferentes estados de ânimo e das diferentes exigências do indivíduo em relação à vida espiritual; a segunda, examina a fundo a diferenciação dos indivíduos de acôrdo com o temperamento, a idade, o sexo, a profissão, as disposições pessoais, de grande valor para a praxe pastoral; a terceira, trata da psico-patologia pastoral, isto é, das anomalias psíquicas e do respectivo tratamento no terreno pastoral. "Psicologia Pastoral Prática" constitui valiosíssimo contributo e auxílio para todos aquêles que receberam de Deus a missão de guiar, dirigir, e formar as almas.

Digitalizado com CamScanner

DR. WILLIBALD DEMAL o. s. b.

PSICOLOGIA PASTORAL PRÁTICA

Contribuição para uma ciência psicológica destinada a pastôres de almas e educadores

EDIÇÕES PAULINAS

Digitalizado com CamScanner

Título original
Praktische Pastoralpsycologie
Verlag Herder - Wien 1953

Tradução de *Tarcísio do Nascimento Teixeira*

Nihil obstat: Sac. Joāc Roatta, ssp. - São Paulo, 10-6-1968
Imprimatur: † J. Lafayette, vig. ger. - São Paulo, 12-6-1968

© 1968 by EDIÇÕES PAULINAS - SÃO PAULO

Digitalizado com CamScanner

PREFÁCIO

Os estudos psicológico-pastorais, aqui apresentados, provêm, em grande parte, da experiência pastoral e destinam-se, em primeiro lugar, à praxe do sacerdote no cuidado das almas. Embora cônscio de abraçar com êste trabalho apenas um setor (parcial) do vasto campo, espero todavia com isso dar pequeno impulso a uma psicologia pastoral que depois possa apresentar-se de maneira adequada. Mas, mesmo se tal não acontecer, declarar-me-ei satisfeito se meu esfôrço conseguir compreensão mais profunda da vida psíquica humana por parte dos sacerdotes e educadores, de modo que os identifique sempre mais com o Bom Pastor e possam repetir com êle: "Conheço minhas ovelhas" (Jo 10,14).

Windhang, 6 de dezembro de 1946.

O AUTOR

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Publicado em 1949, o volume "Psicologia pastoral" encontrou boa acolhida entre educadores e sacerdotes encarregados do cuidado das almas e não apenas nos países de língua alemã.

Em 1952 apareceu uma tradução holandesa, seguida pela castelhana no ano seguinte. Em 1953 o livro foi reelaborado e ampliado. Esta segunda edição foi traduzida em 1955 em inglês, em 1956 em italiano e castelhano.

A terceira parte dessa nova edição foi amplamente refundida.

Possa a obra, na sua forma atual, ajudar o sacerdote a compreender as almas, curá-las e aproximá-las de Deus!

Seitenstetten, festa da Assunção, 1958

WILLIBALD DEMAL

Digitalizado com CamScanner

INTRODUÇÃO

A psicologia pastoral, na sua essência e na sua tarefa, é ciência auxiliar da teologia pastoral e, como esta, serve diretamente à assistência espiritual prática. A psicologia pastoral pode definir-se, noutras palavras, como ciência psicológica enquanto oferece os conhecimentos psicológicos necessários para a assistência espiritual.

Como a assistência espiritual tem por objeto a alma humana, o pastor de almas agirá com tanto mais sucesso, quanto mais conhecer a alma. O sacerdote e o educador que não se identificarem com a alma nas suas peculiaridades e condições e não as compreenderem, saberão bem pouco de suas profundíssimas misérias e necessidades, para poder remediá-las; de seus defeitos e obstáculos, para eliminá-los; de seus recursos e vantagens, para aproveitá-los; de suas tendências e prerrogativas, para poder realizá-las. Faz lembrar o semeador que lança a semente preciosa ao vento. "Não tem sido esta, às vêzes, nossa atitude? Fé límpida e a melhor das vontades por parte do pastor, trabalho ininterrupto, dia e noite, todavia sem fruto! Falta de clarividência e de tato pedagógico, de compreensão das almas e dos tempos. 'Vós, teólogos, não nos compreendeis' era muitas vêzes a sentença conclusiva de quem precisava de nós e de quem nós precisamos" (L. Bopp). Olhando dêsse ponto de vista, devemos admirar como a ciência da alma humana, do caráter, do temperamento, das peculiaridades da vida psíquica segundo a idade, o sexo e as condições de vida, tenha parte tão pequena na instrução dos teólogos e dos futuros pastôres de almas. É verdade que, nos últimos tempos, no quadro das disciplinas filosóficas que precedem os estudos teológicos pròpriamente ditos, concedeu-se um lugar à "Psicologia experimental", mas isso não satisfaz plenamente as exigências da assistência espiritual. Devemos concordar com o que diz Rhaban Liertz: "Com tôda a psicologia experimental avizinhamo-nos bem pouco da exploração da vida psíquica pròpriamente dita". Não podemos ignorar existirem não poucos sacerdotes e educadores que, apesar de trabalharem há longos anos no cuidado das almas, conhecem mal os homens. As

Digitalizado com CamScanner

razões são muitas. Uma, porém, consiste na falta de introdução adequada, na compreensão da vida psíquica humana durante o período da preparação profissional. Com o mesmo direito, senão maior, com que se introduzem os futuros pastôres nos conceitos basilares da Sociologia pastoral e da Economia política, devem exigir-se lições de Psicologia pastoral, no programa de estudos teológicos. Uma instrução a fundo sôbre questões de psicologia, e justamente com critérios bem diversos, mais práticos do que os que se realizam no estudo da psicologia experimental, é absolutamente necessária para o futuro pastor de almas; de qualquer modo, mais necessária que tantas "matérias secundárias", cujo conhecimento se exige hoje dos estudantes de teologia.

"A psicologia pastoral é lacuna que espera ser preenchida" (Bopp). São estas as palavras com que o conhecido teólogo de Friburgo aponta a necessidade da exposição dos problemas da psicologia pastoral. Diante da urgência desta ciência auxiliar teológico-pastoral justifica-se a pergunta: por que até hoje não se chegou ao tratamento sistemático de uma psicologia pastoral, apesar de todos os trabalhos preliminares e parciais? A razão talvez derive da natureza dos problemas a tratar, os quais, achando-se à margem do campo científico, suscitam discussões quanto a pertencerem ao campo do teólogo ou do psicólogo. E, de fato, na prática concreta, muitas vêzes é difícil decidir se um psicopata deve tratar-se com o confessor ou com o psiquiatra. Outro motivo da falta de exposição sistemática de psicologia pastoral talvez fôsse possível reconhecer na falta de que se ressente muitas vêzes o cientista da necessária experiência do assistente espiritual, enquanto ao pastor prático falta em geral tempo para se ocupar dos resultados científicos da psicologia moderna. Além disso devemos confessar que, até pouco tempo, também a psicologia tinha descurado não poucos problemas do próprio campo específico. "A psicologia moderna abandonou, com desinterêsse na verdade surpreendente, as questões do temperamento, mentalidade, caráter, ou delas tratou de passagem, como apêndice ou complemento (Utitz). Dessas considerações emergem, de um lado, as razões da falta de uma psicologia pastoral conclusiva, de outro a necessidade da colaboração entre teóricos e práticos, sacerdotes e leigos, educadores e médicos.

Podem atribuir-se as deficiências da vida religiosa de inúmeras pessoas de nossos dias a razões e causas várias e a situações de fato. À maior parte das almas, hoje afastadas de Deus, não se pode ir por via direta. Suas dificuldades não consistem tanto no fator religioso, mas nas suas premissas. Muitos homens modernos, do ponto de vista religioso, estão cegos e surdos; não enxergam nem escutam mais. Não estão nem mesmo em condições de poderem fazer atos de fé, esperança e caridade. São contrários ao que é dogmático, ético, religioso-tradicional e eclesiás-

Digitalizado com CamScanner

tico-confessional. Nem sequer rezam ou só raramente e, mesmo então, só à sua maneira, conforme o humor e o capricho, mas não "em espírito e em verdade" (Jo 4,23). *"A compreensão profunda da liturgia lhes é estranha; Cristo, a Igreja, a Graça, os Sacramentos não são para êles realidade viva" (Gallus Jud).*

Tal a situação que devemos enfrentar. Trata-se dos "preambula fidei", mas de espécie tôda nova. Nos tempos de nossos pais, até o início do século, pretendia-se saber simplesmente tudo, mesmo em questões de fé. Teólogos zelosos procuravam, com a apologética popular, mitigar a miséria espiritual daquela era racionalista e positiva. Mas os homens de hoje não esperam ajuda racional em primeira linha. Não pretendem tanto conhecer, mas sim experimentar efetivamente e depois crer em forma dogmática. Antes de mais nada procuram clima espiritual favorável, bom reino terreno e por fim também proteção e sustentáculo firme; querem viver em vez de discutir e especular. Por isso precisam hoje, acima de tudo, da contribuição pré-racional da própria experiência profunda. Não no sentido modernista do último século. No fundo não se lhes adapta a unilateralidade nem irracional nem racional. Sua mente sã tende por completo à vida religiosa autêntica, como o exige a unidade corpo-alma da natureza humana. Querem ser captados pessoalmente pela realidade religiosa. Ela deve de algum modo dirigir-lhes a palavra, chamá-los pelo nome. Não por meio de linguagem que, por enquanto, nem sequer entendem. Quem, portanto, sabe e pode falar de homem para homem, de alma para alma, com comoção própria suscitada pela fé e por Deus, tem nas mãos a chave dos corações dêles. Por outro lado, nesses casos, tôda falsidade e todo cálculo astuto e esperto falha. Em suma, quem se interessa por êles, deve ter antes de mais nada intuição e tato psicológico. Assim se preparará a ação pastoral da filosofia e da teologia (Gallus Jud).

Não é preciso demonstrar que o fator decisivo na obra da santificação das almas é a graça divina. Deus a concede a quem reza com humildade e perseverança. Além disso, êle a dá quando e a quem quer dar. Os limites da psicologia e de todo o conhecimento humano se encontram diante do mistério da graça. Nesse ponto começa a verdadeira assistência espiritual do pastor. Êle reza, jejua, sofre e sacrifica pelas almas que lhe foram confiadas. "Pelo amor que lhes dedico santifico-me a mim mesmo, para que também sejam santificados na verdade" (Jo 17,19).

A presente exposição de questões psicológico-pastorais, que de nenhuma forma pretende ser trabalho exaustivo e completo, mas só uma experiência e incitamento, está dividida em três partes. A primeira abrange os problemas que resultam da diversidade de estados de alma e das

Digitalizado com CamScanner

necessidades do homem, conforme esteja no início, ou já avançado, ou nos umbrais da perfeição, no caminho que conduz para Deus. A segunda parte trata da distinção dos homens segundo idade, sexo, profissão, disposição pessoal — chamada justamente psicologia tipológica — que possui alto significado para a praxe pastoral. A terceira parte ocupa-se de cada estado patológico da vida psíquica. As questões anexas estão resumidas sob o título: psicopatologia pastoral.

Digitalizado com CamScanner

PRIMEIRA PARTE

A VIDA ESPIRITUAL NO CAMINHO DA PERFEIÇÃO

Digitalizado com CamScanner

A tarefa da assistência espiritual consiste em transmitir às almas a vida da graça, conservá-la e alimentá-la, levando os homens a atingirem assim "o homem perfeito, na medida da plenitude da idade de Cristo" (Ef 4,13). É óbvio que essa tarefa será realizada tanto melhor quanto mais profundo fôr, no assistente, o conhecimento das condições e das qualidades naturais das almas que lhe foram confiadas. Tais condições da alma, porém, são muito diferentes, conforme se encontre no início, ou já tenha progredido, ou esteja chegando à meta da perfeição atingível nessa vida terrena. Há muito se distinguem três etapas na via que conduz ao amor divino perfeito: purificação, iluminação, união. Quando a ascética compara êsses graus com uma via, não nos devemos esquecer de que não se trata de três caminhos que correm paralelos ou em direções divergentes, mas de três etapas parciais e sucessivas do mesmo caminho. Embora na verdade os limites de cada grau flutuem e se entrelacem de modo que as almas, apesar de já se encontrarem no grau da iluminação ou da união, devam aspirar ainda a pureza e imunidade do pecado cada vez maior, todavia, continua sempre verdade que o primeiro grau no caminho da alma para Deus consiste na libertação crescente de tôda a ofensa consciente e deliberada ao Senhor, com o auxílio da graça. A isto se liga a conquista e o exercício das virtudes ensinadas com a vida do divino Redentor (Imitação de Cristo). Só dêste modo a alma se torna madura para união constante e íntima com Deus. É evidente que a vida espiritual caracteriza-se diversamente conforme os três graus.

Digitalizado com CamScanner

SEÇÃO PRIMEIRA

A ALMA NO CAMINHO DA PURIFICAÇÃO

O único obstáculo verdadeiro no caminho da alma para Deus é o pecado. Por isso o primeiro empenho do homem, que deseja chegar a Deus, consiste na luta contra o pecado, na aspiração de libertar-se cada vez mais de seus laços. Êsse desapêgo interior do pecado, unido a aspiração séria de expiar os pecados do passado, chama-se "conversão". Manifesta-se no estado de alma que teve o filho pródigo depois que, caindo em si, arrependeu-se de seus erros e tomou o propósito de retornar para o pai (Lc 15,18). Esta conversão, isto é, afastamento do pecado e volta para Deus, pode suceder num átimo, após um acontecimento interno ou externo, como pode ser a conclusão de crise longa, fruto de amadurecimento espiritual. Correspondendo à vida mais ou menos afastada de Deus ou alheia a êle, a conversão leva também à mudança das condições externas da vida ou então só à transformação dos sentimentos íntimos, continuando invariável a forma exterior de vida.

Há conversões que consistem essencialmente na ruptura com o pecado grave (p. ex.: Madalena e Agostinho); outras, porém, contêm dedicação definitiva, evidente e completa à perfeição, pois a vida interior já estava orientada para Deus (p. ex.: Isabel da Turíngia e Francisco de Assis). Seria êrro procurar o que comumente se chama de conversão só na vida dos santos. Tais mudanças podem realizar-se na vida de muitos homens, mesmo quando não percebidas externamente e limitadas no tempo, como na vida de tantos santos. Muitas vêzes só o confessor é testemunha dessas vitórias da graça sôbre a natureza, escrava do pecado. Nos religiosos e nos sacerdotes a conversão muitas vêzes coincide com a entrada no clero ou no convento. Mas também nêles a conversão pode efetuar-se antes, ou vir depois de tal ingresso no estado religioso. Êste último caso é-nos conhecido pela vida de Sta. Teresa de Ávila. Ela ingressou no mosteiro aos dezoito anos e sua conversão deu-se só no início

Digitalizado com CamScanner

do quadragésimo ano de idade. Nas pessoas que vivem no meio do mundo a conversão, às vêzes, coincide com o matrimônio; nos jovens, quando ficam conhecendo uma môça de moralidade elevada. O sacerdote experiente não deixará de perceber que o desapêgo do pecado e a orientação para Deus, não se efetuam sempre num só instante, nem mesmo de modo tão decisivo que exclua vacilações ulteriores. A conversão vem, muitas vêzes, gradativamente, interrompida pelas recaídas até que, por fim, a vontade do homem, sustentada pelo influxo da graça divina, fita com olhar firme e não perde mais de vista a meta predeterminada. Êsse dado de fato constitui encorajamento para o diretor espiritual, abatido por algum insucesso na sua direção. A ação da graça divina continua misteriosa, a vontade do homem é tantas vêzes enigmática, seus obstáculos incalculáveis. Por isso é preciso, em geral, muita paciência da parte do sucessor do Bom Pastor, antes que a ovelha tresmalhada se deixe livrar do espinheiral dos pecados, vícios e paixões desordenadas, reconduzindo-a ao aprisco, por obra do amor que a procura.

A purificação do pecado deve atingir, antes de tudo, o pecado mortal. Ninguém pode chegar à união com Deus enquanto tolerar na própria alma o apêgo a um pecado mortal. A ruptura com o pecado grave é a premissa indispensável para atingir a beatitude eterna. Portanto, de cada alma que quer chegar à vida eterna, devemos exigir em qualquer caso a fuga a todo pecado mortal. Quem quiser contemplar e possuir a Deus no Céu, deve possuir pelo menos a graça santificadora. Sem a veste de núpcias não é possível aproximar-se do banquete celestial (cf. Mt 22,1-14).

A assistência espiritual, segundo o princípio "gratia supponit naturam", baseada nas premissas naturais, iniciará o combate contra o pecado com o remorso por êle gerado. Com o pecado ofendemos a Deus, autor da ordem moral, enfraquecemos ou destruímos o ligame de amor filial para com o Pai. Tal fato gera na alma a consciência da fealdade interior, sentimento de desgôsto das relações com Deus, do afastamento de Deus e do abandono por parte dêle por culpa nossa, inquietação e remorso da consciência, em suma, o complexo que se chama *consciência da culpa*. Tal advertência na alma daqueles cuja consciência não está ainda cauterizada pela fôrça do hábito pecaminoso e cega pelo auto-engano contínuo, representa um ponto de partida precioso para a ação da graça da conversão. Justamente da inquietação do coração, soterrado pelas culpas, fala a famosa exclamação de Sto. Agostinho: "Fomos feitos para vós, ó Senhor, e nosso coração está inquieto enquanto em vós não repousa". Devemos distinguir dêsse sentimento de culpabilidade o ato espiritual do arrependimento sobrenatural que acompanha o sentimento natural de culpabilidade. O sentimento da culpa é algo

Digitalizado com CamScanner

de negativo, de função causadora, no âmbito das faculdades afetivas do homem. O arrependimento, ao contrário, é positivo, realiza, compensa. Não é apenas sentimento, embora possa vir acompanhado por êle, mas deriva da vontade que se afastou do que reconhece como pecaminoso, porque e enquanto representa uma ofensa a Deus, e a Deus se dirige, bem supremo, abandonado no pecado. É verdade que substancialmente consiste numa dor da alma pelo pecado cometido, reconhecido como ofensa a Deus. Essa dor pode repercutir também na esfera sentimental, mas não é indispensável, visto poder parar na esfera espiritual do conhecimento e da vontade. Anàlogamente a essa dor puramente espiritual, existe também alegria meramente espiritual, por exemplo, pela grandeza e felicidade de Deus, apreendidas por meio da fé e que, do mesmo modo, pode deixar de se comunicar à vida sentimental e permanecer nas faculdades espirituais do homem. De tudo isso resulta que o valor e a autenticidade do arrependimento não podem ser julgados pelas manifestações externas e pelo influxo na vida sentimental. Poder-nos-íamos enganar com tôda a facilidade. Assim o arrependimento natural de um penitente — que não seria suficiente para receber o sacramento da penitência — pode provocar numa pessoa sentimental comoção e agitação psíquica que dê a impressão de disposição favorável, enquanto que, de outra parte, uma alma perfeitamente contrita pode parecer completamente indiferente no exterior porque, por disposição pessoal ou motivo passageiro, a esfera sentimental é pouco atingida ou nem mesmo o é. É claro, portanto, que a disposição pessoal formada pelo temperamento, pela paixão predominante, pela idade e pelo sexo, cria notáveis diferenças. Além disso, devemos acentuar que também a excitabilidade dos nervos representa papel importante. É notório, por exemplo, que os alcoolizados são muitas vêzes emotivos e prontos a chorar, mesmo quando a alma não está comovida de modo especial.

O reconhecimento, avaliação e utilização do sentimento de culpa, pela melhoria do homem que dela se livrou, nem sempre são tão simples e sem problemas, como se crê e deseja. É notável o caso de delinqüentes que, não depois mas antes da ação, experimentam sensação poderosa e inconsciente de culpabilidade, que os obsedia e impele à realização do delito. Sentem-se depois aliviados dessa opressão, quando podem unir o sentimento de culpabilidade a algo de real, mesmo se, às vêzes, nada tem que ver com o delito em si. Além disso, devemos observar que a opressão do pecado não é apenas expiação do mal cometido, mas, muitas vêzes, representa desabafo de impulso que na realidade permanece insatisfeito. "Mas a satisfação não falta, pois consegue realizar-se por via indireta, especialmente nos psicopatas, e volta-se de preferência contra a própria pessoa, tornando-a masoquista" (Rh.

Digitalizado com CamScanner

Liertz). Assim se explica também o motivo pelo qual tantos psicopatas, apesar do aborrecimento que nêles suscita a recordação da vida pecaminosa anterior, procuram relembrá-la por meio de repetidas confissões gerais. Isso pode ser também efeito da ansiedade, mas não poucas vêzes tem explicação nas observações feitas por Liertz. É óbvio que, nesse caso, nada seria mais errado, por parte do sacerdote, que condescender ao desejo insistente de reiteradas confissões. Significaria cooperação para satisfação, geralmente inconsciente, de impulsos reprimidos

A distinção entre pecado mortal e pecado venial é muito mais difícil, na prática, do que poderia parecer, segundo as doutrinas de muitos teólogos moralistas. Diante das distinções, muita vez tão afastadas da realidade e tão inúteis, de alguns casuístas que se aproximam do julgamento moral das ações humanas, por assim dizer, com relógio, metro e balança, traz luz e alívio a distinção introduzida por Ruland entre pecado *grave*, como lesão objetiva da lei, e pecado *mortal* como efeito subjetivo dessa lesão. Diz êle: "É difícil saber se cada indivíduo se acha realmente em estado de pecado mortal. Todos os ensinamentos da teologia moral podem, no máximo, sugerir probabilidades, sob as quais o pecado grave se torna pecado mortal". A tal respeito Ruland cita e explica as palavras de Sto. Agostinho: "Quæ sint levia, quæ sint gravia, non humano, sed divino pensanda sunt iudicio". Com isso, conforme o ensinamento de Jesus, a exigência de não tornar-se juiz das ações e dos sentimentos do próximo é dada não só aos leigos, mas também ao juiz ordenado por Deus; ao administrador do sacramento da penitência impõe-se o dever de não tirar dos homens a responsabilidade pessoal, entregando-os à lei ética objetiva, mas educá-los para que tenham consciência pessoal. Não é o julgamento do confessor que determina as qualidades morais de uma ação, mas a convicção subjetiva do agente no momento em que tomou a determinação. Seja-nos permitido perguntar se se observou êsse princípio suficientemente e sempre, ou se, não poucas vêzes, alguns confessores não tenham tentado impor aos penitentes as próprias convicções pessoais.

Dêmos as boas-vindas àqueles representantes da teologia moral moderna que, baseando-se nos conhecimentos da psicologia, da doutrina da hereditariedade e da biologia, têm sob os olhos os impedimentos do livre arbítrio humano (de impedimentis actuum humanorum), na verdade sempre reconhecidos em teoria, menos, porém, na prática. Os que conhecem a vida sabem quanto a ignorância, a paixão, o mêdo e a violência prejudicam e perturbam as ações do homem. Sabem também até que ponto as tendências e hábitos, os preconceitos e as psicopatias, as taras hereditárias, a educação, a influência do ambiente podem explicar como, até homens de boa vontade, nem sempre fazem o que

Digitalizado com CamScanner

querem e devem, mas vêem-se arrastados ao que objetivamente se considera pecaminoso. A todos êsses obstáculos devemos acrescentar ainda o fenômeno da auto-ilusão, tão significativo na vida espiritual, mas que nem sempre é devidamente avaliado. Baseia-se, do ponto de vista psicológico, na sugestionabilidade. "É próprio da natureza do homem normal ver-se imediatamente captado por uma experiência forte. Disso não o defendem inteiramente nem a perspicácia, nem a fôrça de vontade. Estar submetido à sugestão é, portanto, condição humana geral, da qual ninguém se deve gloriar nem envergonhar" (Ruland). Para julgar os pecados do pensamento é indispensável, antes de mais nada, reconhecer a influência do subconsciente. "Tudo quanto se encontra na luz clara da atenção e no campo visual da inteligência é objeto da consciência. O que, porém, atinge na experiência apenas a atenção da inteligência ou alcança levemente a esfera sentimental, sem nela penetrar, vive na penumbra de fraca recordação em nossa consciência. As margens externas dessa consciência crepuscular confinam com o inconsciente, sem limites precisos. Essa zona marginal da consciência chama-se de *"esfera"* na psicologia médica. Nessa *esfera* vivem não só idéias parcialmente advertidas, privadas da nitidez concreta das formas sensíveis, mas ondeiam também, confusamente, imaginações, movimentos impulsivos e sentimentos que repudiamos devido a considerações morais, sob o influxo da boa educação, da consciência do dever e do sentimento de honra, e excluídos das zonas luminosas da nossa consciência, porque não os quisemos admitir diante de nós mesmos" (Ruland).

Êsse conhecimento dos obstáculos e impedimentos do livre arbítrio ilumina também o problema — teòricamente tão fácil, mas pràticamente, às vêzes, tão difícil — da disposição dos pecadores reincidentes. A doutrina moral exige só por si, no caso de disposição duvidosa do penitente, a dilação, isto é, pràticamente, recusar a absolvição. Segundo Pruner, a disposição deve ser considerada ao menos muito duvidosa "quando o penitente, malgrado ensinamentos repetidos e exaustivos e demonstração séria do confessor e apesar da promessa de obediência, recai muitas vêzes, sem melhoria alguma, no antigo pecado grave ou persiste deliberadamente na ocasião próxima". Assim diz a teoria da maior parte dos moralistas. Mas na prática? De fato, quase todos os penitentes, mesmo os reincidentes, os pecadores ocasionais e habituais obtêm absolvição, quando e tôdas as vêzes que se apresentam. De que lado está a razão: do lado da teoria severa ou da prática muito mais suave?

O julgamento depende não poucas vêzes, do motivo pelo qual o penitente se apresenta à confissão: se espontâneamente ou devido a alguma pressão exterior. Por isso, em nenhum caso, os pais ou superiores

Digitalizado com CamScanner

devem constranger meninos e jovens a receber os sacramentos. Mesmo na ocasião das chamadas confissões gerais escolares, deve-se frisar bem que ninguém está obrigado e que é melhor abster-se, se faltar a disposição necessária. É inegável que justamente nos colégios e por ocasião de festas religiosas da juventude, de festas eclesiásticas, de peregrinações e sobretudo no tempo pascal, as pessoas deficientes em fé podem ser vítimas do respeito humano, aproximando-se do confessionário sem vontade séria de correção, por mêdo do escândalo. De alguns poder-se-á obter a disposição necessária. Mas se tal não acontecer, não resta outra saída senão recusar a absolvição. Isto se impõe no caso de falta de fé, de permanência voluntária na ocasião próxima do pecado grave, de recusar reparar êrro grave ou de eliminar grande inimizade.

Prescindindo dêsses casos, o sacerdote deve decidir-se a aplicar a brandura, que hoje se pratica geralmente. Ainda mais, pode recorrer ao *Catechismus Romanus* que diz: "Si audita confessione sacerdos iudicaverit, neque in numerandis peccatis diligentiam, nec in detestandis dolorem pœnitenti omnino defuisse, absolvi poterit" (Pars II, c. 5, q. 58).

Dêste modo apresentamos a justificação da brandura empregada geralmente em nossos dias. O arrependimento não pode faltar completamente. Quando alguém se confessa por espontânea vontade, deve supor-se que tome a sério a própria correção, mesmo se, julgando pela aparência, o estado de alma dêle, devesse apresentar por muito tempo a mesma situação. A isto devemos acrescentar, baseados nas observações acima, a convicção fundada e muito consoladora para o pastor que, dos pecados objetivamente graves confessados pelo penitente, só uma pequena parte são tais também subjetivamente. A fim de que não nos interpretem mal, podemos afirmar: nem todos os pecados graves são pecados mortais, isto é, nem todos os pecados que ofendem objetivamente a lei moral de modo grave cancelam a vida sobrenatural da graça e do amor divino, mas são apenas muita vez, ex imperfectione actus, pecados veniais. Todo pecado grave é constituído por três componentes: um objetivo e dois subjetivos. O objetivo é o objeto de que se trata, isto é, o bem criado, para o qual a vontade do homem se volta de modo desordenado. Êste objeto deve representar, no caso de pecado grave na ordem moral, *materia gravis*. Constatar-lhe a presença é relativamente fácil. Mais difícil se torna, porém, medir os dois elementos subjetivos: a plena advertência e o consentimento deliberado. Não pode haver dúvida que nesse ponto existem muitas vêzes tais delimitações que não é possível chegar a pecado mortal. O afastamento em relação a Deus, que constitui essencialmente o pecado grave, implica em reconhecimento adequado de Deus como ser supremo. Quantas vêzes falta justamente êsse reconhecimento nas almas primitivas! Além

Digitalizado com CamScanner

disso, ninguém pode negar que a advertência atual da culpabilidade grave de uma ação é, às vêzes, muito incompleta. Que devemos dizer então dos impedimentos do livre arbítrio devidos a disposições hereditárias, paixões fortes, hábitos, temperamento etc.? Está fora de dúvida que nos homens que querem viver pela fé, o pecado grave se verifica com muito menos freqüência do que o crêem os moralistas, que não raro reduzem o pecado grave ao mínimo e o tornam bagatela de todos os dias. E mesmo que se verificassem pecados graves, o confessor nem sempre estará em condições de estabelecer com certeza, nem mesmo nos pecados graves *ex genere suo* ou *ex toto genere suo*, se, no caso concreto, realizaram-se tôdas as premissas subjetivas para a verificação de pecado mortal. Será necessário muita vez escutar o conselho sugerido por certos moralistas para os casos difíceis: "In hoc casu iudicium Deo commitendum est". O pastor de almas, como representante humano da misericórdia divina, deveria ter sempre presente as palavras do salmo:

"Como um pai tem compaixão pelos filhos,
Assim o Senhor tem compaixão por aquêles que o temem;
Porque êle sabe do que somos formados;
Lembra-se que somos pó".

(Sl 102,13-14)

Para a prática da assistência espiritual, é importante levar em conta, de modo especial, a influência do *hábito* sôbre a ação moral. Por hábito entende-se um costume adquirido pela repetição freqüente dos mesmos atos, em virtude da qual determinadas funções se cumprem com maior segurança, velocidade e oportunidade. As ações repetidas muitas vêzes tornam-se mecânicas e assumem quase o caráter de reações instintivas e reflexos que se realizam com intervenção diminuta de consciência e energia psíquica. O hábito, tanto no bem como no mal, gera a tendência e a prontidão na realização de determinados atos. Torna-se, em certo sentido, segunda natureza. Assim como uma vida habituada ao trabalho e à disciplina facilita a decisão para o bem, assim também os maus hábitos levam ao reforço dos defeitos e ao fortalecimento das paixões. Querendo afirmar plenamente o significado do hábito mau, devemos considerar, além do aspecto físico, também o psíquico. A facilidade de tomar certas atitudes ou fazer certas ações explica-se, por surgirem os estímulos, tanto nervosos como musculares, que acompanham cada atividade com tanta maior facilidade quanto mais vêzes repetirem. Para fazer uso de uma metáfora, cria-se uma espécie de pista. Também a conexão dos conteúdos psíquicos, habitualmente concatenados entre si, sofre reforço, após a repetição. O condicionamento torna-se ainda mais forte quando se trata da associa-

Digitalizado com CamScanner

ção de determinados impulsos às imagens de que se servem e que fornecem finalidade precisa à tendência antes inconsciente. Esta associação do impulso às imagens transforma-o em instinto. Se não se dominarem tais impulsos tornados instintos, a conexão da inclinação impulsiva ao próprio objeto torna-se cada vez mais forte. Com a satisfação do impulso desperta-se, por efeito do gôzo, nova necessidade que adquire fôrça tanto maior quanto mais unidos estiverem o impulso e o objeto. Quando alguém cede repetidamente ao desejo pecaminoso, tôdas as ações que antes levavam à satisfação do impulso, vibram em sintonia com as novas tentações e, portanto, reforçam a inclinação ao mal. Enquanto nas primeiras quedas a consciência e o arrependimento despertavam e se opunham, aumentando o hábito, retiram-se. A fixação de um hábito tem como conseqüência forte desânimo mas, pouco a pouco, a consciência fica insensível e todos os impedimentos e motivos contrastantes demonstram insuficiência crescente.

Se quisermos vencer o hábito é necessário, antes de tudo, enfraquecer as associações inveteradas com diversivos intensos e orientar fortemente a vontade para os valores superiores. Êstes são os melhores meios de combater as inclinações ao prazer proibido. Ao mesmo tempo é preciso agir com energia contra o obstáculo do desânimo. A vitória sôbre o hábito depende, além disso, da origem dêle. Hábitos nascidos da simples repetição de atos debelam-se com mais facilidade que os que têm por origem a hereditariedade e a disposição congênita. Na base do hábito podem existir atos parcialmente voluntários ou também totalmente involuntários, quando o exercício arrasta o homem sem premeditação. É evidente que em tais casos a diversidade de temperamento representa papel notável. Se quisermos combater o hábito é necessário aspirar, ao mesmo tempo, à moderação do afeto que a êle se liga. Quando o hábito se estende a certas ações radicadas na vida dos instintos, dos quais recebe estímulos sempre novos, é o próprio organismo que se torna fonte do hábito. Nos pecados sensuais, o prazer cria fome sempre nova de estímulos. Torna-nos sempre mais excitáveis As imaginações, os movimentos e os desejos tornam-se mais freqüentes e mais fortes, a pista aplainada pelo gôzo cada vez fica mais escorregadia A depressão psíquica, efeito da decadência moral, cria novos obstáculos para a resistência renovada e consolida a convicção de sua infrutuosidade. Em linha de princípio, naturalmente, devemos ater-nos à possibilidade de superação do hábito, salvo em casos patológicos. Mas, mesmo quando a conversão é séria, a tendência gerada pelo hábito continua durante muito tempo no organismo e produz seus efeitos não só sob a forma de estímulos renovados mas, muitas vêzes também, em recaídas Por isso a influência pedagógica depois da conversão é de importância es-

Digitalizado com CamScanner

pecial para o tratamento, mas também bastante difícil (Müncker).

Referindo-nos à exposição da influência do hábito sôbre a ação moral, queremos falar pormenorizadamente de determinada espécie de reincidentes: os pecadores habituais e ocasionais. Dificilmente se poderá duvidar que a maioria das recaídas se dê no campo dos pecados contra a castidade. Como a experiência no-lo ensina, a concupiscência, conseqüência do pecado original, produz os efeitos mais notáveis na vida sexual. Êste é o campo principal das paixões humanas, é a ocasião típica para a manifestação da fragilidade humana, porque são justamente êsses pecados que, por motivos fisiológicos, fazem com que o corpo se torne instrumento muito mais dócil dos movimentos psíquicos.

Houve tempo — que não está muito longe, continuando a ter certa influência — em que se julgavam os homens exclusivamente segundo a atitude em relação à moral sexual. Muitos casuístas se distinguiram nesse campo, dando ao sexto mandamento lugar especial na pregação e na catequese, até mesmo nos estudos teológicos. Forjaram-se catequeses angustiantes, simultâneamente rígidas. As pregações suscitaram freqüentemente a impressão de ser castidade sinônimo de moralidade como se fôsse o mandamento principal do cristianismo. Muitos sacerdotes exageraram também no dever das respectivas perguntas e transformaram assim o sacramento da penitência em trabalho penoso, por escrúpulo pessoal. Em muitos livros de ascética exaltou-se a castidade como a virtude mais importante e magnífica dentre tôdas, e a impureza apresentada como o vício maior e mais reprovável. Partindo dessa mentalidade, desconheceu-se até a dignidade e a santidade do matrimônio, apresentado por alguns, de espírito maniqueu, como imundície mais ou menos lícita.

Ninguém quer negar que a observância da castidade reveste-se de grande importância para a vida religiosa, para a formação do caráter, especialmente para a comunidade da família, do povo e do Estado. Mas, por disposição divina, as questões da moralidade sexual regulam-se pelo sexto e não pelo primeiro mandamento. Essa mudança não está conforme aos ensinamentos do Evangelho.

A precedência dentre as virtudes pertence à caridade. A castidade está incluída no verdadeiro amor a Deus e ao próximo, mas nem sempre castidade é também amor. Por isso o apóstolo Paulo, que escreveu com tão grande profundidade e magnificência sôbre a virgindade, não diz: "A maior de tôdas as virtudes é a castidade", mas sim: "A maior de tôdas as virtudes é a caridade" (1Cor 13,13).

Quem conhece os homens deve estar de acôrdo com Rhaban Liertz, quando diz: "Homens, em tudo excelentes, podem ter fraquezas incompreensíveis no campo sexual, enquanto a retidão sexual se encontra em

Digitalizado com CamScanner

indivíduo moralmente censurável". O pastor de almas que tem os olhos e o coração abertos percebe como tantas almas nobres, sinceramente desejosas de perfeição, faltam à observância do sexto mandamento, em momentos de fraqueza. Mas é justamente êste pecado que as torna humildes, compreensivas, boas, benignas e confiantes em Deus. Outros, ao contrário, se apresentam com a alma pura como o mármore branco, mas também fria como o mármore e sem coração. Almas sem caridade, sem capacidade de entusiasmo, sem calor e bondade, sem faculdade de dedicação, cheias de inveja e avareza, descontentamento, egoísmo e orgulho farisaico. Qual das duas espécies de almas é mais agradável ao divino Redentor e está mais próxima do reino de Deus? O Senhor respondeu a esta pergunta na parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,10). Em harmonia com seu ensinamento comportou-se na prática ante as diversas espécies de pecadores. Como Jesus foi cheio de bondade e de caridade misericordiosa para com Madalena, a Samaritana (Jo 4,7), a adúltera (Jo 8,1), assim também foi severo e inexorável para com os fariseus orgulhosos e de suas virtudes hipócritas (Mt 23,1). Com êsse modêlo do Redentor concorda a experiência que demonstra quanto mais santo e puro fôr o mesmo sacerdote, mais bondoso e amorável saberá ser para com o maior dos pecadores.

O verdadeiro sucessor do Bom Pastor não se esquece nunca de que para o homem, para a mulher, para o jovem já é grande humilhação e superação de si mesmo verem-se constrangidos a revelar talvez a outrem mais jovem, a profundidade da própria fraqueza e miséria humana. Como um médico de ânimo delicado, visitando um doente, não exigirá que descubra o corpo mais que o estritamente indispensável para a visita, assim também o sacerdote, cheio de tato, não pedirá na confissão do pecado — que no fundo significa o descobrimento da alma — mais do que o exigido essencialmente pelo sacramento da penitência e pelo seu dever de médico das almas. Como um cirurgião bom e consciencioso não toca sem motivo na ferida, para não infeccioná-la e não perturbar o processo da cura, assim o médico da alma deve evitar tocar indelicadamente e sem-razão nas feridas da alma, abertas ou já cicatrizando para não fazê-las sangrar de nôvo com recordação pouco caridosa dos pecados do passado. O lema comum: "Quem não se envergonha de cometer pecados diante de Deus não deve também envergonhar-se de confessá-lo perante ao sacerdote", com o qual certos sacerdotes exortam os penitentes à confissão sincera, não revela bastante delicadeza e compreensão das almas. No momento em que se cometem o pecado, o pudor estava abafado pela paixão, até mesmo cancelado. Na hora da confissão a paixão se cala e por isso o pudor levanta a voz. O homem que pecou diante de Deus confessaria também a culpa, sem

Digitalizado com CamScanner

dificuldade alguma, a Deus, ao onisciente. Mas o sacramento da penitência exige a confissão ao representante humano de Deus, o que a torna notàvelmente mais difícil. Por isso, um dos deveres do confessor deve consistir em facilitar a confissão dos pecados, com bondade e paciência. As almas que se acusam de culpas contra a castidade — tratando-se de fraqueza humana e não de avidez desenfreada do prazer — têm necessidade, sobretudo, de uma boa palavra, consoladora e reconfortante. Justamente os homens de aspirações sérias sentem-se tomados de grande desânimo pelas faltas no campo sexual que, de modo especial nos de temperamento melancólico, podem levar ao desânimo e ao desespêro. Que sentido teriam palavras duras de censura contra quem luta, quem já fêz a si mesmo as mais graves reprovações pela falta cometida? Que adianta dizer o confessor, por exemplo, no caso de uma jovem que cedeu: "Não o esperava de você"? Tais palavras apenas ferem mas não corrigem. O divino Mestre jamais pronunciou frases semelhantes. Consideremos os colóquios com a samaritana e com a adúltera. Cabe ao bom sacerdote evitar delicadamente qualquer pergunta atormentadora e penosa que não seja absolutamente indispensável. É o que diz também a instrução do Santo Ofício em 16 de maio de 1943 sôbre a atitude do sacerdote com relação ao sexto mandamento.

O pastor de almas não se deve esquecer nunca de que, mediante o estudo das questões morais e a ministração do sacramento da penitência durante anos e anos, adquire, como o médico, certa desenvoltura no tratamento dos problemas sexuais e na exposição dêsses argumentos. Mas não deve jamais fazê-lo perder a reserva e delicadeza que o leigo, mesmo quando não a possui, espera e exige do pastor de almas. Como repugna num confessionário um sacerdote rude, de sentimentos vulgares, sem tato e sem caridade! Cada confessor se comporte em relação aos penitentes com a bondade e amabilidade que deseja para si quando confessa os próprios pecados.

O confessor precisa de paciência inexaurível na ministração do sacramento da penitência. Sobretudo quando trata dos pecados sexuais deve ter presente que a vida é freqüentemente muito mais dura, brutal e difícil do que parece no silêncio da igreja, da casa paroquial ou da cela religiosa. Muitas vêzes é bem mais complicada e diferente das suposições de alguns teóricos. É claro que o sacerdote deve ater-se aos princípios da moral e insistir na fuga das ocasiões próximas e voluntárias. Mas não deve esquecer-se da realidade. É preciso encarar a vida como realmente é. Por exemplo, um trabalhador vive no campo. Cresceu como filho ilegítimo. Talvez tenha complexo hereditário desfavorável; a educação não teve espiritualidade; a alimentação é abundante, consistindo em rações excessivas de carne. Após o trabalho mecanizado

Digitalizado com CamScanner

passa longos períodos sem exercício fatigante. Tem de trabalhar muitas horas em companhia de môças que, especialmente durante a estação quente da colheita, usam vestidos leves, e tem de morar perto delas. Quanto vê e sente êsse jovem, com o correr dos anos, que lhe excita a paixão e como é pouco o que pode contrabalançar a atração do precipício? Que significa para êsse jovem: "Evita a ocasião próxima"? A vida inteira, o ambiente todo são a ocasião próxima. Eis uma jovem honesta, ilibada. É obrigada a morar com uma companheira mais velha, que recebe várias vêzes por semana a visita de um jovem. Que significa para essa môça: evitar a ocasião próxima, se é obrigada pelas circunstâncias, pelos motivos do trabalho, a ficar justamente naquele lugar? Dois jovens esposos estão constrangidos, por falta de meios e de lugar, a dormir na mesma cama. A mulher é doentia e deve poupar-se durante longo período após o nascimento de próprio filho. Que significa para êsses esposos: evitar a ocasião próxima de onanismo conjugal?

É lícito ver pecado grave em qualquer pensamento sensual, em qualquer desejo que passe pela alma dos adultos que poderiam procurar a satisfação sensual plena quando quisessem? Embora a maior parte dos moralistas considere que nos pecados contra a castidade não existe *parvitas materiæ*, todavia nenhum catequista tem o direito de considerar em concreto cada ato e cada gesto sensual como gravemente pecaminoso. Quanta confusão de idéias e quantas angústias de consciência se lançam dêsse modo em muitos corações! E se é verdade que muitos homens se afastam de Deus devido aos pecados contra a castidade e o apóstolo Paulo coloca a impureza entre os pecados que excluem do reino de Deus, todavia ninguém tem o direito de afirmar e pregar que noventa e nove por cento dos condenados se encontrem no inferno por causa dêsse pecado. Não se justifica essa afirmação e ninguém poderia demonstrá-la.

Naturalmente há homens que pecam não por pura fraqueza mas porque, por princípio, não dão importância ao sexto mandamento. São os sedutores inconscientes que se vangloriam da arte de sedução e pisam sem escrúpulo a honra de meninas e mulheres, os que saem desenfreadamente à caça de prazeres e crêem ter o direito de gozar. Cometem o pecado não por fraqueza mas por tibieza culpável, pela avidez do prazer, talvez mesmo por maldade. Tais homens encontram alegria em manchar o céu da inocência infantil, em amarfanhar o lírio das jovens, em destruir a paz sagrada do matrimônio. É a êles que se refere o tremendo "Ai" do Redentor. É muito difícil encontrarem a estrada que leva ao confessionário. Mas se vierem, é preciso explicar-lhes, com tôda a clareza, o estado de sua alma e para onde conduz o caminho que percorrem. Mas, na maioria dos casos, a situação é diversa. Existem muitas mulheres de conduta nobre. Talvez num momento de fraqueza

Digitalizado com CamScanner

perdessem a virgindade física e sofram por isso durante tôda a vida, porque conservaram o sentimento da pureza e a aspiração séria por ela. Por isso, apesar de tudo, assemelham-se às virgens prudentes da parábola evangélica. Levam no vaso frágil da natureza humana o óleo de bondade cheia de dedicação e humildade e também a luz silenciosa mas brilhante do amor a Deus e ao próximo. Há outras que atravessam a vida como criaturas puras e deverão perceber no término da jornada que possuem realmente a lâmpada mas que estão desprovidas de óleo.

O amor é decisivo na vida e na morte do homem. O sacerdote deve educar o homem a êste amor querido por Deus. Êste é o primeiro e o mais importante de todos os mandamentos do Redentor; deve ser também a nota fundamental e a base da conduta, o alvo da aspiração no ministrar o sacramento da penitência.

Para os diretores espirituais é de grande importância distinguir se o pecado grave foi cometido por maldade, tibieza ou fraqueza. Cometem-se os pecados malignos devido à alegria do mal, ódio ou inveja contra Deus ou contra o próximo. Graças a Deus, não são muito freqüentes, especialmente entre os que ainda têm contato com o sacerdote. Os pecados por tibieza são mais comuns. Não partem do ódio contra Deus, mas da indiferença diante da vontade divina, expressa nos mandamentos. Diante dessas duas espécies de pecados graves é de indicar a pedadogia do mêdo. Seria êrro descuidar, no tratamento dessas almas, o motivo do mêdo e aplicar imediatamente o do amor. "O temor a Deus é o princípio da sabedoria" (Sl 110,10). Encontram-se pecadores dêsse gênero, seja durante as pregações de penitência, seja por ocasião de missões, no confessionário ou também no leito de morte; e então devem os pensamentos sôbre a grandeza, a majestade e a justiça punitiva preparar o homem para a conversão fornecendo-lhe motivo eficaz. Neste ponto chegamos também ao problema da oportunidade ou não da meditação dos novíssimos nos exercícios espirituais. Muita vez deixam-na de lado sob o pretexto de que as pessoas que na vida fazem vários retiros não podem converter-se cada vez. De fato, seria também verdade. Mas quem diz ao diretor dos exercícios que um ou outro dos participantes, apesar dos retiros anteriores, não está novamente prêso pelos laços da tibieza, e que não seja só o punhal do temor de Deus que pode cortar a rêde que impede a união da sua alma com Deus? E mesmo fora dêsse caso, ainda que todos os participantes estivessem em estado de graça, a meditação das verdades tremendas da fé seria sempre de grandíssimo proveito. O homem, enquanto viver, estará exposto ao perigo de pecar; e, por isso, mesmo quando se encontra no caminho da perfeição, o motivo do temor não pode deixar de ajudar-lhe a alma. Retiros espirituais sem meditação sôbre o significado da

Digitalizado com CamScanner

vida, sôbre o fim eterno, sôbre os novíssimos são uma série de conferências religiosas, mas não deveriam nunca pretender o nome de exercícios espirituais. Com isso não queremos dizer, naturalmente, que o diretor dos exercícios não possa fazer outras meditações fora das indicadas no livro de Sto. Inácio. De qualquer modo, devem tratar-se os temas das meditações em ordem lógica e psicológica.

Na aplicação do motivo do mêdo, todavia, não se deve expor a verdade sôbre o juízo divino, o inferno e o purgatório de modo a suscitar a idéia de que Deus tenha séde insaciável e inexorável de vingança e de crueldade. Se se apresentar Deus dessa maneira, a via para o amor divino, ao invés de ficar desimpedida, fica obstruída por conceito menos exato de Deus. É, portanto, fora de lugar insistir exageradamente na idéia mais horrenda possível do inferno, num retiro para o clero. Nem sequer êsses exercícios devem tornar-se dias de terror, assistidos por dever, mas dias de vivificação, de alegria e de felicidade pelo sacerdócio, dom da graça e do amor de Deus. Também o sacerdote tem direito de escutar a *alegre* nova nos dias de retiro. Não é admissível que o diretor dos exercícios se esgote em fazer funcionar o motivo do mêdo, esquecendo o "non iam dicam vos servos sed amicos" pois a caridade perfeita expulsa o temor (1Jo 4,18).

Enquanto no tratamento dos pecadores malignos e dos tíbios acentua-se o mêdo, na assistência aos pecadores que caem por fraqueza deve-se recorrer à pedagogia do ideal e da confiança. Nessa espécie de pecadores, a ameaça da punição grave e especialmente censura forte pela falta cometida, poderia causar mais dano que proveito. Não devemos esquecer-nos de que, muitas vêzes, justamente os jovens, devido às dificuldades da luta e insucessos freqüentes, correm o perigo — desanimados e desesperados — de renunciar ao combate contra o pecado. Neste caso a aplicação do motivo do mêdo, sem compreensão, apenas aumentaria o complexo de inferioridade que já existe e destruiria, com a esperança da melhoria, também a vontade de defesa escassa. Observemos um pouco a sabedoria pedagógica do divino Salvador. A negação de Pedro não era fruto de má vontade ou de falta de amor, mas do respeito humano e da fraqueza. Por isso também o meio pedagógico e a punição foram simplesmente um olhar doloroso do Senhor. Dêsse modo Pedro foi levado a arrependimento maior do que o que teria provocado a censura rude do Redentor. Não queremos dizer, porém, que se devam levar os pecados de fraqueza em pouca conta; também êles podem ser pecados graves a combater com energia. Mas ajuda a vitória sôbre êles animar o homem que combate, apontar-lhe o auxílio da graça divina, que não se recusa a ninguém que tenha realmente boa vontade. Devemos levar êsses homens à confiança em si mesmos; devem apren-

Digitalizado com CamScanner

der a suportar a própria fraqueza e utilizar os defeitos para progredir na humildade, levantando-se após cada derrota, com vontade firme de vencer.

Nos primeiros passos do caminho para a perfeição é preciso às vêzes combater a tristeza. A alma que procura o desapêgo do que é terreno e não encontrou ainda completamente a própria paz e a pátria em Deus, vê-se atormentada com facilidade por sentimento de vazio, pela falta de alegria e pela tristeza. Êsse estado de alma é fundamentalmente diferente do pranto exaltado por Jesus no sermão da montanha. Essa tristeza nada tem de purificador, de iluminador como a tristeza pelo pecado e por todos os obstáculos à difusão do reino de Deus; mas é algo que oprime, angustia, tende a destruir. A tristeza impede o progresso da vida religiosa em medida notável. Polariza a energia e o impulso da alma, enche-a de angústia, amargura e inércia, e com o cansaço que a acompanha diminui a fôrça de resistência contra as tentações especialmente no campo sexual. O indivíduo triste inclina-se a procurar desabafo do descontentamento psíquico no prazer momentâneo do pecado; e acaba tornando-se ainda mais triste e desanimado, quando o prazer passional se esvai. Devem exortar-se as pessoas com disposição melancólica, de modo todo especial, a combater a tristeza com calma, mas também com perseverança. Devem habituar-se ao espírito fundamental do Evangelho que é a alegre nova.

O primeiro grau na via purificadora é a fuga ao pecado grave a qualquer custo. Surge aqui uma objeção. A meta do primeiro grau não será talvez muito alta, se evitar os pecados exigir empenho máximo e extremo? De fato, evitar o pecado grave a qualquer custo exige também a disposição ao tormento do martírio, se necessário. Ora essa disposição é a coroa e não o ponto de partida da perfeição. Ponhamos o problema de modo prático e concreto. Fazendo o exame de consciência, uma pessoa descobre pecado grave e pensa na fórmula contida no catecismo, segundo a qual o arrependimento deve ser "sumo". Portanto, deveria estar disposta a suportar o martírio mais atroz para não recair naquele pecado grave. Diante dessa exigência a maioria dos homens ou deveria duvidar da qualidade necessária e suficiente do próprio arrependimento ou sugerir-se, pela auto-ilusão, arrependimento de grau tão alto. Ambas as soluções ajudariam pouco e são inoportunas. Para êsse grau inicial é suficiente disposição que permita suportar, com a ajuda de Deus, os sacrifícios necessários, em via normal, para superar as tentações e conservar o estado de graça. Geralmente Deus exige do homem só a renúncia aos prazeres e gozos anexos ao pecado. Se, num caso particular, pretende o sacrifício heróico do martírio, concede também

Digitalizado com CamScanner

graças extraordinárias, embora só no momento mesmo do martírio e não na luta cotidiana e normal contra o pecado.

Uma das tarefas principais do homem no caminho da perfeição é a disciplina das paixoes. Durante muito tempo consideraram-se as paixões como manifestação mórbida da natureza, obstáculo à formação da personalidade moral. E por isso a palavra "passional" ainda se entende mais no sentido pejorativo. Precisamos, no entanto, recordar-nos da essência das paixões. As paixões são manifestações acentuadas dos apetites da vida sensível. Fazem parte da natureza que Deus deu aos homens; não são, portanto, nem boas nem más, são indiferentes e recebem característica moral do objetivo a que tendem.

O ensino tradicional das paixões apresenta onze, divididas em dois grupos principais: as concupiscíveis, que derivam da faculdade apetitiva e as irascíveis, geradas pelo apetite combativo.

Pertencem ao primeiro grupo, como afetos elementares, com relação a um bem ou um mal atual: o prazer ou desprazer sensível, 1. amor ou 2. ódio; derivam por efeito 3. alegria ou 4. tristeza; com referência à falta do bem ou do mal 5. desejo ou 6. aversão.

Pertencem ao segundo grupo as paixões que provêm da fôrça de aspiração que não seguem, como no caso do apetite concupiscível, a pressão do puro prazer ou desprazer, mas têm objeto misto, isto é, o bem atingível com dificuldade (bonum et arduum) ou o mal que só se evita com a dor. Distinguimos aqui diante do bem futuro 7. esperança ou 8. desespêro; diante do mal que vem 9. mêdo ou 10. audácia; diante do mal presente 11. ira.

Está claro, desde o início, que Deus não criou disposição alguma do homem com o escopo de suprimi-la completamente ou de extirpá-la. Dêsse modo também as paixões são talentos dados ao homem, mediante os quais êle deve adquirir outros talentos, isto é, boas obras e méritos. Naturalmente, por causa do pecado original, ficou perturbada a harmonia primitiva da subordinação das aspirações sensíveis às do espírito. Desde quando a vontade dos progenitores se rebelou contra Deus, também os afetos inferiores do homem se rebelaram contra o predomínio da vontade; desde então os homens sentem, como a mais dolorosa conseqüência do pecado original, uma lei diferente nos seus membros em conflito com a lei do espírito, procurando torná-lo escravo da lei do pecado (cf. Rom 7,22). A queda do primeiro Adão ficou, todavia, superabundantemente reparada pelo segundo, isto é, por Cristo. "Porque o que a lei não podia fazer, pois estava sem fôrça por causa da carne, Deus o fêz mandando o Filho em carne semelhante à carne do pecado, e condenou o pecado na carne" (Rom 8,3). Mediante a graça, merecida e transmitida por Cristo, o homem possui a fôrça de colocar a

Digitalizado com CamScanner

serviço da glorificação de Deus também as próprias paixões e de valorizá-las para desenvolvimento harmonioso da própria personalidade moral. Vista sob esta luz, a mesma disciplina das paixões e sua valorização para a vida religiosa, fazem parte da imitação de Cristo. Nem sequer o Redentor, como homem, estava isento das paixões. "O homem que na sua indignação santa faz um chicote de cordas, golpeia e expulsa os mercadores do templo, que diante da hipocrisia e da sedução encontra palavras tão duras e frases tão esmagadoras é, na verdade, semelhante à tempestade e ao fogo. Mas é fôrça dominada que não se desperdiça, que conhece medida e meta e por isso também no fervor e na cólera não quer aniquilar, mas conquistar e salvar" (Fr. Tillmann).

"Seria êrro fatal construir a vida religiosa em base puramente espiritual do intelecto e da disposição volitiva, excluindo as fôrças inferiores da alma. Fazem parte da plenitude humana também as fôrças sensíveis fundamentais das paixões ou a vida instintiva, como o temperamento que resulta do acôrdo das tendências superiores e inferiores. Uma ascética cristã sadia deverá levar em conta o conjunto de tôdas as leis da vida, pelo qual *tôdas* as fôrças e faculdades da alma, superiores e inferiores, devem servir a Deus. Por isso não permitirá que a esfera sensível do homem, querida por Deus, seja suprimida e sufocada por espiritualismo religioso unilateral. O ideal próprio da ascética cristã não é o homem pobre de sentimentos e privado de vida, mas o rico de sentimentos, enérgico e apaixonado. Obedece assim ao ensinamento de Cristo, segundo o qual também a vida instintiva e sentimental deve ficar ligada e prêsa a Deus com amor: 'Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, com tôda a tua alma, com todo o teu espírito e com *tôdas* as tuas fôrças'" (H. Schmidt).

Certamente na via purificadora é necessário ter sob os olhos os efeitos maus e as conseqüências, às vêzes graves, das paixões desordenadas.

1. *Cegam a alma.* Tendem com tal ímpeto à meta, que se deixam conduzir pelo estímulo e pelo prazer sem consultar a razão. E justamente êsse fato torna-se o germe da confusão. O juízo é desviado, o bom senso ofuscado e induzido à auto-ilusão. O apetite sensível, por sua natureza, é cego. Se a alma deixa-se guiar por êle, fica também cega. Em lugar de seguir o dever, deixa-se arrastar pelo prazer momentâneo. Êste, como uma nuvem, impede a visão da verdade. A alma, na sua faculdade visual, é perturbada pelas paixões, que agem como redemoinho de pó, de modo que se torna impossível reconhecer com clareza a vontade de Deus e formular juízo são.

2. *Molestam a alma e fazem-na sofrer.* S. João da Cruz diz: "As paixões são como as crianças inquietas e petulantes que estão sempre

Digitalizado com CamScanner

ao redor da mãe, pedindo ora isso ora aquilo, e não se contentam nunca. E como quem cava o terreno sem descanso pela avidez de achar um tesouro fica fatigado, assim a alma se cansa para conseguir o que deseja; e mesmo que consiga seu escopo, sente-se fatigada, pois não fica satisfeita... A alma fica oprimida e debilitada pelos seus apetites, ferida, perturbada e agitada, como a água pelos ventos" (*Subida do Monte Carmelo*, Livro I, c. VI).

Muitas vêzes o meio melhor para chamar a atenção das pessoas caídas em pecado pelas paixões desordenadas parece a pergunta: a satisfação de suas paixões tornou-as felizes? Se forem sinceras, devem responder que não. É fato comprovado pela experiência que a desilusão e a confusão, causadas pelas paixões, aumentam na mesma medida com que as pretensões adquirem domínio e poder sôbre a vontade. As paixões atormentam a alma enquanto não satisfeitas, e desde que para "comer e coçar é só começar", suas exigências aumentam contìnuamente. Se a consciência opõe resistência, tornam-se impacientes, agitam-se, assediam a vontade, até que ceda aos seus desejos renovados; e logo se cria tormento indizível.

3. *Debilitam a vontade.* Antes do pecado original a vontade era senhora soberana das fôrças inferiores da alma, do corpo, das suas faculdades e dos seus instintos. Depois do pecado dos progenitores, cuja vontade se rebelou contra Deus, êle, como castigo, permite que o mundo exterior, criado para o serviço e a prosperidade do homem, ou, ainda mais, até mesmo o próprio mundo interior se rebele contra o domínio da vontade. Daí a luta infeliz entre as leis dos membros e as leis do espírito (Rom 7,23), a rebelião incessante do mundo dos instintos contra a soberania do espírito e da vontade. Atacada pelas paixões revoltadas, a vontade tem de dividir as próprias fôrças ficando assim enfraquecida. Na medida em que cede às paixões, estas aumentam as exigências e assim diminuem as próprias fôrças. Pouco a pouco, mas às vêzes também de repente e com surprêsa, chega o momento em que a alma exausta cai no relaxamento e na indiferença e cede a qualquer impulso.

4. *Mancham a alma.* A alma, cedendo às paixões desordenadas, unindo-se às criaturas contra a vontade de Deus, desce ao nível delas e reveste-se da maldade, da perdição e impureza daquelas. Em lugar de ser a imagem fiel de Deus, torna-se semelhante ao que se apega. O pó e a lama ofuscam-lhe a beleza e impedem a união perfeita com Deus, ou provocam o afastamento em relação a êle (Tanquerey). "A sabedoria da carne é morte; a sabedoria do espírito é vida e paz. Portanto, a sabedoria da carne é inimiga de Deus, porque não está sujeita à lei de

Digitalizado com CamScanner

Deus nem pode estar. E os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rom 8,7-9)

De tôdas essas considerações torna-se compreensível que devem utilizar-se as paixões, não só no início do caminho da perfeição, mas durante tôda a vida, mesmo porque, avançando para a perfeição, o instintivo cede ao espiritual e êste, em medida crescente, ao sobrenatural.

Apesar dos efeitos fatais das paixões desordenadas, devemos insistir na afirmação de que elas, de per si, não são más, pois foram dadas ao homem por Deus, juntamente com a disposição natural do complexo corpo-alma. Por isso, tudo depende ùnicamente de submetê-las à vontade, com o auxílio da graça divina, num esfôrço contínuo que as oriente para o fim último. Examinando mais de perto as razões que impedem a supressão ou eliminação das paixões na vida religioso-moral, podemos dizer:

1. Não existe o bom cristão, se não houver antes, não em ordem de tempo mas lógica e ontològicamente, o homem bom. Mas homem bom é só aquêle que é bom também por instinto e por inclinação espontânea, isto é, na vida psíquica inconsciente e subconsciente.

2. Só os homens ricos de paixões são personalidades marcantes. Os santos são homens de personalidade assim. É por isso que ao fleumático, ao fraco em paixões, falta o impulso natural indispensável para atingir o heroísmo moral, sem o que não há santidade autêntica. Portanto, o fleumático com paixões fracas deve construir a aspiração pessoal à santidade sôbre as faculdades e disposições que lhe vêm da influência de outro temperamento.

3. A supressão das paixões conduz a uma espécie de atrofia física artificial, aos fenômenos conexos à remoção dos instintos. "Quando os movimentos instintivos ou os afetos que se repetem constantemente, aos quais a consciência efetivamente ou por motivos presumidos não quer reconhecer como justos, não são 'liberados' de maneira natural, mas reprimidos pelo consciente com violência, continuam a surgir com vigor no subconsciente, causando distúrbios graves na vida psíquica. A atrofia e sofrimento, produzidos pela sufocação artificial da vida instintiva e sentimental, só é aliviada pela compreensão iluminada, pela educação e sublimação das fôrças da almas" (H. Schmidt). É claro que só o homem de idéias precisas, de vontade forte pode ser interiormente coerente, inspirar confiança a si mesmo e colocar também a serviço da própria santificação a vida instintiva e sentimental.

As pessoas de vida instintiva e sentimental intensa estão expostas a muito mais tentações que derivam da própria essência das paixões. Seria, portanto, inconveniente que um pastor de almas desprezasse uma alma, por estar sujeita às tentações mais fortes. Também as tentações

Digitalizado com CamScanner

têm grande importância no desenvolvimento e progresso da vida espiritual. Constituem escola insuperável de humildade, paciência, confiança em Deus: formam boa ocasião para o exercício da vontade e para acumulação de méritos. Tendo-o presente, não nos devemos maravilhar que as tentações graves e freqüentes tenham representado também essa tarefa importante na vida de muitos santos.

Confirma as relações que ocorrem entre paixões e personalidade o que afirma o conhecido neurólogo, Dr. Rhaban Liertz, baseado em abundantes experiências: "Vida sentimental rica, intelecto agudo e produtivo, vontade firme unem-se geralmente a instinto sexual intenso, enquanto a pobreza de sentimentos, aridez de intelecto e vontade fraca deixam entrever instinto sexual fraco". Por esta razão não se pode pôr em dúvida, e até a experiência o confirma, que a vida instintiva forte é acompanhada em geral por sentimento forte de pudor, enquanto a fraca une-se a um sentimento menos intenso de pudor. Compreende-se bem a significação dêsse fenômeno. Deve regular-se o instinto sexual e preservá-lo dos excessos por meio do pudor. Como conseqüência êste sentimento de pudor é tanto mais forte quanto mais intenso é o estímulo. Assim se explica porque nas crianças não esteja ainda desenvolvido e diminua tanto na velhice. Por meio dessas relações compreendemos também porque é extremamente desenvolvido, justamente nas jovens sensualmente muito excitáveis, como acontece muitas vêzes em caso de doença ou de fraqueza pulmonar, o sentimento do pudor. Pode estar num grau tão exagerado que essas môças não conseguem decidir-se a procurar o médico, nem quando a gravidade do estado de saúde o exige com urgência. Pode causar admiração em tais casos que calem também os pecados contra a castidade, especialmente se o confessor é conhecido, porque, apesar do arrependimento e de tôda a boa vontade, não conseguem de modo algum confessar êsses pecados? Pode ser que essas pessoas encontrem a fôrça de confessar o que lhes pesa na consciência só depois de certo tempo, até mesmo depois de alguns anos, quando a alma se encontra a certa distância dos acontecimentos que a atingiram e quando pôde encontrar-se a si mesma. Como se poderia falar em todos êstes casos de confissão indigna ou inválida? Com clareza digna de gratidão Ruland declara: "Também da vergonha íntima e da timidez diante de um confessor bem determinado, que por fôrça das circunstâncias não pode ser substituído por outro, é capaz de nascer a impossibilidade moral que desculpa a confissão em geral ou a confissão de determinado pecado. Também pessoas muito nervosas, nas quais a reevocação do pecado cometido provocaria uma crise, poderiam ser exoneradas da confissão, em certas circunstâncias, em vista dêsse perigo. Vice-versa, se um penitente devesse dirigir-se deliberadamente a um

Digitalizado com CamScanner

sacerdote um tanto surdo ou, por causa da idade já muito avançada, tão velho espiritualmente que não pudesse formular um juízo sôbre o nexo e a gravidade da confissão do pecado, e por conseguinte o penitente ficasse livre de qualquer humilhação, confusão ou outra dificuldade, que em geral acompanha a confissão, essa maneira de agir apresenta conteúdo fraudulento". Conforme essa concepção, formula-se a impossibilidade moral da confissão íntegra dos pecados com maior largueza que nos textos tradicionais da teologia moral. Está, porém, mais perto da realidade da vida e mais certa que a doutrina antiga que, em nenhum caso, reconhecia o pudor como motivo de desculpa para a falta de integridade material da confissão.

Se, portanto, compararmos as pessoas em relação à fôrça dos instintos, veremos que as que têm paixões fracas não estão expostas, para dizer a verdade, a perigos muito graves de quedas na aspiração moral, mas, por outro lado, não atingem também com facilidade alto grau de santidade, porque lhes falta a fôrça impulsionadora da emotividade; por isso avançam devagar e raramente se tornam personalidades marcantes. Parecem com aquêles pedestres que seguem em frente com prudência pela estrada principal. Não se expõem a perigos graves mas também andam devagar. É completamente diferente o caso daqueles cujas tendências naturais contêm paixões intensas. Devem lutar muito, combater, superar, renunciar. Mas se conseguirem ordenar as paixões e colocá-las a serviço da aspiração à perfeição, terão justamente nelas o auxílio mais precioso. Serão como cavaleiros montados em corcéis fogosos. Correrão alguns perigos, mas se conseguirem domar e sujeitar os animais, andarão com muito mais rapidez e atingirão a meta muito antes do pedestre que avança passo a passo.

Chegou o momento de acentuar nos sermões e no ensino, além do lado perigoso e preocupante das paixões, também o lado precioso e benéfico mas, naturalmente, não deixando de apontar a necessidade de tê-las em ordem e dominá-las.

É o grande mérito da *psicologia do profundo* e da *psicanálise* a ela unida, ter reconhecido a importante significação do subconsciente e ter edificado sôbre êsse conhecimento o método psicoterapêutico para a descoberta dos conflitos e a resolução dos complexos. Infelizmente, a psicanálise segundo Sigmundo Freud é filha da sua ideologia materialista e nega no homem o espiritual e o livre arbítrio e, com a acentuação unilateral do fator sexual, entra em choque com o sentimento natural. Ùltimamente Wilfried Daim na sua "Desvalorização dos valores da psicanálise" procurou utilizar o lado precioso da análise psíquica segundo princípios cristãos. Não é êste o lugar conveniente para julgar se o conseguiu e até que ponto.

Digitalizado com CamScanner

Até pouco tempo, talvez por causa de seu princípio errôneo, tem-se considerado a psicanálise com muita desconfiança por parte dos católicos, tendo sido, por conseguinte, descuidado também o lado bom e verdadeiro que contém. Nos nossos dias também psicólogos católicos e moralistas estimados reconhecem o efeito desfavorável, até muitas vêzes fatal, da remoção e nos admoestam para precavermo-nos contra êle. Os instintos são capacidades dadas por Deus à natureza humana para determinados fins e tarefas. Podem ser satisfeitos, removidos ou convenientemente canalizados. No caso de faltar a satisfação, tomam o caminho ou da remoção ou da sublimação. Quando se detém um rio por meio de uma barragem, a água contém energias excedentes que devem empregar-se no acionamento de uma usina elétrica, pois de outra forma ou rompem o dique ou alagam os campos vizinhos. De igual maneira acontece com os impulsos naturais do homem. No caso de não deverem ou não poderem ser satisfeitos conforme a natureza, não devem ser removidos, isto é, afastados da consciência, mas elevados, quer dizer, encaminhados para obras nobres no campo espiritual.

O que vem agora é a reprodução da exposição competente de Ruland. Certa psicologia moderna entende por conversão o aparecimento de fenômenos, nos quais o instinto de conservação ou de reprodução, em contraste com o que sucede na sublimação, manifesta-se sob outra forma por assim dizer mascarada, sem elevar-se a nível espiritual ou moral como por exemplo excitação inexplicável, mêdo, brutalidade contra homens e animais. Dos contrastes entre as fôrças naturais elementares dos instintos e as exigências morais superiores da vida espiritual, podem surgir, conforme a disposição pessoal, tensões psíquicas e conflitos que, de sua parte, podem conduzir a distúrbios nervosos e a psicoses (provocadas por alguma experiência).

Para compreender essas relações, é indispensável conhecimento claro da natureza e dos efeitos da experiência psíquica. A experiência consiste em processo de fatos psíquicos de fundo sentimental, cujo conteúdo constitui um todo homogêneo que surge no umbral da consciência com clareza e de modo durável. Quando uma experiência — que pela sua intensidade não pode submergir-se simplesmente no esquecimento — não é assimilada, mas descartada, reprimida, torna-se fonte de complexos psíquicos que podem perturbar a vida psíquica por longo tempo, senão até para sempre. Infelizmente, logo por ocasião de experiências desagradáveis, dão-se, com freqüência, tais processos de repressão. Com êsse têrmo entendemos fingimento perante nós mesmos, não admitir a verdade, vontade de lançá-la ao esquecimento completo, o que naturalmente não é possível, dada a clareza consciente da experiência; por conseguinte, conservar-se na esfera do pré-consciente (zona marginal da

Digitalizado com CamScanner

consciência) e desta periferia, apresentando-se sob diversas formas disfarçadas, mascaradas, de certo modo inventadas, perturba e inquieta persistentemente a vida psíquica. As experiências mais intensas são as dos instintos elementares, isto é, do instinto de conservação e do instinto sexual.

Justamente no campo da assimilação das experiências demonstra-se, segundo a concepção de Ruland, a importância fundamental da classificação moderna dos temperamentos. O ciclotímico tende essencialmente à integração das experiências, portanto conserva com mais facilidade personalidade harmoniosa e sem complexos. O esquizotímico, ao contrário, sente mais dificuldade diante das experiências. É, por natureza, sujeito fàcilmente a complexos. O funcionamento da imaginação, dos sentimentos e da atividade volitiva são tenazes e apresentam tendência a certos distúrbios. Daí resultam complexos afetivos ou blocos isolados que, sendo afastados para o inconsciente, dali influenciam, de modo prejudicial, o desenvolvimento de vida psíquica sã.

O contrário da repressão é a inibição. Êsse têrmo significa estado no qual certas experiências não podem ser nem assimiladas nem esquecidas, apesar da importância exígua do conteúdo, mas permanecem constantemente, com limpidez atormentadora, no centro da consciência. É óbvio que esta espécie de inibições conduza muitas vêzes a depressões.

Nem a repressão, nem a inibição são a atitude justa perante exigências dos instintos que não se podem satisfazer, mas são a derivação, que visa a escopo de alto valor. Por sublimação entendemos a atrofia de algumas formas das necessidades instintivas, por meio da orientação da atividade para ordem superior de caráter ou religioso ou moral ou artístico (Ruland).

Em contraste com êstes conhecimentos modernos, baseados em minuciosas pesquisas psicológicas e estudos sérios, parece estranho e afastado da realidade que Otto Zimmermann, na ascética, recomende ainda a repressão como meio excelente contra as tentações. Diz êle: "Ainda mais que na luta direta, são eficazes a derivação (concedo) e a repressão (nego). Muitas vêzes são meios melhores, porque a razão é impotente contra a violência das paixões e porque afastam radicalmente as idéias más".

Para sermos justos, devemos admitir que a renúncia à satisfação do instinto sexual pode provocar, no caso de disposição particular, manifestações neuróticas e psicopatas. Como é, porém, insignificante essa vantagem diante dos enormes danos causados à vida física e psíquica pelo abuso da fôrça sexual! Também as pesquisas mais recentes não puderam demonstrar que a castidade, de per si, tenha conseqüências prejudiciais à saúde. Para o homem que crê em Deus, essa convicção

Digitalizado com CamScanner

resulta de que a conduta conforme a vontade divina — e a continência como exigência moral não dizem respeito só aos que obedecem aos conselhos evangélicos, mas a tôdas as pessoas solteiras e, em determinadas circunstâncias e épocas, também às casadas — não pode ser, de per si, contrária à natureza e à saúde. Como em todos os problemas da vida religioso-moral, também aqui o fator decisivo é a graça divina. Justamente para aquêles que lutam pela pureza moral vale a palavra do apóstolo Paulo: "Tudo me é possível com o auxílio daquele que me dá fôrça" (Flp 4,13).

Desde o grau da purificação se apresenta a notável importância do fato que o homem assuma posição definida perante a comunidade de seus semelhantes. Mesmo que recusemos o fundamento ideológico da psicologia individual e estabeleçamos outras restrições, não podemos negar-lhe os méritos no enquadramento do homem na coletividade; ao contrário, devemos reconhecê-los com gratidão. *A psicologia individual*, fundada pelo médico vienense Alfredo Adler, que em 1911 se separou de seu mestre Sigmund Freud, encontra-se, apesar de muitos pontos em comum, em contraste límpido com a psicanálise freudiana. Para ela a pessoa humana é unidade indivisível, construída com finalidade, na qual lutam duas tendências: a egocêntrica de dominar, que Nietzsche chama "a vontade do poder", e a aspiração de inserir-se na comunidade (Künkel as chama respectivamente de "subjetividade" e "objetividade"). Após um sentimento de inferioridade, causado por fraqueza orgânica, insuficiência corpórea, situações desfavoráveis na família e na sociedade, defeitos de educação e outras causas, a necessidade de emergir e a ambição de conseguir se agigantam até a supercompensação, que com "linhas de conduta" erradas e "projetos fictícios de vida", formam o caráter. Dêsse modo, segundo a psicologia individual, tanto os tipos de caracteres evasivos, cautelosos, carregados de ressentimento, como também os despeitados e agressivos são levados, em última análise, ao desânimo e às tentativas relativas de superação. Tôdas as manifestações anormais da psique, com os sintomas do "caráter nervoso", tornam-se compreensíveis respondendo à pergunta: Que pretende atingir o homem, mesmo inconscientemente?" Resultará que gostaria de subtrair-se a tarefas cheias de responsabilidade na profissão, no matrimônio e na sociedade ou salvaguardar de certo modo a reputação. Quando, dessa maneira, se descobrem as metas inconscientes (ou melhor, ignoradas), não objetivas, e são desmascaradas, o homem se entrega novamente ao serviço das exigências objetivas e aos seus deveres sociais, mediante o apêlo ao juízo racional" (Teodoro Müncker).

Digitalizado com CamScanner

SEÇÃO SEGUNDA

A ALMA NO CAMINHO DA ILUMINAÇÃO

A alma, depois de ter-se purificado dos pecados da vida passada, mediante penitências e sacrifícios longos e penosos, depois de ter superado o apêgo a êles, dedica atenção especial ao exercício das virtudes. Encaminha-se para a via de iluminação que, na prática, consiste na imitação de Cristo. "Quem me seguir não caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8,12).

Que significa *imitar?* Significa: escolher alguém por modêlo, e, a seu exemplo, formar e transformar a própria vida. Implica em reconhecer o valor da pessoa escolhida por modêlo e amá-la por êste valor. Uma vez que o amor inspira união, o modêlo deve ser assimilado pela alma do discípulo, para aí amadurecer a decisão de identificar-se com a pessoa escolhida. "O discípulo, porém, diante do mestre, conserva a própria individualidade! Não pode tornar-se precisamente o que é o mestre, nem pode despir-se da própria personalidade que êle, e sòmente êle, possui. Na imagem do mestre aparece o exemplar na realidade completa da vida, que Deus a êle deu exclusivamente, na peculiaridade de sua missão e de seu conteúdo e que fica para sempre de sua propriedade particular, entregue só a êle. É por isso que o discípulo, no modêlo do mestre, deve considerar o "como", a espécie e o modo pelo qual viveu a sua vida e realizou a sua missão. Mas a imitação exige que o discípulo atue e regule a vida segundo a própria índole e naquela medida única e sem repetição que lhe consente e dêle exige a sua situação particular. Por isso imitar significa reproduzir em si mesmo o modêlo escolhido, na medida das próprias possibilidades ou dos deveres do próprio estado; reprodução que surja de conhecimento inteligente e amoroso do valor do modêlo e de dedicação afetiva íntima à pessoa dêle. Mas fazê-lo é tarefa bem diferente de copiar simplesmente e muito superior também à obediência, no sentido de repetição do que o outro

Digitalizado com CamScanner

quer ou faz. Consiste, acima de tudo, em transformar-se na pessoa do modêlo, avizinhando-se com estima amorosa, empenhando a própria vida pessoal em tôda a sua profundidade. A imitação, nesse sentido, será então e sempre nova criação do modêlo por parte do discípulo" (Tillmann).

Tudo isto vale também para a imitação de Cristo. Tal modêlo é inatingível, não só pela incompatibilidade da missão que lhe foi confiada pelo Pai, como também porque êle é o Filho consubstancial de Deus. No entanto Cristo exige: "Quem quiser vir após mim, tome a sua cruz e siga-me" (Mt 16,24). O convite para seguir a Cristo, portanto, não exige imitação material dos pensamentos, das palavras, dos gestos, dêle, em suma, de tôda a sua vida, mas significa que todos os que querem tornar-se seus discípulos, devem pautar o espírito pelo dêle e conformar a própria vida aos princípios e mandamentos dêle. Dêste modo a vida de cada discípulo de Cristo, embora mantendo as próprias características e respeitando as próprias atitudes que Deus deseja, tornar-se-á vida nova, de tal forma que se possa dizer com o apóstolo Paulo: "Não sou eu quem vive, mas Cristo que em mim vive" (Gál 2,20).

A propósito, portanto, a ascética moderna dá grande importância ao ideal pessoal. Deus não quer cópias mas sim originais. Justamente na pluralidade das suas criaturas é que se manifesta a ilimitada potência criadora de Deus. Como não existem entre os milhões de homens que vivem e já viveram, dois com fisionomia idêntica, assim não existe uma alma que seja perfeitamente igual a outra. Deus dotou cada alma, ao criá-la, de aspectos particulares, de qualidades individuais, de capacidades e tarefas diferentes para a vida. Dêste modo, do ponto de vista filosófico, o ideal pessoal que cada um deve realizar segundo a vontade divina, é tão-só a idéia primordial de cada homem, preexistente no espírito criador de Deus desde tôda a eternidade, como norma última para o seu ser complexo (idea exemplaris in mente divina præxistens). Portanto, designou-se a cada homem uma tarefa e confiou-se uma responsabilidade. Todos devem repetir as palavras do cardeal Newman: "Fui criado para ser e agir por maneira exclusivamente minha. Ocupo nas intenções e no mundo de Deus lugar que ninguém pode ocupar. Deus criou-me para prestar-lhe serviço todo especial. Encarregou-me de uma obra que a nenhum outro confere. Tenho missão que talvez não possa compreender aqui na terra, mas que me será revelada na outra vida. Êle precisa de mim para a realização de seus planos, assim como qualquer arcanjo possui seu lugar no plano universal. Eu não posso faltar, de outra forma êle chama outro em meu lugar, visto poder suscitar filhos de Abraão até das pedras. Eu, portanto, faço parte da

Digitalizado com CamScanner

grande obra divina. Sou anel da cadeia, fio do laço que liga os homens uns aos outros".

O ideal pessoal, além do ponto de vista filosófico, pode considerar-se também pelo lado psicológico. E é justamente êsse o lado importante para o pastor de almas. Na direção espiritual agir contra, o autodomínio, colocou-se repetidamente como ponto de partida e elemento essencial de qualquer conquista moral. Depois do pecado original sòmente se atinge a santidade pessoal pelo caminho da abnegação, da renúncia e da vitória sôbre si mesmo. Mas não é prudente, nem sempre conduz ao objetivo, iniciar a ascese pessoal justamente no ponto mais difícil. Não se escala uma montanha do lado mais íngreme e pouco acessível, mas do mais cômodo e mais fácil. Tentá-lo nos paredões a pique não é para todos e não poucos pagaram com a vida. Já que Deus impôs o dever de tender à santidade não só a poucas almas eleitas, mas a todos os homens, deve também existir uma estrada acessível a cada um. Essa estrada é o ideal pessoal. Como cada alma se vê constrangida a lutar contra um defeito principal que, se não se combater, pode levá-la à ruína, assim cada alma recebeu de Deus determinadas disposições, capacidades, qualidades e tendências à virtude, que formam, por assim dizer, a veste para o banquete nupcial da vida eterna. O Redentor a ela se refere na parábola dos talentos. A preocupação do pastor de almas deverá ser indicar às almas a êle confiadas êsse "tesouro escondido no campo", desenterrá-lo e torná-lo útil para o reino de Deus. Considerado do ponto de vista psicológico, o ideal pessoal é tão-só "a marca fundamental impressa por Deus e a disposição radical conferida por êle à alma em graça que, fielmente cultivadas e reforçadas, amadurecem orgânicamente até a liberdade dos filhos de Deus" (Schmidt).

Qual seja o ideal pessoal de cada um dever-se-á deduzir do respectivo temperamento, da paixão principal, da aspiração constante ao desdobramento da personalidade em determinada direção; ajudarão também a colocá-lo em luz fatôres externos e internos, quedas de fortuna, acontecimentos e experiências pessoais, o desejo e a vontade dos superiores, mas, sobretudo, as solicitações da voz da graça divina que se comunica a todos os homens de boa vontade.

Essa doutrina do ideal pessoal parece nova apenas na formulação verbal, mas na substância é tão antiga como a ascética cristã.

Não é exagêro dizer que encontramos o ideal pessoal também na vida do Redentor e de sua santa Mãe. Qual a aspiração do divino Mestre? "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou, realizar a sua obra" (Jo 4,34). E qual o conteúdo da vida da santíssima Virgem? "Eis a escrava do Senhor" (Lc 1,38). Quando S. Paulo fala de querer "tornar-se tudo para todos"; quando S. Francisco de Assis

Digitalizado com CamScanner

exclama: "Meu Deus e meu tudo"; quando Sta. Teresa de Ávila diz: "Ou sofrer ou morrer", e quando Sta. Teresa do Menino Jesus fala do "pequeno caminho da confiança e do abandono" designa-se em cada caso o que hoje se chama de ideal pessoal. Dessa diversidade na vida dos santos resulta que Deus lhes deu disposições particulares e lhes confiou tarefas diversas. Por isso nem mesmo se deve copiar a vida dêles, mas imitar-lhes os princípios e servir-nos dêles para a atuação do nosso ideal pessoal. Explica-se também assim sentir-se alguém especialmente tocado e atraído pelo exemplo de determinado santo, enquanto outros se sentem levados a seguir modêlo diferente.

O ensinamento da teologia moral sôbre a relação entre as virtudes está de acôrdo com essas considerações sôbre o ideal pessoal. As virtudes morais, enquanto permanecem imperfeitas, não estão ligadas entre si; dêsse modo uma pode florescer, mesmo sem a presença da outra. Mas quando o exercício das virtudes se torna perfeito, ficam tão intimamente ligadas que o exercício perfeito de uma supõe também as outras, embora não no mesmo grau; e quem não possui uma virtude moral, não pode exercitar perfeitamente as outras (NOLDIN, *Summa theol. mor.*). Daí se conclui que, quem tende ao seu ideal pessoal exercitando uma virtude de maneira perfeita, chega também, pela relação entre as virtudes, ao exercício das outras e conseqüentemente à perfeição.

É êste também o ensinamento da experiência prática. Não existe obediência perfeita sem devoção, humildade, pureza, paciência; não existe devoção perfeita sem caridade, paciência, sentimento do dever etc.

À exposição filosófica e psicológica do ideal pessoal podemos acrescentar a teológica. Segundo esta, o ideal pessoal constitui retrato original, cópia das ações do Salvador, Deus-Homem, isto é, na substância, a imitação de Cristo. Sua lei geral é: pensa, fala e age como Cristo pensaria, falaria e agiria em teu lugar! A imitação de Cristo no sentido indicado, portanto, não só se concilia com a doutrina do ideal pessoal, mas representa a sua ampliação mais bela, a flor mais formosa, o fruto sazonado.

O desenvolvimento religioso da vida interior exige que a alma, depois de ter atravessado a escuridão do pecado, se encaminhe para o caminho de iluminação na luz de Cristo. Mas como a escuridão da noite não cede repentinamente à luz do dia, a que a aurora precede, assim também acontece na vida da alma. Ambos os caminhos, o da purificação e da iluminação, em parte se seguem, em parte se sobrepõem. A alma, sem a luz da graça comunicada por Cristo, não pode sair da esfera da escuridão, mas também não pode permanecer na luz da graça sem combater repetidamente o poder das trevas. Apesar disso, os cami-

Digitalizado com CamScanner

nhos da iluminação e da purificação representam, pelo menos do ponto de vista do progresso interior, graus diversos do desenvolvimento religioso. Dirige-se às almas que se encontram nessa parte do caminho o aviso do apóstolo, tirado provàvelmente de hino da cristandade antiga:

"Levanta-te, tu que dormes,
e ressuscita da morte,
e Cristo te iluminará".
(Ef 5,14)

Cristo encontra-se, portanto, no centro da vida religiosa que atingiu o grau da iluminação. Ninguém pode chegar ao Pai senão por meio dêle. E foi a obra mediadora do Filho divino que restabeleceu a ordem da graça e deu novamente aos homens a dignidade de filhos de Deus, destruída pelo pecado. Êle une na sua pessoa a natureza divina e a humana, deu ao mundo a vida sobrenatural, mediante a obra da redenção, sobretudo pela morte. Por isso êle é o caminho que conduz ao Pai. A êsse caráter essencial (ontológico) da mediação de Jesus devemos acrescentar outro extra-essencial (psicológico), cuja origem e justificação derivam das qualidades e das faculdades da alma humana. Para a maior parte dos homens é mais fácil a intuição da realidade concreta, evidente, do que o pensamento abstrato puro. A faculdade e a facilidade de pensar espiritualmente são em geral conseqüência de exercício precedente e sinal de grau superior de progresso espiritual. "A revelação divina em Cristo leva em conta êsse fator psicológico. Deus, na sua espiritualidade intocável, é para a maioria dos homens, especialmente para as crianças e para o povo simples, Deus muito oculto! Por isso o divino em Cristo deve sair da espiritualidade invisível e tomar forma palpável. Que o visível nos arrebate ao amor do invisível (prefácio da festa do Natal). E assim não é só o elemento ontológico, naturalmente mais importante, isto é, só em Cristo podemos obter a vida divina, mas também um elemento psicológico que faz com que o culto de Cristo forme a ponte para o culto de Deus" (Schmidt). Êsse apêgo à imagem visível de Cristo é em muitas pessoas, especialmente nas mulheres, tão forte que sua adoração a Deus só tem forma cristocêntrica. Suas idéias religiosas e orações giram quase exclusivamente em tôrno do Filho de Deus feito homem. Com as outras pessoas divinas, com o Pai e especialmente com o Espírito Santo, não têm nenhuma relação pessoal.

Devemos distinguir o Cristo histórico do eucarístico e do místico. Essa enumeração já fornece de per si a ordem em que a figura de Cristo se comunica e se revela à alma, que chega a êsse grau de desenvolvimento.

Digitalizado com CamScanner

A primeira relação que nasce entre a alma e o Filho de Deus feito homem é com Cristo histórico. O Cristo histórico é o que tomou natureza humana em Maria Virgem, tornando-se semelhante a nós, exceto no pecado. É o Cristo conhecido por meio dos Evangelhos que lhe relatam a vida, a paixão e a morte, bem como a ressurreição e ascensão. Êle agora está sentado em seu trono no Céu, com o corpo transfigurado, e intercede por nós junto ao Pai. A necessidade de colocar a figura histórica de Cristo no centro de cada vida cristã, não precisa de demonstração. Nesse ponto não há divergências. Os mestres da vida espiritual ensinam que a alma encontra a estrada para Deus, de modo mais fácil, por meio da contemplação afetiva e da compreensão e veneração da vida e da pessoa do divino Redentor. Por isso também o ensinamento cristão e as pregações devem considerar sempre, como objeto principal, Cristo crucificado. Seu objetivo supremo deve ser que as almas, com o auxílio da graça divina, reproduzam Cristo no seu coração.

A direção espiritual, psicològicamente orientada, não deve esquecer nunca que a imagem de Cristo resplandecerá tanto mais viva e eficaz quanto mais o anunciador da palavra divina levar em consideração, na sua exposição, os pontos naturais de contato ou as predisposições individuais segundo o sexo, a idade e o estado particular de cada um. A criança, de acôrdo com a intensa disposição para a fantasia e o sentimento, terá por objeto a imagem palpável e comovente de Cristo; ela é atraída, antes de mais nada, pelo Menino Jesus no presépio e pelo Redentor que nos revela a imensidade de seu amor no sofrimento. O jovem contempla o Redentor, de preferência, sob o lado heróico, régio, a natureza de líder e o experimenta com predileção como homem nobre e amigo divino. Com isso levamos em conta as duas atitudes mais acentuadas da índole juvenil que são a aspiração à fôrça e a necessidade de amor. De maneira semelhante reage o adulto. As môças e as mulheres, pela sua disposição sentimental patente, abrem-se particularmente ao Redentor como Bom Pastor, como espôso divino da alma ou carregando paciente a Cruz. Considerando essas diferenças das condições naturais, justifica-se a exigência de apresentação da vida de Jesus especialmente elaborada para os meninos, jovens e homens, môças e senhoras. Com isso não queremos afirmar que, para cada estado, seja necessário ou lícito apresentar uma imagem de Cristo essencialmente diferente. "Cristo é e será sempre o mesmo, ontem, hoje e nos séculos" (Hebr 13,8). O Cristo total é o modêlo de cada homem. Mas justamente porque a vida e a personalidade de Cristo são tão infinitamente ricas e perfeitas, ninguém pode imitar e representar completamente com a própria vida o Cristo total. Além do mais compreende-se que cada indivíduo coloque no centro da própria aspiração os traços essenciais da figura de Cristo

Digitalizado com CamScanner

que correspondem a seus traços pessoais e a seus ideais. Os próprios Evangelhos demonstram a impossibilidade de representar a vida inteira de Cristo como foi e como é. Basta confrontar um pouco o tom espiritual, pneumático dos discursos de Jesus, sublimes, solenes e em parte não fàcilmente compreensíveis, referidos pelo Evangelho de S. João, como o modo popular, fàcilmente compreensível e cheio de sentimento do Evangelho de S. Lucas.

A contemplação da figura histórica de Cristo aprofunda na alma o amor ao Redentor e reforça o desejo de união muito mais íntima. É a melhor preparação e a base mais sólida para a relação da alma com Cristo eucarístico. É característico de todo amor aspirar à união com o amado. Jesus vem ao encontro dêsse desejo com a instituição da Eucaristia. Nela demonstra a infinidade de seu amor, mediante a renovação ininterrupta do sacrifício, uma só vez cruento na Cruz. Pela participação na santa missa êle se entrega aos fiéis como oferta de holocausto, para que êles, que seriam incapazes de apresentar sacrifício digno da majestade de Deus, prestem "por êle, com êle e nêle ao Deus Pai na unidade do Espírito Santo tôda a honra e glória". Dêsse modo os homens, no sacrifício eucarístico de Cristo, tornam-se capazes de apresentar a Deus um sacrifício de louvor, de ação de graças, súplica e expiação. Naturalmente, aos olhos de Deus, êsse sacrifício se torna tanto mais precioso quanto mais perfeitamente o homem se identifica com a vontade sacrifical de Cristo. Assim, em última análise, a participação na santa missa significa crucificar-se com Cristo, desapêgo de tudo o que separa a alma de Deus, renúncia a tudo o que se opõe ao amor a Deus. Dado, porém, que isto supera as fôrças naturais do homem, Jesus, na comunhão do Corpo e do Sangue, oferece ao homem a fôrça de manter viva, tornar eficaz e aprofundar essa disposição para o sacrifício. Na santa comunhão, portanto, o Redentor vem de encontro não só ao desejo de uma união afetuosa com Deus, mas dá a graça de conformar-se sempre mais ao espírito do sacrifício eucarístico e à vontade do sacrifício de Cristo, de deixar-se transformar sempre mais perfeitamente, substituindo o espírito terreno-natural pelo criado segundo Deus na justiça e na verdadeira santidade (Ef 4,24), e revestindo-se sempre mais de Cristo (Rom 13,14) viver de modo que a alma, unida a Deus, possa dizer com o apóstolo: "Já não sou eu quem vive, mas Cristo que em mim vive" (Gál 2,20). Mediante estas considerações torna-se patente a relação essencial e íntima entre a santa missa e a comunhão eucarística. Êsse elo era tão vivo na consciência da antiguidade cristã, que todos os fiéis, exceto os excomungados, tôdas as vêzes que assistiam à missa, recebiam a comunhão. Entre os primeiros cristãos desconhecia-se qualquer separação efetiva entre o ato sacrifical e a comunhão. A

Digitalizado com CamScanner

separação é resultado e conseqüência de compreensão reduzida da essência da santa missa e do conseqüente enfraquecimento da vida cristã. Por isto é muito compreensível e oportuno tender-se hoje, com intensidade sempre crescente, à realização do princípio: "Nenhuma participação à missa sem participação à comunhão". As recentes facilidades para o jejum eucarístico contribuem sem dúvida, de modo notável, para incrementar o fervor pela comunhão e cooperam para a realização dêsse ideal da cristandade primitiva.

Naturalmente, não nos devemos esquecer que, para receber a santa comunhão, não é suficiente o estado de graça, mas é preciso também a intenção reta, e os que comungam muitas vêzes ou diàriamente têm mais dever que os outros de demonstrar viver Cristo efetivamente nêles. Infelizmente acontece que justamente certos comungantes muito zelosos — e são geralmente mulheres — em nada se distinguem, na vida cotidiana, dos que comungam raramente ou quase nunca. Não são mais cônscios de seus deveres, nem mais pacientes, nem mais afetuosos, nem mais humildes que os outros, antes, muitas vêzes, são ainda mais caprichosos, descontentes, sem caridade no falar e no julgar. Como se explica isto? Provàvelmente e em última análise porque, na sua vida religiosa, não procuram verdadeiramente a Deus mas a si mesmos. Consciente ou inconscientemente, não aspiram ao cumprimento da vontade de Deus, nem à imitação do Redentor crucificado, mas à satisfação do desejo de felicidade e de alegria de seu coração. Isto vale para as almas, dignas de compaixão, às quais a vida ficou efetivamente, ou segundo seu modo de julgar, devendo muito. São sobretudo almas femininas, cujo impulso sentimental e desejo de amor não se satisfizeram ou realizaram; pessoas núbeis que tiveram de fazer da necessidade virtude e não se casaram, contràriamente aos seus desejos. Se possuem certo fundo de religiosidade, essa ânsia volta-se para o Redentor. Mas, infelizmente, nem sempre no sentido indicado pelo apóstolo, segundo o qual a virgem anda solícita pelas coisas do Senhor (1Cor 7,34), porque serve a Deus sem estar dividida, com tôdas as fôrças da alma. Muitas vêzes o Redentor não representa o espôso da alma, amado no sentido sobrenatural, o Filho de Deus adorado em espírito e em verdade (Jo 4,23), mas o noivo terreno que faltou ou foi infiel. Isto vale também para certas meninas que entraram em idade muito jovem para um convento e depois, muito tarde, então, se convencem da falta de vocação. De igual maneira acontece com mulheres casadas que, num matrimônio infeliz, não se julgam amadas pelo marido; nas viúvas que ficam sós, sem filhos para cuidar. Outras ainda dessa espécie se aproximam freqüentemente dos sacramentos para ter ocasião de encontrar um sacerdote que lhes é simpático. É fácil compreender que muitas

Digitalizado com CamScanner

prescrições, de modo que mais tarde êle possa tomar o remédio com proveito. Para certas almas pode ajudar muito a admoestação de que a aspiração à santidade não é brinquedo de criança e a comunhão, como alimento da alma, deve "ganhar-se" com a preparação, mediante o "trabalho" da alma. De modo análogo ao trabalho natural e à nutrição natural, deve dizer-se também nesse campo: "Quem não trabalha, não come" (2Tes 3,10).

Existem almas às quais será indicado justamente o comportamento contrário. Falamos daquelas que, ou pela educação recebida, ou por mal-entendido, ou por escrúpulo pessoal, não ousam aproximar-se da santa comunhão sem antes terem recebido o sacramento da penitência. Devem entender que o estado de graça e a reta intenção são suficientes para que a comunhão apague os pecados veniais, não sendo prêmio da santidade perfeita mas importante meio para quem se acha na via da perfeição da caridade.

A verdadeira imitação de Cristo atinge o ponto culminante na relação com Cristo místico. Infelizmente muitos cristãos sabem nada ou pouco dêsse mistério de amor e de graça divina, embora pertença aos ensinamentos mais confortadores e mais sublimes da fé. O modo de ser histórico ou eucarístico de Cristo serve ùnicamente à construção de seu Corpo místico; só nêle é que se encontra o acabamento e a coroa.

Pio XII, na Encíclica *Mystici Corporis* de 29 de junho de 1943, aponta novamente com insistência a sublimidade da idéia da incorporação em Cristo. Segundo o ensinamento dessa encíclica, o homem em estado de graça entra numa comunhão de ser e de vida com Cristo. Fica ìntimamente ligado a Cristo como os ramos à videira, como os membros do corpo à cabeça. A fôrça vital que atravessa a cabeça e os membros é a mesma: a vida divina que, partindo de Cristo, eleva e amalgama todos os membros da vida mística de um organismo vivo sobrenatural. É à luz dessa verdade que a exortação de S. Paulo — que se plasme Cristo nas almas dos fiéis — obtém o verdadeiro significado. Portanto, o ideal cristão não consiste ùnicamente na união moral ideológica com Cristo, mas no sentimento de união real com êle, de participação à sua vida. A dignidade mais alta, mas também a maior responsabilidade de um batizado é, portanto, ser outro Cristo. Como tal será também filho de Deus, templo do Espírito Santo e herdeiro do Céu.

Essa vida consciente em Cristo não é apenas a meta, mas também o fundamento da ascese e com isso a forma mais essencial e natural da imitação de Cristo. É a melhor premissa para a chamada devoção litúrgica. A liturgia não é senão "oração e sacrifício do Cristo místico, no qual o Cristo histórico e os fiéis se abraçam tão estreitamente que

Digitalizado com CamScanner

formam uma comunhão de ser e de vida" (H. Schmidt). No centro da liturgia está o sacrifício da Cruz de Cristo, que se renova misteriosamente na santa missa. Enquanto o sacrifício da Cruz é o holocausto do Cristo histórico, no sacrifício da missa realiza-se o sacrifício do Cristo místico, vivo na sua Igreja; por isso a vítima mística da missa abrange não só o sacrifício da Cabeça, mas também o dos fiéis que são os membros. Portanto, quem vê na santa missa o centro de todo o culto divino, quem oferece conscientemente ao Pai celeste o Redentor, cómo holocausto de louvor, agradecimento, súplica e penitência e, junto com o Redentor, oferece a si mesmo com tudo o que é e possui, exerc a devoção litúrgica e compreende também a essência da ascética cristã. Ascese e liturgia não se opõem, antes se condicionam e completam recìprocamente. "Por isso, quem contrapõe o espírito litúrgico ao ascético, como se fôssem de natureza e valores diversos... quebra a unidade da religiosidade orgânica e dificulta com tais considerações unilaterais justamente a perfeição ulterior" (H. Schmidt).

A essência da devoção litúrgica consiste na posição espiritual acima exposta. Diante disso não tem importância essencial o modo pelo qual o fiel segue a missa. Claro que o modo melhor de participar consiste em unir-se o mais possível às orações da Igreja, insuperáveis por preciosidade e profundidade de pensamento. Todavia parece injustificável atribuir a devoção litúrgica só aos que seguem a missa com o missalzinho nas mãos. "A forma não é essencial, mas é exterior. Além disso deriva de influências ambientais particulares, de determinadas formas lingüísticas e de pensamento, isto é, as dos romanos, com suas fórmulas concisas, fortes e plenas. Homens do tipo contemplativo e sentimental talvez não encontrem nessas orações a linguagem mais idônea para a própria alma" (H. Schmidt).

O pastor de almas, sabendo ter em conta as peculiaridades psíquicas, não obrigará, portanto, os fiéis a determinada forma de participação, mas deixará que cada um siga a missa pela maneira que corresponde às próprias disposições. Todavia nem sempre, especialmente na celebração coletiva da santa missa, devem levar-se em consideração as peculiaridades psíquicas de todos os participantes; a disposição subjetiva de cada um deve, às vêzes, sacrificar-se à coletividade. Mas o espírito católico tem como característica a largueza e a tendência a conceder às almas, dentro do limite do possível, tudo quanto possa ajudar à ampliação religiosa e moral de suas disposições e dotes pessoais concedidos por Deus.

Com relação ao que se disse acima sôbre o conceito do *Corpus Christi mysticum*, queremos dizer uma palavra ainda sôbre a psique do *convertido*, isto é, do fiel que vem da incredulidade ou de outra reli-

Digitalizado com CamScanner

gião para a Igreja católica. Em geral são pessoas que procuram sèriamente a Verdade, que lutam para chegar à fé, depois de profundos exames e superando dificuldades internas e externas. Mas uma vez chegados, tornam-se as mais convencidas e prontas ao sacrifício. Muitas vêzes nelas se manifesta até certo radicalismo, quase rigorismo. Mais difícil é reconhecer o verdadeiro espírito nos *filhos pródigos*, que desejam ser readmitidos na Igreja depois da apostasia. Também entre êles há os que buscam sinceramente a Verdade e os penitentes severos. Infelizmente, os últimos anos demonstraram que não poucos tinham retornado à Igreja por motivos exteriores verdadeiros ou presumidos, participando da respectiva vida íntima tão pouco como nos anos que estiveram separados.

A alma na via iluminadora esforça-se também por evitar os pecados não só graves, mas também os veniais deliberados, combater todos os defeitos reconhecidos e tôdas as tendências pecaminosas. A freqüência ao sacramento da Penitência ajuda esta aspiração de modo especial. Nos últimos anos manifestou-se certa hostilidade no clero mais jovem contra a confissão freqüente, com o pretexto de que ela não corresponde à praxe da Igreja primitiva, que a confissão só é necessária para os pecados graves, existindo muitos outros meios de se livrar dos pecados veniais. Ora, a mencionada encíclica *Mystici corporis* qualifica êsse conceito como falso. Diz ao pé da letra: "Aquêles que entre o jovem clero atenuam ou extinguem a estima pela confissão freqüente, saibam que tentam algo de alheio ao espírito de Cristo e funestíssimo ao Corpo místico do nosso Salvador".

A confissão, como tal, vem de encontro à necessidade espiritual do homem; a confissão de devoção traz efeitos benéficos à vida da alma e à vida da graça. Pio XII diz a tal respeito: "Ajuda o conhecimento de si mesmo, aprofunda a humildade cristã, cura pela raiz a fraqueza moral, combate a negligência e a tibieza espiritual, purifica a consciência, fortifica a vontade, torna possível direção espiritual salutar e multiplica a fôrça do sacramento da graça".

Para que a confissão de devoção não corra o risco da mecanização, é oportuno induzir os penitentes a confessar só um ou no máximo alguns pecados, ou, se não se conseguir, exigir que o pecado que domina mais ou menos a vida da alma seja colocado em relêvo especial na acusação. O sacerdote deve ater-se a êsse critério ao dar instruções e exortações e ao impor o propósito particular. Na próxima confissão o penitente deverá prestar conta se manteve êsse propósito e como. Só depois de superar substancialmente o primeiro defeito é que se iniciará uma luta especial contra um segundo. Dêste modo o penitente avançará mais ràpidamente do que combatendo contemporâneamente dez pecados

Digitalizado com CamScanner

veniais confessados. O princípio adotado deve ser: não confessar nunca um pecado do qual não se está arrependido e não se quer combater sèriamente. É evidente que a confissão freqüente exige conhecedor de almas que seja não só paciente, bom e compreensivo, mas também "sacerdote profundo, espiritual, fervoroso e experimentado no campo da vida espiritual, para o qual cada alma valha uma diocese inteira e o crescimento interior de cada alma em Deus e em Cristo tenha a máxima importância" (Arquiabade Benedikt Baur). Justamente êsse trabalho de burilação das almas traz grande vantagem à própria alma.

Enquanto à fase espiritual da *purificação* corresponde a oração vocal e mental, para a alma na via da *iluminação* é essencial a oração íntima ou afetiva. Ela conduz a uma união de espírito íntima e habitual com Deus, isto é, a caminhar na presença de Deus. Por meio dessa fase a alma prepara-se para a contemplação adquirida. As vantagens e os efeitos dessa forma de oração são: desejo de glorificação do Senhor, conformidade à vontade divina, amor ao recolhimento e à solidão, desejo ardente da santa comunhão e amor ao sacrifício.

Os perigos dessa forma de oração são a possibilidade de exaustão e tendência ao auto-suplício, à superexcitação nervosa e à exaltação sentimental, causados pela vontade de despertar forçadamente sentimentos religiosos. Além disso, estão aqui de tocaia os perigos do orgulho espiritual, do egoísmo, da ilusão e do desejo desordenado de consolações espirituais.

Digitalizado com CamScanner

SEÇÃO TERCEIRA

A ALMA NO CAMINHO DA UNIÃO

A alma atinge a relação mais íntima com Cristo místico por meio do caminho da união. Quando a alma, purificada do apêgo deliberado ao pecado, conseguiu progressos no caminho da imitação de Cristo, mediante o exercício constante das virtudes, acha-se preparada para a união duradoura e íntima com Deus e toma o caminho da união.

O alvo dêsse caminho é a vida perfeita em Deus e por Deus uno e trino, que habita na alma, para louvá-lo, servi-lo, prestar-lhe veneração e amor. A alma no caminho da união odeia e evita a mediocridade e as meias-medidas, procura esquecer a si mesma e demonstrar o amor a Deus com sacrifícios; cada pensamento, palavra e ato referem-se a Deus, meta suspirada de sua vida. As almas que chegam a êste grau de perfeição abandonam-se completamente à vontade de Deus e, portanto, amam-no com todo o coração, com tôda a alma, com todo o espírito e com tôdas as fôrças. O sinal da união da alma com Deus é, antes de tudo, estar contìnuamente na presença de Deus. São manifestações os freqüentes pensamentos afetuosos dirigidos a Deus; por isso a alma, nesse grau, aprecia a solidão e o silêncio. Juntamente com êsse caminhar na presença de Deus experimenta-se grande familiaridade com êle, expressa no conhecimento que os amantes têm da harmonia que entre êles existe. Acompanha êsse conhecimento a luz e unção, pela alegria e fecundidade A vida virtuosa torna-se mais simples. A alma pratica tôdas as virtudes, movida pela fôrça do grande amor a Deus. De modo análogo também a vida de oração torna-se mais simples. As especulações frias da inteligência cedem diante dos afetos. Mas também os afetos transformam-se cada vez mais naqueles que os encerram todos em si: a caridade. Tôda a vida da alma, obras, sacrifícios, orações, tudo acontece na caridade, tudo se torna caridade. Tôda a sua vida traz sempre mais claro o carimbo: meu Deus e meu tudo. Nesse nível de

Digitalizado com CamScanner

perfeição o olhar da alma está sempre voltado para Deus. Nisto consiste a essência da contemplação, um dos sinais característicos dêsse caminho.

As ascética distingue a contemplação adquirida da infusa e ensina que é possível atingir a primeira, pelo menos, no caminho normal da aspiração religiosa.

Deixemos de lado a controvérsia se todos os batizados, pela incorporação ao Corpo de Cristo, são ou não chamados à vida mística de oração e de amor, se pode ou não existir perfeição sem graças místicas e o perdão de tôdas as penas devidas aos pecados sem o fogo dos sofrimentos místicos. Ocupemo-nos, entretanto, da contemplação adquirida. Segundo S. Francisco de Sales, consiste na atenção afetiva, simples e contínua, do espírito a tudo quanto é divino. Na sua essência reduz-se às virtudes infusas, concedidas contemporâneamente à graça santificadora e à posse dos dons do Espírito Santo que pertencem ao ornamento da alma unida a Cristo (ornatus animæ). Na contemplação, a atividade autônoma da alma cede à influência do poder da graça, sem eliminar, porém, o livre arbítrio e a sua atividade. Por conseguinte, pode definir-se a contemplação adquirida como sendo olhar simples e contìnuamente para Deus e para o que é divino, que se efetua sob a influência dos dons do Espírito Santo, com a assistência especial da graça, que envolve a alma inteira e faz agir mais passiva que ativamente. Nessa definição devemos esclarecer que com a palavra "olhar" não se entende nem a percepção sensível, nem a atividade da fantasia, mas ùnicamente a atenção do espírito, no sentido da explicação de S. Francisco de Sales.

A graça da contemplação de Deus é concedida às almas livres de todo o apêgo voluntário ao pecado. Pecados de fragilidade ou defeitos de temperamento podem ainda aparecer nesse grau, mas são logo seguidos de arrependimento sincero e expiação; não são sinais de apêgo ao pecado, mas escola de vigilância humildade e paciência. No exercício da oração, a preparação normal à contemplação consiste na prática da oração mental, especialmente afetiva. Por parte da vontade exige-se uma série de premissas. Em primeiro lugar é indispensável a *pureza de coração,* que consiste na renúncia a qualquer apêgo desordenado ao que não diz respeito a Deus. Tal é talvez a causa de não possuírem muitas pessoas, ditas piedosas, a graça da contemplação. S. João da Cruz, um dos maiores, senão o maior mestre da vida mística, emprega uma comparação: como um passarinho atado e prêso por um cordel, embora finíssimo de sêda, não pode voar e voltear no espaço, assim também a alma, se apegada desordenamente a um só bem insignificante, não pode chegar à contemplação e perfeição do amor a Deus. O Deus verdadeiro e infinito é ciumento, não tolera a proximidade de deuses estranhos. Contudo, quanto apêgo desordenado encontra Deus naqueles

Digitalizado com CamScanner

que o procuram; apêgo a bens terrenos, honra, trabalho, sucesso, homens, saúde e vida. Como é rara a verdadeira liberdade de espírito! Quem ama o pai ou a mãe mais que a mim, não é digno de mim; quem ama o filho ou a filha mais que a mim, não é digno de mim" (Mt 10,37).

Outra premissa para a graça da contemplação adquirida é a *pureza de espírito*. Ela exige a mortificação do desejo natural de saber, ou de curiosidade, exige espírito de recolhimento, solidão, silêncio. Enquanto no templo da alma humana compradores e mercadores profanarem a morada de Deus com o barulho e atitudes mundanas, êle não lhe revelará o mistério profundo de seu amor; nem enquanto a alma não aprender a verdadeira humildade do coração. "Eu vos agradeço, ó Pai, Senhor do Céu e da terra, porque escondestes tudo isto aos sábios e prudentes e o manifestastes às crianças. Sim, Pai, porque assim vos agradou" (Mt 11,25-26).

A essa pureza de coração e de espírito deve-se acrescentar, como premissa ulterior, *a da vontade*. Consiste na posse de fé viva, manifestada na mortificação da própria vontade, pureza das intenções, abandono desinteressado em Deus, obediência, prontidão ao sacrifício, em suma, amor sincero e magnânimo. "Quem me ama, observa a minha palavra, e meu Pai o amará e viremos a êle e faremos nêle nossa morada" (Jo 14,23). "Aquêle que retém meus mandamentos e os observa, é que me ama. E quem me ama, será amado pelo meu Pai; e eu o amarei e a êle me manifestarei" (Jo 14,21).

É claro que a contemplação traz grande proveito à vida religiosa. Torna a alma capaz de oração ininterruptamente. A ordem evangélica de rezar sempre, sem nunca cessar (Lc 19,1), não pode cumprir-se exatamente senão nesse grau de vida interior. Sòmente nesse fogo de amor divino amadurece o fruto da grande pureza de coração, torna-se perfeito o domínio das paixões. Pensar em Deus, caminhar na sua presença torna-se necessidade da alma. Acompanham-no grande exaltação a Deus, maior santificação da alma, amor a Deus mais perfeito. A alma ama a Deus, não só por dever ou por gratidão, mas por si mesmo (cf. "Pela vossa glória infinita" no Glória da missa). Ama a Deus em si mesmo e por si mesmo. Êsse amor desinteressado torna a alma humilde, devota, cheia de abnegação e confiança, enchendo-a de alegria e de paz.

É importante ao pastor de almas conhecer os sinais da vocação à contemplação. Acima de tudo, torna-se difícil, ou mesmo impossível, a meditação, mas não como acontece no início da vida espiritual, por falta de aspiração religiosa, mas porque a fantasia não funciona. O sensível dá lugar a uma forma de consciência superior. A alma gosta de ficar só com Deus, tendo o olhar concentrado nêle, sem qualquer me

Digitalizado com CamScanner

ditação. Quando a alma chega a êsse grau, quer dizer que está próxima da contemplação verdadeira.

Às vantagens notáveis da contemplação correspondem também não poucas desvantagens e perigos. Em primeiro lugar o perigo da ilusão. As mulheres, por sua natureza, estão mais expostas a êste perigo que os homens. Sta. Teresa de Ávila, viu-se atormentada por muito tempo pelo mêdo de que tôda a sua oração contemplativa e devoção mística fôsse ilusão ou obra do demônio. Outro perigo para as almas contemplativas é a busca e segurança do próprio eu. Tais almas, às vêzes, crêem poder deixar de lado a orientação do sacerdote, até da Igreja em geral, porque Deus lhes fala diretamente. É evidente que êsse escolho pode ameaçar sèriamente o progresso da vida religiosa. Outros perigos são o desânimo nos momentos de prova, as tentações da preguiça, da negligência ou do orgulho. O sacerdote inteligente tratando com almas contemplativas, terá presente tais perigos e procurará preveni-los com a educação à obediência, ao esfôrço perseverante e sobretudo à humildade. Um diretor espiritual prudente, depois de certa experiência, adquirirá também a faculdade de distinguir se num determinado caso se trata de alma verdadeiramente piedosa, dotada da graça da contemplação, ou de alma que se ilude, querendo distinguir-se e salientar-se. Nesse último perigo caem, às vêzes, as pessoas histéricas. Então o sacerdote precisa do dom do discernimento dos espíritos. A pedra de toque do discernimento é a verdadeira e sincera humildade de coração (não a de quem se vangloria diante do confessor), o espírito de sacrifício e de abnegação, o amor ao próximo e o sentimento consciencioso do dever. Conhece-se o caso de S. Felipe Neri, que deduziu da falta de humildade de uma freira, com fama de santidade, falta de verdadeira piedade. Como essa irmã, devem julgar-se tôdas as pessoas que não têm humildade ou amor ao próximo, ou que passam horas na igreja, descuidando ou abandonando completamente os deveres caseiros.

Falemos agora da contemplação infusa, da contemplação que tem por objeto o conhecimento de Deus por via da experiência. Sem dúvida não faz parte dos fenômenos normais da vida religiosa. Todavia cada pastor de almas deve estar informado de suas características e desenvolvimento. Para dizer a verdade, os efeitos da contemplação infusa sôbre a alma não são suscetíveis de descrição esquemática. O Espírito de Deus insufla quando, onde e como quer. A comunicação da graça de Deus não está ligada a qualquer norma e a tempo algum. Acontece, porém, que obedece geralmente a certas regras determinadas. É o que ensinam expressamente os maiores mestres da mística, S. João da Cruz e Sta. Teresa de Ávila, pelo menos no que se refere à vida espiritual pessoal. Em base mística clássica, os mestres da vida espiritual descre-

Digitalizado com CamScanner

vem o desenvolvimento da contemplação em quatro fases. A primeira manifesta-se na oração de quietude. A alma experimenta primeiramente a inércia da aridez. Caminha na noite dos sentidos. (Não os sentidos externos, mas internos: fantasia e sentimento). Submete-se a alma a experiências com provas internas, tentações contra a fé, desânimo, dúvidas sôbre a predestinação, aridez na oração e tédio na vida espiritual; tentações contra a paciência e o fervor pelo bem; surgem tentações remotas contra a castidade que precipitam a alma na inquietação e confusão, na tristeza e ansiedade. Tudo acompanhado muita vez de provas externas: perseguições e calúnias, mal-entendidos e falta de reconhecimento por parte dos superiores ou de pessoas caras, doenças e insucesso no trabalho.

A tarefa dessa noite dos sentidos é a purificação da alma de tôdas as escórias, que ainda podem perturbar a pureza de seus sentimentos. A alma não pode livrar-se com as próprias fôrças de tudo quanto se interpõe entre ela e Deus, por isso Deus a conduz pelo caminho da noite dos sentidos e a purifica de tôda inclinação e apêgo desordenado. Tem de desapegar-se de tudo e dizer com o salmista:

"Para mim o bem
é estar perto de Deus;
colocar no Senhor meu Deus
tôda a minha esperança"
(Sl 72,28).

Quando a alma percorreu o caminho da noite dos sentidos, chega à quietude afetiva em Deus. É o que se manifesta no recolhimento passivo (operado por Deus), no sono dos sentidos e na presença de Deus sentida com alegria. Os efeitos da graça, nesta fase, são em parte o conhecimento quase experimental da própria miséria, dos próprios pecados e da própria impotência; por outro lado o amor desinteressado por Deus, em outras palavras, o aprofundamento e o aperfeiçoamento da humildade de coração e da pureza da vontade.

A segunda fase da contemplação infusa é a oração íntima de união completa. Neste grau, sob o influxo da ação de Deus, cessa a própria atividade espiritual. A alma fica inteiramente penetrada pela presença de Deus e abandona-se a êle sem reservas. Esta forma de oração caracteriza-se pela ausência de distrações, pela facilidade e alegria extraordinária que a acompanham. Os efeitos dêste grau de união com Deus são: fervor ardente, desapêgo das criaturas, abandono perfeito à vontade divina e amor profundo ao próximo.

Digitalizado com CamScanner

Na terceira fase da contemplação os místicos indicam a união extática ou o matrimônio espiritual. Neste grau, a alma fica inteiramente imersa na adoração e no amor de Deus. Às vêzes interrompe-se a vida dos sentidos. Distinguem-se o êxtase simples (perda dos sentidos com consciência interna) e o arrebatamento, quando a alma é violentamente arrastada. O efeito principal da união extática, que compreende tôdas as outras, é a grande santidade de vida que aumenta até o heroísmo. Essa santidade manifesta-se antes de mais nada no desapêgo total das criaturas, na renúncia perfeita à própria vontade, na dor sem medida pelos pecados cometidos, na contemplação assídua da humanidade de Jesus, na paciência admirável nos sofrimentos.

Como a alma na noite dos sentidos ainda não ficou perfeitamente purificada, deve agora experimentar a noite do espírito. Nisto S. João da Cruz coloca a contemplação purificadora, que consiste no conhecimento da própria miséria e pecaminosidade. Deus deixa o intelecto na escuridão, a alma na aridez, a memória sem lembranças e os sentimentos submersos na ânsia e na dor. A alma vê-se privada de tôda a felicidade e está convencida de que êste estado é definitivo. Nem sequer o diretor espiritual pode consolá-la. Para que a alma não sucumba nessas provas graves, Deus mesmo a reanima por meio de determinados intervalos. Ela, como o Redentor no Monte das Oliveiras, recebe durante tôda a luta a fôrça de consolações celestes. Mas a êstes momentos seguem-se novos ataques, sente-se abandonada por Deus, a oração parece-lhe impossível e ineficaz. Acha-se em estado análogo ao do Senhor quando exclamou na Cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?" Êste sofrimento, como sentido de afastamento de Deus, é semelhante ao dos condenados no inferno, semelhante às dores do purgatório. Com êste tormento de fogo do sofrimento a alma se purifica das últimas escórias.

Terminada essa purificação, chega ao último e mais elevado grau de união com Deus, possível nesta terra, a chamada união transformadora (matrimônio espiritual). Os sinais dêsse grau são: grande familiaridade com Deus, mas profundamente respeitosa, inalterabilidade dêsse estado, desaparecimento de tôdas as tentações, mas também do êxtase, indissolubilidade da alma com Deus e amor imutável a êle. São os seguintes os efeitos dêsse grau máximo da vida mística: dedicação completa, grande alegria no sofrimento, como possibilidade de demonstrar o amor, ausência de qualquer desejo ou inquietação, fervor ardente pela salvação das almas. Segundo o ensinamento de S. João da Cruz, a alma é incapaz de pecar nesse grau; segundo o parecer de Sta. Teresa de Ávila não se atinge nesta vida a incapacidade absoluta de pecar. Êsse último modo de ver corresponde mais à convicção teológica, segun-

Digitalizado com CamScanner

do a qual a incapacidade absoluta de pecar é conseqüência apenas da visão beatífica, concedida só na outra vida.

Na vida espiritual daqueles que possuem dons místicos de grau elevado apresentam-se, às vêzes, fenômenos extraordinários, visões e revelações que, embora não estando essencialmente ligados à graça da contemplação nem sendo sinal da sua elevação, Deus concede de vez em quando a alguma alma contemplativa.

Para o sacerdote é importante saber distinguir as verdadeiras revelações e os fenômenos místicos extraordinários das influências naturais conscientes ou não.

A revelação particular a algumas pessoas pode dar-se de modo sensível, imaginativo ou puramente intelectual. As visões evidentes ou corpóreas, chamadas também aparições, consistem na percepção da realidade objetiva de corpo aparente ou real, de fenômeno luminoso ou de outro tipo. Visões fantásticas são as suscitadas por Deus ou pelos anjos na faculdade imaginativa do homem acordado ou adormecido. Nas visões intelectuais o espírito capta uma verdade sobrenatural sem o auxílio dos sentidos, mas muitas vêzes com clareza igualmente intensa ou até maior. Nessa distinção dos modos de comunicação divina é preciso considerar que certas revelações apresentam duas ou três características, isto é, que essas três espécies de revelações divinas não se excluem mùtuamente, mas podem estar tôdas juntas.

No caso de revelações especiais são possíveis muitas mistificações. Por isso o pastor de almas deve conhecer as regras que servem para distinguir as visões verdadeiras das falsas. Antes de tudo devem avaliar-se as pessoas dotadas de revelações particulares, examinando em primeiro lugar suas qualidades naturais, para julgar se se trata de indivíduos psìquicamente sãos ou doentes. É evidente que poderá julgar um homem psìquicamente normal, sem paixões, mais favoràvelmente que o neurótico ou pessoa de tendências histéricas. Além disso, dever-se-á considerar se é dotado de intelecto são e juízo reto, ou de fantasia exaltada e grande emotividade. Dever-se-á considerar muito a índole moral do indivíduo, sobretudo a humildade e veracidade. Não há dúvida que podem ser concedidos dons extraordinários também a um pecador (*cf.* Mt 7,22); mas, em geral, obtém-nos só as almas que suportaram os sofrimentos da prova e demonstraram estar prontas para o sacrifício e exercício heróico das virtudes.

Ponto de vista ulterior, para julgar a credibilidade das revelações privadas, é o exame de seu objeto ou conteúdo. Por isso, tôdas as revelações em contraste com uma verdade da fé, opostas às leis da moral e da honestidade, ou aquelas cuja realização, levando em consideração as leis da Providência e dos milagres comumente operados por Deus,

Digitalizado com CamScanner

mostram-se absurdas, devem julgar-se falsas e incríveis. Há, em seguida, entre os efeitos das revelações particulares, diferença essencial que serve para distinguir as verdadeiras das falsas. A visão de Deus gera de início sensação de estupor ou mêdo, seguida logo por sentimento profundo e duradouro de paz, alegria e certeza. Ao contrário, nas mistificações e nas obras do demônio dá-se o contrário. No princípio causam alegria, mas depois vêm confusão, tristeza, desânimo. Revelações verdadeiras e autênticas reforçam a alma nas virtudes da humildade, obediência, paciência e conformidade com a vontade divina; as falsas geram orgulho, presunção e desobediência.

No julgamento da autenticidade das revelações particulares devemos observar que mesmo nas revelações verdadeiras podem misturar-se erros acidentais, fruto da intromissão da atividade humana nas operações sobrenaturais de Deus, especialmente no caso de espírito ou fantasia muito vivos. Assim em algumas revelações particulares encontram-se erros de tempo, ou de questões que se relacionam com as ciências naturais ou a história. É claro que quando uma mística (Catarina Emmerick) contempla a morte da Mãe de Deus em Éfeso, outra (Teresa Neumann) em Jerusalém, uma das duas está errada. De qualquer modo, tal diversidade não nos deve confundir dado que se trata de pormenores que não têm importância na vida espiritual.

Outra fonte de erros nas revelações particulares é a possibilidade de interpretação errada. Nesse ponto o místico nem sempre está isento de êrro. Assim por exemplo, S. Norberto declarava saber por meio de revelação, e com precisão absoluta, que o anticristo apareceria durante a época de sua geração (século XII). S. Vicente Ferrer tinha anunciado o juízo universal para logo e parecia confirmar esta profecia com milagres. De modo análogo podem infiltrar-se erros quando quem recebe a revelação procura explicar pessoalmente a verdade contemplada ou a escreve, ou deixa que outros tomem notas.

Daí se vê com que cuidado deve proceder-se e com que prudência julgar as revelações. Na direção espiritual nada é mais indicado que reserva bem ponderada. O sacerdote deverá demonstrar-se indiferente diante de presumidas revelações particulares dos penitentes e abster-se de expressões de espanto; mas também com os que julgam ter recebido revelações é preciso respeitar os mandamentos da mansidão, paciência e caridade. No caso de pessoas com disposições histéricas deve usar-se a maior cautela e reserva, em virtude da própria natureza do histerismo.

Como a mulher se adapta mais à vida mística do que o homem, explica a natureza das disposições psíquicas femininas. Por isso não pode causar admiração que entre os 321 estigmatizados contados até 1928 só 41 sejam homens e 280 mulheres. Pelas faculdades psíquicas

Digitalizado com CamScanner

mais passivas do que ativas, maior fôrça de dedicação, vida afetiva mais profunda e dotes imaginativos mais fortes, a natureza feminina parece mais apropriada à influência da graça mística do que a masculina, plasmada de modo diferente. Também a êste caso aplica-se o princípio: "Gratia supponit naturam".

Seria interessante ver até que ponto as premissas naturais representam muita vez na vida dos santos a base dos carismas. De grande importância são o ambiente social, proveniência, estado, profissão, clima, patrimônio espiritual, temperamento e disposições físicas. Como todos os homens são chamados à santidade, ninguém está excluído, por princípio, de tornar-se santo, isto é, de chegar à contemplação de Deus. É certo, porém, que bem poucos chegam a tal heroísmo de virtudes que a Igreja possa apresentá-los solenemente por modêlo aos fiéis. O essencial da santidade não consiste nos dotes carismáticos, nem na graça da contemplação, mas no grau extraordinário de amor a Deus. Naturalmente se manifesta em cada santo de modo diferente, conforme as disposições e graças particulares, em outras palavras, segundo o ideal pessoal. O heroísmo das virtudes não se estende necessàriamente ao exercício de tôdas as virtudes morais. Seria impossível até nos santos. O que faz o santo é o ideal único, imenso, realizado de modo heróico com o auxílio de graça especial. A êsse ideal pessoal se dedicam com tôdas as fôrças de suas aspirações. É compreensível que conduza a algum descuido em questões de menor importância. Encarando sob êsse prisma, o santo original emparelha-se com o estudioso distraído e o gênio incompreendido. Sua aspiração tende ao exercício imediato, cuidadoso, alegre das virtudes, inspirado no amor heróico a Deus, considerado como ideal pessoal supremo. É essencial. Em confronto não se reveste de grande importância se não reconhecemos na vida de alguns graças místicas, como, por exemplo, no caso de S. Vicente de Paulo, ou que o santo, durante a vida, não tenha realizado milagres, como Sta. Teresa de Lisieux.

É interessante ver como as biografias modernas dos santos falam também de suas lutas, fraquezas e defeitos. De tal maneira presta-se grande serviço a mais de um aspirante à santidade, porque reconhece nos santos seus irmãos que, apesar de dotes carismáticos, sofreram as conseqüências do pecado original. Como era, ao contrário, desanimadora e afastada da realidade certa hagiografia do passado, que muita vez apresentava os santos como modelos irreais, sem alegria e sem sentimento, sêres espectrais que atravessaram a vida terrena como fantasmas, sem carne nem sangue! Não se percebe o espírito dos tempos sòmente na apresentação da vida do santos, mas também em algumas formas do ideal pessoal de santidade. Por exemplo, como mudou, com o correr

Digitalizado com CamScanner

dos tempos, a atitude do homem que aspira à santidade diante do mundo! Algumas vêzes desprezou-se o mundo porque não é o próprio Deus e receou-se porque está cheio de perigos para a saúde da alma. De igual maneira descurou-se não poucas vêzes o corpo, considerado cárcere da alma, irmão-burro, obstáculo à união da alma com Deus. O santo moderno, ao contrário, ama o mundo, porque reconhece nêle obra de Deus, dom de Deus e guia que conduz a Deus. Procura dominá-lo e torná-lo útil para a construção do reino de Deus entre os homens. Por isso considera o corpo também como querido e criado por Deus, toma-o à luz da fé como instrumento da alma e o honra como templo do Espírito Santo.

Naturalmente, também o santo moderno tem consciência de não ser dêste mundo, de dever padecer tribulações, porque a natureza espera ansiosa a hora em que, juntamente com os filhos de Deus, ficará livre da escravidão da corrupção. É por isso que tudo quanto é dêste mundo passa, perde-se e padece também sob forma de vida atual. Como decaiu da graça de Deus juntamente com o homem, no dia do primeiro pecado, assim deve vestir como êle a roupagem de penitência enquanto durar o mundo. Por isso nem mesmo o santo moderno está dispensado da renúncia interna ao mundo e da luta vitoriosa contra êle (D. Thalhammer).

À influência da graça divina sôbre as almas opõe-se a obra do demônio, que tende a ganhar o homem para si. Ora o assedia no exterior e lhe suscita tentações terríveis (obsessio), ora passa a morar no corpo e o faz agir arbitràriamente, como se fôsse o dono (possessio).

Seria êrro atribuir à obra direta do maligno todos os males que acontecem ao homem e tôdas as dificuldades que encontra no caminho para Deus. Mas seria também outro êrro excluir qualquer intervenção do demônio. Será necessário considerar como diabólicos pelo menos aquêles fenômenos que, por sua raridade ou pelo conjunto das circunstâncias, não se podem explicar senão pela influência do espírito maligno.

O tormento da obsessão consiste na influência do diabo sôbre os sentidos externos ou internos do homem. Sabemos pela vida de diversos santos que o demônio costumava instigá-los ao pecado por intermédio dos sentidos da vista, do ouvido e do tato. De igual maneira pode exercer influência sôbre os sentidos internos: fantasia e memória, como também nas paixões. Tais tentações do maligno distinguem-se das provações comuns pela maior duração e violência. Em primeiro lugar o confessor adotará os mesmos remédios que emprega contra as tentações em geral. Se houver pelo menos alguma probabilidade moral de obsessão, aplicará o exorcismo em particular e em segrêdo.

Digitalizado com CamScanner

Reconhece-se o possesso, segundo o Ritual Romano, por falar línguas desconhecidas, revelar o oculto, agir com fôrças que ultrapassam a capacidade natural da idade ou condição. "A presença de numerosos indícios dessa natureza ou semelhantes deixa supor fortemente que se trata de possessão diabólica". Assim também se diferencia o possesso dos que têm distúrbios nervosos. Em caso de dúvida é preciso consultar médico conscienciosо.

O tratamento dos possessos consiste, segundo a instrução do Ritual, na aplicação dos meios da graça e do exorcismo. Êste último, em forma solene, sòmente o sacerdote, especialmente designado pelo bispo, pode aplicar.

Queremos referir-nos ainda à direção das almas no caminho da perfeição. Falou-se muito pró ou contra uma direção especial. Queremos admitir que para a vida religiosa da maioria dos homens é suficiente a assistência espiritual normal. Mas há também casos em que pode ser útil uma direção espiritual particular ou até mesmo indispensável. Falamos dos jovens na idade do amadurecimento. Quantas estradas falsas e quantos desvios poder-se-iam poupar-lhes se conhecessem a guia e o conselho de um confessor fixo! A necessidade de direção espiritual particular surge também no caso dos psicopatas. Mas dêstes falaremos mais tarde. Enfim torna-se necessário guia espiritual especial para os que aspirem à perfeição além da medida normal.

Quem dá um passeio normal a pé, pode ir só, se conhecer a meta e a estrada. Bem diverso é o caso de escalada em montanha alta. O auxílio de um guia torna-se indispensável. Não poucos pagaram caro, muita vez com a vida, a renúncia presunçosa a um guia. Assim também na vida espiritual. O cristão medíocre contenta-se com a observância dos mandamentos de Deus e da Igreja. Aí encontra diretivas suficientes para a vida. Mas, quanto mais alto aspira o homem, mais indistinta e difícil se torna a estrada. Não se trata mais sòmente da obrigação, mas entra-se no campo do aconselhável, que nem sempre pode marcar-se de modo preciso. Devemos, portanto, acrescentar que a dedicação a Deus torna-se mais íntima quando a forma é mais individual e pessoal. Dêsse modo, porém, aumenta igualmente a possibilidade de errar a estrada. Para evitar semelhante perigo convém instrução ascética e psicológica, que não é acessível a todos. E mesmo quem dispõe dessa instrução não tem a garantia de utilizá-la bem com relação à própria vida. Antes de tudo falta o conhecimento exato de nós mesmos. Diante de nenhum outro objeto o homem é tão cego, como diante de si mesmo; talvez porque cada um está muito perto de si mesmo e assim lhe escapam as características do próprio ser; talvez também porque utilizamos a mentalidade ou conceitos errados, embora

Digitalizado com CamScanner

inconscientemente, como medida para tudo, considerando grande parte com preconceito pessoal. A essa autoconsciência deficiente acrescenta-se a fraqueza da vontade que nos leva com facilidade à ilusão. Como o desejo é o pai do pensamento, justamente diante das tendências perigosas, a que nos desagrada renunciar, procuramos convencer-nos serem inócuas. Enquanto no caso idêntico de outra pessoa estaríamos em condições de descobrir e reconhecer imediatamente o lado arriscado e perigoso, e, portanto, aconselhar de modo justo, tratando-se de nós mesmos, tornamo-nos vítimas da ilusão. "Há uma estrada que parece direta para o homem; mas acaba conduzindo-o à morte" (Prov 16,25). Dessa exposição do progresso da aspiração à perfeição resulta que, muitas vêzes, com o progresso da alma, aumenta também o perigo da segurança de si e da ilusão. Especialmente na época das provas passivas torna-se importante para a alma a direção de um guia hábil, inteligente e desinteressado, que tenha a faculdade de distinguir a inspiração divina da que provém da natureza ou do demônio. É por isso que justamente as almas mìsticamente dotadas, como por exemplo, Teresa de Ávila, estão prontas a mostrar a vida a um guia espiritual. A mulher sente mais que o homem a necessidade da assistência espiritual. A falta natural de independência, a tendência ao desvio e aos preconceitos são os motivos principais. Mas também o homem pode ter necessidade da cooperação de guia inteligente na aspiração à união com Deus. Por isso diz S. João da Cruz, de maneira geral: "Deus ama tanto o homem que se entrega à guia de outro, que não quer absolutamente prestemos fé às verdades sobrenaturais comunicadas por êle se não forem recebidas da bôca de outro homem".

É evidente que ninguém, senão o Espírito Santo, pode ser o verdadeiro guia da alma. Por isso o sacerdote que exerce o papel de guia espiritual deve sentir-se como instrumento da fôrça daquele que concede tôdas as graças. Deve escutar com devoção a voz de Deus na alma de quem o procura, para que possa dirigi-la no caminho indicado por Deus e pela própria índole espiritual, sem obrigá-la a esquema pessoal preferido. Sua tarefa é semelhante à do Batista, isto é, levar as almas a Cristo. Não deve procurar ligá-las a si mesmo, mas deve dizer desinteressadamente: "Êle (Cristo) deve crescer, eu diminuir" (Jo 3,30). Considerada sob êste aspecto, a direção espiritual não leva à esquematização e à falta de independência, mas à personalidade madura e marcante na liberdade dos filhos de Deus.

Se uma alma determinada, como por exemplo, Teresa do Menino Jesus, atingiu a santidade sem direção especial, deve-se atribuí-la à guia especial do Espírito Santo que, neste caso, tornou supérflua qualquer guia humana. Mas estas e outras exceções apenas vêm confirmar a regra.

Digitalizado com CamScanner

Vale pouco contra a vantagem da direção espiritual o temor de que possa prestar-se a abusos e tornar-se perigosa para a vida religiosa. Essa possibilidade pode subsistir também em instituições ainda mais benéficas para a direção espiritual. Ninguém quererá abolir a santa comunhão só pelo motivo de poder receber-se de modo sacrílego, redundando em condenação da alma.

Se muitas almas procuram percorrer sòzinhas a via da perfeição, não é porque possam deixar de lado um diretor espiritual, mas porque não há muitos mestres de vida espiritual com a devida capacidade. Erram os que, recomendando a direção espiritual, descobrem qualquer inovação da vida ascética; é històricamente certo que a direção espiritual é tão antiga quanto a ascese cristã. Já nos "Atos dos Apóstolos", Paulo, depois da conversão, encaminha-se a Ananias, que lhe comunica o que deve fazer. Nos primeiros séculos cristãos são as cartas de Agostinho e Jerônimo, depois Cassiano e João Clímaco, que sublinham o benefício da direção espiritual. Provàvelmente depende de Cassiano a passagem no capítulo IV da regra de S. Bento que se refere ao diretor espiritual (Cogitationes malas cordi suo advenientes mox ad Christum allidere et seniori spiritali patefacere). Na Idade Média devemos citar principalmente S. Bernardo e S. Vicente Ferrer. Nos tempos modernos apontamos apenas as normas de S. Francisco de Sales na sua *Filotéia*. Em tempos mais recentes Leão XIII, na carta *Testem benevolentiæ* de 22 de janeiro de 1899, pronunciou-se a favor da direção espiritual e afirma que sua necessidade "é doutrina de todos os que se distinguiram no curso dos séculos por ciência e santidade". Pio XII, na Encíclica *Mystici corporis* de 29 de junho de 1943, enumera entre os benefícios da confissão de devoção também a possibilidade de "salutar direção espiritual".

Tanquerey, sob o tema "A guia espiritual", traz as palavras de P. Codinecz: "Entre mil pessoas chamadas por Deus à perfeição, apenas dez obedecem, e entre cem chamadas à contemplação, noventa e nove não respondem ao apêlo. Confessemo-lo: uma das causas principais é a escassez de mestres da vida espiritual. É impossível aprender uma ciência, uma arte, por mais fácil que seja, sem um mestre que a ensine; menos ainda a alta sabedoria da perfeição evangélica, que oculta mistérios tão profundos. Por isso considero como moralmente impossível que uma alma, sem a intervenção de um milagre ou de um mestre, possa caminhar por longos anos numa estrada que é a mais sublime e a mais difícil na vida espiritual, sem se expor ao perigo de perder-se".

Seria interessante se pudéssemos manifestar-nos sôbre a vida espiritual do *moribundo*. Já que nos falta a experiência relativa, somos obrigados a formular deduções e suposições. Uma experiência pessoal

Digitalizado com CamScanner

com relação aos processos espirituais na morte não nos traria grande ajuda. Não passaria da descrição da morte de determinada pessoa. Podemos afirmar que cada homem, como é único na própria vida pessoal, assim também na morte se distingue de todos os outros. Como cada homem vive a sua vida e apenas a sua, assim morrerá a própria morte. Há quem sustente luta violenta com a morte e quem se apaga calmo e quieto como uma vela consumida. Em alguns as faculdades espirituais já estão apagadas há muitas horas, talvez há meses ou anos antes de chegar a morte, ou pelo menos diminuem sensìvelmente; outros, quase até o último instante de vida, continuam senhores da atividade espiritual. Observou-se que moribundos, doentes mentais há anos, parece readquirirem antes da morte as faculdades mentais normais. Em alguns casos constatou-se até reforço e aumento de lucidez mental antes da morte. Parece que a alma esteja antecipando aquela forma de conhecimento que lhe cabe em via normal só depois de separada do corpo. Diz-se, por exemplo, que Johann Adam Moehler, o grande patrólogo e historiador da Igreja, ao morrer, aos 12 de abril de 1838, pronunciou estas palavras: "Agora posso escrever um livro".

Quanto ao que se relaciona com a cessação das percepções sensitivas, deveria faltar antes a vista e por último o ouvido. Pessoas que se acharam em perigo extremo de vida, por exemplo, as que estavam para afogar-se, referem que no último instante, antes de perder os sentidos, viram a vida inteira como num quadro: rigorosamete unidos todo o bem e todo o mal realizado, e de maneira tão clara e precisa como nunca anteriormente. Poder-se-ia perceber nisso talvez a preparação para o juízo particular? É também digno de nota que, num perigo repentino de morte, causado por exemplo, por acidente, na consciência atual só fica presente o conhecimento do perigo, enquanto as outras faculdades do espírito e da vontade ficam paralisadas pelo terror. Por isso é difícil, em casos de perigo tão repentino de vida, provocar ato especial de arrependimento dos pecados. O caso contrário seria certamente uma graça particular, que poderiam receber os que rezaram muitas vêzes para obter a graça de morte serena, ou caminharam com fervor na presença de Deus. Que o diabo renove, justamente na hora da morte, todos os esforços possíveis para ganhar a alma e, sobretudo, procure levá-la ao desespêro, é compreensível e confirmado pelos moribundos. A morte do homem é conseqüência e punição do pecado original. Por isso junto da morte há algo de doloroso e amargo. A paixão e a ressurreição do divino Salvador tiraram, para o cristão o espírito da morte. Todavia, também para êle é sacrifício duro, porque deve assemelhar-se ao Redentor crucificado. Na morte o cristão tem ocasião de dar a prova máxima da fé, esperança e caridade. Na hora em que o mundo cai para o

Digitalizado com CamScanner

cristão agonizante, a graça divina do Salvador celebra-lhe o triunfo máximo.

Na direção espiritual das almas é preciso rebater sempre que o escopo de tôda a aspiração à perfeição só pode ser o amor. O amor, entendido justamente, é início de tôda a vida moral, é seu desenvolvimento ulterior e complemento. Da relação íntima, essencial entre amor e vida resulta que também a fé só tem valor quando animada por amor verdadeiro, sendo prova e atuação dêle. Dado que o amor indica a direção e a meta à maior das faculdades humanas, o livre arbítrio, torna-se claro que o valor de todo homem depende da espécie e da medida de seu amor. O amor pela própria natureza tende à união com o objeto amado e pode ser amor de complacência (amor complacentiæ), amor de concupiscência (amor concupiscentiæ) ou amor de benevolência (amor benevolentiæ). As duas últimas são as formas principais de amor, enquanto que a primeira é apenas a premissa. O amor de concupiscência procura satisfação e objeto na pessoa do amado, enquanto nela vê um bem para o próprio eu. O amor de benevolência vai além; seu objeto é outra pessoa; torna-se um segundo eu; possui a peculiaridade característica do amor: comunicar-se ao amado, dar-se, perder-se nêle. Só êste amor é o que, segundo sua natureza, pode chamar-se de perfeito.

Digitalizado com CamScanner

SEGUNDA PARTE

PSICOLOGIA DOS TIPOS

Digitalizado com CamScanner

Para a compreensão da alma humana é de suma importância saber que cada uma delas representa algo de particular, de único. Entre tantos milhares de almas, saídas da mão criadora de Deus, não há duas sequer que sejam completamente iguais. Todavia podemos classificar as qualidades psíquicas conforme sua natureza, desenvolvimento e o ambiente, em grupos que apresentam uma série de formas típicas, bem caracterizadas. Resulta claro, portanto, a importância do conhecimento dos diversos tipos da psique no estudo da psicologia pastoral.

SEÇÃO PRIMEIRA

DIFERENCIAÇÃO SEGUNDO O SEXO

Capítulo 1

Peculiaridades psíquicas dos sexos

"Vós todos batizados em Cristo, estais revestidos de Cristo. Não há judeu, nem grego, nem servo, nem livre, não há homem nem mulher" (Gál 3,27-28). Com estas palavras o apóstolo Paulo afirma que na comunhão de vida que une todos os batizados, como membros do Corpo de Cristo, desaparecem as diferenças de origem, de classe social e até as sexuais. Mas o apóstolo seria mal interpretado, se acreditássemos que nega tôdas as diferenças naturais existentes entre os homens. Justamente S. Paulo sublinha a diferença natural entre homem e mulher, relacionando-a com a vontade expressa de Deus (cf. 1Cor 2,3,14, 34; 1Tim 2,12 etc.).

É necessário que o pastor de almas conheça as diferenças psíquicas da sexualidade masculina e feminina. Não faltam hoje vozes segundo as quais para o esfriamento religioso do mundo masculino contribuíram, entre outros fatôres, também os sacerdotes, pela compreensão deficiente

Digitalizado com CamScanner

das particularidades masculinas; como as formas de devoção levam grandemente em conta o sentimento feminino, o homem em vez de se sentir atraído, considera-as desagradáveis. Se é verdade ou não, não queremos discutir. É certo que para a direção espiritual eficaz é preciso o conhecimento profundo das peculiaridades e da diferenciação da vida psíquica nos dois sexos; tanto mais nos dias de hoje, o cuidado pastoral leva mais em consideração os dados da natureza. Deixando de lado esta questão, impõe-se o conhecimento exato das diversidades psíquicas do homem e da mulher para ministração frutuosa do sacramento da penitência. Quanto mais o homem e a mulher se sentirem compreendidos pelo confessor nas suas peculiaridades psíquicas, com tanto maior boa vontade, e sem reserva alguma, abrir-se-ão a êle e tanto mais frutuosa será sua influência na vida espiritual. A atitude psíquica fundamental, o caráter e a mentalidade do homem são, sob tantos aspectos, tão diferentes dos da mulher, que se chegaria a pensar que o homem não deve ter a mesma alma que a mulher. Mas tal não é exato. Não há almas masculinas e almas femininas, há apenas almas humanas. As capacidades e os modos de reação da vida psíquica masculina e feminina derivam da diferença do físico, de modo que a alma, criada diretamente por Deus e ligada ao germe vital, sentirá de maneira masculina ou feminina, conforme o germe se desenvolver para tornar-se masculino ou feminino. A biologia moderna demonstra que os hormônios gerados nas glândulas vitais, e transportados ao sangue por meio da secreção interna, determinam as disposições, capacidades, modos de reação e várias necessidades dos sexos. Poder-se-ia usar a comparação de um artista que maneja dois instrumentos diferentes. A impressão musical despertada pela sua arte será completamente diversa, conforme tocar um ou outro instrumento.

A distinção psíquica dos sexos é querida por Deus, portanto, deve conservar-se e cuidar-se também na ordem sobrenatural. Segundo o princípio: gratia supponit naturam, em vez suprimi-las nas suas peculiaridades, essas disposições masculinas e femininas devem ser cultivadas e nobilitadas no sentido cristão.

Ocupemo-nos primeiro da particularidade psíquica dos sexos. Aparece já na história da criação que o homem tem o primado sôbre a mulher. A mulher foi destinada para companheira do homem. Representa o complemento dêle e o seu aperfeiçoamento. Êle é o início, ela a continuação; êle o impulso, ela a executora; êle cria a idéia, ela a realiza; êle adquire, ela conserva e guarda. Daí deriva a diversidade de dotes entre o homem e a mulher. Vemo-lo já no físico, pois o homem tem dotes para o rendimento máximo, a mulher para a maior duração. Não devemos esquecer que a sexualidade não é diferenciação

Digitalizado com CamScanner

do ser, mas das atividades e dos hábitos a êle submetidos. Por isso renegar o caráter sexual e tender à assimilação das peculiaridades do outro sexo, é artificial e, portanto, funesto, porque debilita e perturba a polaridade e a tensão querida por Deus e, ao mesmo tempo, também a atração recíproca dos dois sexos. Só um homem em plena posse das peculiaridades e dos valores masculinos poderá conquistar e conservar duradouramente a estima e o amor por parte da mulher, como também por outro lado, só a mulher que conserva e cultiva as peculiaridades femininas terá atrativos para o homem e poderá conservá-lo prêso a si.

Passemos a ilustrar as características principais que diferenciam a psique dos dois sexos. Primeiro dote do homem é o talento criador. É exigido para a realização da ordem divina de sujeitar a terra e dominá-la (Gên 1,28). É por isso que quase tôdas as invenções e as descobertas cabem ao homem, enquanto que a mulher nesse campo, não demonstra muito sucesso. Diz-se o mesmo da arte. Também nesse campo as obras do homem ultrapassam de longe as da mulher.

A ação supõe a idéia, isto é, ato de conhecimento intelectivo. Por isso no homem prevalece a inteligência e a fôrça lógica. O homem pensa de modo claro, calmo, lógico, enquanto a mulher no seu conhecimento fica com facilidade prisioneira do sensível e o seu pensamento caracteriza-se muita vez por uma falta surpreendente de lógica e por notáveis preconceitos.

Característica ulterior da mentalidade masculina é o sentimento do objetivo, do positivo. Ao contrário, a alma da mulher orienta-se fortemente para o subjetivo, o pessoal. A inteligência do homem é propensa à abstração, ao universal, ao típico, enquanto o pensamento da mulher dirige-se acentuadamente para o concreto, o sensível. Correspondendo a essa distinção, a fantasia dos dois sexos é diferente. O homem é mais capaz de dominar a fantasia por meio da vontade, enquanto a própria fantasia, notàvelmente mais viva e colorida, domina a mulher com grande facilidade. O homem, superando o sensível, volta-se para as idéias universais, para os conceitos. Daí o sentimento do essencial, o desejo de saber, a compreensão das leis da ordem, o interêsse pela grandeza, vastidão e profundidade.

Ao contrário, o pensamento da mulher cinge-se ao particular, aos fatos experimentados pessoalmente; tem o sentimento do especial, do particular; o desejo de saber não se concentra na pesquisa do motivo e da causa, mas na experiência do nôvo e se expressa na curiosidade e no prazer do sensacional. A compreensão das leis da ordem e do universal é nela pequena. Possui porém muito maior capacidade de adaptação a situações especiais e compreensão do que está próximo, é íntimo e mínimo.

Digitalizado com CamScanner

Enquanto o homem, diante das idéias, muitas vêzes se descuida da realidade, a mulher possui grande sentimento prático da vida. O homem alcança pela idéia, a mulher pela própria experiência. Ao homem agrada o trabalho independente, a mulher produz mais cumprindo tarefas que outros lhe impõem. O homem considera e examina a obra com reflexão objetiva e crítica, enquanto a mulher se entrega a móveis inconscientes, subconscientes, parafísicos. Êste fato explica muita vez também seus enigmas e a irresponsabilidade. O homem atinge o alvo com vontade e coerência metódica, a mulher com a finura intuitiva do instinto, com o sentimento e tenacidade da paixão. Servem-lhe òtimamente a habilidade e a perspicácia. O homem caracteriza-se pelo pensamento discursivo, enquanto a mulher capta a verdade freqüentemente de modo intuitivo, espontâneo, quase instintivo. O processo imaginativo é mais dominado, controlado, meditado no homem. Prova disso é a loquacidade feminina. A linguagem da mulher é mais viva, mais impulsiva e às vêzes atropelada. O homem nos seus atos é ponderado, toma em consideração os obstáculos que se lhe põem, enquanto a vontade da mulher é desenfreada, impulsiva, muitas vêzes imprudente e sustentada por otimismo longe da realidade. A vontade do homem tem consciência de seus fins e vê as conseqüências; a da mulher, ao contrário, é instável, caprichosa e inconseqüente. O homem mantém os objetivos a determinada distância, a mulher perde-se com facilidade aos mais próximos. O homem tem o sentimento da verdade, a mulher o da bondade e da beleza. O homem deixa-se convencer por motivos razoáveis, a mulher deixa-se persuadir e influenciar por argumentos superficiais. O homem sacrifica-se por uma idéia, a mulher por uma pessoa.

As peculiaridades psíquicas dos sexos exprimem-se também na consciência moral. O homem reconhece no imperativo da consciência outros tantos fins, vê nêle princípios para a ação. Para a mulher, contudo, as normas da consciência parecem mais obstáculos concretos às aspirações muita vez inconscientes. O homem procura explicar a si mesmo a lei, a mulher procura desculpar-se diante dela. O homem, apesar das faltas isoladas, permanece mais fàcilmente fiel a um princípio ético, a mulher, depois de superados os obstáculos iniciais, torna-se muitas vêzes desenfreada. Com êsse fenômeno concorda a experiência, segundo a qual a mulher, se é má, é muito pior que o homem e arrepende-se com muito mais dificuldade.

Agora procuraremos aplicar as considerações precedentes ao reconhecimento das diferenças psíquicas do caráter, à vida religiosa e aos efeitos que resultam na vida moral dos dois sexos.

Digitalizado com CamScanner

Capítulo 2

Sexo e personalidade

A capacidade criadora do homem confere o senso da grandeza, vastidão e profundidade. Daí o espírito de iniciativa, o dinamismo, o prazer de viajar, a natureza combativa a avidez de conquista. A tudo isto vem juntar-se a generosidade, a tendência a atingir o fundo das questões, dos acontecimentos da natureza e da técnica. Ao contrário, a mulher tem mais compreensão do que está próximo, recolhido, íntimo. Daí o sentimento inato de ardor, de intimidade de casa agradável e ordenada. A mulher aceita os acontecimentos como são, sem perguntar a si mesma a razão íntima, a causa motriz, a natureza e função. A mulher é capaz de servir-se de uma máquina durante anos, sem nunca interessar-se pela lei de seu funcionamento, enquanto o menino desmonta a boneca da irmãzinha para descobrir o segrêdo da fala. Com o sentido positivo, objetividade e tendência ao universal do espírito do homem explica-se a constância maior, enquanto o apêgo ao concreto, sensível, pessoal e subjetivo, unido à vida afetiva mais intensa, produz o bem conhecido capricho feminino. Com as supracitadas qualidades do homem explicam-se também a maior sinceridade, retidão, simplicidade, enquanto pelas peculiaridades psíquicas da mulher, o inconsciente, a emotividade entende-se mais fàcilmente seus enigmas e irresponsabilidade. Enquanto conseguimos conhecer e penetrar, após determinado tempo, a vida psíquica de um homem, justamente pela primitividade relativa, com a mulher, nesse sentido, não o conseguimos nem depois de muito tempo; antes, mesmo depois de longos anos, podemos descobrir qualidades que não supúnhamos. Em última análise, a alma da mulher permanece por tôda a vida um tanto misteriosa, enigmática, não só para os outros, mas também para si mesma. "A obscuridade misteriosa que existe no fundo de cada alma de mulher, que, segundo a confissão de uma das maiores representantes de seu sexo, Sta. Teresa, não se abre completamente ao olhar do homem, nem mesmo depois de muitos anos de íntimo intercâmbio espiritual, estende-se também à religiosidade específica do sexo feminino" (Rademacher). Dada essa grande impenetrabilidade da vida psíquica da mulher, ao olhar da própria consciência explica-se porque até hoje não há uma exposição científica da vida psíquica feminina redigida por uma mulher. "A mulher ainda nos é devedora da ciência inteira relativa ao seu sexo; ela, como representante do próprio sexo, é ainda hoje um livro com sete selos" (Hedwig Dransfeld).

Digitalizado com CamScanner

Neste sentido exprime-se também a doutôra em filosofia e medicina Frederica Sack, no excelente relatório por ocasião do Congresso dos Catequistas Austríacos em Viena, a 18 de abril de 1951: "A psicologia da mulher encontra-se ainda em estádio pré-científico".

Da natureza psíquica do homem, orientada para o intelectual e o objetivo, origina-se a tendência para o conhecimento da verdade, a inclinação para os motivos racionais. A mulher, por outro lado, tende ao bom e ao belo, a que aspira com tôdas as fôrças espirituais. O homem inclina-se mais para a reflexão, à calma, ao pensamento sem preconceito, à coerência na ação. A mentalidade da mulher, ao contrário, vê-se ameaçada pelo perigo de tornar-se o desejo pai do pensamento, de que ela "raciocine com o coração" e que o sentimento e a paixão se substituam à realidade objetiva e com ela entrem em conflito. Desde que os sentimentos estão expostos a maiores oscilações, essa particularidade da mulher gera muita vez a incongruência no pensamento e na ação, induzindo-a a destruir hoje o que adorava ontem e vice-versa. Entra também nos traços essenciais da alma feminina dependência em relação às influências do ambiente em tão alto grau que se escraviza. Por isso se torna vítima da ação persuasiva de qualquer pessoa com mais facilidade que o homem, e abandona as próprias convicções em favor de idéias alheias. Mas, quando se apropria de determinada convicção, por motivos sentimentais, será bem difícil dela arrancá-la. Poder-se-ia, em certo sentido, afirmar que a mulher se deixa persuadir com facilidade, mas dificilmente se deixa dissuadir.

Capítulo 3

Sexo e vida religiosa

A têmpera espiritual diferente do homem e da mulher reflete-se naturalmente na tonalidade diversa da vida religiosa. Para o homem a estrada que leva a Deus é mais longa e mais cheia de dificuldades. Procura reconhecer e servir a Deus "em espírito e em verdade" (Jo 4,23). O conceito que tem de Deus é mais puro, mais espiritual. Para êle Deus é o onipotente, o infinito, o inatingível, o augusto, o poderoso. O homem com a sua inteligência adere mais à idéia, por isso sua luta para captar a personalidade de Deus é mais dura. "A falta da materialidade e a imensa distância do objeto dificultam ao homem a idéia da personalidade, do ser em si, da natureza divina; atinge no máximo, o impessoal, a que atribui existência e uma soma de qualidades" (Zimmermann).

Digitalizado com CamScanner

A essas dificuldades, acrescentam-se numerosas outras, que derivam da praxe da vida religiosa. Em primeiro lugar: dificuldade na vida de oração. A reza é essencialmente atitude espiritual de humildade diante de Deus. Isto, porém, para o homem, que na vida social está habituado a dar, a ordenar, a agir, torna-se incomparàvelmente mais difícil do que para a mulher. Devemos acrescentar ainda a menor exuberância do sentimento e da fantasia masculina. Além disso sua auto-suficiência, afirmada freqüentemente no campo natural, faz com que não sinta desejo tão ardente do Deus pessoal, como sente a mulher. Nem podemos menosprezar a influência relevante, ao menos no campo religioso, do respeito humano, do mêdo da zombaria e do desprêzo pelo cumprimento dos deveres religiosos. Se refletirmos enfim na escassa possibilidade que o atual serviço litúrgico oferece ao homem para aplicar o espírito de iniciativa, na maior dificuldade de arrepender-se dos pecados cometidos e de abrir a alma ao sacramento da penitência, torna-se claro que o homem encontra maiores obstáculos que a mulher na vida religiosa.

Mas não poucas vantagens compensam essas dificuldades. Se o homem, por meio de suas lutas, consegue superar todos os obstáculos da índole masculina, alcança conceito de Deus mais puro e mais espiritual do que o da mulher e então presta a Deus veneração mais profunda; na estrada para Deus vai direto à meta; é mais independente, mais consciente que a mulher, e então também a convicção franca resiste melhor às provações e agitações; o ardor do amor por Deus o impele impetuosamente ao apostolado, à cooperação na difusão do reino de Deus. Tais homens, dignos de confiança, sabem ficar no seu pôsto mesmo durante o furor da tempestade, como verdadeiras colunas da Igreja. Devendo o homem, no campo religioso, superar dificuldades maiores, que derivam da própria índole masculina, explica-se por que tantos homens sejam religiosamente tíbios e indiferentes. Entre os representantes do sexo forte poucos merecem o adjetivo de religioso e piedoso. Quando, porém, o homem capta a essência da vida religiosa, supera a mulher, como em tantos outros campos. Confirma-o ser o número de homens, entre os santos canonizados, maior que o das mulheres. Completamente diversos são os pressupostos naturais da mulher para a vida religiosa. A estrada para atingir a Deus é mais curta, mais simples, sem tantos problemas, porque seu conceito de Deus é mais primitivo, menos penetrado de espiritualidade e mais antropomorfo. Ela não vê tanto em Deus o ser infinito, augusto, mas o Pai cheio de bondade e misericórdia, a quem dirige o olhar confiante, procurando proteção e auxílio. Sua necessidade natural de apoio lhe vem em auxílio, como também o impulso de dedicação amorosa e o sentimento da per-

Digitalizado com CamScanner

sonalidade de Deus. Por êsses motivos a mulher atinge com maior facilidade o mais alto grau de amor a Cristo. Naturalmente não está excluído o perigo de que pare no lado puramente humano. Na vida de oração, a fantasia viva, a ternura, a atitude fundamentalmente humilde da psique, inclinada ao cuidado e à obediência ajudam muito a mulher. Encontram-se mais almas místicas entre as mulheres do que entre os homens o que se explica principalmente pela índole espiritual passiva. A mulher demonstra maior perseverança nas instruções e pregações longas, como também no sacramento da penitência, enquanto a paciência do homem se esgota mais depressa. Na confissão é-lhe útil a necessidade natural de comunicação. Além disso abre mais fàcilmente a alma ao confessor, sentindo-se sustentada pela firmeza dêle, confiando-se à sua orientação, enquanto semelhante procedimento exige muito mais sacrifício por parte do homem. A passividade natural torna-lhe menos difícil que ao homem a participação na ação litúrgica e a profissão pública de religiosidade.

Os lados negativos da índole feminina no campo religioso são: a tendência a humanizar o conceito de Deus, tratá-lo com muita familiaridade, a inclinação à sugestão, ilusão e capricho, a exaltação sentimental, a superficialidade, a fraqueza da vontade. Como as mulheres olham mais para a pessoa do que para a idéia, é de concluir que uma mulher, mesmo excessivamente religiosa, é capaz de abandonar completamente os deveres religiosos quando entra em conflito pessoal com um sacerdote, o que demonstra como é necessário ao pastor de almas preocupar-se com a irrepreensibilidade de sua pessoa, para que os defeitos pessoais não prejudiquem o respeito devido à religião.

A exposição das peculiaridades femininas explica por que muitas mulheres religiosas não chegam à perfeição extrema: a santidade.

Capítulo 4

Sexo e vida moral

O homem sente-se senhor e coroamento da criação. Seu sentimento de superioridade baseia-se em certas qualidades em que supera a mulher. Em primeiro lugar a fôrça física e espiritual, a independência e liberdade social. Porque não serve à vida de modo tão direto como a mulher, traz em si traço inconfundível de amor-próprio que, degenerando, pode transformar-se em egoísmo brutal.

Digitalizado com CamScanner

Na vida instintiva, o instinto sexual ocupa lugar preeminente. O impulso afetivo, mais desenvolvido na mulher, é mais fraco no homem; ao contrário, o instinto físico, normalmente mais desenvolvido, pretende impetuosamente a satisfação. Por isso a continência pré-matrimonial exige, sem comparação, maior abnegação no homem do que na mulher, pois reclama, além do sacrifício sentimental, também o físico. Êsse fato explica, além disso, que o homem é em geral mais responsável pelo abuso matrimonial do que a mulher e, por outro lado, a santificação do matrimônio e a fidelidade matrimonial exigem dêle sacrifícios muito maiores. Da tarefa fisiológica, da fôrça e da vitalidade do instinto físico masculino, resulta que o homem não pode cumprir o ato sexual sem satisfação física. A mulher, porém, é capaz de cumprir o "debitum coniugale" sem "delectatio venerea". Naturalmente, nesse caso, trata-se de forma não natural da relação conjugal que, com ou sem culpa do marido, pode levar mais cedo ou mais tarde a perturbações físicas e até psíquicas graves na mulher. A fôrça maior de paixão do instinto sexual masculino tem como conseqüência que o homem comete pecados contra a castidade com mais facilidade. Por outro lado, apesar disso ou justamente por isso, o homem é capaz de libertar-se e corrigir-se com mais facilidade de quedas sexuais, do que a mulher que, uma vez perdidos os obstáculos morais, precipita-se mais baixo que o homem e torna-se quase incorrigível.

O sentimento de justiça encontra origem na *forma mentis* objetiva e positiva do homem. Êle não se deixa dominar com tanta facilidade pelos sentimentos, por humores e preconceitos e, portanto, com maior dificuldade que a mulher, torna-se vítima de simpatias e antipatias. Consegue prescindir melhor da pessoa, e por isso é menos parcial nos julgamentos.

O homem, como protetor e defensor da família, deve ser intrépido e corajoso. Como a mulher sente necessidade da proteção masculina, um homem a atrai tanto mais quanto mais possuir essas qualidades.

Na qualidade de chefe de família, cabe ao homem a responsabilidade principal de todos os interêsses da comunidade familiar. A mulher deve tomar parte sobretudo como conselheira. É atitude estranha da mulher, observada comumente, não querer tomar decisões sòzinha, mas realizar, encarregando o homem do que havia deliberado e sugerido antes. Assim acontece quando se aconselha com o homem sôbre aquilo que já decidiu. Com êsse comportamento a mulher procura atingir um fim duplo: de uma parte realizar a própria vontade, e de outra aparentar obediência ao homem, atirando às costas dêle a responsabilidade.

Ao sentimento de grandeza, vastidão e sublimidade no homem, corresponde a generosidade e aversão à estreiteza de vistas. (O pedan-

Digitalizado com CamScanner

tismo do homem esconde com facilidade um traço feminino de seu caráter). O reverso dessa qualidade, elogiável em si, é a desordem, a imprecisão, na qual o homem cai muito mais comumente que a mulher.

Como o homem destina-se ao rendimento máximo, cansa-se muito mais depressa do que a mulher, sendo também menos tenaz. Daí, provàvelmente, também a tendência à impaciência e muitas vêzes a perseverança deficiente e a inclinação à comodidade.

Da sua coragem, intrepidez, amor ao positivo, provém a veracidade. O homem sincero odeia a mentira, o fingimento e tôdas as aparências. Verdade e justiça provêm da mesma fonte. O homem, mais que a mulher se encontra, em meio à vida pública, que o aprecia e estima tanto mais, quanto mais pode contar com a lealdade profissional e o sentimento de dever dêle. Por isso estas qualidades, juntamente com a observância e o respeito às leis justas, fazem parte do quadro característico da masculinidade verdadeira e autêntica. Devemos acrescentar ainda a seriedade da vida, conseqüência lógica da luta pela existência e da preocupação pelo pão cotidiano. Lançando um olhar de conjunto sôbre as considerações precedentes, vemos que o homem, embora não estando livre de aspectos fracos e de tendências perigosas, apresenta, todavia, nas suas disposições naturais tantos valores positivos que deixa perceber no espírito, mesmo no estado de natureza decaída, os vestígios de sua semelhança originária com Deus, e de ter recebido dêle na criação as bases naturais de seu destino como filho de Deus, concedidas com a graça santificadora.

Consideremos agora as qualidades características da mulher na vida moral. Conforme o destino de companheira do homem, a natureza e a atividade levam-na à ajuda, ao complemento, à guarda e à assistência. Daí o sentimento inato de amor para com o próximo, cuidado, compaixão e sacrifício. Uma mulher sem altruísmo, sem sentimento materno — casada ou não — é criatura desnaturada. Como o cavalheirismo representa o ornamento mais belo do homem, assim o sentimento materno é o aspecto mais formoso da figura da mulher. Tôda mulher que segue o impulso do coração deseja ser mãe dos próprios filhos ou de outros, grandes ou pequenos. Até em relação ao homem a mulher procura desdobrar o sentimento materno. Não apenas por causa dos filhos, mas também pela manifestação do próprio reconhecimento pelos seus cuidados delicados, o homem chama muitas vêzes a mulher: "Mamãe". Muitos homens, embora procurando escondê-lo, porque acreditam devê-lo à masculinidade, sentem saudade no fundo do coração da bondade feminina, de seus cuidados e auxílio, do sentimento materno.

Para o exercício da profissão de mãe, a mulher foi dotada pelo Criador de grande prontidão para o sacrifício, de capacidade de dedi-

Digitalizado com CamScanner

cação, de fôrça de abnegação, de paciência e perseverança. O homem, menos rico em sentimentos, é também menos capaz de proporcionar confôrto. Possui alma sensível à miséria, necessidade alheia, tato mais delicado para poupar aos outros humilhação e vergonha. Como companheira de vida do homem, que na luta dura pela existência se torna fàcilmente duro e rígido, ela possui qualidades particulares para difundir amor, calor e alegria. Como educadora dos filhos tem o dom de adaptar-se à vida psíquica das crianças. Em certo sentido a mulher continua sempre infantil, conserva a prontidão, vivacidade e naturalidade de criança. Grande conhecedor do gênero humano diz: "As mulheres são crianças adultas".

Quanto ao instinto sexual, na vida psíquica da mulher, os componentes físicos e psíquicos encontram-se em relação inversa aos do homem. Neste prevalece a esfera sensual, nela a sentimental. Ela, acima de tudo, quer amar e ser amada. A vida ao lado de um homem que não ama é para ela cheia de perigos não só para a saúde psíquica mas também para a saúde física, o que mostra como são irresponsáveis os pais que obrigam a filha a casar com um homem que não ama. Fator essencial do instinto sexual da mulher é o desejo natural e intenso de tornar-se mãe. Por isso a mulher sofre mais que o homem a falta de filhos. Embora a tarefa da procriação exija maior sacrifício da mulher que do homem, a falta de filhos ou seu número reduzido é mais freqüentemente culpa do homem que da mulher. No que depende de causas físicas, a falta de filhos deriva em geral da mulher. A mulher acha a continência sexual menos difícil, pois o instinto sexual físico é menos intenso e mais passivo. Por isso as mulheres estão menos sujeitas ao onanismo e ao adultério. Vice-versa, a maior emotividade torna-as mais apaixonadas no amor. Têm amor mais profundo, mais sentimental. Por isso suportam também mais dificilmente as desilusões nesse campo. As vítimas do suicídio por desilusões amorosas são na maioria mulheres. O amor sexual da mulher exige o direito à exclusividade. Quer ser o único objeto do amor pessoal do homem amado. Daí a defesa instintiva e a recusa a qualquer participação dêsse amor: o ciúme. Êsse sentimento é inato na mulher, pelo menos como disposição. Por isso existem na alma de qualquer mulher movimentos de ciúme. Como o amor é para elas mais apaixonado que no homem, pelo que entende com o aspecto sentimental, pode também inverter-se com maior facilidade e aspereza no contrário. Daí a tendência feminina ao ódio e vingança, a inclinação à hostilidade e implacabilidade. A intensidade do ódio feminino é, por sua natureza, impossível no homem; como também a perseverança e a insistência em aniquilar o adversário odiado. O exemplo de Herodíades é típico para a sêde de vingança e profundidade

Digitalizado com CamScanner

do ódio de que é capaz a mulher. O único pecado, cuja absolvição está reservada à Santa Sé, isto é, a acusação falsa de solicitação contra um sacerdote inocente diante do Tribunal Eclesiástico, é um delito que praticamente só pode ser cometido pelo ódio louco de uma mulher.

Conseqüência de tôdas essas qualidades da alma feminina é serem mui poucas as mulheres capazes de amizade profunda com uma representante do próprio sexo. Enquanto viver numa mulher o desejo característico de aparecer e fazer-se notar, ela só pode saciar a sêde de verdadeira amizade em relação ao homem. As amizades entre meninas, que nascem muita vez na época da puberdade, são sòmente efeito de instinto psíquico despertado, ou necessidade de dedicar-se a alguém com veneração exaltada, mas duram geralmente pouco e mui raramente merecem o nome de amizade. Grandes amizades entre mulheres na vida política ou na do espírito, são quase ignoradas pela história, e o instinto dos povos só dá lugar, nas fábulas e mitos, à amizade entre homens. Quanto mais forte é a responsabilidade da mulher tanto menos se abre à amizade com outra do mesmo nível. Com a amizade, assim também a inimizade feminina é de espécie particular. Dificilmente encontraremos um exemplo de dois ex-amigos que se odeiem. Poderão guardar rancor, no máximo se desprezarão ou se combaterão em campo aberto. Mas duas mulheres inimigas são capazes de odiar-se, de fingir e dissimular, de atormentar-se com o ciúme e tratar-se com crueldade, esquecendo completamente qualquer lembrança dos tempos passados em amizade (Goldschmidt).

A idoneidade física da mulher para a resistência explica-lhe a perseverança, diligência, laboriosidade e paciência. O sentimento do concreto dá origem ao do belo, à veia estética e bom gôsto. Esta qualidade, naturalmente, pode também degenerar, como vemos com freqüência no campo da moda. Mas é sempre índice de decadência e da negação da natureza feminina. O sentimento estético explica também a tendência inata para a ordem e a limpeza.

Já aludimos à consciência que a mulher tem da lei como obstáculo e limite à atuação concreta. Perdendo êste sentimento, ela não presta atenção nem mesmo ao contraste com a lei; assim se explica que na mulher podem coexistir condutas opostas do ponto de vista moral, sem preocupações de consciência. Assim se compreende também como a alma da mulher, ao lado da consciência mais delicada, da fidelidade ao dever e da pontualidade, pode dar lugar a ofensas inconsideradas de normas morais importantes.

À mutabilidade do sentimento e adesão ao concreto e ao pessoal, liga-se a conhecida inclinação ao capricho feminino. Além disso, a vida sentimental da mulher depende notàvelmente do fator físico. Médicos

Digitalizado com CamScanner

experientes declaram que são poucas as mulheres que não sentem psìquicamente a influência dos processos físicos do período de menstruação. A maioria fica deprimida mais ou menos intensamente nesses dias ou antes ou depois. Conforme as peculiaridades pessoais, manifestam irritabilidade, tristeza ou angústia. A medicina legal demonstra que a maioria dos delitos cometidos por mulheres, coincide com êsses dias. É nos dias intermediários entre um período mensal e outro que a vida psíquica da mulher se encontra no ápice de harmonia, equilíbrio e bem-estar subjetivo.

A timidez da mulher baseia-se na fôrça física menor e em representar ela o objeto da concupiscência masculina. Quando há o paroxismo do instinto masculino, com a falta simultânea de impedimentos morais e o emprêgo notável de fôrça física, pode dar-se a violação da mulher. É claro que para tôda mulher, mas particularmente para uma virgem, a violação significa grave perturbação psíquica. É tão intensa e duradoura, quanto mais jovem e inexperiente fôr a pessoa em questão. Especialmente as meninas inocentes, depois dessa terrível experiência, correm o perigo de não poder mais persuadir-se que o ato sexual no matrimônio representa a vontade de Deus, santificada, despertada pelo mais profundo amor conduzindo à felicidade. Nesse caso é preciso inteligência por parte do confessor para atenuar um pouco o dano psíquico, se ainda fôr possível. Quanto à vida da graça dessas infelizes, naturalmente não sofre dano algum. Nenhum teólogo sustenta hoje que a virgindade destruída, contra a vontade de uma menina, torne impossível atingir a *corona virginum* na vida eterna.

A tendência ao concreto no espírito feminino é fonte também da curiosidade, tão característica na mulher. Encontra prazer nas novidades, nas mudanças, na "moda". Daí a avidez de sensações, até a voluptuosidade na dor, a mania de exagerar. Neste último campo chega também à ilusão, de modo que a mulher muita vez acredita no que sugere a si mesma e aos outros, mesmo que não corresponda à realidade. É fenômeno muito parecido com as mentiras fantásticas das crianças. Há algumas mulheres doentes que pela avidez de sensações são capazes de esquecer repentinamente as dores, quando alguém lhes conta novidade excitante.

A mulher não pode escolher por iniciativa própria o companheiro de vida. Deve esperar a chegada do homem, a quem as qualidades dela pareceram tão atraentes que a deseja por espôsa. Assim se explica a vaidade, sedução e astúcia da mulher. Também a mania mórbida das pessoas histéricas de aparecer a todo o custo tem essa origem.

A inclinação da mulher para olhar mais a pessoa que a realidade, pode levá-la à parcialidade e com isso à injustiça. O sentimento para

Digitalizado com CamScanner

tudo o que é íntimo, vizinho, recolhido, abre caminho à mesquinhez e ao pedantismo. Considerando, além disso, a maior suscetibilidade sentimental e a tendência a imiscuir-se nos negócios alheios, que deriva da ambição de domínio muita vez inconsciente, é possível explicar o fenômeno tão freqüente da incompatibilidade entre mulheres. São comuns o acôrdo e a compreensão profunda entre irmão e irmã e também entre irmão e irmão, mais difícil entre irmãs. Tal se dá, às vêzes, nas comunidades religiosas femininas. Nem sequer o voto que as torna espôsas de Cristo e a comunhão cotidiana podem impedir, no círculo das irmãs e das suas relações com as superioras, certas tensões desagradáveis de vez em quando. Êstes fatos tornam-se ainda mais evidentes, se levarmos em conta uma fonte de fraquezas femininas de que provêm não poucas dificuldades, especialmente para a vida da comunidade. Trata-se da necessidade inata de expansão da mulher. Essa necessidade degenera com facilidade; torna-se loquacidade e mania de mexerico; manifesta-se nas murmurações, na delação e chega até a calúnia. Assim também a mulher carrega o segrêdo em vaso muito frágil. É compreensível, portanto, que a vida de comunidade seja muito mais difícil para as mulheres que para os homens.

"Em linhas gerais, quanto à posição da mulher no campo moral, podemos afirmar: a intensidade da vida psíquica da mulher é maior que a do homem. É capaz de superar de longe o homem, tanto no bem como no mal. É verdade que o homem raramente cai tão baixo como a mulher, mas não atinge também a altura dela, salvo casos excepcionais" (A. Niedermeyer).

Tendo presentes as considerações sôbre as características psíquicas dos dois sexos do ponto de vista moral, passemos à aplicação concreta nos sete vícios capitais que dificultam o caminho da perfeição para o homem, corrompido pelo pecado original.

A inclinação pecaminosa à soberba existe em ambos os sexos, mas de modo diverso. No homem manifesta-se freqüentemente com a consciência exagerada do próprio valor, como vontade de dominar, e em casos especiais degenera em tirania. Em determinadas pessoas a soberba exprime-se como recusa de qualquer opinião alheia, ou no orgulho ou na vaidade. As formas femininas da soberba são a vaidade e a sêde de domínio. Dominar os outros mediante o amor: é êsse o desejo de muitas mulheres.

Encontra-se igualmente a avareza nos dois sexos. Se quisermos, porém, compará-los, deveremos dizer que, em conseqüência da tarefa de administrar a casa, a qual cabe naturalmente à mulher, da sua atenção às minúcias e pouca inclinação à prodigalidade, a avareza deveria ser mais freqüente nas mulheres do que nos homens.

Digitalizado com CamScanner

A luxúria é vício principalmente masculino, pelo menos no sentido de partir a sedução normalmente do homem e que o vício solitário se apresenta muito mais nos homens. Explica-se pela maior intensidade do instinto masculino.

A inveja, ao contrário, é mais conforme à índole feminina: inveja, alegria maligna, sêde de vingança e ciúme são defeitos especiais das mulheres.

A gula é fraqueza mais do homem. A sensualidade mais forte e a maior liberdade social conduzem-no a êste vício. Manifesta-se nas mulheres mais no caráter pretensioso, no descontentamento, na gulodice, especialidade de muitas delas.

A ira corresponde mais à característica masculina, enquanto na mulher se manifesta pela obstinação, aborrecimento e irreconciliabilidade.

A preguiça, no sentido da comodidade, encontra-se principalmente no sexo masculino, como podemos observar nos povos primitivos onde o homem, como senhor da criação, pretende para si a autoridade (otium cum dignitate), enquanto deixa para a mulher quase a totalidade do pêso do trabalho.

Os vícios capitais são outras tantas paixões desordenadas dos homens. Já falamos da importância e da natureza das paixões, depois trataremos de suas divisões principais. Aqui antecipamos apenas que as paixões podem dividir-se em dois grupos fundamentais: a paixão dominante "sensibilidade" e a paixão dominante "orgulho". É óbvio que nesses dois grupos podem enquadrar-se tanto homens como mulheres. Todavia, é lícito formular a pergunta: quais as paixões próprias ao sexo masculino e quais as do sexo feminino? É peculiar ao homem agir na vida pública, impor-se, aspirar à honra e estima do público, procurar ser alguém na consideração pública e estar pronto a lutar para êstes fins. São outras tantas expressões da paixão "orgulho". A mulher, ao contrário, pode afirmar-se na vida mediante a paixão dominante da própria alma, isto é, o amor. Seu desejo é entregar-se ao amado, torná-lo feliz pelo amor, aí encontrando a própria felicidade. Sua alegria é tornar a vida alheia quente e confortável por meio do sentimento materno. O impulso intenso de sua alma é indício da paixão fundamental: "a dedicação".

Falta ainda aplicar a diferenciação psíquica dos sexos aos temperamentos. Também dêsse tema trataremos depois mais amplamente. Aqui queremos apenas dizer que se encontram nos dois sexos tôdas as diversidades de temperamentos. Portanto apenas podemos falar do prevalecimento de temperamentos segundo o sexo. Quanto a isso é possível afirmar que os homens são mais coléricos ou fleumáticos, enquanto as mulheres são geralmente mais sanguíneas ou melancólicas.

Digitalizado com CamScanner

Capítulo 5

Psicologia pastoral no cuidado das almas masculinas

Assinalando a mentalidade masculina o pensamento sóbrio, abstrato, e, por conseguinte, a vontade resoluta e enérgica, as pregações e instruções, no cuidado pastoral dos homens, devem distinguir-se pela clareza e densidade de pensamento e claro apêlo à vontade. Qualquer acentuação causada pelo sentimento, qualquer exagêro afetivo e qualquer espécie de sentimentalismo desagrada ao homem dotado por natureza de menor intensidade de sentimento, e nêle alimenta o preconceito de serem a religião e a devoção mais apropriadamente femininas.

A orientação espiritual do homem para o essencial e positivo comporta a necessidade da maior brevidade possível nas conversas e nas exortações no confessionário. A paciência masculina esgota-se muito mais depressa que a longanimidade e a dose de sacrifício da mulher.

Devemos ir ao encontro da disposição natural à atividade do homem, apontando-lhe o sacerdócio leigo, especialmente a posição cheia de responsabilidade como chefe de família; atraindo-o a tarefas que se relacionem com a paróquia, o apostolado no âmbito da Ação Católica. Também a administração das taxas eclesiásticas deve passar completamente às mãos dos leigos, pois está em contradição com a missão sacerdotal a arrecadação de taxas obrigatórias.

Embora o homem se distinga pela coragem e valor — basta pensar nos atos heróicos dos soldados em tempo de guerra — todavia a vida religiosa é às vêzes dificultada em medida mui considerável pelo respeito humano. Assim acontece porque se considera, em vastos círculos da opinião pública, a participação ativa na vida religiosa como tarefa feminina. Por isso o homem a suprime com facilidade, visto não suportar o menosprêzo da virilidade ou palavras de zombaria ou desprêzo. Devemos então demonstrar que a participação na vida religiosa é obrigatória para êle, tanto quanto para a mulher — naturalmente para o homem em atitude viril — e a confissão da sua convicção indica muito mais coragem viril que a negação envergonhada. Neste ponto é bom apresentar o heroísmo de homens cristãos de todos os tempos, a coragem viril que atinge o ápice não na perseguição dos inimigos mas no martírio, na doação da própria vida, no testemunho com o derramamento do próprio sangue.

O cuidado pastoral ao elemento masculino não deve esquecer que o homem, muito mais fàcilmente que a mulher, está sujeito a crises

Digitalizado com CamScanner

de fé e de moral. O homem afasta-se com maior facilidade e mais vêzes de Deus e da Igreja, torna-se vítima do racionalismo e do cepticismo. A mulher tem ligações sentimentais fortes com Deus, sente-se segura no amor e sob sua proteção. Ama-o com a totalidade de seu ser e por isso nem mesmo as crises espirituais podem afastá-la completamente de Deus. É bem diferente a situação do homem. Seus laços sentimentais são muito menos fortes e não possui a certeza intuitiva do verdadeiro e do bom. Devemos ainda acrescentar serem menores nêle a paixão e a perseverança. Por conseguinte, está exposto a perigos maiores nos períodos de provação e crise religiosa e cede mais depressa nos conflitos ideológicos. Nesses casos é preciso, em primeiro lugar, intensificar e enraizar profundamente no homem o ideal da devoção masculina. Além disso, é preciso aproveitar as energias fundamentais próprias à natureza masculina na tendência combativa e criadora. Experiência óbvia nos ensina que certos homens se revoltam e deixam de lado o dever religioso até que a autoridade o facilite ou eventualmente o imponha. Se, ao contrário, lhes proíbem o mesmo dever, alguns passam a participar dêle com maior entusiasmo. Observou-se na Alemanha, durante o período nazista, que, quando a procissão de Corpus Christi sofreu maiores restrições, nela tomaram parte muito maior número de homens do que antes. Há inúmeros homens dêsse tipo: quando uma autoridade competente lhes diz: "deves rezar", desculpam-se com uma porção de "mas" e "porém"; e quando ouvem dizer por meio de uma lei injusta: "não te é permitido rezar", dizem: "agora rezarei mais do que antes". O homem é impelido, por natureza, a tudo conquistar por meio de luta; posição, pão cotidiano, mulher e até a liberdade de cumprir com o dever religioso.

O espírito combativo do homem oculta em si um perigo: o homem empenha-se todo na luta pelos seus direitos, pelo lugar na sociedade, pelas atividades exteriores, esquecendo-se de que o primeiro e o mais importante dos trabalhos deveria realizar na própria alma. A admoestação de preocupar-se sòmente com o que é único e necessário não se dirige apenas a Marta, atarefada com tantas ocupações, mas também ao homem muito ocupado. Até o sacerdote corre o perigo de descuidar-se da vida interior por causa dos trabalhos exteriores, realizados com as melhores intenções.

Outro aspecto deficiente da atitude religiosa masculina é a fraqueza da ligação pessoal com Deus. Não possui a capacidade de amar com a totalidade de seu ser e por isso não pode também dar-se completamente. Assim sendo sua posição em relação a Deus é muita vez, reservada, impessoal, parca, abstrata. A oração é mais de pensamento que de amor. A fôrça de dedicação e sacrifício é menor; abate-se espiritualmente com

Digitalizado com CamScanner

mais facilidade que a mulher quando se confronta com a provação e falta de empenho onde a mulher sofre e suporta por amor. É importante, em conseqüência, educar o homem em amor ardente para com o Deus uno e trino. A pilastra fundamental da sua vida religiosa deve consistir antes de tudo no amor entusiasta por Cristo. Assim também, a veneração terna pela Mãe de Deus ajudará a domar a índole rude e impetuosa do homem e lhe desenvolverá os aspectos nobres.

O segundo elemento fundamental da psicologia masculina é o impulso criador. Exprime-se sob dois aspectos: da família e do trabalho. Quanto ao primeiro, o cuidado pastoral dos homens de hoje deve visar ao despertar da alegria pelos filhos, combatendo o tão difundido onanismo conjugal, pelo qual é responsável mais o homem que a mulher. O fato deplorável de se aproximarem dos sacramentos, na Alemanha, apenas um quarto dos homens católicos, demonstra que o homem justamente nesse ponto de sua conduta matrimonial, não quer receber instrução do sacerdote. Por outro lado, êsse fenômeno nos fornece a prova de que nesse campo ainda há muito a corrigir. Cuidado pastoral inteligente terá em mira também a valorização máxima do caráter ativo e operante que impele o homem para a ação decidida. Se lhe é vedado um campo de atividade que lhe corresponda às fôrças e que dê satisfação, êle, amargurado e descontente, procura logo uma compensação que o satisfaça, o que freqüentemente se torna perigoso para a vida religioso-moral. O mesmo pode dizer-se do sacerdote que — como às vêzes acontece — trabalha num campo de atividades restrito. Se um pastor de almas, ainda em pleno vigor dos anos, se encontra em lugar isolado, onde o trabalho semanal termina com o sermão dominical ou com duas ou três aulas na escola, mais uns dez batismos e oito visitas aos doentes por ano, não devemos admirar se perder a alegria da vida e da atividade sacerdotal. As autoridades responsáveis deveriam preocupar-se sèriamente com essa situação e refletir com profundeza sôbre o problema ou, pelo menos, examinar muito bem o homem que ficará sujeito a tal sacrifício, e não se admirar se um ou outro falta à sua missão e cai espiritualmente.

Capítulo 6

Psicologia pastoral no cuidado das almas femininas

A psicologia da mulher caracteriza-se antes de tudo pela fôrça e profundeza de sentimento. Assim se explica também a inclinação que tem pela intimidade, espiritualidade, desejo ardente de ser útil ao pró-

Digitalizado com CamScanner

ximo, de cuidar, de socorrer. É claro que êste dote natural pode ser colocado com facilidade a serviço de sua vida religiosa. A religião cristã é mais rica de valores sentimentais que qualquer outra. Basta pensar no ensinamento sôbre o amor próvido e paterno de Deus, sôbre a Encarnação e a Paixão do Salvador, sôbre o mistério da Santíssima Eucaristia, sôbre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora. Muitas verdades religiosas e formas de oração têm, portanto, efeito mais vistoso sôbre a alma feminina. Mas, justamente por isso, a mulher está mais exposta ao perigo da exaltação e do sentimentalismo mórbido. Assim é preciso orientar a mente da mulher para o essencial, o verdadeiro e o espiritual. O Redentor disse à samaritana que Deus deve ser adorado "em espírito e verdade" (Jo 4,23).

Outro aspecto característico da psicologia feminina é a ligação intensa ao que é pessoal; é a raiz de sua maior fôrça de amor e da capacidade de dar-se sem reservas. Devemos procurar que êsse laço ao pessoal se inspire no amor puro, pois, de outra forma, degenera fàcilmente em capricho, parcialidade e transforma-se repentinamente em aversão. Dessa ligação com o pessoal, tão forte na alma feminina, resulta também a facilidade de sentir-se segura na proteção, no amor e na misericórdia de Deus, de chegar ao amor ardente e entusiasta por Cristo. O exercício da humildade e da confiança, tão indispensáveis para a vida cristã, é menos fatigante para a mulher do que para o homem. Da mesma forma, para a mulher é mais fácil abrir a alma. Há naturalmente o perigo de ver no confessor não o mediador entre Deus e a própria alma, mas a pessoa do sacerdote, tornando-a têrmo de aspiração e de desejo. É lógico, portanto, que o diretor espiritual das mulheres possua personalidade irrepreensível e notável medida de altruísmo, se quiser conduzir diretamente para Deus uma alma feminina a êle confiada. A palavra do precursor deve tornar-se seu lema: "Êle (Cristo) deve crescer, eu diminuir" (Jo 3,30).

Tôda a direção espiritual da mulher, para ser bem feita e fecunda, deve aproveitar-se do ideal especìficamente feminino, que se exprime no binômio virgindade e maternidade. Em qualquer alma nobre de mulher — não importa se casada ou não — a virgindade e a maternidade devem harmonizar-se e completar-se recìprocamente. Não é a virgindade nem a maternidade só que representam o ideal feminino. Êsse ideal, na sua perfeição total, mesmo pelo aspecto físico, realizou-se apenas em Maria, "miraculosamente Mãe e ao mesmo tempo Virgem". Mas seria êrro pensar que à virgem seja vedado todo sentido de maternidade e à mãe seja impossível conservar virgindade espiritual. Sto. Agostinho já declarava que a mulher, embora renunciando no matrimônio à virgindade física, deve conservar a espiritual. Pureza e amor

Digitalizado com CamScanner

são, portanto, duas virtudes cuja fusão harmoniosa constitui o ideal da virtude feminina. O amor torna a alma atraente, a pureza coloca-a a distância respeitosa. Em última análise alguns reconhecem o ideal feminino quando consideram maternidade e virgindade como inconciliáveis também como valores espirituais, pela razão de se excluírem reciprocamente do ponto de vista físico. É justamente o contrário. Tanto a mãe como a virgem devem unir em si o sentimento materno e o virginal, pois de outra forma o ideal feminino ficaria pela metade. A maternidade é amor cheio de abnegação, que faz o dom de si mesmo. A virgindade é reserva total do próprio amor para dá-lo, consigo mesmo inteiro a Deus. A maternidade da mulher suscita nos outros uma sensação de refúgio seguro e de amor; a virgindade, ao contrário, desperta o sentimento da intangibilidade, do respeito profundo. Já que hoje devemos lutar pelo verdadeiro ideal feminino que renove o mundo, é muito importante acentuar a fusão necessária entre maternidade e virgindade. Se falta um dêsses elementos, o ideal feminino fica automàticamente diminuído e falsificado. Também a alma virginal, como a das religiosas, deve sentir a maternidade, que pode exprimir-se no cuidado dos enfermos e das crianças, no apostolado da oração e no serviço contínuo da caridade. Sem calor materno, a virgindade torna-se fria, rígida, fossilizada, sem doçura nem graça. No entanto, também a maternidade da mulher casada deve estar unida à virgindade espiritual que a torne intangível para o homem. Êle deve permanecer diante da mulher, apesar de todo o amor e de tôda a confiança, a respeitosa distância. Deve ver nela o aspecto sagrado, que não ousa tocar e pretender tôda para si, por perceber que, em virtude de sua virgindade espiritual, pertence só a Deus. Em última análise, trata-se apenas de acentuar um ou outro dos dois pólos do ideal feminino: para a virgem será a virgindade materna e para a casada será a maternidade virginal" (H. Schmidt).

Era, portanto, errado nas associações da juventude feminina apresentar a virgindade como o único bem. Educar boas mães cristãs em pureza virginal e, portanto, pintar em côres vivas também o ideal da mãe cristã e apresentá-la como modêlo, deveria ser uma das tarefas principais dessas associações. O que nem sempre tem acontecido.

Nunca se poderá sublinhar bastante que bênção representam os filhos para a mulher, não só do ponto de vista psíquico, mas também do físico. Não é raro o caso de môças, que durante anos sofreram diversas formas de neuroses, ficarem curadas logo que se tornam espôsas felizes e mães de criança sadia. Os filhos são justamente o desejo natural mais profundo de todo coração genuìnamente feminino. Naturalmente custam paciência, sacrifício e preocupações. Mas é no desdobra-

Digitalizado com CamScanner

mento e na ativação dessas disposições femininas que a mulher encontra a própria felicidade.

É óbvio que a mulher, compreendida sob o ideal duplo da maternidade e da virgindade, poderá defender melhor a dignidade do matrimônio contra a profanação do abuso conjugal. Educará o marido, pela sua pureza, ao respeito tão profundo de modo que êle, levando em consideração seus sentimentos e dignidade, aceitará o sacrifício da continência, ou ela, com seu sentimento materno pronto ao sacrifício, aceitará todos os filhos que a Providência divina quiser conceder-lhe.

O sentimento virginal da mulher é também a maior garantia natural da duração feliz do matrimônio. O homem deseja conquistar a mulher, não só antes do casamento, mas também nêle e conquistá-la sempre de nôvo. Se a mulher se conserva espiritualmente virgem permanece sempre desejável e atraente para o marido, protegendo assim do melhor modo a fidelidade conjugal. Como a môça que se oferece com sensualidade desenfreada e com desfaçatez cínica desagrada ao homem, assim acontece também no matrimônio. Neste caso o homem sente-se mais atraído pela mulher que esconde com delicadeza feminina o próprio desejo de amor e se entrega sem todavia tomar a iniciativa. Não conhecer nunca o homem completamente a alma da espôsa já é sinal de que na mulher sempre fica um pouco de impenetrável à fôrça do amor que o homem sente. Permanece nela sempre algo de enigmático, mundo nôvo inexplorado que o aprisiona e lhe mantém vivo e fiel o amor. Assim, pureza e amor tornam-se a base da vida e da felicidade conjugal. Firmar essa base deve ser o primeiro objetivo do cuidado pastoral das almas femininas.

Capítulo 7

Psicologia da vida sexual

Na época do materialismo ateu, consideravam a função sexual dos homens apenas como meio de satisfação da libido, cujas conseqüências naturais podiam ser evitadas com violações arbitrárias das leis da natureza. O fanatismo racial dos últimos anos, sem nenhum sentimento espiritual, descobria no instinto sexual um meio para tornar o próprio povo grande e poderoso, pronto a combater e exterminar outros povos e outras raças, mediante o desprêzo dos direitos humanos mais primitivos, aniquilando ou impedindo a vida dos sêres fracos e não idôneos para a luta e criando os descendentes da raça pura. Diante dêsse conceito de vida sexual, contrário à dignidade humana, perguntamos qual

Digitalizado com CamScanner

seja o significado e o alvo da sexualidade, desejado por Deus e digno do homem. Da resposta a essa pergunta aparentemente teórica, resultam conseqüências para a psicologia e para a prática da cura pastoral. Indica-se em geral a geração de nova vida e a propagação da espécie como objetivo da sexualidade humana. É a verdade, porque está de acôrdo com a natureza de muitas qualidades sexuais do homem e da mulher. Mas aí não está a relação completa do complexo sexual e, menos ainda, da grande diferenciação psíquica que se manifesta nos dois sexos. E mesmo se tôda a esfera sexual se destinasse à procriação, ficaria sempre a pergunta: Por que o Criador quis para a geração justamente a forma bissexual, quando no resto da natureza existem também outras formas de propagação? "Mas a essência da sexualidade deve ter razão mais profunda, uma vez que abarca e fundamenta também as peculiaridades psíquicas dos dois sexos. Observação demasiadamente superficial pode demonstrar-nos que o homem e a mulher completam-se recìprocamente, que se comportam como partes de um todo de natureza superior, mesmo em outros setores que nada têm a ver com a procriação. O homem parece fragmentado na sua totalidade física e psíquica. Uma relação polar de atração e repulsão recíproca, de um procurar-se e escapar-se, fornece os elementos de processo vital singular. Nessas tensões está expressa a intenção do Criador, segundo a qual os dois sexos devem fundir-se numa síntese determinada, completar-se recìprocamente numa criação ulterior, que ultrapasse os indivíduos, sem anulá-los" (F. Zimmermann).

Mas nem mesmo a função integradora dos sexos, no sentido do aperfeiçoamento de cada um, explica o significado último da sexualidade. Surge outra pergunta: por que Deus criou cada ser humano de tal forma que tenha necessidade de um complemento, e por que, por outro lado, êsse complemento deve vir por meio de outro ser pessoal? Estamos aqui na metafísica da sexualidade. A razão última está apenas na vontade do Criador de dar vida, por meio do ser particular, a organismo humano superior: a comunidade dos indivíduos diferenciados. Na ordem do plano divino da criação, essa comunidade está colocada acima do ser particular; o todo tem mais valor que as partes. O indivíduo está orientado para a comunidade e a ela deve servir. Assim a comunidade homem-mulher é o protótipo e o modêlo de qualquer comunidade humana. Nela o homem e a mulher atingem o aperfeiçoamento natural, nela o ser pessoal eleva-se à vida vivida em conjunto, um pelo outro, em complemento recíproco. Por isso a família não é uma comunidade, mas *a comunidade* dos homens. E justamente não só no setor natural, mas também no religioso. "A cabeça de todo homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem, e cabeça de Cristo

Digitalizado com CamScanner

é Deus... O homem, portanto, não deve cobrir a cabeça, porque é imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem. De fato, o homem não é da mulher, mas a mulher do homem. Pois o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem" (1Cor 11,3ss).

A sociedade entre o homem e a mulher, a simbiose sexual, não tem, portanto, como finalidade só a troca de bens terrenos, mas por tarefa suprema a mediação entre a comunidade e Deus. A mulher chega a Deus por meio do homem, como Deus chega à mulher por meio do homem. Assim aconteceu na criação da mulher e assim continua na criação posterior, no processo vital dos sexos. Dessa forma o homem é o mestre e o sacerdote da mulher. É por isso que a mulher não pode exercer e administrar no cristianismo o ofício sacerdotal, embora deva à religião cristã a própria dignidade e posição social. Antes do pecado original o vínculo conjugal era também comunhão sobrenatural com Deus, no qual o homem foi mediador dos bens e das graças divinas. A mulher foi santificada mediante a união com o homem; por meio dêle a mulher era admitida não só à comunicação da natureza humana mas também à da vida divina da graça. Com o pecado original, no qual o homem caiu por meio da mulher, a corrente da vida sobrenatural separou-se do vínculo conjugal e agora caminha por conta própria.

Cristo tomou o lugar de Adão. Maria tomou o lugar de Eva como Mãe dos vivos e pela Igreja, como mãe de tôdas as almas em estado de graça. E o matrimônio torna-se agora, segundo o ensinamento do apóstolo Paulo, o grande mistério e a imagem da união vivificadora e cheia de graça de Cristo com sua Igreja. "Na nova ordem, também o vínculo sexual foi santificado, como imagem da união de Cristo com a alma em estado de graça, como era no estado primitivo, quando o homem representava ainda para a mulher o mediador da graça sobrenatural. Com a santificação do homem e da mulher, mediante a união com Cristo, também se leva a sua união novamente à função sobrenatural originária. No sacramento do matrimônio consagra-se o homem outra vez sacerdote da mulher, de modo que o casamento, como no estado primitivo, se torna comunhão não só de bens humanos, mas também dos bens divinos" (Zimmermann).

Dêste conceito conclui-se que o homem deve ser social e econômico, guia do círculo familiar não só no aspecto social e econômico mas também religioso. É uma inversão da ordem desejada por Deus que o homem seja levado pela mulher ao cumprimento dos deveres religiosos. Infelizmente, tal é a situação de hoje, na maioria das famílias. Impõe-se a renovação e o aprofundamento da religiosidade masculina, se qui-

Digitalizado com CamScanner

sermos que as famílias possam merecer o nome de "cristãs". A devoção das mulheres e das crianças não é suficiente para conservar a religião de um povo. A vida pública é sempre determinada pelo homem. E a vida religiosa não é só assunto privado, mas em primeiro lugar público, dever da coletividade.

O homem não pode cumprir com sucesso a missão de sacerdote da família se não estiver pronto para o sacrifício. O sacrifício é também e sempre o dever principal do sacerdote. O sacrifício especial do homem na família consiste em ter de providenciar e carregar a responsabilidade principal, para que o casamento fique puro e sagrado, e se conserve a fidelidade conjugal. Todos sabem que o Redentor restabeleceu o ideal do matrimônio único e indissolúvel, como era antes da queda do homem, como norma obrigatória para todos os tempos. A indissolubilidade e a unidade não são exigidas só pela relação numérica dos sexos, mas também pela dignidade da vida espiritual dos homens. "O êrro fundamental de qualquer tentativa moderna de reformar o matrimônio uno e indissolúvel, como instituição superada, parte da idéia de ser o amor conjugal embriaguez dos sentidos. O verdadeiro amor conjugal é uma forma duradoura com completação recíproca do próprio ser. O amor verdadeiro, digno do homem e moralmente elevado, é uma das experiências mais profundas do homem. Mas, quanto mais profunda é uma experiência, tanto mais singular e tanto menos se sente a necessidade e o desejo de repeti-la sob outra forma, pois é capaz de encher uma vida inteira com o ardor e a fôrça que possuir" (Ruland). Comparemo-la, por exemplo, com a conversão religiosa de um indivíduo que consegue transformar e encher tôda a vida. Certamente, a fidelidade conjugal é um sacrifício, não tanto no início da vida matrimonial, mas mais tarde, pela idade dos 50 anos, quando a vida instintiva do homem aumenta, enquanto a fôrça natural de atração da mulher está decrescendo e ela, especialmente nos anos do climatério, sente muitas vêzes aversão patente contra as relações sexuais, prejudiciais para ela nesse período também por motivos de saúde. Mas o homem fiel, na fôrça da graça do sacramento do matrimônio, sabe que pode tudo o que Deus exige dêle. Além disso o pensamento do grande sacrifício da maternidade, que a mulher aceitou por amor ao homem, dar-lhe-á fôrças para recompensar êsse amor com gratidão e fidelidade. Ainda mais, também no matrimônio feliz, os homens devem repetida e dolorosamente experimentar que nesta terra não existem felicidade e amor perfeitos. A sêde de amor do coração humano não se satisfaz completamente nesta terra nem física nem espiritualmente, nem no matrimônio mais feliz, nem com o consumar-se a serviço de uma grande causa.

Digitalizado com CamScanner

* * *

Para compreender a psicologia da vida sexual é preciso conhecer também a natureza e a função do *pudor*. O materialismo procurou muitas vêzes considerar o pudor como simples resultado da educação e não elemento natural da vida psíquica. Ao contrário, devemos afirmar que também a psicologia médica concebe o pudor como fenômeno profundamente enraizado no conjunto dos reflexos e não produto da educação convencional, como querem apresentá-lo os cultores de nudismo exagerado. Considerado do ponto de vista psicológico, o pudor ocupa posição intermediária entre o instinto da cólera e o do mêdo. Na essência consiste em sentimento penoso de repugnância que se levanta, quando terceiras pessoas, sem consentimento pessoal, procuram imiscuir-se, como espectadores ou testemunhas, na realidade da própria sexualidade consciente. Fisiològicamente, acompanha-o reação positiva, característica dos sentimentos do grupo colérico (p. ex. rubor no rosto), comportando, todavia, ao mesmo tempo, sensação de aborrecimento, como a encontramos nos sentimentos do grupo *mêdo*. O pudor surge no homem como defesa evidente da alma contra a imposição da vida instintiva. Como defesa extremamente íntima da alma, protege o homem de índole boa contra a condescendência impensada às instigações do impulso instintivo, pois encontra nesse sentimento, corretivo psíquico e contrapêso. Devido a essa finalidade própria, compreende-se como o pudor seja notàvelmente mais fraco na idade infantil e senil, e não nos anos de pleno vigor sexual. Encontramos, de igual maneira, proporção direta entre a intensidade do pudor e a fôrça do instinto sexual, de modo que devido ao forte sentimento de pudor podemos inferir forte instinto sexual e vice-versa. Julga-se e ressente-se a ofensa ao pudor de maneiras diferentes, conforme o costume, origem, clima e circunstâncias. Por isso a divisão do corpo em partes decentes, menos decentes e indecentes, como encontramos em velhos e, infelizmente, em recentes tratados de moral, não tem fundamento teórico nem serve para o julgamento prático do lícito ou do indecente, como se se tratasse de uma espécie de circunscrição de zona determinada. Assim dizendo, naturalmente, não queremos desconhecer ou negar que, nas circunstâncias normais da vida, os desnudamentos de vários gêneros possam produzir maior ou menor escândalo ou ter efeitos excitantes. Mas nada do que Deus criou é pecaminoso ou indecente em si mesmo, e o efeito lesivo ao pudor depende das circunstâncias, que não têm relação alguma com as partes do corpo. Não há dúvida que algumas vêzes a nudez completa é menos excitante que um vestido provocador, que acentua as

Digitalizado com CamScanner

formas do corpo em vez de escondê-las, estimulando ainda mais a fantasia. Uma mulher que amamenta o filho, produz menos excitação que uma jovem que participa de uma dança com um vestido transparente e muito decotado. O problema todo contém no terreno prático, o mesmo fator irracional da vida real que se encontra por tôda parte; e é justamente muito difícil e complexo para poder resolver-se mediante fórmulas simples.

A propósito do pudor, queremos tratar resumidamente de duas espécies de divertimentos muito difundidos entre a juventude moderna: o *baile* e o *cinema*.

A dança é essencialmente a arte de mover-se graciosamente segundo o tempo e o ritmo de uma melodia. Algumas danças representam o domínio do espírito sôbre o corpo; outras servem para exprimir alegria, pensamento ou são efeitos da habilidade. Os movimentos rítmicos do passo e do corpo podem despertar prazer artístico. Mas, em todos os tempos e povos, diversas danças tornaram-se símbolos da vida erótica. O homem corteja, a mulher consente e então os dois se alegram na aproximação mútua e na posse recíproca passageira. Até êsse simbolismo pode conservar-se em formas lícitas e dignas. Mas explica-se também com facilidade como, com o pretexto da dança, os instintos inferiores procuram superar as formas lícitas do simbolismo erótico e representá-lo de modo correspondente ao próprio impulso. Chegamos assim às danças modernas que, em geral, não passam de ocasião próxima para a realização e satisfação do desejo sexual. Mas até mesmo as danças de per si inócuas podem servir à satisfação de desejos impuros quando os participantes assim o quiserem. Mulheres e homens dançam com intenções diferentes, segundo índole natural. As jovens, pela inclinação à graça e elegância, têm muito mais talento e disposição para a dança que os rapazes. A alegria do movimento rítmico e leve lhes é inata e para as que não se corromperam não têm qualquer significado erótico. Tanto é verdade que dançam com prazer mesmo entre si, o que raramente acontece entre rapazes. Para o jovem, afinal, no baile importa sobretudo a alegria da companhia feminina. É lógico que tal situação pode representar para êle o perigo de ceder às insistências do impulso natural. Há além disso o perigo das bebidas alcoólicas, dos trajes nem sempre decorosos, da música muitas vêzes sensual, da hora avançada e do caminho de volta para casa. Só pessoas completamente ingênuas podem crer que apesar de tudo isso, os bailes sejam inócuos para a conservação da pureza. Naturalmente devemos admitir que indivíduos de caráter firme podem dançar, sem o mínimo dano para a alma.

Outro divertimento hoje muito difundido e popular é o cinema. Embora concedendo que muitos filmes são irrepreensíveis, todavia há

Digitalizado com CamScanner

inúmeros outros que são calculados deliberadamente para a excitação sensual. As tristes conseqüências são várias. Para o mundo masculino os filmes que excitam, às vêzes de modo refinadíssimo, a fantasia, representam perigo imediato. Para as jovens o perigo principal consiste em aumentar artificialmente o desejo natural de amor apresentando-se-lhes a vida erótica de modo falso e irreal. Acontece assim que vão ao encontro da vida, do amor e do casamento com exigências e pretensões sempre crescentes, expondo-se a amargas desilusões, pois a realidade é muito diferente do sonho. O mesmo aplica-se aos romances, que pintam a vida de modo completamente diverso da realidade. A maioria dos romances fecha os olhos com mêdo diante da realidade da vida, quando se encerram com o casamento daqueles que, após inúmeras dificuldades, finalmente conseguem encontrar-se. A descrição objetiva e os sacrifícios da vida matrimonial no cotidiano não aparecem na maior parte dos romances e das películas cinematográficas.

* * *

Apresentamos agora um resumo de algumas considerações de Rhaban Liertz, relacionadas com as questões de que tratamos, no seu livro *"Harmonien und Disharmonien des menschlichen Trieb-und Geistelebens"* (Harmonias e desarmonias na vida sexual e espiritual do homem).

A escolha dos futuros cônjuges, na hipótese de que a causa primeira do matrimônio seja o amor e não outras razões, como herança, imposição dos pais etc., depende de poucos elementos decisivos, conscientes e pessoais. Sabemos que o primeiro movimento de uma atração erótica surge independentemente da vontade do indivíduo. O homem parece atraído mais pelas formas e pela graça da mulher e esta mais pelo comportamento dêle. Felizmente a beleza constitui valor que não é supervalorizado em geral no reino do inconsciente; e muitos reconhecem que uma pessoa externamente bela não é de per si e em tôdas as circunstâncias a mais desejável. Parece que a faculdade seletiva da atração sexual tenha vista mais perspicaz para distinguir o comportamento do que para apreciar a forma e saiba avaliar, com segurança surpreendente, o incremento necessário de fôrça que o completamento da afinidade seletiva promove em favor da geração futura. Só assim se explica o amor que determinado indivíduo sente por determinada pessoa, amor que muitas vêzes parece inconcebível a terceiros. Os motivos mais profundos e decisivos da atração por determinada pessoa e o desejo de tê-la como companheira de vida, escapam ao julgamento humano e permanecem misteriosos. É curioso que, muitas vêzes, justamente os sêres de natureza

Digitalizado com CamScanner

diversa sintam atração recíproca, enquanto os de índole igual ficam indiferentes. A ciência biológica atribui êsse fenômeno à intenção oculta da natureza que tende ao bem da descendência, mais garantido pela união de elementos heterogêneos. Mas daí resultam não poucas crises matrimoniais e divórcios. Prova-se também que a atração sexual entre dois indivíduos resulta de fatôres em parte desconhecidos para nós, que contêm freqüentemente elementos irracionais, verificando-se que a atração pode manifestar-se mesmo quando não existe perspectiva alguma de matrimônio. Não se trata de assunto de muitos romances: é causa de inúmeras tragédias na vida real. O amor que o homem dedica à mulher que deseja desposar apresenta tendência estranha à idealização e à supervalorização que parecem indispensáveis ao eu para aceitar ligação tão forte como a do amor. Também a mulher, no entusiasmo do afeto, parece não perceber os defeitos do homem, mesmo os grandes e evidentes, ou, pelo menos, espera, confiante, que êle queira livrar-se dêles por amor a ela. Assim se explica por exemplo, que uma jovem case com um homem que sabe ser beberrão inveterado.

Para compreender a atração recíproca dos sexos ajuda o conceito da chamada polaridade. Esta compreende não só uma diferença qualitativa de reações, mas também uma espécie de tensão que impele à compensação. Sua lei é: os elementos heterogêneos se atraem, enquanto os homogêneos se repelem". Niedermeyer diz: "Os dois sexos se completam um ao outro, tanto mais perfeitamente quanto mais acentuadamente a personalidade de um encontra compensação na polaridade heterogênea do outro".

À luz dêste princípio torna-se evidente que um homem, de caráter acentuadamente masculino, sinta-se atraído por uma mulher de caráter feminino-materno e repelido por uma mulher de maneiras masculinas. A supramencionada atração explica o "matrimônio de contrastes".

Um homem de maneiras femininas sentir-se-á atraído por mulher máscula. Tal "matrimônio de contrastes ao reverso" pode, às vêzes, conduzir à compensação esperada. Considerando, *porém,* que a intersexualidade bitola-se muitas vêzes por fenômenos de degenerescência psicopata, essa infeliz atração recíproca conduz ao aumento das dificuldades de vida para ambas as partes, e é também desfavorável à descendência, visto poder originar taras hereditárias e degenerescências ou, pelo menos, provocar atritos, dificuldades e conflitos. Podemos, além disso, revelar neste ponto que, segundo as experiências da biologia moderna, em todo organismo masculino existem também hormônios sexuais femininos, e no físico feminino estão presentes hormônios masculinos. Por isso em qualquer caráter encontramos algum vestígio do outro sexo (Pesquisas de Eugênio Steinach).

Digitalizado com CamScanner

Levando em consideração êstes fatôres biológicos, compreendemos melhor a observação de Kafka, estranha à primeira vista: "Parece que certo *quantum* de tendências homossexuais age mais ou menos oculto na alma de todos, e logo que intervêm condições favoráveis, pode explodir abertamente".

É justamente a observação de Liertz, com relação a certas mulheres que, às vêzes, importunam até o sacerdote. Diz êle: "Há mulheres que recusam o homem como participante da vida sexual e isso um pouco por aversão à parte que desempenham na função sexual; mas não sabem renunciar completamente ao homem, como estímulo da sua feminilidade. Escolhem como amigo, mais inconsciente que conscientemente, o celibatário, pois sentem-se assim mais seguras dos perigos da maternidade. Concentram nêle todos os afetos que, de outra forma, dada a intensidade de desejo sem ligação, trabalhariam no ar. Desde que esta situação não pode dar satisfação completa, a amizade degenera em tôda espécie de bolores sentimentais, mórbidos e psicopatas". Cada pastor de alma, que vive no meio do mundo, o sabe por experiência.

Tem-se ventilado inúmeras vêzes a questão da possibilidade de uma amizade pura entre homem e mulher, fora do matrimônio. Uma vez que tais amizades existem e sempre existiram, não podemos duvidar de sua possibilidade. Mas, são exceções raríssimas, possíveis só onde há firmeza especial de caráter e uma graça extraordinária. Em linhas gerais estamos de acôrdo com Rhaban Liertz, quando afirma: "A amizade autêntica é possível só na mais íntima comunhão de vida, como acontece na união harmoniosa do homem e mulher com o casamento. Por isso é mais aconselhável que o celibatário, que quer perseverar no propósito de vida continente, renuncie a qualquer amizade com uma mulher. Tanto mais se deve, de modo absoluto, evitar tudo o que entre no âmbito de comunidade conjugal; de modo especial tôdas as demonstrações externas de afeto, sobretudo a que é expressão típica do desejo de união, isto é, o beijo e o abraço. Uma amizade verdadeira, completa entre homem e mulher não é possível senão no matrimônio". Devemos acrescentar, para sermos completos e justos que há manifestações de afeto e também fora do matrimônio podem surgir amizades (pelo menos entre homens) que são notàvelmente mais profundas, espiritualmente harmoniosas e radicadas na alma, do que tantas amizades entre cônjuges.

Cada educador e pastor de alma deve visar à criação de uma união definitiva só nas criaturas, que não se amam ùnicamente com amor sexual, mas sobretudo do profundo da alma. Os matrimônios puramente convencionais ou de interêsse econômico ocultam sempre um risco perigoso. O casamento de pessoas pouco exigentes com relação às qualidades do respectivo cônjuge não é, felizmente, sempre tão funesto

Digitalizado com CamScanner

como seria de temer. A parte que mais sofre é a mulher que, também no matrimônio aparentemente feliz, obtém em geral muito menos amor por parte do marido do que espera e merece em consideração ao grande sacrifício de mãe.

É dever da educação, da direção religiosa e da influência da mulher levar o homem ao amor nobremente humano e cristão, apesar do egoísmo inato e sensualidade intensa, de modo que trate a mulher com bondade, respeito e delicadeza e a venere com companheira digna de sua vida. A mulher, porém, deverá aprender a se resignar, se não puder encontrar nem mesmo no mais profundo e mais terno amor terreno a satisfação perfeita da sua alma, pois Deus criou para si o coração do homem e por isto êste ficará inquieto enquanto não encontrar no amor divino a paz eterna e perfeita.

Capítulo 8

Psicologia do celibato

"Não é bom para o homem ficar só; dêmos-lhe uma ajuda como lhe convém" (Gên 2,18). A Sagrada Escritura indica com essas palavras a intenção de Deus de criar a mulher como companheira do homem. Significa claramente que a mulher é o complemento do homem, segundo a vontade de Deus. Por isso, homem e mulher, no ser mais íntimo, têm relação e destino tão recíprocos que, nem o homem nem a mulher são criaturas completas, mas só os dois juntos é que realizam a idéia do homem querido por Deus.

O celibato comporta por sua natureza a renúncia, em grande medida, à influência e complementação por parte do companheiro do outro sexo. É claro que essa renúncia, especialmente se não fôr fruto da própria vontade e do amor por ideais mais elevados, mas conseqüência de obrigações criadas por circunstâncias externas, pode ter ressonâncias graves na vida psíquica; e justamente não tanto pela continência sexual, mas pela abdicação ao amor humano mais profundo, com a conseqüente solidão espiritual. Exageram sem dúvida certos médicos quando tornam a continência sexual responsável por tôdas as doenças psíquicas e por qualquer alteração da vida instintiva. É generalização injustificada a de Rhaban Liertz quando afirma: "Nas pessoas de vida sexual normal não há neurose, isto é, a psicopatia com manifestações físicas relevantes". P. Schulte, que tem grande experiência no tratamento de psicopatas, declara ao contrário: "Na minha prática pastoral encontrei muitíssimos casos de psicopatas nos quais o elemento sexual estava completamente

Digitalizado com CamScanner

excluído". Devemos, porém, afirmar contra certas idéias quase maniqueístas de livros ascéticos, que aparecem até em nossos dias, que o estado normal correspondente na natureza humana e querido por Deus é o matrimônio, mesmo no cristianismo, e não o celibato.

O magistério da Igreja declara que a virgindade, inspirada no amor a Deus, suspera em perfeição o estado matrimonial. É ensinamento explícito da Sagrada Escritura e da Tradição. Com isso está de acôrdo terem vivido na sua maioria, os homens e mulheres canonizados pela Igreja, no celibato e na continência. Todavia, devemos reconhecer que a vocação ao celibato voluntário por amor a Deus é fenômeno raro. Tal situação resulta do desejo intenso de constituir família, inato nos homens. Renunciar por tôda a vida a esta inclinação natural, dada e querida por Deus, será e sempre foi grande sacrifício. A renúncia por si mesma seria de pouco valor; quem a aceita por espírito de resignação apenas pode naufragar um belo dia. E se não devemos ser guiados pelo amor à renúncia em si mesma, tanto menos por motivos egoístas; deve representar o meio para atingir bem superior. Quem está chamado à virgindade por tôda a vida e renuncia ao matrimônio, à mais alta e mais íntima comunhão de vida que existe entre os homens, deve fazê-lo ùnicamente a fim de tornar-se livre para a comunhão ainda mais sublime com Deus.

Poder-se-ia objetar que a decisão livre já oferece garantia de felicidade duradoura, pois o solteiro escolheu a renúncia voluntàriamente. É também verdade que a maioria dos que sofrem no celibato, foi de certo modo impelida a aceitar essa forma de vida. Pode acontecer também que o indivíduo, no momento em que se decide pelo celibato, não seja absolutamente capaz de avaliar o alcance desta decisão. Esta verdade diz respeito não só aos sacerdotes e religiosos de ambos os sexos, mas também aos leigos. Quantas môças, especialmente se exerciam profissão independente, renunciaram sem pensar a ocasiões de casamentos nos anos da juventude e depois se arrependeram amargamente, quando demasiado tarde!

As conseqüências do celibato manifestam-se de diversos modos, segundo as particularidades e as circunstâncias de vida do indivíduo; aparecem com mais evidência no campo da vida psíquica, do caráter e da vida religiosa.

Não é puro acaso que, nos sanatórios e nas casas de saúde para neuropatas, o número dos solteiros seja duplo, como afirma P. Schulte. Embora admitindo que, em muitos casos, trata-se de indivíduos solteiros justamente por causa da doença que já existia, todavia não devemos pôr de lado êsses dados de fato, mas reconhecer que a renúncia à sociedade conjugal e com isso à sociedade por excelência, isto é, à família,

Digitalizado com CamScanner

pode ser prejudicial à vida psíquica. O sacerdote não precisa do julgamento do médico nesse setor. Aprende por experiência cotidiana de sua missão que os angustiados, obsecados, neuróticos, eternos descontentes, histéricos e hipocondríacos provêm na maioria da classe dos não-casados. E quando se trata de cônjuges, são quase sempre indivíduos que no matrimônio não encontram, ou encontram apenas satisfação insuficiente, tanto física como psíquica. É raro encontrar pessoas enfatuadas entre as casadas e felizes, ou psicopatas mesmo quando os cônjuges têm de suportar muitas atribulações externas e não poucas preocupações. O sacerdote depara freqüentemente com caso de môças física e psìquicamente sãs, de natureza alegre e índole serena, entre os quinze e vinte anos, que começam a perder o equilíbrio psíquico, quando surge o temor de ficarem solteiras. Se antes perderam alguma ocasião de casar, lá pelos quarenta anos estão dispostas a contrair de boa vontade o matrimônio mais impensado e mais desesperado. A continência em geral não apresenta dificuldades. Mas muitas vêzes caem, vendo-se constrangidas a sepultar o sonho da vida, porque sofrem com a renúncia à felicidade conjugal e à maternidade, o desejo mais profundo da alma feminina. Quantas vêzes as ouvimos repetir: "Se pudesse morrer! Que estou fazendo no mundo? Quem precisa de mim? Quem sentiria minha falta se já tivesse morrido?"

Ao lado dêsse descontentamento da alma caminha muita vez uma pioria do caráter e da vida religiosa. Não nos devemos admirar se a renúncia à mais íntima comunidade humana se torna fonte de fossilização de disposições naturais preciosas, quando não são conscientemente cultivadas para finalidades superiores. O homem que não pode dedicar cuidados e trabalho a pequeno círculo de criaturas amadas, logo se embrutece no egoísmo natural. "Não tenho compaixão de ninguém, porque ninguém tem compaixão de mim" disse uma vez certa pessoa na amargura da solidão. São palavras expressivas. Com que facilidade se desviam então qualidades nobilíssimas e naturais do homem, transformando-se em mau humor, em arrogância e nas qualidades que assinalam muitas vêzes a vida dos que não quiseram casar! O mesmo caso se verifica e talvez em medida ainda mais acentuada nas mulheres. Como é escasso o sentimento materno em certas solteironas! Quanto capricho, suscetibilidade e egoísmo, quão pouco interêsse e preocupação pelos outros, que falta de sentimento materno encontramos também em certas superioras dos conventos!

Quantas noviças, que vieram para o convento do aconchego quente e íntimo de boa família, poderiam dizer algo sôbre a frieza e a falta de coração de uma superiora, da incompreensão dos fatos interiores, das perseguições que levam o nome piedoso de "humilhação" e, muitas

Digitalizado com CamScanner

vêzes, não passam de manifestações de caprichos irracionais e de ambição desenfreada! Nas biografias da pequena Sta. Teresa e de Sta. Bernadete achamos exemplos evidentes. Quanto sofreram ambas por causa de suas superioras! A psicologia nos ensina que a mulher, ao dirigir os outros, com dificuldade consegue conciliar harmoniosamente bondade e severidade. Parece que a mulher tem mêdo de ser boa demais se não usar de grande severidade e por isso exagera o rigor, para mostrar autoridade diante dos dependentes. Por outro lado não se pode negar que, muitas vêzes, o descontentamento, a mania de criticar e a sofisticação não passam de reação do descontentamento da alma, derivado da renúncia ao casamento. Por igual motivo as pessoas empregadas no serviço de uma paróquia, estão mais descontentes do que as que trabalham para uma família, mesmo quando se acham em melhores condições, porque temem não poder casar. Talvez seja êsse também o motivo secreto que afasta muitas môças boas da participação ativa nas obras paroquais. As pessoas que não se casam por inclinação natural, encontram alegria no trabalho, mas as que renunciaram ao matrimônio contra a própria vontade, perdem em geral não só a alegria, mas até a capacidade de trabalho sistemático (E. Spranger).

Devemos ter presente que a diferença entre homem e mulher não é apenas biológica, mas a diversidade dos sexos reflete-se em duas formas fundamentais diferentes de personalidade espiritual. Os dois sexos representam os dois tipos fundamentais do ser humano, com os seus valores específicos e tarefa especial e recíproca de completação. A narração bíblica da criação da mulher (Gên 2,18) exprime-o bem.

Quem conhece as peculiaridades da vida psíquica masculina e feminina, percebe-lhes ainda o destino recíproco e específico. Consiste sobretudo na compensação, atingida mediante a influência do outro ser, influência tal que pode exconjurar determinados perigos, que derivam da índole específica de cada sexo deixado no isolamento, sem a influência recíproca. Os homens tornam-se rudes, áridos, fossilizados, poderíamos dizer que quase "se neutralizam", isto é, tornam-se exclusivamente empregados ou escravos da profissão e da causa a que se dedicam, se permanecerem completamente isolados de qualquer contato com as mulheres. Essas se "restringem" e se perdem em bagatelas, concentram-se tôdas em si mesmas, dão-se importância demasiada e exageram os menores sentimentos; noutras palavras, tornam-se egocêntricas e ríspidas, se privadas completamente da influência da natureza e do espírito masculino.

A influência recíproca e íntegra dos sexos torna-se evidente desde a família. Os filhos, homens e mulheres, sofrem na educação a influên-

Digitalizado com CamScanner

cia dos dois sexos, isto é, do pai e da mãe. O contato de um sexo com o elemento integrante do outro tem eficácia especial.

Ninguém ignora a vantagem, em linhas gerais, para os irmãos de terem irmãs e vice-versa. Vemo-lo nos casos em que, por motivos especiais, impõem-se restrições mais fortes ao contato com o outro sexo. Como é importante, também sob êsse ponto de vista, a influência do confessor nos conventos femininos; como é importante para os religiosos certo contato com mulheres na assistência espiritual. É lógico que a importância do diretor espiritual das freiras consiste, em primeiro lugar, na sua qualidade de sacerdote, mas também a peculiaridade masculina natural exerce função compensadora significativa.

A influência recíproca não se limita, porém, só ao lado negativo da compensação. O contato espiritual entre homem e mulher tem também função positiva, realizando estímulo incomparável, que produz uma espécie de fecundação espiritual. Desperta virtudes especiais que de outra forma não se desenvolveriam. No homem surge o sentimento de cavalheirismo, recolhimento mais intenso, atitude mais humilde, pureza e delicadeza maiores, todo o ser se torna mais requintado e animado. Na mulher, ao invés, manifesta-se maior ampliação da mentalidade e alargamento do horizonte dos valores (Dietrich v. Hildebrand). O celibatário, se tender ao desenvolvimento harmonioso da personalidade segundo a vontade de Deus, ficará humildemente consciente da unilateralidade de sua índole e procurará compensar as deficiências por meio da graça.

Concluamos êste capítulo com a pergunta: quem suporta com mais dificuldade a renúncia ao matrimônio, o homem ou a mulher? Ouçamos primeiro o parecer de um médico: "A mulher suporta melhor que o homem o estado de solteira. Todavia não podemos furtar-nos à impressão de que a mulher neurótica, psicopata, sofra mais do que o homem por causa da continência, porque êste encontra outras satisfações mesmo fora do campo sexual" (Rh. Liertz). Também o teólogo deveria admitir que, mantendo o plano divino da criação, a mulher sofre mais com a renúncia ao matrimônio, pelo menos quanto ao fator psicológico. A continência sexual exige do homem sacrifício incomparàvelmente maior. A mulher foi criada por Deus para ser a companheira do homem. É certamente por isso que também custa sacrifício para o homem viver sem o complemento e sem a assistência que o Senhor lhe destinou, renunciar ao amor humano mais profundo. Todavia, pode sempre dedicar-se a uma profissão, e ainda pode fazê-lo mais, quanto menos tenha de ocupar-se com círculo restrito de pessoas (a família) e sentir-lhe os obstáculos. As condições da mulher são bem diferentes. Sua missão, desejada por Deus, é tornar-se companheira e ajuda do homem, e quanto

Digitalizado com CamScanner

mais completa sua feminilidade tanto mais intenso será o desejo de maternidade. O apóstolo Paulo diz justamente: "Salvar-se-á pela geração dos filhos, contanto que se conserve na fé, na caridade e na santidade com modéstia" (1Tim 2,14). Pela mesma razão o apóstolo exige que a viúva, encarregada de alguma tarefa na comunidade cristã, não tenha menos de sessenta anos. Admoesta expressamente o discípulo Timóteo para não aceitar viúvas mais jovens. Prefere que se casem segunda vez, que tenham filhos e cuidem da casa (1Tim 5,9-16). A experiência e a prática pastoral confirmam êsses ensinamentos de S. Paulo. É sempre assim: uma mulher, se não renunciar ao matrimônio espontâneamente por valores mais altos, renunciando a êle numa idade ou em circunstâncias em que não é capaz de avaliar e medir a extensão do sacrifício, ficará sempre insatisfeita, especialmente se não encontrar ocasião de ocupar o sentimento materno no cuidado de outros; projetará o descontentamento íntimo sôbre os outros e, sem saber nem querer, jogará a responsabilidade do aborrecimento pessoal sôbre as circunstâncias ou sôbre o próximo. Não podendo empregar e valorizar os hábitos congênitos de sua natureza, sentir-se-á no íntimo da alma sem finalidade e inútil, mesmo se trabalhar intensamente, e será fàcilmente vítima de seus sentimentos, que se desperdiçam no vazio, pois não são unificados pela fôrça do amor-próprio da mulher. Assim se explica o fato inegável de sentirem-se muitas solteiras, dentro e fora do convento, mais descontentes e infelizes do que as mulheres que têm família própria, mesmo que vivam em condições materiais favoráveis. A mulher é capaz de grandes sacrifícios e está pronta para êles. Mas não quer oferecê-los a uma idéia, por mais sublime que seja, e sim a um grupo restrito de pessoas amadas. A mulher, em linhas gerais, suporta melhor até um casamento não completamente satisfatório que o estado de solteira com muito menos preocupações. Já que a mulher não se casa, muita vez, não por culpa própria ou contra a vontade, a alma fica fàcilmente cheia de conflitos pela rebelião contra o destino que lhe negou a vida matrimonial. Devemos ainda acrescentar um fenômeno confirmado pelos médicos, segundo o qual a vida instintiva da mulher se intensifica contìnuamente, chegando ao ápice não raro justamente às portas do climatério. O instinto sexual do homem aumenta até cêrca dos trinta e cinco anos, ficando depois inalterado até os cinqüenta, quando se verifica com freqüência intensificação ulterior. Em seguida, a intensidade do instinto diminui lentamente em muitos homens, embora a sexualidade possa persistir mesmo até idade avançada. Em certos casos de *libido sexualis* senil deve suspeitar-se a presença de distúrbios patológicos. Dado que a alma feminina é mais delicada e sensível e que a mulher está mais ligada a fatôres subjetivos, torna-se evidente que sucumba com maior

Digitalizado com CamScanner

facilidade a doenças psíquicas. Uma das fontes principais das psicopatias femininas é justamente a falta de vida matrimonial ou falta de amor verdadeiro no matrimônio, mesmo quando a mulher tenha encontrado campo de atividades para as fôrças psíquicas num trabalho absorvente. Rhaban Liertz, que na atividade de neurólogo adquiriu conhecimento profundo dêsses problemas, afirma: "As tristes conseqüências de uma vida instintiva patológica, ligadas a complexos de inferioridade e de insatisfação, permanecem atormentadoramente na alma da mulher ainda que o eu encontre extravasamento numa vida rica de tarefas e a insatisfação psíquica seja compensada por atividade incessante no serviço fiel de grandes empenhos espirituais, que não correspondem, porém, plenamente à natureza feminina. Existe certamente, nessas condições, a vitória do espírito sôbre o corpo, conservada, porém, apenas por meio de luta contínua entre mil dissabores, pois contrasta com o destino natural da mulher. Resta, no fundo, apenas um conselho a dar: transformar êsse mesmo sofrimento em missão, suportar a dor, a luta, a humilhação que dêle derivam, com espírito cristão, como cruz consagrada". É compreensível que a insatisfação psíquica da mulher solteira explique os efeitos prejudiciais também no âmbito religioso. A mulher que não pode dar e vincular a fôrça de amor e a riqueza dos sentimentos a determinadas pessoas — o amor ao próximo sobrenaturalmente orientado numa comunidade conventual, acha-se num plano completamente diverso —, torna-se prêsa fácil dos próprios caprichos e de idéias irresponsáveis. Só assim se explica que a mulher não casada, não obstante, ou melhor, justamente por fôrça da inclinação para o amor, distinga-se muitas vêzes na busca de honras, nas ambições, no ciúme, na tirania e que, na sua vida, a ausência de amor exerça influência tão deplorável. Não podendo servir aos outros no amor, aspira dominar pela dureza de coração, para sobressair, pelo menos, dessa maneira.

Junto dessas antipáticas representantes da vida de solteiro, devemos recordar numerosas mulheres que, embora não agindo diretamente "por amor ao reino dos céus" (Mt 19,12), renunciaram, porém, ao casamento por motivos morais nobres. Não poucas môças ficaram solteiras devido ao amor desinteressado, por amor aos genitores já velhos, precisando de cuidados, exercendo, muitas vêzes, a profissão que exige grandes sacrifícios. E muitas professôras, assistentes de reeducação e enfermeiras fizeram o mesmo porque queriam dedicar-se inteiramente à profissão. Quem poderia calcular quanto altruísmo, quanto heroísmo moral, quanto amor verdadeiro, autêntico para com o próximo brota em tais almas, sem receber a merecida gratidão dos homens? Se conseguem conservar firme a fé cristã, são justamente elas que atingem a harmonia da alma, o equilíbrio do caráter e a alegria íntima do coração, prêmio de todos

Digitalizado com CamScanner

os que, na verdade e no amor, procuram só o abandono sem reservas à vontade de Deus. Há muitas pessoas que aprendem a fazer da necessidade do estado celibatário virtude e encontram, igualmente, após numerosas crises e provações, a alegria e a felicidade da sua alma, não obstante, ou talvez justamente por causa da renúncia.

Que conclusões podemos tirar dêsses dados de fato para a prática da direção espiritual? Antes de tudo, que o sacerdote não obrigue ninguém a renunciar ao casamento, mas ao contrário, dissuada todos os que pareçam inadaptados ou duvidosos por falta das premissas necessárias e das disposições naturais. O problema torna-se muito mais difícil no caso dos que, por motivos externos e contra a própria vontade, vêem-se constrangidos a tal renúncia. Tais casos têm de existir, pois na terra há mais mulheres que homens. Essa proporção se torna ainda mais desfavorável em conseqüência das guerras. Para muitas mulheres que assim ficaram solteiras, sem culpa própria, tal estado involuntário representa muita vez cruz bem pesada. Em última análise também êste, como qualquer outro sacrifício, torna-se suportável e superável só por meio do espírito religioso. Não há outra solução senão tomar o desejo insatisfeito do coração humano, como ponto de partida para desejo mais intenso de amor divino e, com o auxílio da graça, encaminhar-se para a estrada mais árdua, mas, em compensação, mais curta que conduz para Deus. Com meias-medidas na vida religiosa naturalmente não é possível. É preciso fé vivíssima e boa dose de heroísmo moral. O fator decisivo é o amor puro e profundo por Cristo, cheio de abnegação desinteressada e afastado de qualquer exaltação mórbida. A estrada das pessoas casadas conduz a Deus por meio do reino sacramental santificado pelo amor ao próximo, pela imagem misteriosa da união de Cristo com a sua Igreja. A vida dos que renunciam ao matrimônio por amor a Deus, conduz diretamente a êle para voltar depois aos homens e servi-los, não seguindo inclinação e proveito pessoal, mas ideal de amor divino. Para isso é necessário grande espírito de renúncia generosa. Por meio dela os impulsos vitais que não podem ser satisfeitos são, por assim dizer, retirados da alma para serem transformados em novas energias vitais vigorosas. Dêsse modo formam-se os homens especiais e silenciosos que são inexauríveis nas obras de bem desinteressado. Escondem um segrêdo na alma: o segrêdo de grande sacrifício, de renúncia dolorosa a felicidade grande. Dessa ferida que nunca cicatriza completamente brota a fôrça admirável de atividade. Do fundo da nostalgia, que não morre nunca, eleva-se o amor ardente que irradia por tôda parte. Da sua felicidade sepultada brota o impulso para levar a felicidade a qualquer lugar a que cheguem. Da noite que os envolve tiram a luz que distribuem aos outros. E assim a renúncia torna-se fonte da vida alheia (Willibald

Digitalizado com CamScanner

Lauck). Por isso todos os que renunciam ao matrimônio sob a pressão das circunstâncias externas e não por decisão própria, devem fazer da necessidade virtude, isto é, esforçar-se para que, com o auxílio da graça, possam tornar próprio o espírito que distingue os consagrados: o desejo de integração perfeita com Deus e a aspiração de colocar essa união com Deus a serviço dos homens, mediante as obras de desinteressado amor ao próximo.

Devem convencer-se de que não existe destino cego que os condena ao celibato, mas que a Providência amorosa de Deus vela sôbre o caminho do homem. "Se, portanto, a Providência dispôs de modo que devas ficar virgem, será certamente esta a missão que Deus te confia. Sòmente devem precaver essas pessoas contra a ilusão. Quem quiser persuadir-se que deve desprezar o matrimônio, embora com todo o ser o deseje, tornar-se-á vítima fácil de devoção mística falsa, que não lhe poderá oferecer qualquer compensação, justamente porque não corresponde à sua natureza. Não; é melhor confessar a verdade inteira, carregar a própria cruz e fazer da renúncia sacrifício voluntário. Os homens poderão zombar, mas são os prediletos de Deus. Quando Deus obriga alguém a grande sacrifício é sinal de que o quer todo para si" (Willibald Lauck). O pastor de almas deverá tratar essas pessoas com grande compaixão e com paciência ainda maior, ensinando-lhes repetidamente o desapêgo do coração de tudo o que é terreno e perecível, impelindo-os à busca de Deus em tudo e convencendo-os que, mediante as obras da caridade cristã, como o cuidado das crianças, doentes, velhos e necessitados, pode-se dar à vida terrena não só valor para a eternidade, mas também conteúdo, sentido e alegria para esta vida. Ninguém pode medir quanta glória para o reino de Deus em geral e quanta bênção e alegria para cada um em particular brotam dessas almas, esquecidas de si mesmas, pondo a felicidade da vida no socorrer o próximo e na realização do bem por amor a Deus.

Digitalizado com CamScanner

SEÇÃO SEGUNDA

DIFERENCIAÇÃO SEGUNDO A IDADE

Não são necessárias provas especiais para demonstrar que a vida psíquica do homem apresenta características diversas com o correr dos anos. Poderiam classificar-se conforme os quatro temperamentos, dos quais trataremos depois com pormenores. À idade infantil corresponderia o temperamento sanguíneo, à idade do desenvolvimento o melancólico, à idade adulta o colérico e à idade senil o fleumático. Seria tarefa de tratado especial ilustrar as correlações existentes entre as condições físicas e as peculiaridades psíquicas correspondentes às diversas idades. Contentar-nos-emos com o necessário para o conhecimento da psique nos sucessivos períodos da vida.

Capítulo 1

Vida psíquica da criança

Miguel Pfliegler descreveu com a máxima clareza as etapas principais do desenvolvimento psíquico da infância, da adolescência e da idade juvenil, dando grande relêvo às tarefas que daí resultam para o educador. Não será nunca demasiado repetir que dos defeitos da educação, provenientes da falta de atenção ao "optimum" psicológico no curso do desenvolvimento, podem decorrer prejuízos irreparáveis para a alma do educando. Daí a grande importância para o educador em saber em que etapa se encontra a alma que lhe cabe educar e qual o auxílio e a direção para o momento preciso.

Na formação de um indivíduo há três épocas decisivas: 1) *a idade da primeira infância* (até cêrca de seis anos): época do assentamento fundamental do homem; 2) *a idade da maturação:* época em que a

Digitalizado com CamScanner

personalidade humana se forma ou se arruina; 3) *a idade juvenil*: época em que o conhecimento do mundo se transforma em ideologia.

Constitui mérito inegável da psicologia do profundo ter revelado que os primeiros anos são os que determinam o caráter para a vida inteira. "Nesses anos o homem recebe a configuração do ser que lhe marcará a figura espiritual e as relações com o próximo, durante o curso da vida" (Pfliegler). A figura psicomoral fundamental da criança plasma-se por meio da experiência contínua do limite, ou seja, da ordem. Podemos reduzir tôdas as formas educativas possíveis a três tipos:

1. Ao menino *poupa-se a experiência do limite.*
2. O menino experimenta *apenas o limite.*
3. O menino experimenta *a ordem (limite e liberdade).*

Quais são os efeitos da "educação" no primeiro caso? O menino não experimenta o limite; goza de liberdade completa. Satisfazem-se todos os seus desejos. Cada desejo, apenas formulado, é logo atendido pela mãe, pelos criados, pela governanta, por todos os que vivem no ambiente do menino.

Êsse tratamento tem como conseqüência que o menino, na idade mais inconsciente, psìquicamente mais tenra e dócil, não consegue ter a experiência mais importante da vida, a da ordem, isto é, que existe um limite para os nossos desejos. O menino não chega à idéia de que, na vida, há possíveis e impossíveis, permitidos e proibidos, justos e injustos. Não repara que, além de seus desejos, existem também os direitos e a vontade alheios, que também os outros podem afirmar o próprio direito e cumprir a própria vontade, que também os outros devem ser respeitados.

Torna-se, por isso, exigente, descarado, desenfreado. Não conheceu nunca outra direção senão a que lhe indica o gôsto emotivo. Será indomável, ingênuamente passional. Quando adulto será impotente diante dos próprios desejos; brutal e sem respeito para com os outros, permanecerá cego perante as necessidades alheias, terá sentimentos rudes e será cruel.

O segundo caso típico é o oposto: não se satisfaz desejo algum do menino, nem mesmo o mais justificável. Quer dizer: nos primeiros anos inconscientes, que são os mais ricos de impressões, forma-se a idéia de que a vida consiste sòmente em limites. Experimenta o ambiente só na forma de hostilidade e contradição. Conhece a "ordem" só como severidade.

Qual será a reação a que obedecerá tal infância, levando-se em consideração as possíveis interferências das disposições, temperamento inato, raça e complexo hereditário? O homem ficará:

Digitalizado com CamScanner

a) *psìquicamente arruinado*. Há pessoas deprimidas para a vida inteira, homens pela metade, que não são felizes nunca, incapazes de alegria. Existem meninos que não sabem rir de coração. A atitude é submissa, servil, sem sombra de independência. Arrastam-se pelo caminho da vida como cães sob pauladas. Um tratamento humano parece-lhes graça especial. Custam a crer que são amados.

b) Mas é possível outra reação. O menino pouco a pouco torna-se consciente da dureza do tratamento, sente-o e o interpreta como oposição intencional do ambiente. Percebe o direito que lhe assiste à felicidade e não vê em redor senão inimigos das suas possíveis alegrias e acaba vendo-os até onde não existem de fato. Torna-se *desconfiado e misantropo*. Uma vez adulto consome a vida em aversão secreta que só a custo consegue sufocar. Muitas vêzes nem sequer percebe a razão do ódio. Cultiva a vingança inconscientemente. Não tem inimigos pessoais, mas a humanidade mesma, a ordem vigente, os felizes como tais, são os seus adversários. Quem lê a descrição dos horrores das várias revoluções, do modo por que o ódio cego ceifa, muitas vêzes, vítimas completamente inocentes e inermes, não consegue encontrar motivos suficientes nas circunstâncias do momento. Pensemos, por exemplo, no assassinato de Isabel, imperatriz da Áustria.

c) O terceiro grupo dos que não tiveram nunca a satisfação de um desejo, suporta o destino com *resignação aparente*. Mas na realidade rebela-se. Já que a defesa se torna impossível e absurda, pois o ambiente, além de oprimir, ainda exige que se mostrem contentes, enganam o mundo com a aparência que lhes é imposta; tornam-se assim mentirosos, falsos, astutos e insidiosos.

d) Existe ainda outra possibilidade de reação psíquica contra a recusa perpétua da alegria, que tem conseqüências mais graves: o menino vai em busca de uma *indenização secreta* e a encontra sem dificuldade. Descobre, talvez por puro acaso, a fonte de prazeres secretos e, sequioso, nela se precipita. Como os outros lho proíbem, sem todavia poder impedir, aumenta ainda mais a satisfação, por causa da voluptuosidade do segrêdo. Alguns meninos tornam-se mentirosos pela alegria de ver os outros embaraçados. Outros tornam-se cruéis contra homens e animais, ciumentos, ladrões e malvados.

O terceiro caso típico — oxalá fôsse mais freqüente! — surge quando o menino já no início da vida consciente experimenta o limite e a liberdade, isto é, a ordem. Aprende assim que a liberdade e a restrição têm justificação na vida. Aclima-se à mais importante premissa da existência humana: a ordem e a consciência da sua necessidade.

Será possível corrigir mais tarde os defeitos da primeira educação com a auto-educação, por exemplo? A experiência responde: na vida

Digitalizado com CamScanner

dos homens há horas fatais. São elas que decidem e determinam todo o resto da vida. Passado o momento, vinda a decisão, cria-se situação imutável.

Assim acontece também quanto aos momentos decisivos da formação, os que determinam a vida humana. O homem poderá querer mais tarde recuperar os momentos perdidos ou mal empregados na sua formação. Mas, apesar de tudo, continuam perdidos ou mal empregados. O esfôrço tardio tem apenas valor moral, raramente obtém resultado efetivo, pelo menos dentro dos limites da natureza. É preciso esfôrço intenso de reparação para que um homem, no curso da vida, tente corrigir, pelo menos, as deformações morais de sua pessoa. A graça, naturalmente, pode emendar tudo, pois "nada é impossível para Deus" (Lc 1,36). Mas é preciso Deus. O homem só tem as próprias possibilidades e nada mais (Pfliegler).

Jean Paul disse: "As primeiras impressões e experiências da criança permanecem para sempre". É melhor dizer: "Traçam para sempre o delineamento psíquico do homem". A psicologia do profundo o ensina e a experiência o confirma. Tudo o que de bem ou de mal entra no homem inconscientemente, permanece como bem e como mal inconsciente e por isso, de per si, fica incurável. Só mais tarde, por meio da experiência do insucesso, a pessoa percebe que o caráter não se formou de maneira harmoniosa. Essa deformação psíquica não é curável nem mesmo pela psicanálise, pois o que entra na psique inconscientemente não pode tornar-se consciente segundo a maneira indicada pela terapêutica psicanalítica. Êsse método supõe que a causa do distúrbio psíquico tenha sido conhecida no passado para depois submergir no subconsciente donde dirige os ataques contra o equilíbrio psíquico.

Dessas considerações resulta como são decisivos, para a formação do caráter humano, os anos da primeira infância. O que se descuida nessa época torna-se irreparável ou reparável apenas numa parte mínima.

Tudo o que se refere à formação do caráter também se aplica à educação religiosa do menino. Também a forma fundamental da nossa relação para com Deus decide-se nesses anos. A falta de qualquer educação religiosa nessa idade tenra conduz a perda quase irreparável. Lançam-se assim as bases de mentalidade que não sente necessidade da forma religiosa. Vê-se, portanto, como é necessária a educação religiosa na idade pré-escolar; e erram os pais que crêem poder adiar a formação religiosa, confiando-a só à escola e ao catequista. Quando os meninos iniciam a instrução escolar, a forma fundamental do sentimento religioso já deve estar fixada. Doutra forma pode acontecer que a maior boa vontade chegue demasiadamente tarde.

Digitalizado com CamScanner

Só na idade tempestuosa da maturação, quando o ser humano parece de nôvo agitado nas próprias bases da personalidade, torna-se ainda possível, em caso de premissas favoráveis, a retificação da figura moral do homem.

Nas páginas seguintes procuraremos apresentar resumidamente uma característica da idade infantil. A vida psíquica da criança é assinalada pela disposição ao temperamento sanguíneo. Manifesta-se numa grande capacidade receptiva, mas a reação que a acompanha ainda é fraca. Daí resultam a impressionabilidade e a vivacidade, mas também a inconstância da alma infantil. O temperamento sanguíneo é o menos complicado de todos, o mais simples, como a psique infantil. Uma criança cuja infantilidade conserva-se na naturalidade, é mais transparente e mais fàcilmente compreensível que a alma humana na fase avançada do desenvolvimento. Prescindindo da sua simplicidade, a vida psíquica da criança se assemelha, sob mais de um ponto de vista, à vida psíquica da mulher. Como esta, também a criança se orienta de modo preponderante para o pessoal e as fôrças principais da alma são a fantasia, o pensamento concreto e o sentimento. Tempo e espaço têm para a criança importância secundária. Ao valor e ao nome atribui a mesma realidade do objeto em si. Quando a criança começa a falar, fala de si como de terceira pessoa, enquanto não dá maior valor à consciência do eu, permitindo-lhe então a formulação lingüística. A concatenação dos elementos externos com o próprio eu não se realiza mediante trabalho positivo e conceitual do pensamento, segundo leis lógicas, mas é acompanhada de emoções e mais sentida que pensada, como acontece com o homem primitivo. O que para o adulto é fantasia, para a criança é realidade. Suas manifestações sentimentais e volitivas unem-se de modo inseparável. "A vontade da criança não é, portanto, sòmente acentuada pelo sentimento mas dominada por êle. Suas primeiras ações não são atos volitivos, mas instintivos. Não pode dominar-se; suas ações são irresponsáveis e superficiais. Tudo está baseado no estado de ânimo e no impulso, não na conexão lógica. Os atos da criança são, além disso, ingênuos, isto é, não se importam com a impressão que podem despertar no ambiente nem com as conseqüências que dêles resultam. Outra peculiariedade da alma infantil é a vivacidade da fantasia, o sentimento do concreto, dos fatos e acontecimentos. Prova-o o amor e o interêsse das crianças pelas histórias e fábulas. A admoestação: "Fica sempre no caminho certo e não deixes que nada te desvie" causa muito mais impressão na alma infantil quando revestida com a fábula do Chapèuzinho Vermelho, do que quando se apresenta como simples dever moral. Uma das fôrças principais da alma infantil é justamente o sentimento forte e profundo. Todos os avisos e ensinamentos da educação

Digitalizado com CamScanner

infantil devem apelar para o sentimento. Aí se ancoram melhor e produzem melhores frutos, do que se dirigidos ùnicamente à inteligência, ainda pouco desenvolvida. Das impressões recebidas e das experiências feitas pelo ânimo infantil, delicado e dócil, é que se nutre o homem não raro durante tôda a vida.

Ocupação conforme à natureza infantil é o brinquedo. Como o homem robusto sente vontade de trabalhar e a atividade lhe causa alegria e satisfação, assim também a criança sente necessidade de brincar. O brinquedo é o trabalho da criança. Brincando aprende a pôr à prova a própria capacidade, empregar o tempo conforme as fôrças, exercitar-se na habilidade e na independência. As crianças cujos pais imprudentemente proíbem de brincar, sofrem as conseqüências mais tarde, no decorrer da vida. Nada é tão nocivo para a criança como infância tétrica e sem alegria. Com o brinquedo impede-se também o ócio que pode prejudicar a alma infantil mais gravemente do que se pensa.

Defeito típico da infância é a tendência à mentira. Êsse fenômeno depende, em parte, da vivacidade da fantasia e, em parte, do mêdo do castigo pelas faltas cometidas. São interessantes as observações de Ruland sôbre as formas psicológicas da atitude mentirosa. "Prescindindo da fantasia infantil, que não pertence em absoluto ao campo da mentira, porque não tende a fim prefixado, mesmo as primeiras negações da criança, que derivam em geral do mêdo de ter feito algo de reprovável, não passam de reações instintivas de autodefesa. Mesmo quando o fator sentimental se apresenta mais intenso, o fator moral da mentira ainda não existe na idade da primeira infância. Como o sonho é a realização de um desejo, e como para a alma infantil também as imagens da fantasia possuem o valor da realidade, assim, ao pensar e falar, a realização do desejo representado com as côres vivas da imaginação toma o lugar da realidade crua. Só quando existe discernimento suficiente, que permita à criança não só distinguir o verdadeiro do falso, mas também perceber o alvo secreto e interessado de uma mentira de opor-se deliberadamente ao sentimento natural da sinceridade, é que estamos diante da capacidade moral de mentir. Considerando a média do processo de formação do homem, a criança deveria ser capaz de mentir verdadeiramente só depois dos quatro anos de idade (K. Reininger). (Em casos bastante freqüentes, as crianças nem mesmo aos 6 anos são capazes de mentira consciente. O autor). Contudo não podemos negar, porém, que em algumas crianças se desenvolve precocemente forte tendência para se distinguirem, o que os leva a certos atos mais ou menos conscientes e muitas vêzes também a atitudes histéricas".

Digitalizado com CamScanner

Na orientação do que se disse até agora, procuraremos apresentar um quadro das disposições boas ou menos boas da alma infantil. Da sua índole sanguínea resulta a simplicidade, naturalidade e desenvoltura, capacidade para o entusiasmo, desejo de saber, maleabilidade, natureza alegre, mas também a leviandade, volubilidade, distração, avidez do prazer, curiosidade, esperteza, petulância, inconstância e tendência à ira. Da vivacidade da fantasia derivam o gôsto pela poesia, ilustrações, ensinamento prático, mas também a mania de fantasiar e as mentiras fantásticas nas quais a criança crê com naturalidade e por isso não deveriam ser qualificadas como pecado. A vida sentimental intensa da criança explica a fôrça de seu amor e a capacidade de dedicação, que deriva mais do sentimento que do instinto. Daí a compaixão da criança e a prontidão ao sacrifício. Estão, ao contrário, em aparente contraste, a prepotência, obstinação, egoísmo, fenômenos bastante freqüentes nas crianças. Não sabem desapegar-se de um objeto que deixaram há muito tempo logo que percebem a intenção de o presentearem a outra criança. O egoísmo é patente; querem ser o centro de tudo. O caráter exigente que, no caso de uma recusa a algum desejo, explode em cólera violenta, pode torná-los tiranos no próprio ambiente. Essas qualidades deteriores observam-se especialmente na primeira etapa da infância, enquanto que as anteriores costumam manifestar-se só mais tarde. A crueldade especialmente contra os animais, muitas vêzes surpreendente nas crianças, deriva mais da falta de juízo que da brutalidade de sentimentos. A mentira, tão freqüente, deriva geralmente do mêdo da punição e, por isso, é na maior parte motivada ou pelo embaraço ou pela necessidade. A gula do açúcar, que se observa em quase tôdas as crianças, corresponde provàvelmente à necessidade fisiológica do organismo infantil. Os pais devem lembrar-se sempre.

A diferença psicológica dos sexos manifesta-se, já em tenra idade. O menino na escola interessa-se pelos assuntos de certa importância, que exigem o emprêgo da fôrça; nos últimos anos escolares apaixona-se pelas idéias do setor lógico-abstrato. Sua atenção dirige-se mais para as perguntas intelectuais do catecismo, aritmética, história natural, geografia e ginástica. Desmonta a bicicleta para ver como funciona o mecanismo, conserta a máquina de costura da irmã, ou, pelo menos, tenta fazê-lo. Aventura-se a emprêsas temerárias, pronto a fazer molecagens, gosta de ler narrações de aventuras. A menina prefere brincar com a boneca e manifesta sentimentos maternais cuidadosos, fica em casa de mais boa mente que o irmão, aprecia vestidos bonitos e, já nos primeiros anos, gosta de se exibir e aparecer. Na escola demonstra talento para a caligrafia e o desenho, gosta de composições, dos trabalhos manuais, da história bíblica, aprende de cor e recita poesias; demonstra pouco interêsse

Digitalizado com CamScanner

pela geografia. As meninas superam os meninos na habilidade mnemônica, no aprendizado das línguas e no uso de instrumentos musicais. Em compensação têm menos capacidade nas questões intelectuais, embora o desenvolvimento mental dos meninos proceda em passo mais lento. A mente do menino é mais ativa, tende à objetividade; a da menina é mais receptiva e tende ao pessoal. O menino, pela maior simplicidade e retidão psíquica, é mais educável que a menina. Aceita a punição justa com maior facilidade e boa vontade e mais raramente guarda rancor contra o educador, ao contrário da menina, mais fortemente inclinada à sensibilidade e à obstinação. As meninas apresentam menos diferença quanto à idade, por exemplo, uma menina de doze anos é menos diferente de uma de nove que dois meninos de 12 e 9 anos. Tôdas estas diferenças impõem a necessidade de educar meninos e meninas de modo equivalente, mas não idêntico. Significa que a co-educação não é natural nem justa.

A educação dos meninos deve aproveitar antes de mais nada os valores naturais. Deve dar-se importância especialmente à consciência, ao sentimento do dever, da camaradagem e da honestidade. Deve cultivar-se o pudor infantil; todavia não se deve esquecer que o respeito do corpo, criado por Deus, e a desenvoltura nos cuidados higiênicos dão ao menino maior prontidão e segurança de consciência que o mêdo e a pudicícia exagerada. É melhor cultivar a infantilidade natural e a aversão profunda ao que é ignóbil.

Também no setor religioso a educação deve aproveitar as qualidades naturais da alma infantil. Justamente no menino se vê bem a *anima naturaliter christiana*. Sendo pobre de pensamento abstrato e rico de sentimento é óbvio que o ensinamento do catecismo se torne mais difícil que o da história bíblica. Será oportuno, então, harmonizar o ensinamento das duas matérias. O espírito infantil tende a personificar os objetos de suas tendências; não será difícil, portanto, despertar na criança amor profundo pelo Pai celeste, pelo divino Salvador, pela Mãe de Deus e pelo Anjo da Guarda. É muito eficaz a narração viva da vida e paixão de Jesus. As aulas de religião devem ser experiências religiosas vividas, cujo conteúdo substancial se conserve na memória por tôda a vida. Assim também devem permanecer impressos na memória infantil, pela sua solenidade, a recordação dos dias especiais da vida da graça, como o dia da primeira comunhão e da crisma.

É também evidente a necessidade do bom exemplo e dos bons hábitos. As experiências da infância imprimem-se profundamente na alma tenra da criança e exercem efeito duradouro. Não poucos tiveram de sofrer a vida tôda, porque, quando pequenos, os instigaram a alguma falta grave, ou os obrigaram a ser testemunha de ofensa à moral. Por

Digitalizado com CamScanner

isso é tão urgente e terrível o "Ai" pronunciado pelo amigo divino das crianças contra os que escandalizam um dêles (Mt 18,6). Por outro lado há homens que, tendo recebido educação cristã, reencontram os caminhos do Senhor depois de terem-se perdido na estrada da irreligião e da imoralidade.

Na educação sexual é muito útil o diversivo, em caso de perigos e ocasiões de pecado. Em linhas gerais não são recomendáveis punições muito severas por eventuais faltas contra o pudor, sem fazer delas questão muito grave, porque poderiam causar a formação de complexos na alma infantil. Por igual motivo devem evitar-se as ameaças graves que podem levar a excitações precoces dos instintos e, em determinados casos, permanecem sob a forma de experiências e podem perturbar, por muito tempo, o desenvolvimento normal da personalidade com relação à vida instintiva. À vista de pancadas na escola, o mêdo intenso na iminência de uma punição, pode provocar tais efeitos. Entre a ameaça de um castigo e a execução não deve, portanto, transcorrer muito tempo porquanto, segundo velha experiência, a espera de uma alegria ou de um desgôsto tem efeito muito mais intenso que o próprio fato.

Quem deseja dedicar-se à educação infantil e obter bons resultados tenha presente que deverá ser bem-visto pelos próprios educandos e ser simpático. Sòmente por intermédio da sua pessoa aprenderão a apreciar e amar determinada matéria, verdade, ou idéia. Um mestre antipático dificilmente conseguirá bom êxito, por mais profundo que seja o saber, excelente o método e interessante a matéria que ensina. Naturalmente não é sequer admissível que o educador solicite, de maneira baixa ou ilícita, o amor por parte dos alunos. Obteria efeito contrário. A apreciação dos jovens se obém melhor quanto mais se demonstra altruísmo e quanto menos se exige gratidão.

O educador e o confessor das almas infantis quanto mais se assemelharem ao modêlo do amigo divino dos pequenos, tanto maior sucesso obterão. O caráter bom, piedoso do sacerdote imprime-se na memória dos meninos muito melhor, mais eficaz e duradouramente que qualquer doutrina. O pastor de almas deve tornar-se pequeno com os pequenos: ser alegre, de coração cheio de bondade. Quem tiver êsse temperamento não encontrará dificuldades, enquanto o melancólico ou o colérico deverão lutar não pouco contra si mesmos para tratar com crianças. A criança não abre a alma a quem é sério e melancólico, nem ao colérico tirano, mas ao amigo compreensivo, bom, que irradia luz e calor.

Digitalizado com CamScanner

Capítulo 2

Vida psíquica da adolescência

A vida psíquica do homem assume fisionomia particular nos anos da maturação sexual. O desenvolvimento físico reflete-se na transformação da alma do menino na do adolescente. Os traços psicológicos do período da puberdade são, em primeira linha, a necessidade de compreensão, as incertezas do espírito, a reserva tímida, a mania de independência, especialmente nos jovens, e a necessidade de se completarem com as jovens. A necessidade de compreensão deriva provàvelmente de tornar-se o adolescente, nos anos de puberdade, enigma para si mesmo, sem saber ordenar e dominar idéias, sentimentos, desejos, impulsos e complexos que se lançam sôbre êle e o sufocam. É óbvio que, nesse período, a alma sinta o desejo de ter alguém que a compreenda e a acompanhe na luta, ajudando e aconselhando. Nessa idade os jovens sentem ao vivo a necessidade de um guia, embora não querendo confessá-lo nem a si mesmos nem aos outros; procuram escondê-lo tìmidamente. Pela mesma razão sentem também o desejo de amizade; esta, em geral, se manifesta, num primeiro tempo, com relação a alguém do próprio sexo, o que é muito natural. Com a necessidade de compreensão encontra-se em contraste aparente a reserva característica dos jovens. No rapaz êsse fenômeno poderia explicar-se pela tentativa de resolver tudo sòzinho, sem auxílio alheio, devido a certo orgulho juvenil. Com isto concorda um fato que se observa muitas vêzes: o jovem, durante certo período, deixa-se guiar pelo educador e pelo mestre. Admira-o como modêlo e ideal, procurando não raro imitá-lo, até em pormenores sem importância. Num certo momento, adquire consciência da dependência. Então procura libertar-se do guia benévolo, por uma espécie de vergonha. Tal acontece, muitas vêzes, de maneira e forma que se assemelha muito à ingratidão. Mas, na realidade, a causa dessa atitude não passa da tendência à independência masculina. Logo que a consegue, volta à antiga relação de confiança, naturalmente de maneira mais rude e mais madura. A veneração e a gratidão pelo educador tornam-se duradouras e o acompanham, em geral, até mesmo depois de sua morte.

A tarefa principal dos anos de maturação consiste na formação da personalidade. Pflieger, num trabalho preciosíssimo, ao qual já acenamos em parte, resume os pensamentos sôbre êsse tema do seguinte modo:

Digitalizado com CamScanner

O período da adolescência decide da *personalidade* do homem. Não se quer dizer que, no fim dêsse período, a personalidade já esteja completa. Mas nesses anos decide-se se esta formação terá lugar e se um dia atingirá a plenitude.

A personalidade é a forma completa da pessoa, é a pessoa na forma correspondente às possibilidades de cada indivíduo, em tôda a sua profundidade, extensão e coesão. Atingir a perfeição do próprio ser é a missão de cada um, diante da qual ninguém pode ficar indiferente. Disso depende não só a felicidade terrena do homem, mas também a possibilidade de cumprir a própria missão, ligada ao tempo e ao ambiente, indicada por Deus. Se o ser humano permanece fragmentário, incompleto, também a obra o será. Só as personalidades autênticas dominam a vida e as tarefas que a vida lhes destinou. Êste fato é decisivo, não só para o indivíduo em particular mas também para a comunidade dos homens. Um povo, que não produz personalidades, decai e sucumbe inconsciente e vergonhosamente ante a violência e a retórica. Decide-se o destino de um povo por meio de poucos homens, mas homens verdadeiros e não a multidão.

O desenvolvimento integral do homem realiza-se, conforme dissemos, no período da maturação. Em que consiste, então, êste processo profundo?

1. Na *descoberta do eu*. A existência inconsciente da primeira infância já passou; passou também a existência coletiva do estudante. O eu destaca-se do vínculo que o liga às pessoas mais próximas. O jovem experimenta a unicidade do próprio eu que, tornando-se independente, deve responder firmemente pela própria existência. Desperta-se a independência do pensamento, do julgamento, da responsabilidade moral. Sente-se o direito pessoal do eu como o que se possui de mais precioso e a alegria dessa descoberta fàcilmente degenera na supervalorização de si mesmo. A confiança em si coloca então o jovem num estado permanente de defesa contra a falta de consideração alheia, seja porque essa experiência é nova para êle, seja porque passa despercebida com facilidade no ambiente habitual. Diante disso o jovem irrita-se e a môça sente-se humilhada. Desejam fazer-se notar e considerar. Se tal não acontece, tornam-se rebeldes e esquivos. Se o educador tenta submetê-los por meios coercitivos, como fazia com a criança, desperta a rebelião interna que, muitas vêzes, transborda em externa. O adolescente considera coerção e tutela espiritual como tratamento apropriado à criança. Êle, porém, não quer permitir que o tratem como criança.

Tal o motivo da "recusa da autoridade" e também da tendência às respostas insolentes, tão antipáticas nos lábios dos jovens. A obstinação e a mania de independência nos jovens são, antes de tudo, efeito

Digitalizado com CamScanner

do desenvolvimento psíquico. Devem, portanto, considerar-se como fenômenos biopsíquicos e não julgadas e punidas como manifestações puramente morais.

2. Segundo fenômeno característico da primeira adolescência é a *descoberta do mundo interior*, em contraste com a descoberta do mundo exterior nos primeiros anos da infância. Todos os enigmas da existência apresentam-se com uma fôrça que raramente se experimenta mais tarde na vida. É estranho, porém, que o adolescente, diante de problemas cuja solução não sabe achar e, portanto, diante da própria impotência, não se convença nunca, ou só muito raro, da própria limitação ou não perceba o absurdo do problema. Põe a questão de maneira vital e não intelectual. A consciência de si, ao desabrochar, não é consciência do limite do espírito humano; ao contrário, assume a forma de presunção patológica. A legítima afirmação de si mesmo torna-se, num primeiro impulso, supervalorização irresponsável, pois o jovem ainda não sabe dar-se a razão completa da sua existência e dispõe com plena responsabilidade. E se pretende fazê-lo prematuramente, teremos diante de nós não o homem consciente de si, mas o falso crítico ou ainda o revolucionário. A descoberta do mundo interior manifesta-se, em geral, na capacidade de seguir, durante horas, os próprios sonhos. Saboreiam-se tôdas as possibilidades do futuro em magníficos castelos no ar. Os jovens são sempre otimistas nos seus sonhos; não conhecem ainda as angústias da realidade e suas misérias. Antes, é a dureza da realidade que os impele a fugir dela por meio da imaginação. Uma vez que os pais não podem ou não querem ajudá-lo em todos êsses vôos audazes da fantasia e do sentimento, o jovem torna-se solitário incompreendido. Com efeito, e é estranho, a maioria dos adultos se esquece totalmente da própria adolescência e torna-se incapaz de penetrar no mundo interno dos jovens.

Quase todos os adolescentes tornam-se criadores nesse período. Alguns escrevem, outros pintam; todos têm a cabeça cheia de projetos. As exposições de desenhos dos alunos do ginásio e colégio revelam, freqüentemente, calor expressionista. As jovens escrevem diários cheios de exaltação, ansiedade e encanto, e nunca mais na vida saberão exprimir tão bem o que lhes agita o coração. O interêsse pelo mundo interior faz-lhes sentir atração especial pelos problemas da psicologia e caracteriologia.

Da descoberta do mundo interior e do desejo de formar a personalidade própria nasce a característica mais delicada do adolescente: *o pudor dos próprios sentimentos*. O pudor não se estende só ao setor físico; por isso rebela-se também diante do desnudamento do sacrário da alma. O sentimento muito desenvolvido pelo que é pessoal, pela

Digitalizado com CamScanner

unicidade da própria vida íntima é o terreno onde floresce essa espécie de pudor. Consiste no receio de ver descoberto o lado mais pessoal do próprio ser. Ao adolescente afigura-se invasão sacrílega, profanação da parte de importunos, violação do sacrário da própria alma que só a êle pertence. Assim também o pudor torna-se autodefesa, defesa da alma. Por êste motivo os adolescentes evitam mostrar diários, onde descrevem os desabafos secretos do coração, evitam mostrá-los até aos amigos mais íntimos; e, se acontece uma troca, em sinal de confiança, corta ou torna ilegíveis as expressões mais delicadas (Haase).

Essa forma de pudor, que circunda de respeito o que é precioso e sagrado, estende-se de modo especial aos segredos do amor e, mais tarde, ao da vida conjugal. Oculta, sob um véu, a união de dois sêres consagrados à geração de nova vida e lhe confere a reserva, originada na estima e na doação de si, que é a característica de tôda relação conjugal profunda.

De tudo isso resulta que a educação deve conservar inato o pudor puramente sentimental, por ser expressão do sentimento da dignidade pessoal. Mas também nesse setor a educação deve procurar ater-se ao caminho médio certo entre a reserva excessiva e o exibicionismo presunçoso da própria vida íntima. Não é fácil encontrar a linha de conduta que, de uma parte, seja respeitosa e reservada e, de outra, exprime a consciência do próprio valor e sinta a grande responsabilidade de aumentá-lo e pô-lo a serviço do próximo (Th. Muncker). E não é fácil nem mesmo para o educador e para o confessor encontrar o meio justo entre a solicitude que inspira confiança e a renúncia desinteressada à invasão importuna do sacrário da alma humana, oculto sob o véu do pudor.

3. A terceira característica da adolescência é o *radicalismo*, entendido não só como mania de inovação e falta de moderação, mas, em primeiro lugar, fome metafísica de atingir o fundo de tudo. Todos os problemas que assaltam a alma do adolescente, prendem-no com a veemência do eterno. Tal acontece, especialmente nas naturezas criadoras, com fôrça tão grande que as torna, por assim dizer, espiritualmente avançadas na visão. Não vêem o que está perto e é banal e não lhes compreendem a importância; vêem apenas o que está distante e é inatingível.

A juventude ama o perigo, deseja a aventura, quer experimentar a profundeza da vida justamente na sua periculosidade; e com radicalismo que, num primeiro período, não tem direção determinada. Não que o adolescente seja impelido a ideal sublime, bem determinado, e aspire com paixão realizá-lo; não, é radical por princípio e não sabe

Digitalizado com CamScanner

ainda a que causa deve empregar as próprias fôrças. Por isso torna-se prêsa fácil do primeiro que conseguir fasciná-lo.

4. À tendência ao radicalismo conjuga-se a propensão da juventude por tôda espécie de *idealismo*. Seu radicalismo é testemunho patente da tendência do homem para o eterno, que na juventude se anuncia livre de compromissos vis. A juventude está sempre pronta a empenhar-se por um ideal, mesmo se, muitas vêzes, erra na escolha dos heróis e seus objetivos. Não devemos censurá-la por isso; precisa de ideal, e se os educadores não são capazes de dar-lho, procurá-lo-á por conta própria. Há de procurá-lo, em geral, na direção dos valores vitais; assim como a vida impõe-se à juventude e a arrasta com velocidade vertiginosa, sente afinidade com tudo quanto tem vida e com todos os valores vitais: povo, sangue, nobreza, heroísmo, beleza, ação, esporte. E o jovem nada sente mais imediatamente que tais valores, assim como nada lhe é tão estranho como o antiquado, o puramente tradicional. Parece-lhe que pretende sobreviver mediante razões áridas e fantásticas e não por meio da fôrça e vitalidade do ser; ou então o que está sòmente obrigado a defender-se. Tal o motivo pelo qual os jovens — e a situação não muda muito para os adultos — são arrastados não tanto pelo ideal descrito, mas pelo ideal vivido.

A abertura da adolescência ao ideal leva a psicologia do desenvolvimento a deixar de considerar irreligioso o período da puberdade, mas a pensar que, justamente nesses anos torna-se possível criar relação verdadeira, isto é, pessoal com Deus. Só uma vez na vida, na juventude, o homem se vê solicitado para Deus, de onde veio. Durante todo o curso da vida o homem pode encontrar a triste coragem da vileza e pode deixar de lado os problemas vitais decisivos; mas nos anos da juventude possui a coragem do risco supremo da vida e com ela da realização e consagração suprema. A proposta que alguns fazem, no sentido de considerar-se a adolescência como "período de pausa religiosa" não pode basear-se nem na psicologia nem na experiência. Ao contrário, é de grande importância que o adolescente tome posição diante das verdades essenciais da fé; perceba-lhes a profundidade e o pêso na própria vida e saiba valer-se da fé para a construção do próprio futuro.

Quando o radicalismo não se move dentro do sulco profundo e vasto da religião, quando se encaram a fé e a moral apenas como obstáculo e imposição, a fé corre o perigo mais grave. Não se deve considerar a moral cristã como tolice, mas torná-la a realização consciente da melhor parte do próprio ser. A formação moral deve partir, em primeiro lugar, da consciência. O que mais importa não é conhecer e explicar cada uma das verdades religiosas mas afirmar a relação geral que existe entre fé e vida. Por isso Pfliegler diz, mui acertadamente,

Digitalizado com CamScanner

no fim de sua exposição: "Quando se descobre diante do jovem de dezoito anos o significado da fé num modo tal que o convença ser sòmente possível enfrentar a vida por meio da fé, alcançamos o resultado decisivo. A personalidade cristã estará fundada".

Agora procuraremos mostrar a vida psíquica dos jovens não só enquanto se vai formando, durante o período da maturação sexual, mas também nos anos seguintes. O desenvolvimento e o aperfeiçoamento das peculiaridades psíquicas são diferentes por natureza no rapaz e na môça; por isso, devemos tratá-los separadamente.

A. *Vida psíquica do rapaz*

A maturação física que transforma o menino em adolescente, procede paralela e contemporâneamente com o aperfeiçoamento das faculdades espirituais e com a tomada de posição ante os adultos que até então eram os mediadores do conhecimento e do saber. Podemos distinguir três graus de desenvolvimento. Até a idade de 14-15 anos, isto é, até o início da maturação sexual, dura o período da *tradição*. O menino, em geral, aceita tudo na forma que lhe apresenta o professor e o educador. Sente a atitude benévola dêles o que lhe basta. Depois começa o segundo grau: o período da *revolução*. Dura até a idade de 18 anos, mais ou menos. Os conhecimentos recebidos até aí sem crítica, são examinados, postos em dúvida, combatidos e às vêzes refutados. Essa é a idade em que o jovem deve também lutar no setor religioso para aprofundar, iluminar e consolidar a própria fé religiosa. É a época do interêsse pelas questões apologéticas. Não poucos perdem nessa idade a firmeza religiosa, tornando-se vítimas da dúvida e, por fim, da irreligiosidade, por diversos motivos e, pela influência das tentações e derrotas no campo sexual. É evidente como deve ser grave a responsabilidade do diretor espiritual da juventude, como deve ajudar o adolescente para que, nesse período de crise tumultuosa, possa salvar a fé que trouxe da infância, cujas formas já estão ultrapassadas, e transplantá-la para outras formas, na idade da puberdade e da maturidade (cf. 1Cor 13,11). Nesse ponto começa o terceiro estádio do desenvolvimento espiritual, a *restauração* a consolidação da ideologia até atingir convicção pessoal independente.

Não é possível estabelecer um período preciso para a duração do amadurecimento psíquico. Depende, além das disposições individuais, também do ambiente e de suas influências relativas. Muitas vêzes são justamente os jovens cuja puberdade começa tarde e dura mais que o normal (até a idade de 25 anos, mais ou menos), que se tornam personalidades de caráter distinto e perfeitamente maduro. Em casos excep-

Digitalizado com CamScanner

cionais acontece que o indivíduo não sai da puberdade psíquica e conserva, apesar da inteligência superior e da relativa perfeição profissional, índole quase infantil, incompleta, pouco madura, e apresenta durante tôda a vida o equilíbrio escasso característico do adolescente. A base biológica dêsse fenômeno é, provàvelmente, disfunção endócrina.

Devemos ter presente que o adolescente, no período do desenvolvimento físico, em geral não se interessa muito pelos problemas puramente religiosos, e mais pelas questões éticas. A orientação psicológica parece-lhe mais importante que a dogmática. A ocupação nesse período consiste, conforme observamos anteriormente, na descoberta do próprio eu. O interêsse gravita principalmente entre dois centros, visados pelas duas paixões principais: a honra e o amor.

A fôrça física representa, para a maioria dos jovens, outro ideal terreno. É espantoso ver quanto tempo e quanta fadiga se sacrifica hoje ao culto do esporte para atingir os maiores rendimentos e desenvolvimentos possíveis das fôrças físicas. Fôrça, coragem, heroísmo são os ideais da juventude masculina. O diretor espiritual deve tomá-los como ponto de partida para os fins visados. Não deve menosprezar e depreciar a fôrça física, digna de admiração e de consideração, mas demonstrar que a possibilidade máxima de expansão das energias juvenis não se encontra no físico, mas no setor espiritual e moral. O homem, senhor e dominador do animal, deve-o à fôrça soberana de sua propriedade exclusiva, isto é, à faculdade de dominar-se a si mesmo. Ora, em que consiste tal faculdade? Só em não estar o homem, ao contrário do animal, obrigado a secundar os instintos, a tornar-se escravo da vida sexual, das paixões e dos caprichos, mas, com a fôrça do espírito e, se necessário, com mão-de-ferro, debelar os instintos rebeldes. Dêste modo a idéia da fôrça, tão admirada pelo jovem, purifica-se e transfere-se para o setor ético. É evidente que deve caracterizar-se e escolher a figura do santo de acôrdo com êstes critérios. O que se diz de certos santos, isto é, que odiavam o próprio corpo a ponto de não tomar banho e não mudar de roupa por mais de vinte anos, não deveria indicar-se como exemplo, mas sempre e só como desvio ascético do bom gôsto, explicável conforme o espírito dos tempos. O ideal cristão não é o ódio do próprio corpo, mas o domínio. Conta-se que Dom Bosco, santo moderno, dobrava uma barra de ferro com as mãos, saltava sôbre um cavalo a galope, era exímio em jogos de prestidigitação, dançava na corda bamba, comia fogo, arrancava dentes e era músico. Do ponto de vista puramente natural, terá sido com certeza esta uma das razões principais que levaram multidões inteiras de jovens turineses a segui-lo trazendo-lhe tão grande sucesso na assistência aos adolescentes. O motivo mais profundo, porém, foi naturalmente uma graça especial, a vo-

Digitalizado com CamScanner

cação e a santidade. Sem êsses elementos todo o resto de nada teria servido para o reino de Deus.

Deve propor-se o santo, na qualidade de homem rico de fôrça moral, como ideal para a juventude. No homem, desde a juventude, representa papel importante o elemento combativo. O que se obtém com a luta adquire interêsse e valor. Portanto, devem apresentar-se também as exigências morais não como coações, mas como exigências de coragem. Nesse caso, lhes parecerão conformes à própria natureza e estarão bem dispostos a cumpri-las, mesmo a custo de sacrifícios.

Esta consideração aplica-se à esfera sexual, setor em que o jovem tem sempre de lutar. Trata-se, portanto, de delinear o ideal de maneira exata, que corresponda à peculiaridade juvenil. Seria menos eficaz falar-lhe da suavidade delicada e perfumada do lírio intato — que corresponde mais ao sentimento feminino. Devemos salientar ao jovem o heroísmo e fazer reconhecer a necessidade da fôrça para reprimir vigorosamente os instintos com vontade férrea. É indispensável despertar a vontade de triunfar em seguida à derrota, possível mesmo ao melhor dêles, e incitar o jovem a retomar a luta, a atacar de nôvo com coragem e combater até a vitória decisiva. Um confessor pouco inteligente que, em vez de encorajar e consolar, reprovasse e apelasse para o pudor do jovem com palavras imprudentes, desconhecendo essas peculiaridades psíquicas, poderia causar danos incalculáveis. Não derramaria com semelhante comportamento, como o samaritano misericordioso, vinho e óleo sôbre as chagas do ferido, mas soda cáustica. Como admirar-se então se, depois de tal tratamento, o jovem perder a estrada que conduz ao confessionário ou calar até culpas graves? Tem muita razão Schmidt quando diz que, nesses casos, em vez da pedagogia do mêdo, devemos preferir a pedagogia do ideal e da confiança. Também nesse ponto o pastor de almas deve imitar o Bom Pastor que não quebra o ramo dobrado nem apaga a chama que titubeia. O confessor não deve nunca manifestar surprêsa ou maravilha, causar no penitente a impressão de que está para dizer: "Não esperava isto de você". A única atitude justa por parte do sacerdote é a compreensão cheia de bondade. Possuindo essas qualidades pode ficar certo que os jovens voltarão ao confessionário, mesmo se o conhecerem pessoalmente. Não deixarão para depois a confissão, o que é importante.

Não só no trato privado, mas nos sermões e na instrução em geral, o sacerdote precisa ter essa mentalidade. Por isso Schmidt não é coerente com o próprio critério, tão compreensivo, quando, ao tratar da "miséria do vício solitário" pronuncia estas palavras: "Olhai êstes jovens, são a miséria em pessoa, cansados, precocemente esgotados, olhar apático, olhos onde tôda a luz da alegria se apagou, e perguntai se

Digitalizado com CamScanner

são êstes miseráveis débeis vosso ideal!" Qual o jovem, que, dispondo mesmo de dose mínima de honra, terá vontade de confessar uma falta contra a castidade a sacerdote que pronunciou tais palavras, admitindo assim que é "débil miserável"? Com palavras dêsse teor o sacerdote jamais obtera a confiança dos jovens que tem de dirigir. Muito menos ainda deverá dizer o educador inteligente, falando do onanismo: "Só um jovem vil comete tal falta. O homem degrada-se ao nível do animal cometendo êste pecado". Tudo isto é exagêro. Não é verdade que só os homens vis são capazes de cometer um pecado sexual. Cada sacerdote ou educador sabe por experiência que há jovens excelentes, cheios de intenções sérias e nobres que, de vez em quando, em momentos de fraqueza, podem sucumbir de passagem à violência dos instintos. Seria injusto e ofensivo falar logo de baixeza e de vileza. Não daria coragem alguma ao jovem, e abrindo-lhe mesmo as portas do desânimo.

É idêntico o caso do educador ou do sacerdote que descreve aos jovens com as côres mais negras as conseqüências do vício solitário. Pode levar a verdadeiro complexo de angústia que arrasta mais que nunca ao pecado quem luta por evitá-lo. Não há dúvida que no passado exageraram-se, sem medida, as conseqüências prejudiciais atribuídas ao onanismo, suscitando mêdo que assumia caráter de psicose coletivo com efeitos, sob certo ponto de vista, mais tremendos nos nervos e nas almas, do que o próprio mal.

Depois, em lugar de trazer êsses exageros à medida certa, caiu-se no extremo oposto. Declarou-se que o vício solitário é absolutamente inóculo e natural, nada mais que fenômeno característico do período da puberdade. É lógico que essa mentalidade teria de levar ao desprêzo do ato sexual, natural e inatural, trazendo conseqüências deletérias no campo higiênico, físico e psíquico, social e moral. A psicoterapia moderna finalmente trouxe à luz conhecimentos nunca antes imaginados sôbre a extensão e o efeito duradouro dessas faltas, sobretudo nas formas habituais e excessivas.

O educador deve saber que a diagnose segura do fenômeno só pode resultar da confissão do paciente. Não existem sinais objetivos e "sintomas específicos de onanismo". Existem, é verdade, fenômenos físicos que são conseqüência dêle, mas são ambíguos e não se podem avaliar isolados como características irrefutáveis. Dor de cabeça, tonteiras, ardência nos olhos, falta de apetite, insônia, aspecto fatigado, inquietação, distúrbios cardíacos, neuroses de tôdas as espécies, nervosismo etc., podem resultar de várias causas. Devido a tais perturbações muitas vêzes se suspeita injustamente dos jovens.

Os efeitos psíquicos do onanismo são muito mais grave que os físicos. Neste caso, naturalmente, devemos distinguir muito bem. Há

Digitalizado com CamScanner

casos em que o fato se verifica uma vez só. Sem querer, sem conhecimento anterior, por acaso, fôsse embora por um gesto, dá-se a *effusio seminis*. Pode acontecer que se repita algumas vêzes. Num certo ponto, porém, a vontade se revolta contra o proibido, não só sob a influência da consciência, mas também pelo vazio e insatisfação da alma, que são as conseqüências dessa falta, e a queda não se repete mais. Nesse caso dificilmente se verifica trauma psíquico. Há outros casos em que um jovem sucumbe repetidamente por um período mais longo. Aspira intensamente à conservação da pureza e à possibilidade de dominar-se. Mas, quase sobrepujado pela fôrça do instinto, sem conhecer adequadamente a extensão dêsses fatos, numa solidão da alma muitas vêzes deprimente, cai nos momentos de fraqueza, arrepende-se e levanta-se para cair de nôvo até que, por fim, consegue vencer a si mesmo com o auxílio da graça divina. Também nesses casos, e a expressão do rosto às vêzes o demonstra claramente, a vontade de ser puro permanece intata e trata-se mais de derrota dos instintos, sem ou contra a intervenção das faculdades superiores da alma, e por isso as lesões na vida psíquica não são notáveis e duradouras, pois deixam intata a essência da personalidade. Êsses jovens tornam-se humildes e vigilantes, bons e compreensivos, justamente por causa das derrotas, fazem grandes sacrifícios para conservar a pureza depois da conversão e tornam-se mais tarde ótimos maridos e pais. Se persistirem na continência pelo menos durante dois anos e se a graça divina os chamar, tornar-se-ão sacerdotes ilibados, devotos e fervorosos.

A situação muda essencialmente quando o onanismo é intencional, com a supremacia da concupiscência e, apesar de conhecimento mais exato, continuado sem combate. Nesse caso chega-se quase sempre a estado psíquico perigosíssimo. "Caracteriza-se pelo desmoronamento completo da confiança em si, pela perda da consideração pelo próprio valor, cedendo lugar eventualmente a complexos de inferioridade atormentadores e sempre crescentes. Chega-se, muita vez, à solidão psíquica, cujo pêso aumenta sempre mais. A solidão é sempre mais desejada; o "auto-erotismo" faz perder cada vez mais a capacidade de amor verdadeiro, desinteressado e a da dedicação. A solidão psíquica do "onanista" habitual e a relativa auto-acusação levam-no a estado de desespêro sempre mais profundo, se não consegue a tempo encontrar um modo de sair" (Niedermeyer). Acrescentemos, além disso, o enfraquecimento progressivo da fôrça de vontade e do livre arbítrio.

Tôdas estas conseqüências demonstram como é grande a responsabilidade que pesa não só sôbre os pais, mas também sôbre os educadores e diretores de institutos de educação e de colégios. Também os diretores de institutos de educação religiosa e de internatos devem em-

Digitalizado com CamScanner

pregar tôda a atenção, vigilância e responsabilidade para ajudar nessas dificuldades à juventude que lhes foi confiada e preservá-la do insucesso. Premissa indispensável é a confiança do jovem no guia espiritual e no educador. E é também muito importante afastar o perigo de perder o pecador a própria fôrça moral e a vontade de vencer-se dizendo: "Por um pecado grave perdi a graça de Deus, por isso deverei confessar-me de nôvo; portanto, pouco importa confessar se o fato se realizou uma vez ou dez". Êste raciocínio resignado é muito deletério e o hábito torna-se sempre mais forte. Em tais casos urge acentuar que a contrição perfeita só perdoa o pecado, se acompanhada do propósito sério de não mais pecar. Deve resolver-se o problema de não haver pecado grave, caso o consentimento não seja completamente deliberado, conforme as qualidades da pessoa em questão. Em linhas gerais é aconselhável grande prudência para não levar os jovens à leviandade. A direção espiritual e a educação dos jovens só poderão lucrar se o confessor procurar não julgar o adolescente exclusivamente segundo o sucesso ou o insucesso nas lutas sexuais. Podemos aceitar a afirmação de Rhaban Liertz: "Homens, excelentes em tudo, podem demonstrar fraqueza incompreensível no setor sexual, enquanto a retidão sexual pode ser patrimônio de certo homem que, noutros setores, não é moralmente aceitável". Nem sequer do ponto de vista pedagógico é um bem, na educação do caráter, considerar a castidade como o fator mais importante, como se as faltas contra o sexto mandamento fôssem os pecados mais graves e os maiores vícios. Assim procedendo dá-se ao fator sexual importância que não lhe cabe; coloca-se constantemente no centro da vida moral, atraindo a atenção numa medida desproporcionada. O sacerdote deve imitar também neste caso o exemplo do Salvador, que só nas relações com os fariseus presunçosos se mostra inexoràvelmente severo, enquanto, por outro lado, fala raramente dêsses pecados e quando os encontra numa alma arrependida, perdoa misericordioso. Naturalmente, salientando o primado do amor cristão, não podemos esquecer que não há amor verdadeiro sem pureza bem como a pureza sem a caridade não tem valor diante de Deus (cf. 1Cor 13,1-3). Devemos também ter presente que uma jovem, dada a vida sentimental mais profunda e mais delicada, tem necessidade de cultivar mais o pudor. Na educação do rapaz, por natureza sentimentalmente mais frio mas em compensação de inteligência mais aguda e vontade mais forte, é da maior importância o apêlo ao sentimento de responsabilidade e à fôrça de vontade. Deus dotou também o homem do sentimento de pudor para a defesa da castidade; mas o sentimento como tal é cego e deve ser dirigido pela religião, e mantido na justa medida. Por isso é necessário sobretudo que o jovem não se torne vítima de pudor excessivo. Se

Digitalizado com CamScanner

é deplorável a falta de pudor, não deixa também de ser o oposto. O embaraço natural e a fobia do sexo podem comprometer a pureza. Se um jovem tende sèriamente à harmonia psicofísica, deve acostumar-se, desde a infância, a executar com a maior naturalidade e sem perturbação de consciência tudo o que exige a higiene racional do corpo. Cada jovem, psìquicamente são, deve ser interiormente tão robusto, depois de superada a crise da puberdade, que possa ficar tranqüilo mesmo no caso de ver-se obrigado a um banho coletivo, completamente nu, como por exemplo, durante o serviço militar. Tenha-se presente que, apesar da concupiscência que domina o homem após o pecado original, a vista de uma pessoa do próprio sexo não suscita tentações graves no indivíduo normal, de mentalidade e educação justa. A situação muda quando se trata de meninos e adultos. Deve supor-se que o menino pode perturbar-se e inquietar-se à vista do adulto. O mesmo se diz para o período da maturação física e do desenvolvimento sexual, como também para os colégios e internatos onde, por causa da separação das pessoas de sexo diverso, e pelo encontro contínuo só com as do próprio sexo podem nascer simpatias de natureza erótica. Como demonstra Ed. Spranger na Psicologia da Juventude, a inclinação psíquica para o próprio sexo é fenômeno natural no início da puberdade e se explica com a fuga do outro sexo que caracteriza êsse período. Durante êsse período e nessas circunstâncias, o pudor deve ser conscienciosamente respeitado e cultivado mesmo em relação a pessoas do próprio sexo. Considerando a psicologia do jovem, a educação ao respeito é ainda mais importante que a insistência sôbre a pudicícia. Demonstramos atrás que o respeito corresponde mais à índole masculina que à feminina. O homem respeita profundamente a grandeza e a majestade de Deus. Ora, é dever da educação estender êsse profundo respeito do Criador também a tudo o que êle criou com eterna sabedoria e amor. Por isso o jovem deve aprender a respeitar o próprio corpo e o dos outros. Êste respeito deve basear-se, antes de tudo, no reconhecimento de que o corpo humano e, portanto, a função sexual, é obra da vontade criadora de Deus, santificada por êle. Por isso não existem partes "desonestas" no corpo. Pelo menos nos textos de moral deveria evitar-se essa terminologia, mesmo querendo conservá-la na praxe da assistência espiritual e na confissão. A precisão exige que o penitente se acuse na confissão, não dizendo: "Olhei as partes impuras do meu corpo" mas: "Olhei meu corpo com intenção impura". Deixemos passar a frase, de per si errônea, mas façamos saber que nem todos os olhares e gestos que se referem ao sexo são a priori pecaminosos, mas tudo depende muito da intenção. O homem jovem deve ser educado no respeito do próprio corpo e do das pessoas do seu sexo; assim poderá respeitar também o

Digitalizado com CamScanner

corpo e a alma de uma mulher e de sua espôsa. A êste respeito do corpo, baseado em princípios naturais, acrescenta-se, para as pessoas que vivem em Cristo, o que inspira os princípios mais importantes da ordem sobrenatural. Por fôrça do batismo e da crisma, o corpo torna-se membro do Corpo Místico de Cristo, obtém a unção e a consagração que o torna templo do Espírito Santo; na santa comunhão une-se de modo mais íntimo com o Corpo de Cristo; com a unção dos enfermos fortifica-se para a luta final e torna-se capaz de participar de modo especial da paixão e da morte do divino Salvador. O cadáver é abençoado pela Igreja e sepultado em terra consagrada. Lá espera a ressurreição da carne e a vida eterna na transfiguração, quando se tornará semelhante ao corpo ressuscitado do Redentor. O corpo do homem é imagem do Corpo santíssimo de Cristo, que êle ofereceu como holocausto cruento pela nossa redenção. O corpo da mulher é formado à semelhança do corpo sagrado da Mãe de Deus, da mais pura de tôdas as virgens, cujo corpo e alma imaculados nunca foram perturbados pelo mais leve sôpro de movimento de pecado ou de concupiscência. Como devia ser profundo êsse pensamento nos primeiros cristãos, como devia ser grande o sentimento de respeito, ousando descer juntos à fonte batismal e recebendo a unção em todo o corpo! De que desenvoltura dá testemunho a unção dos rins, praticada na Idade Média e mesmo depois, na unção dos enfermos. Agora os tempos mudaram e muito do que outrora parecia natural, hoje não seria mais tolerado. Apesar de condenarmos o excesso de pudor e de recomendarmos uma educação ao respeito e à desenvoltura, refutamos decididamente tôdas as tendências ao nudismo moderno. Embora concedendo que a boa vontade possa guiar cada representante dessa corrente, sem má intenção, devemos salientar que o movimento nudista como tal representa estrada fatalmente errada e o que se inicia no espírito deverá acabar na maioria dos casos na carne. Desde o pecado original, nos membros dos filhos de Adão reina outra lei, que combate a lei do espírito e procura instigá-los ao ilícito e ao prazer dos sentidos. Em linha geral, os homens não são capazes de gozar com serenidade a beleza de um corpo nu. Por isso a roupa não corresponde só a uma necessidade psíquica do homem, mas também à vontade de Deus, como aprendemos na narração do primeiro pecado (Gên 3,21).

Na educação à castidade parece-nos indispensável sobretudo a convicção da necessidade dos meios da graça. Justamente na luta contra as dificuldades sexuais é bom que o jovem aprenda a insuficiência das suas fôrças naturais e a necessidade absoluta da graça. Só nesses combates que põem em prova a fôrça de caráter, compreenderá verdadeiramente quanto precisa da oração e dos sacramentos. Passando por esta estrada,

Digitalizado com CamScanner

partindo de problemas e objetivos éticos que sente perto de si, chegará aos problemas religiosos. Não é por puro acaso que, justamente no período da puberdade, a vida religiosa se torne em alguns notàvelmente mais profunda, embora o jovem nessa época não se interesse direta e particularmente por questões religiosas. O jovem ideal, que procura conservar intato o escudo de sua honra, procura demonstrar a fôrça com o domínio dos instintos; impulso íntimo impele-o ao heroísmo. Dêsse modo o valor central "honra" pode ser pôsto diretamente a serviço da aspiração religiosa do jovem.

Esta consideração aplica-se também a outro valor central, para o qual se orienta a aspiração do jovem: o amor. Como ao valor central *"honra"* corresponde o heroísmo, assim ao valor central *"amor"* corresponde o idealismo. São ambos essenciais no jovem. Tudo depende da posição certa, querida por Deus, com relação ao Eros. Não podemos negar que o amor muitas vêzes se torna fatal para o jovem, pois, embora procurando no início apenas o complemento psíquico, acaba definitivamente no sexo. Por isso compreende-se que se considere freqüentemente o Eros (no significado de amor espiritual entre pessoas de sexo diferente) apenas como vanguarda e início dos pecados sexuais, sendo definitivamente condenado como perigo para a pureza. Mas uma ponderação mais amadurecida revela a unilateralidade dessa opinião. O despertar do instinto físico no homem, muito antes da possibilidade do matrimônio, deve ter significado preciso no plano divino; e deve ter também significado despertar-se o Eros, afeto da alma para uma pessoa do outro sexo, em geral, muito antes do início da vida conjugal. O despertar do instinto faz com que o jovem, durante os longos anos da maturação física que precedem o matrimônio, encontre ocasião de dominar e refrear os instintos a fim de que, mais tarde, possa preservar a vida conjugal do abuso. Bem diversos são o significado e a tarefa do Eros, que não coincide de fato com a sexualidade, mas, antes, pode subsistir totalmente separado desta. Que utilidade pode ter despertar-se o amor numa idade em que os jovens, por falta de uma sistematização profissional e por outras razões, não podem ainda contrair o matrimônio? Parece-nos que seja esta: formar a alma do jovem e prepará-la para o futuro completamento harmonioso da psique masculina e feminina no matrimônio. Para compreender bem êste processo, devemos estudar mais de perto os períodos do desenvolvimento dos dois sexos nas suas relações recíprocas.

O primeiro período de desenvolvimento pode assinalar-se com o lema: fuga dos sexos. Enquanto na infância meninos e meninas cresceram como companheiros de brinquedos, porque ainda não estavam plenamente conscientes de sua diferença sexual, no início da maturação

Digitalizado com CamScanner

sexual começa uma fuga recíproca dos sexos. Esta fuga é apenas um estádio transitório e na realidade não visa senão a um encontro mais íntimo no futuro. O menino e a menina numa distância recíproca, devem fazer amadurecer as qualidades típicas dos respectivos sexos, pois a atração futura baseia-se na polaridade oposta. Por isso, no jovem, deve formar-se antes o espírito corajoso, combativo, cavalheiresco, enquanto a menina amadurece e desenvolve contemporâneamente o sentimento materno, a delicadeza, a sensibilidade própria à alma feminina. Quanto mais fortes se desenvolverem e se exprimirem no caráter as peculiaridades dos sexos, tanto maior será a atração recíproca, tanto mais harmoniosa e sólida a aliança de vida no matrimônio. A relação entre meninos e meninas cancela funestamente as diferenças psíquicas e seu efeito é o nivelamento da psicologia dos dois sexos. O jovem torna-se sentimental e efeminado e a menina desenfreada, impertinente, despudorada. Não se forma a tensão psíquica entre os pólos opostos dos sexos, que é base natural sólida de amor maduro e fiel até a morte. Por essas razões análogas resulta nociva e importuna a co-educação dos sexos. Não adianta objetar que também na família irmãos e irmãs crescem juntos, sem se perturbarem ou prejudicarem no desenvolvimento. Não nos devemos esquecer que, no caso de irmãos e irmãs, trata-se de situação natural, as relações recíprocas entre irmã e irmão não têm erotismo e por isso falta às duas partes o desejo de adaptar-se um ao outro, o que acontece em geral entre meninos e meninas nos anos do desenvolvimento.

Ao primeiro período das relações entre os sexos segue-se um segundo, caracterizado pela exigência de um completamento puramente psíquico mediante o Eros. Êsse período representa, de certo modo, a reação à fuga dos sexos. Os dotes psíquicos dos dois sexos assumiriam tom exagerado e unilateral, se não interviesse o Eros para fecundar e plasmar a alma. Se o jovem, quando ainda é maleável, não sofrer a influência da gentileza feminina, seu caráter com facilidade fica estranho, duro e anguloso, imperioso e bruto. Em vez de protetor, forte e cavalheiresco, torna-se egoísta prepotente. Assim acontece, muitas vêzes, aos homens que se casam depois de vida de solteiro, livre de tôda influência feminina. Tais casamentos raramente são felizes, porque o homem não aprendeu nem a compensar as qualidades psíquicas, por meio da união com a alma feminina, nem a ocupar-se dela, procurando entrar-lhe no mundo. O mesmo se verifica também em alguns celibatários, se não procuram, conscientemente e com perseverança, compensar a unilateralidade do caráter com uma vida religiosa profunda e com a bondade do coração. De modo análogo também a alma feminina fica prejudicada se, na idade da formação, não experimenta a influência do Eros. O que

Digitalizado com CamScanner

nela há de mais belo, isto é, a feminilidade tão maravilhosa e profunda, fica estéril. A jovem não chega ao desdobramento do sentimento calorosamente materno, fica fossilizada, endurecida, cai vítima de descontentamento profundo que se manifesta não raro em caprichos que tornam difícil a própria vida e a do seu ambiente. Todos conhecem, a tal propósito, a figura antipática da "velha solteirona". Num eventual casamento tardio não consegue manifestar verdadeiro sentimento materno nem mesmo para com os próprios filhos e muito menos para com os filhos que o marido teve em matrimônio anterior.

O terceiro e último grau, claramente distinto do segundo, que representa, porém, o escopo essencial dos dois estádios precedentes, é o desejo de plena e duradoura comunhão de vida físico-psíquica no matrimônio. "Por isso deixará o homem o pai e a mãe e se unirá com a espôsa, e os dois serão uma só carne" (Mt 19,5). Não pode haver dúvida quanto à finalidade verdadeira da diferença física e psíquica do homem e da mulher, que o objetivo final da fuga dos sexos e do Eros seja a dedicação completa e recíproca no matrimônio.

Nas páginas seguintes discutiremos a tese de H. Schmidt, que sustenta não se dever simplesmente "abater a machadadas" ou reprimir o Eros no jovem, pois é certamente querido por Deus. Aceitá-lo não é nem êrro nem pecado. Ao contrário, o Eros pode até despertar fôrças religioso-morais e foi destinado por Deus a concorrer para a formação e a nobilitação da alma. Schmidt, como bom realista e conhecedor dos homens, não esquece que consentir positivamente ao Eros é lícito sòmente sob a condição de segurança moral e em determinadas situações. Por isso estabelece cinco cuidados para que o Eros não descambe em sexualidade. Só com a presença simultânea de tôdas as cinco condições é que êle considera compensados os inconvenientes. Os cuidados por êle exigidos são:

1. Deve tratar-se de amor sério entre pessoas maduras. Supõe-se, portanto, concluído o desenvolvimento físico, durante o qual considera-se normal e natural a fuga dos sexos. Os namoros imaturos e os flêrtes entre pessoas semi-adultas excluem-se por princípio. Deve, além disso, tratar-se de amor sério e sincero, orientado para o matrimônio. Às pessoas que escolheram o ideal da virgindade é proibida tôda pactuação com o Eros.

2. O jovem deve ser ainda incorrupto. É fácil, se no despertar sexual a primeira experiência toca o sexo e não o Eros. A pergunta, se um homem caído em pecado contra a castidade é ainda capaz de amor sexual puro, Schmidt deixa aberta. A experiência do cuidado das almas deverá provàvelmente mais negá-la que afirmá-la.

3. Deve-se ter absolutamente firme o respeitoso temor do con-

Digitalizado com CamScanner

tato, característico e natural para o Eros. Isso concorda com a supramencionada opinião de Liertz.

4. Uma premissa indispensável é a intensa vida religiosa de fé viva, fundamentada em grande delicadeza de consciência, nutrida com a oração cotidiana para a guarda da pureza e, possìvelmente, com a comunhão cotidiana ou pelo menos semanal.

5. A última condição é o acôrdo com um diretor espiritual ou com o confessor fixo, ao qual se abra a alma, regularmente e sem reservas de espécie alguma, pelo menos uma vez por mês Nessas revisões periódicas da consciência deve-se falar também de todos os perigos, das revoltas sentimentais, do desejo de contato, mesmo quando não se tratar de pecado. Deve obedecer-se às instruções do confessor de modo absoluto.

Estas são as premissas e as condições, indicadas por H. Schmidt na sua "Ascética orgânica" para consentir aos jovens de sexo diverso secundarem as solicitações do Eros que os impele à amizade espiritual. Devemos admitir que as cinco condições são tôdas necessárias e psicològicamente bem fundamentadas. Parece-nos, porém, que uma condição importante foi esquecida: evitar permanecer a sós em circunstâncias que podem considerar-se como ocasião próxima de perigo ou de pecado. Se não se observar esta condição, tôdas as outras mostram-se, pela experiências, insuficientes e de garantia precária. Queremos, de certo modo, corrigir e completar o que Schmidt afirma no terceiro ponto. Êle fala de temor ao contato, característico para o Eros. É justo, mas só para os primeiros passos do amor recíproco. Mas quanto mais longa e íntima se torna a amizade, tanto maior se torna o desejo de testemunhar êsse amor também com sinais externos. Assim a experiência nos ensina que o temor ao contato bem depressa se transforma em necessidade de contato. Diante dêsse impulso ajuda pouco aos jovens lembrar repetidas vêzes as considerações de Schmidt, isto é, que a felicidade mais profunda e mais pura se encontra e se conserva ùnicamente com o temor ao contato. A maior parte dêles não acreditaria e julgaria encontrar nas manifestações externas do amor felicidade ainda maior. Especialmente a jovem, que conhece muito menos a sensualidade do instinto, sente desejo intenso de carícias. E nem mesmo o perigo, pois as carícias não lhe excitam os sentidos ou excitam muito pouco. Para o jovem o impulso espontâneo de sentir-se o mais possível perto da amada lhe fornecerá ocasiões fáceis de ternuras. Mesmo que no início não se veja dominado por qualquer intenção pecaminosa, mesmo que na alma juvenil, no princípio, o erótico e o sensual estejam claramente separados (Spranger), todavia o erótico pode levar pouco a pouco à sensualidade e fundir-se com ela. Quando assim não fôr trata-se de

Digitalizado com CamScanner

exceção, que se verifica só nas pessoas de caráter muito firme e de religiosidade profunda.

Para resistir ao desejo de contato provocado pelo Eros é necessário sexto cuidado ou condição: os jovens devem encontrar-se só em condições que impeçam qualquer manifestação de ternura por motivo de decôro ou de respeito para com os outros. Poder-se-á talvez objetar que também o amor puro evita a publicidade, porque quer ficar puramente pessoal, íntimo; doutra forma, perderia com facilidade o elemento mais precioso e delicado. Claro que também o Eros prefere manifestar-se em segrêdo. O Eros não quer testemunhas. Por isso não é nem necessário nem desejável que se mobilize contìnuamente uma escolta de honra e de vigilância. Depende muito da diversidade das circunstâncias: é diferente que dois que se amam, se encontrem sòzinhos à noite, que saiam sós para um passeio na montanha, que voltem sós para casa depois de um baile, ou ao contrário, que estejam sentados no jardim da casa paterna ou que se encontrem no apartamento dos pais, onde de um momento para outro podem ser surpreendidos pelo pai, pela mãe, pelo irmão ou pela irmã. Depende muito também da hora do dia. Um passeio durante o dia é muito menos perigoso que à noite, quando os sentidos estão mais excitados e pode aproveitar-se da escuridão. Um passeio na estrada, sob os olhos dos que passam, contém menos perigo que um passeio no bosque. Um passeio coletivo de trem é incomparàvelmente mais inócuo que um passeio à praia ou de barca. Naturalmente devemos admitir que muitos que se amam não procuram a solidão com má intenção, mas pelo receio dos falatórios e das suspeitas do próximo. Deveria ser questão de auto-educação e de educação em geral, não acusar logo de pecado um casal de namorados: ao contrário, é dever presumir que seus sentimentos sejam tão mais nobres e puros, quanto mais se mostram em público. Nos nossos dias, naturalmente, onde também o vício ousa sempre mais exibir-se em público, a inversão de conceitos habituais e de opiniões hereditárias não é fácil. Em linhas gerais a situação é a seguinte: quanto mais puro o homem e senhor de si, tanto mais supõe sentimentos puros também nos outros; quanto mais medroso e internamente inconsistente e incerto, tanto mais supõe que o próximo esteja cheio de baixezas e de pecados e isso ou pelo temor de ser culpado ou para tranqüilizar sua má consciência. Especialmente em certos lugares, onde domina a população campesina, seria desejável a tal respeito uma mudança de opiniões, que muitas vêzes têm uma forte dose de farisaísmo e grande confusão de preconceitos e de idéias. Em certas localidades acontece não raro que o povo se escandalize porque um rapaz falou com uma môça na rua. Mas as mesmas pessoas nada têm contra quem passa uma parte da

Digitalizado com CamScanner

noite sob a janela ou no quarto da jovem amada. Nesse assunto, justamente a população rural deveria ainda mudar muito e é dever dos sacerdotes educá-la para modificar tais idéias e opiniões. Então, pouco a pouco, os jovens que se amam com amor puro não se tornarão vítimas da suspeita de pecado, se não escondem os sentimentos em público, justamente porque, querendo conservar-se ilibados, evitam encontrar-se a sós e em segrêdo. Além disso também aqui vale o: "Importa-me pouquíssimo que me julgueis com juízo humano; antes nem sequer me julgo a mim mesmo... quem me julga é o Senhor" (1Cor 4,3ss).

Concluindo: a condição básica para haver amizade espiritual entre pessoas de sexo diferente é a vigilância direta ou indireta do encontro. Faltando essa condição, não serão suficientes as cinco condições acima e o Eros levará ao pecado.

* * *

Estamos plenamente de acôrdo com H. Schmidt quando resume em cinco pontos os efeitos do Eros no despertar das fôrças religioso-morais.

1. A religiosidade dos jovens necessita da aliança do Eros para pôr freio à sexualidade. Se a religião deve combater sòzinha contra uma aliança do Eros com o sexo, dificilmente poderá conseguir a vitória.

2. Já que o Eros representa o contrapêso natural e superior contra a sexualidade, suprimi-lo com a violência é não só estupidez, mas até contraproducente e encontraria repulsa. É inegável que, muitas vêzes, já a continência sexual significa para o jovem maduro para o matrimônio sacrifício muito notável. A renúncia completa ao Eros, possível e lícito, exige sacrifício heróico, que o sacerdote é capaz de fazer por vocação e graça especial, mas que ultrapassa em geral as fôrças do leigo. Por isso pode acontecer com facilidade que o jovem, do qual o pastor exige demais, não escute mais as admoestações e, uma vez que a meta indicada lhe parece impossível, julgue-se dispensado de cumprir até o que é dever patente e claro.

3. O Eros é remédio excelente contra o onanismo, pecado tão difundido entre os jovens. Aqui podemos bem afirmar: *contra facta non valent argumenta.* É fato inegável que muitos jovens, apesar de tôda tentativa infrutuosa contra o onanismo, foram capazes de dominar-se só depois de terem conhecido jovem ilibada, que nêles acendeu o ideal da pureza. Naturalmente nesse ponto não devemos esquecer que o perigo do onanismo surge no período da maturação sexual, enquanto o Eros entra em ação só depois do período da puberdade. É, portanto,

Digitalizado com CamScanner

mais um remédio de cura que meio preventivo. Mas, de qualquer forma, é grande ajuda.

4. Dado que a luta pela castidade é inevitável, o método da simples evasão, a abstenção absoluta do Eros, não ajudam, mas deve-se procurar a maior imunização possível contra o perigo, justamente com a ajuda do Eros. O ideal do jovem deve ser o amor puro. Por êsse ideal êle se sacrificará de boa vontade e, na hora da tentação, o ideal o sustentará melhor do que a insensibilidade que deriva da supressão do Eros.

5. O método descritivo é conforme à natureza. Como demonstramos, corresponde à vontade de Deus que o Eros coopere na formação harmoniosa das fôrças da alma. Daí resulta como pode tornar-se fatal reprimir e suprimir essa energia potente da alma por meio da violência. Como é falso que a continência sexual de per si prejudique a saúde, de igual maneira é falso que a repressão total do impulso erótico traga, muitas vêzes, perturbações psíquicas notáveis.

As considerações precedentes oferecem uma diretiva ao pastor de almas e ao confessor para guiar e aconselhar os noivos no período pré-matrimonial. O casamento entre duas pessoas que não se conhecem é risco muito grave, especialmente aos olhos dos que consideram o matrimônio como uma união indissolúvel por tôda a vida. E também o casamento sem amor espiritual precedente raramente conduz à harmonia conjugal. Por isso a amizade antes da vida conjugal não só é natural mas também indispensável para a felicidade do próprio matrimônio. Um pastor de almas esperto não pode duvidar que a tarefa principal, na conservação da castidade pré-matrimonial, cabe ao homem. Se êle fizer o sacrifício da continência por amor a Deus, convicção íntima e respeito à noiva, a partida está ganha. Mas se o homem fôr fraco, a jovem, verdadeiramente enamorada, não poderá resistir muito tempo, nem mesmo se o quiser.

Outra condição devemos recomendar com insistência. "Os noivos não podem cometer maior êrro que encontrar-se com muita freqüência".

"Quanto menos se virem, tanto mais desejável se torna o encontro! Sim, estar sempre juntos no *pensamento;* ter sempre *saudade* do outro; *mas estar junto* o menos possível! O encontro deve tornar-se sempre uma festa. Não se pode fazer festa a semana inteira" (H. Wirtz). Êste respeitoso conservar-se a distância e êsse "fazer-se de precioso" são sacrifícios que exigem naturalmente muita fôrça de vontade e quanto mais tempo demora, mais difícil se torna. "Por isso um noivado longo demais é mal considerável. Não deve ser muito breve, porque então perde a finalidade; mas também não longo demais, porque nesse caso com

Digitalizado com CamScanner

dificuldade se evita o perigo do esfriamento de relações ou da impureza".

"São porém as condições externas que, muitas vêzes, determinam o noivado muito longo. Então só há um remédio: inserir um período prolongado no qual, espontâneamente e com o consentimento recíproco, se interrompem as relações externas; não se encontram nem se escrevem. Será dura prova para o amor. Pode ser que um dos dois não a suporte e se encaminhe por outra estrada. Será doloroso, mas deixai-o ir. Iria da mesma forma... só um pouco mais tarde. E, neste caso, de modo muito mais amargo e desastroso. Se um amor não resiste tão pouco... E se resistir, o longo noivado não terá sido em vão, mas sim uma graça. Deverão agradecer a Deus. Será a melhor segurança para a boa sorte no matrimônio..." (H. Wirtz).

Resumindo o conteúdo dêste capítulo podemos afirmar: os pontos de partida para a religiosidade da alma do jovem são as fôrças psíquicas que correspondem a essa idade e seus ideais típicos: a honra e o amor, que, por sua parte, são condicionados pelas fôrças que predominam na alma. As fôrças psíquicas do jovem são formadas principalmente pela fôrça dos instintos, e assim sendo devem colocar-se a serviço do sentimento religioso. O sentimento da honra e da ambição desperta na alma do jovem o espírito de combatividade, a aspiração ao heroísmo, enquanto o sentimento do amor suscita o entusiasmo por tudo o que é nobre, belo e bom, isto é, o idealismo. Construída sôbre essas duas fôrças básicas e naturais, a religiosidade do jovem cria raízes na personalidade de modo tão profundo que pode enfrentar tôdas as tempestades da vida.

B. *Vida psíquica da jovem*

A nota principal do período de maturação psíquica da menina é a necessidade de se completar em tôdas as direções. Seu completamento no campo erótico é passivo, deixando-se encontrar por um companheiro. Para tal fim servem tôdas as manifestações do instinto estético feminino. A jovem procura tornar-se bela em todo o significado da palavra, para chamar a atenção do homem. Assim se explica também, em parte, as aberrações e as mudanças rápidas da moda feminina. Até o pudor pode pôr-se a serviço do instinto estético. O desejo inconsciente de completamento psíquico manifesta-se na exaltação sentimental da natureza e das pessoas admiradas, dos professôres e mestras, de sacerdotes, cantores, artistas de cinema, esportistas etc. Faltam na menina a mania da fôrça física e a rispidez da maturação do menino, como também a timi-

Digitalizado com CamScanner

dez incômoda; mas as oscilações do estado de ânimo estão presentes da mesma forma, se não em medida ainda maior. O humor pode alternar entre a alegria de viver e o desejo da morte, entre a ânsia do amor e o desejo da solidão do claustro. Mais de uma jovem sonhou com a vocação religiosa, durante os anos de colégio, tornando-se mais tarde, num ambiente diferente, autêntica mulher mundana.

É característico da vida psíquica feminina o sentimento profundo. Nisso se distingue claramente da psicologia do jovem, assinalada pelo predomínio dos instintos. Na vida psíquica da jovem, o instinto cede lugar à profundidade sentimental. Todavia parece exagêro, que não corresponde à realidade, afirmar que na menina, normal e incorrupta, o instinto sexual esteja completamente mudo. É verdade que nem sempre se faz notar logo que começa a maturação sexual, como acontece no rapaz. Sucede, muitas vêzes, que a jovem só perceba os primeiros movimentos sexuais vários anos após a maturidade sexual. O componente físico do instinto sexual é normalmente muito mais fraco. Além disso é verdade que, depois da primeira experiência do prazer pecaminoso, o instinto sexual aumenta em algumas jovens, enquanto outras sentem pouca ou nenhuma tentação após a queda, especialmente se acontece, e acontece muitas vêzes, não terem tido qualquer sensação libidinosa. Nesse campo não se podem estabelecer normas gerais, porque colaboram muitos fatôres, como por exemplo, a hereditariedade, a índole pessoal, a educação, o ambiente, o temperamento etc. Devemos insistir sôbre um fato: também a menina ilibada pode perceber um movimento sexual, que naturalmente nem sempre contém uma *delectatio venera.* Testemunho disso são as tentações de muitas jovens que, embora possuindo a inocência batismal, sabem distinguir os movimentos sexuais. Há, ademais, o depoimento de diversas virgens canonizadas pela Igreja. Não poucas tiveram de sofrer sob a lei da carne (Rom 7, 23). Geralmente acontece que a jovem sente a tentação depois de uma solicitação externa, enquanto o rapaz é excitado também por processos de secreção interna, sem influxo algum exterior. Mas não é possível afastar-se de tôdas as ocasiões, mesmo das mais remotas, nem sequer uma menina bem educada e vigiada. Para isso seria preciso sair do mundo (1Cor 5,10). Contudo, não queremos negar que, em casos excepcionais, as jovens podem ficar livres dos impulsos sexuais durante anos, e até a vida tôda. Sabemos pela vida de Sta. Teresa do Menino Jesus que ela, no leito de morte, confessou à própria irmã Inês de Jesus, que nunca experimentou durante tôda a vida tentação contra a castidade. É um caso digno de nota, mas não é um milagre da natureza e da graça, enquanto o mesmo fato, na vida de um santo não teria explicação sem a intervenção direta de Deus. O sentimento, ele-

Digitalizado com CamScanner

mento predominante da psicologia da jovem, torna-a capaz de cumprir com os deveres naturais do matrimônio, ser companheira cuidadosa do homem e mãe amorosa dos filhos, pronta para qualquer sacrifício.

E eis-nos diante do estado de virgindade. O estado ideal da mulher em geral é a união harmoniosa da virgindade e da maternidade. Na menina, por sua natureza, a inclinação vai para a virgindade. Uma nostalgia dupla enche a alma de tôda mulher: a de reservar-se, o que corresponde à virgindade, e a de doar-se, que corresponde à maternidade. Aqui está a fonte secreta da atração que ela exerce sôbre o homem. Quanto melhor se exprimirem êsses valores na nobreza ilibada da mulher, tanto mais o homem se sentirá atraído por ela. É impressionante ver como o jovem rude e impetuoso, jamais dominado nem pelos pais nem pelo educador, torna-se cheio de terno respeito e de dedicação, capaz de amor generoso, logo encontre uma jovem pura. É êsse o motivo do orgulho feminino justificado, que consegue vencer com a fôrça do amor puro também o jovem inflexível e obstinado. É bom cultivar nas meninas êsse orgulho nobre e justificado. Elas devem saber que grande poder exercem sôbre os jovens com o sentimento materno unido à virgindade. Cometem êrro fatal as môças que julgam poder conquistar e prender uma rapaz adotando sentimentos e maneiras masculinas. Obtém-se justamente o efeito contrário. Um jovem, psìquicamente são, sente-se desgostoso com os modos masculinos de uma menina; pois não procura nela as qualidades do homem mas os dotes que o completam e que, pela sua diversidade, criam a tensão e polaridade entre homem e mulher que formam o alicerce da comunhão de vida no matrimônio. A jovem que tiver percebido o valor especial da alma feminina e experimentado influência dela, não sucumbirá com facilidade ao complexo de inferioridade, não ficará descontente com o seu lugar na vida sexual e não se lamentará de ser "apenas mulher". Consciente do valor que adquire em reforçar e cultivar a feminilidade, não se perderá assim tão fàcilmente e não satisfará a paixão sensual do homem. Compreenderá que se torna tanto menos desejável, quanto mais fácil fôr em deixar a reserva virginal e ceder à paixão carnal do homem; e, ao contrário, prendê-lo-á tanto mais, quanto mais estimular nêle a vontade de conquista com o seu delicado afastamento. Uma jovem que se comporta dêsse modo, não deve ter mêdo de perder o amor que um rapaz lhe dedica só porque não se entrega à paixão dêle, mesmo se a ameaçar. Muitas môças, no momento em que se entregaram fìsicamente, deixaram de ter interêsse pelo rapaz. O sinal e a expressão do amor físico tornaram-se muitas vêzes o início da própria ruína.

Quando se pergunta qual o fator mais importante da educação religioso-moral das meninas devemos responder com a indicação de dois

Digitalizado com CamScanner

elementos: primeiro, a purificação da vida sentimental; segundo, o entrelaçamento do fator religioso com os ideais naturais da jovem. Dado que a vida sentimental da jovem é profunda e intensa, suas prerrogativas essenciais são não só a bondade, a compaixão, a prontidão ao sacrifício, a capacidade de dedicação, a intimidade, mas também as fraquezas tìpicamente femininas: a volubilidade, a aversão, a parcialidade, a inveja e o ciúme. O melhor antídoto contra a volubilidade feminina é o amor desinteressado. Onde êle estiver presente, a jovem fará, impertérrita, com alegria e com constância sempre renovada, os maiores sacrifícios e pensará muito pouco em si mesma. Mas, se êsse afeto esfriar ou perder o interêsse, ela se tornará com facilidade mexeriqueira, o sentimento insatisfeito e descontente começará a girar, como que sem pátria, e a môça se tornará um pêso para si mesma e para o ambiente. Êsse é o motivo da intratabilidade de certas jovens. Um perigo ainda maior da índole sentimental da mulher consiste na tendência aos extremos. O homem, por sua natureza, não é capaz de um amor tão cheio de dedicação como a mulher: êle é prisioneiro; o homem conserva com mais facilidade atitude indiferente com relação a uma pessoa e, sobretudo, não é capaz de ódio tão feroz como o da mulher que se deixa arrastar pela paixão. É importante, por conseguinte, educar a menina de modo que subordine a vida sentimental à razão e à vontade. A jovem deve aprender a olhar os homens com objetividade, sem paixão, isto é, sem preconceitos e prevenções.

Tendo sido o pudor concedido à jovem em dose especial para a defesa da castidade, deve cultivar-se esta delicada atitude psíquica com consciência e prudência. Estando o pudor na esfera sentimental a môça, como tal, percebe-o e compreende-o melhor que o rapaz, cuja vida sentimental é mais simples. Naturalmente, môça ilibada, com um mínimo conhecimento ou mesmo nenhum dos impulsos sexuais, corre o perigo de considerar, na sua ingenuidade e ignorância, perfeitamente inócuas certas situações que, para o jovem rico de paixão, podem tornar-se ocasiões ou tentações. Só assim se explica o modo de vestir, às vêzes indecente, de muitas jovens ilibadas. É questão de obedecer ao confessor responsável, quando afirma que muitas desgraças começam com a leviandade. Se é necessário cultivar o pudor, é todavia inatural e nocivo o exagêro. Não devemos esquecer que a ansiedade excessiva e os "dengues" da jovem provocam às vêzes maior paixão e vontade de conquista nos rapazes, de igual maneira que as mais inabordáveis e cheias de orgulho feminino caem antes que as outras, por serem mais desejáveis para o espírito combativo do homem. Devemos ter presente, além disso, que numa menina normal, o pudor, mesmo se muito delicadamente desenvolvido e cultivado, está completamente sob o influxo

Digitalizado com CamScanner

e domínio do amor. Tal o motivo pelo qual mesmo jovens de sentimentos muito delicados podem, num momento de fraqueza, dar ao homem amado o que têm de mais sagrado. Enquanto o rapaz escorrega lentamente da altura da vida moral, primeiro brincando com o perigo e com a ocasião, depois com pecados veniais e descuidando da luta contra a tentação, com autodisciplina insuficiente nos pensamentos, nos olhares e nos contatos, até que a violência da paixão o impele ao pecado completo, na jovem tudo acontece muito mais direta e ràpidamente. Sucede assim que uma môça, que até a idade de 20 anos se conservara pura como um lírio, livre de tôda tentação sexual, de todo amor e afeto, cai na armadilha cedendo à insistência de um môço. Quanto mais êle conseguir seduzir-lhe a alma com o amor (verdadeiro ou fingido), especulando-lhe a psicologia feminina inclinada à compaixão, tanto mais depressa induzirá a jovem a ceder. Parece quase que ela, diante do rapaz amado, não tenha mais vontade própria, que não possa resistir-lhe. A mesma jovem que recusa enérgica e decidida importuno indiferente ou antipático, abandona-se sem resistência ao homem amado, não sabendo nem sequer o que faz e percebendo com espanto o que aconteceu só depois que passou a confusão da mente e dos sentidos. É justamente o destino fatal da mulher que, por um momento de fraqueza, deve não raro pagar a falta cometida durante a vida inteira. Dado que o pecado grave deva ser ato de plena advertência e consentimento deliberado, podemos perguntar se, no caso de uma jovem que se comporta passivamente e depois confessa não saber absolutamente como o fato aconteceu e como foi possível que acontecesse, podemos perguntar se há possibilidade de falar verdadeira e subjetivamente de pecado grave. Nem tôdas elas refletem, no momento do abandono, se é lícita ou pecaminosa a atitude e mesmo se pensassem, não seriam capazes de resistir ao amado. Ora, quando a vontade não está completamente livre, não existe pecado grave. Essa hipótese de consentimento no ato pecaminoso, objetivamente grave, mas subjetivamente imune de pecado grave, vale só para a mulher, impotente diante do amado, pois o jovem, em geral, embora sofrendo o impulso violento da paixão, é consciente e dono da própria ação. Por isso a responsabilidade maior pesa sôbre êle e, dado o conhecimento claro e a vontade mais forte, não ficará assim tão fàcilmente isento de pecado grave. Devemos reconhecer, porém, que também nêle a paixão pode assumir violência tal que lhe tire a posse completa do livre arbítrio e como conseqüência não pensará na pecaminosidade da ação. De qualquer modo não poderá justificar-se da culpa grave senão na primeira queda; pois, como acontece nos outros casos da vida, os homens têm o dever de tirar ensinamento dos próprios erros. Se, apesar da primeira experiência da fraqueza e da falta, não

Digitalizado com CamScanner

procurarem evitar a ocasião seguinte de pecado, esta atitude já deve considerar-se culpa grave, mesmo se a ação carecer de nôvo de premeditação e vontade deliberada. Quem não está disposto a evitar o perigo não necessário, não quer evitar também o pecado. E está obrigado a isso. Ademais, nem mesmo aqui podemos marcar os limites precisos entre pecado grave e pecado venial e assim também neste caso, como em tantos problemas da teologia moral, só Deus pode pronunciar sentença justa.

Que conclusões podemos tirar de tudo isto para a prática pastoral? Antes de tudo que a mulher é realmente o sexo *fraco*, também pela sua servidão com relação ao homem e, portanto, não está nunca preservada demais da ocasião de pecado. De que adianta o apêlo ao juízo e à vontade, de que serve ensinar-lhe a guardar o coração, não jogar fora o tesouro mais precioso, a ter orgulho da própria honra, a pensar na felicidade da vida? Para que servem a educação para o pudor, a consciência e o sentimento de responsabilidade? Para que servem os meios da graça, a oração, os sacramentos, se a alma da jovem tem disposição tal que não pode resistir por muito tempo às insistências do amado, por causa da totalidade do próprio amor? Por isso o Senhor diz: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação: o espírito está pronto mas a carne é fraca" (Mt 26,41). O Senhor, portanto, nomeia a vigilância antes mesmo da oração. Como agem mal, então, os pais que, embora tendo as melhores intenções de dar boa educação, encaminhando os filhos justamente à vida religiosa e rezando muito por êles, todavia "preservam-nos do mal" (Jo 17,16) de modo insuficiente e se preocupam muito pouco em conservá-los afastados das ocasiões de pecado! Quando se dá o fato, censura-se, despreza-se a filha, talvez até se expulsa da casa paterna. Muitas vêzes, porém, os pais são mais culpados que a própria jovem. Confiança cega, ingenuidade e credulidade fazem parte da bagagem de tôdas as filhas de Eva. E justamente por causa dessas qualidades é que estão em perigo tôdas as môças. Por isso podemos sustentar o princípio: se se fôr preservar a môça da ocasião de pecado, ela permanecerá ilibada, mesmo se não tiver disposições pessoais muito favoráveis. Mas se fôr abandonada ao perigo e à ocasião de pecado, não há arte pedagógica e meio de graça que possam salvá-la: cairá. Talvez se objete: não podemos vigiar sempre uma jovem, não podemos isolá-la completamente do mundo externo. De acôrdo; mas pode-se e deve-se providenciar para que não se encontre nunca com o amado ou com outras pessoas estranhas em lugares e em circunstâncias externas em que, cedo ou tarde, quase por necessidade da natureza, devam cair no pecado.

Para poder purificar a vida sentimental é preciso dominar também os excessos. O sentimento da môça, de per si cego, deve guiar-se pela

Digitalizado com CamScanner

razão e pela vontade. Êste princípio vale também para o sentimento do amor. Quantas jovens sofrem por um amor que não poderá encontrar nunca a realização num matrimônio feliz! Deve educar-se a jovem no domínio dos sentimentos e dos afetos não só no exterior mas também conservá-la pura diante da própria consciência.

O segundo elemento na educação da môça é a união dos seus ideais com o sentimento religioso. Trata-se de fazê-la compreender que êsses ideais não podem encontrar realização perfeita sem a religião. Só com a religião a tendência feminina à generosidade reveste-se de bondade, mansidão, misericórdia, sacrifício, paciência e prontidão ao auxílio do próximo. Só a religião aprofunda a inclinação à interioridade eliminando a superficialidade de certas jovens, absorvidas ùnicamente pelas aparências, pela vaidade e pelas loucuras vãs da moda. Com o auxílio da religião, a pureza obtém a realização mais profunda, em forma de aspiração consciente a fim de conservar-se para Deus e imitar a Santíssima Virgem.

Elemento essencial da religiosidade interior é certa penetração racional do dogma e a dedicação desinteressada ao cumprimento dos deveres religiosos. Môças, que comungaram diàriamente durante o período de colégio para agradar aos superiores, ou pela ambição de serem admiradas pela devoção, ou só para gozar das doçuras da consolação espiritual, são capazes, mais tarde, de esquecer-se até do preceito pascal e casar-se, de boa vontade, com um homem absolutamente indiferente à religião ou até herege ou ateu. A jovem, pela sua ligação intensa com o ser pessoal, não encontra dificuldade no amor às pessoas sobrenaturais. De modo análogo, acha mais fácil do que o homem a vida de oração e a freqüência dos sacramentos. Deve por isso cuidar para que não haja contradição entre a vida religiosa e a vida cotidiana. A môça que comunga todos os dias ou quase, deve ser exemplar também em casa, no cumprimento do dever, na obediência, no domínio de si, na caridade para com o próximo e na boa educação. Aqui vemos que a árvore se conhece não pelas fôlhas e flôres, mas pelos frutos. Há muitas mulheres que lançam o descrédito sôbre o valor e o respeito à comunhão cotidiana com o comportamento na vida prática. Elas rezam muitos "Pai-nossos" mas resignam-se pouco à vontade do Pai; assistem à santa missa e se rebelam contra o sacrifício do autodomínio; ouvem muitos sermões, mas aplicam a si mesmas só o que lhes convém; comungam muito e vivem em discórdia com o próximo, violando a honra e boa reputação.

A vida de Cristo, o objetivo a ser atingido, deve colocar-se diante dos olhos da jovem de modo claro e nítido. A êsse alvo conduz a imitação pessoal do ideal apresentado pela Virgem Mãe. Por isso um meio indispensável para a formação religiosa das jovens é o amor pro-

Digitalizado com CamScanner

fundo e sincero pelo modêlo inatingível da mais pura de tôdas as virgens e da mais amorosa de tôdas as mães, a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus.

Capítulo 3

Vida psíquica da idade madura

A época e a duração dos anos do vigor pleno varia, no homem, conforme o indivíduo. Para o homem podemos indicar, em média, o período entre os 25 e os 40 anos, ou até os 50; para a mulher entre os 20 e os 40 anos. Também os anos do vigor pleno têm feição particular e problemas especiais. A psicologia moderna afirma que no ápice da vida e na sua curva se apresenta um ponto crítico. O objetivo da natureza (procriação) e o fim social (posição, classe, profissão) já foram atingidos. Se falta ideologia satisfatória, falta também a finalidade que enche a vida. Produz-se tensão psicológico-espiritual perigosíssima. O "dæmonium meridianum" da Bíblia (Sl 90,6) faz o indivíduo desmoronar, quando o caráter já parecia consolidado. Por outro lado, muitos homens importantes encontraram e encontram sua verdadeira missão no zênite da vida.

O homem, em geral, encontra satisfação numa profissão que corresponda às suas qualidades e tendências. Naturalmente importa também no perigo de esquecer, embebido no trabalho e na preocupação pelo pão cotidiano, na aspiração de procurar para si e para os seus vida possìvelmente mais cômoda e velhice sem preocupações, o único fator necessário: a preocupação de salvar a própria alma. No ápice da fôrça sexual, entre os 25 e os 40 anos, encontra-se muitas vêzes em conflito com os mandamentos da moral sexual: se não é casado, mantém relações sexuais pré ou extramatrimoniais ou torna-se vítima do onanismo; no matrimônio é, freqüentemente, responsável pelo abuso matrimonial, às vêzes também pelo adultério da mulher, especialmente se esta deseja a maternidade, mas o homem querendo fugir dos sacrifícios ou por aversão às crianças pratica o onanismo matrimonial. Nesse período o homem se afasta também da comunhão.

Segundo uma estatística de 1935, naquele ano apenas um quarto dos homens cumpriu os deveres pascais na Alemanha. Êste fato triste liga-se desde logo à difundíssima imoralidade conjugal. Depois dos quarenta anos a violência do instinto sexual diminui lentamente, para ceder lugar sempre mais às fôrças do espírito e da vontade. Perto dos 50 anos a inclinação se reaviva nos homens por um período breve, depois se apa-

Digitalizado com CamScanner

ga lentamente. A época melhor do homem começa depois dos 40 anos, não só para a vida espiritual, como também para a vida religiosa. Alguns místicos, como por exemplo, Henrique Suso e Tauler, são do parecer que o homem antes dessa idade não é capaz de verdadeira serenidade íntima e de união perfeita com Deus. Claro que não é aconselhável esperar até essa idade para cultivar o sentimento religioso. A vida dos santos demonstra que muitos dêles possuíram desde a juventude medida de perfeição moral que muitos outros não atingiram nem mesmo na velhice. Os aspectos positivos da vida psíquica de muitos homens na maturidade plena são: seriedade, sentimento do dever e da justiça; as fraquezas e inclinações desordenadas se manifestam na sensualidade, na irascibilidade, na intemperança.

As fôrças psíquicas da mulher em plena maturidade estão em geral empenhadas nos deveres de espôsa e mãe. Se o matrimônio teve sucesso discreto, oferece à mulher a felicidade e a preserva de desvios sentimentais. A viuvez apresenta, às vêzes, problemas especiais. O hábito das relações conjugais, interrompido pela morte repentina do marido, expõe a castidade da viúva a perigos não pequenos. Quanto ao tratamento pastoral, o apóstolo S. Paulo nos deixou instruções exaustivas (1Tim 5,3-16). O destino das môças que ficaram solteiras sem culpa própria, é geralmente infeliz e digno de compaixão. Em geral nada encontram que dê conteúdo satisfatório à vida, por isso tornam-se descontentes e com os caprichos são um pêso para si mesmas e para o ambiente. Não raro tornam-se também vítimas de neuroses e outras formas de psicopatia. O que há de melhor para ajudá-las é a possibilidade de trabalho caritativo, que lhes satisfaça eventualmente o desejo de maternidade. O início do climatério (em geral entre os 45 e 50 anos) significa para a mulher um período de crise mais ou menos grave. Essa época é condicionada, em parte, por estados físicos que se manifestam em diversas formas de excitação e, em parte também, por perturbações da vida psíquica.

A idade, em que a mulher vê o declínio da juventude e da beleza, em que experimenta a incapacidade no cumprimento das tarefas femininas naturais, conduz com freqüência a estados melancólicos e depressivos. Também as formas patológicas de natureza mais profunda, às vêzes motivo de suicídio, têm origem não raro nas perturbações psicofísicas dos anos da menopausa. Além de regime higiênico de vida, que compreende antes de tudo a renúncia às relações sexuais, é muito importante impedir que a mulher nesse período se preocupe com as suas dificuldades, o que se consegue em geral pelo cuidado e assistência dos netos. Especialmente incômodo é êste período para as solteironas, nas quais o processo começa em geral mais depressa, e para as mulheres

Digitalizado com CamScanner

que num matrimônio imperfeito não se satisfizeram nem psíquica nem fìsicamente. Estas últimas sentem mais difícil a renúncia aos prazeres e ao valor da vida sexual, quanto menos podiam atingir até aquela época. Mas também nesses casos a distração e uma ocupação espiritual interessante podem trazer o equilíbrio desejado. O domínio de si, tão necessário nesses anos, será tanto mais fácil quanto mais se houver exercido anteriormente.

Durante o período do pleno vigor dos pais inicia-se geralmente a adolescência dos filhos. Com isso surge para os genitores o dever de iluminar os filhos sôbre os problemas da origem da vida humana. Pois bem, é fato digno de nota que os pais, salvo raras exceções (a estatística fala de um por cento), não cumprem pessoalmente êsse dever e a maioria dêles se descuida completamente. "Causa espanto que até genitores de alto nível espiritual e moral, que tomam muito a sério a tarefa educadora e vivem em relações íntimas com os filhos, não consigam realmente assumir a tarefa de dar essas explicações, ou se a ela se resignam pela consciência do dever, fazem-no com grande relutância e sentem-se em geral muito a contragosto. Será apenas o efeito de preconceito? Ou achamo-nos diante de um obstáculo inato da natureza humana? Poderia ser obstáculo afim, dependente da barreira natural contra o incesto, por meio do qual a natureza se opõe à mistura sexual entre consangüíneos, apesar da presença de fortes ligações sentimentais. O vínculo entre pais e filhos é talvez muito estreito para poder colocar a origem do filho como tema de discussão, no fim de contas objetiva, embora revestida de sentimentos e idealismo. Talvez seja possível explicar essa recusa obstinada dos pais de outra maneira. Êles sentem de modo velado que o filho, ao receber dêles esta explicação, aplica involuntàriamente o nôvo conhecimento aos genitores e logo, durante o mesmo colóquio: temem — e não estão errados — não poder formular a explicação de modo que o filho possa considerar a obra dos pais apenas como disposição da vontade divina e cooperação na criação divina, mas que veja algo capaz de aviltar os genitores aos seus próprios olhos. Se, além disso, têm consciência de que a convivência matrimonial estêve mais ou menos afastada do ideal cristão e, portanto, a idéia do filho é justificada, temem ainda mais e, por conseguinte, falta com facilidade a desenvoltura necessária e têm mêdo de trair-se pela perturbação e indecisão" (Fr. Schneider). Tôdas estas razões tornam compreensível que quase todos os pais evitem explicações sexuais. Dado, porém, que não é justo deixar os filhos aprender êsses conhecimentos ao acaso, não resta outra solução senão encarregar uma pessoa de confiança, o tio, a tia, os padrinhos, os educadores, o médico da casa, para fazer êsse papel e da maneira mais oportuna.

Digitalizado com CamScanner

Devemos também recordar aos pais que precisam estar sempre preparados para o sacrifício de certo esfriamento de relações com os filhos, quando entram no período da adolescência. "É compreensível que certos genitores sintam tristeza quando, no início da puberdade, verificam que os filhos, depois das relações sentimentais anteriores intensíssimas, começam a desapegar-se dêles, a fechar-se em si mesmos, a retirar-se ou ligar-se a pessoas estranhas, dando a impressão de que estas, agora, valham mais que o pai e a mãe. Mas isto faz parte da tragédia imanente da vida, a que os pais devem resignar-se. E podê-lo-ão fazer tanto melhor, se compreenderem que um desapêgo temporário entre filhos e pais é necessário ao desenvolvimento normal do filho e, finalmente, sua conduta sábia nesse ponto fará com que os filhos, mais tarde, voltem para êles" (Fr. Schneider).

É oportuno ter presente a reação diferente dos pais, quando os filhos manifestam o desejo de casar-se. Enquanto o pai considera, em geral, êsse desejo como natural e previsto há muito tempo, a atitude da mãe varia conforme se trate do casamento da filha ou do filho. Se é a môça que quer casar-se e se encontrou um noivo que, de certo modo, é digno dela, também a mãe ficará feliz e dará o consentimento. Tem a sensação de que com a chegada de um genro na família, adquire nôvo filho, a quem possa dar o afeto. Mas tratando-se do casamento de um filho, a mãe muitas vêzes encara com olhos invejosos, quase ciumentos, a futura nora, porque sente que o amor que o filho lhe tem pertencerá agora mais à mulher que à mãe. Embora tudo isso seja natural, raramente se encontra mãe que o compreenda e fique resignada. Não resta senão o sentimento doloroso de ter perdido um filho. Raramente a mãe compreende as palavras da Bíblia: "Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher" (Gên 2,24).

A atitude dos genitores muda quando os filhos escolhem o estado religioso. Se um filho deseja tornar-se sacerdote ou religioso, raramente encontra dificuldade por parte da mãe. Fica feliz com o chamado da graça; antes, existem mães que até impelem indiretamente os filhos para o sacerdócio ou o estado religioso, porque não podem medir nunca inteiramente o alcance do celibato e compreender todo o sacrifício que representa. As jovens, ao contrário, se querem retirar-se para um convento, às vêzes encontram resistência dura na mãe, que ou não quer separar-se da filha ou tem muita pena pela renúncia dela ao destino natural de mulher, ao amor e à maternidade. A atitude do pai é, em geral, quase o oposto. Consente com mais facilidade na resolução da filha para entrar numa ordem religiosa, enquanto quase nunca induzirá o filho a abraçar o sacerdócio ou o estado religioso, antes procurará

Digitalizado com CamScanner

dissuadi-lo, porque compreende melhor que a mulher a gravidade do sacrifício exigido pelo celibato.

Quanto ao influxo religioso sôbre a pessoa em pleno vigor de vida, já tratamos nos capítulos dedicados à assistência espiritual masculina e feminina.

Capítulo 4

Psicologia da velhice

A velhice verdadeira inicia-se mais ou menos depressa, conforme as circunstâncias e as condições física do indivíduo e comporta, após processos físicos de involução, determinadas mudanças na atividade intuitiva e discursiva, que têm repercussão na esfera afetiva e volitiva, cuja intensidade diminui gradativamente. A pessoa velha torna-se sempre mais dependente do ambiente, depois da diminuição das fôrças, e conforme se sente amada ou desprezada por êste ambiente, ficará contente ou arredia. A diminuição e a cessação de certas secreções glandulares internas, especialmente das glândulas germinais, têm como efeito a diminuição da resistência física, com o conseqüente enfraquecimento da resistência psíquica; reduz-se, sobretudo, o vigor combativo contra os obstáculos.

A faculdade de assimilar as impressões e os estímulos sensitivos diminui notàvelmente. Esquece-se depressa o presente, enquanto o passado remoto revive por forma transfigurada. Ao velho torna-se difícil adaptar-se e aclimar-se a situações mudadas e novas. Transforma-se assim em panegirista dos tempos passados, crítico sofisticado e adversário dos tempos novos. Como a criança, a que se assemelha sob diversos pontos de vista, vive em outro mundo, o do passado. A lembrança de tantas pessoas, conhecidas e amigas, falecidas antes dêle, cria uma espécie de isolamento e a impressão de estar sendo abandonado. A surdez, que muitas vêzes acompanha a idade avançada, é também motivo de desconfiança. Está obcecado pela sua pessoa ou pela segurança material da existência. O julgamento move-se na órbita do passado e raramente se adapta a uma retificação. Os muitos anos de vida fornecem-lhe patrimônio de experiências que coloca de boa vontade à disposição de quem a êle recorre. Tende à mansidão, às transigências e à condescendência. O velho, em geral, tem muito sentimento religioso, que às vêzes pode assumir também formas exageradas ou bizarras, especialmente depois de um passado não edificante. É universalmente conhecida a figura da "velha solteirona" que pode ser representada ou pela tia bondosa, confortadora

Digitalizado com CamScanner

e protetora de todos, ou pela velha amargurada, mordaz, aborrecida, briguenta, que critica a todos como um censor com ou sem religiosidade, temida por todos e eventualmente, por um despertar extremo da sexualidade não satisfeita, pode tornar-se perigosa para o ambiente. O homem, na idade da involução, pode transformar-se em estranho original, sovina lúrido, beberrão ou menino impotente.

Segundo a vontade de Deus, a velhice é o período no qual o homem, livre do pêso do trabalho e das preocupações, deve preparar-se para a viagem para a eternidade. Os anos da velhice adaptam-se justamente a esta preparação, pois o homem possui juízo sereno, maduro e rico de experiências. Acalmaram-se as paixões, a vida desordenada dos instintos está completamente ou quase apagada, o pensamento da morte próxima dispõe o homem para a serenidade, as diversas espécies de achaques do físico oferecem ocasião de sacrifício e paciência e mais de uma noite insone serve para recolhimento e oração. É comovente ver com quanta paciência, resignação e confiança em Deus passam a velhice certas pessoas de fé viva. Naturalmente não devemos esquecer que a maioria dos velhos não pode sofrer novas impressões, iniciar novas formas de vida e criar novos hábitos. É por isso que a mudança de mentalidade e a conversão sincera na velhice são exceções raras.

Se a vida de um indivíduo, nos melhores anos inspirou-se sòmente em preocupações terrenas, a velhice o tornará deprimido e sombrio, pois não lhe é possível gozar a vida como antes e está constrangido a suportar o pêso de sofrimentos e sacrifícios a que não está acostumado. Pior ainda se na velhice renuncia a obras da vida viciada precedente por impotência física e não por espírito de penitência e de expiação, enquanto os pensamentos e a mente ainda continuam apegados ao prazer proibido. Êsses homens tornam-se muitas vêzes, mesmo na idade mais avançada, sedutores de jovens e, às vêzes, terminam a vida numa prisão. Acontece raramente que um homem de caráter firme, depois de vida irrepreensível, se lance nos braços do vício pelo enfraquecimento das faculdades mentais. Em tal caso dever-se-ia falar mais de doença mental (demência senil) que não tem nada de responsável.

Os aspectos negativos da psicologia do velho são: mau humor fácil, tendência ao egoísmo, prepotência, desconfiança e suscetibilidade. A sensação de ser supérfluo, inútil e pêso para o próximo, inclina-o ao amuo. Acrescente-se o pedantismo, a supervalorização de inépcias, o desprêzo do que é importante, a hipersensibilidade, a irresponsabilidade, a falta de tato. A soma dessas qualidades é definida comumente com a palavra "extravagância". Para tratar com os velhos dêsse tipo é preciso muita paciência. Admoestações e avisos ajudam pouco e por pouco tempo.

Digitalizado com CamScanner

Em muitos velhos manifesta-se tendência acentuada para a avareza. O velho, cujos dias já estão contados e que deveria saber nada poder levar para o túmulo, não deveria mostrar apêgo pelo que é efêmero. Ao contrário, verifica-se o oposto. Há velhos que não fazem testamento porque são incapazes de separar-se de seus bens. O pensamento que, depois da morte, a propriedade deverá passar para as mãos de outros, torna-se penoso e extenuante. Como se explica isso? Enquanto o homem é jovem, pode adquirir e confia nas fôrças da própria capacidade, por isso se desfaz com facilidade de seus bens. O velho, ao contrário, tem consciência que deve utilizar agora só o que pôde adquirir e ganhar antes. Em caso de miséria, teria de recorrer à beneficência alheia. Por isso mostra-se tão apegado aos bens terrenos, considerados como garantia de velhice sem preocupações.

O primeiro dever do assistente espiritual dos velhos consiste em respeitá-los, suportar-lhes com paciência as fraquezas e prepará-los, mediante a expiação, o arrependimento e a oração, para o fim da vida. Ficam agradecidos, de modo todo especial, quando lhes recordamos as alegrias da vida eterna, a misericórdia de Deus e o grande valor do sofrimento suportado com resignação e amor. Estão igualmente dispostos a receber com freqüência os santos sacramentos, a dedicar-se à devoção da Santíssima Virgem e de S. José e à oração pelas almas do Purgatório.

Digitalizado com CamScanner

SEÇÃO TERCEIRA

DIFERENCIAÇÃO SEGUNDO A ÍNDOLE PESSOAL

As atividades espirituais do homem, embora intrìnsecamente independentes dos processos físicos, estão ligadas ao desenvolvimento do organismo. As funções psicofísicas são o pressuposto da vida espiritual e só o transcorrer sem perturbações é o que garante a engrenagem ordenada e a coordenação de tôdas as capacidades e atividades envolvidas na unidade do ser humano. Como nenhum ser vivo se assemelha perfeitamente a outro, assim o indivíduo humano se distingue ainda mais de todos os outros, embora o corpo e a alma tenham forma típica idêntica. Cada homem, em última análise, é um mundo *a se,* unidade que apresenta grande número de variações individuais; por isso também são diferentes individualmente os processos psíquicos relativos. Com isso assumem aspecto particular os procedimentos morais relacionados à compreensão dos valores, à experiência do dever etc. A individualidade de um ser humano exprime-se antes de tudo na paixão dominante, no temperamento e no caráter.

Capítulo 1

As paixões dominantes

Já tratamos da importância das paixões em relação à vida religiosa na Seção Primeira. Queremos expor aqui especialmente o caráter típico das paixões. As paixões podem dividir-se em dois grupos principais. Sto. Tomás de Aquino distingue o apetite concupiscível e o irascível. Também a ciência psicológica mais moderna distingue duas paixões dominantes: a sensibilidade e o orgulho. Ambos os têrmos têm sabor negativo. Mas a ambos podemos atribuir, e com razão, valor positivo

Digitalizado com CamScanner

e ver impulso de dedicação (impulso de amor) e impulso de domínio (impulso de honra). Devemos notar que em cada homem encontram-se, em grau diverso, elementos de ambas as paixões principais, desde a supremacia fortíssima de uma sôbre a outra até a igualdade aproximada. Em linhas gerais, porém, uma das duas predomina e, em caso de conflito, o sensível será mais inclinado a renunciar à honra, o orgulhoso ao amor. A sensibilidade é a paixão dominante do homem sentimental, o orgulho a do homem volitivo.

A. *Paixão dominante "sensibilidade"*

Para compreender a natureza dessa paixão é necessário conhecer as variedades e as graduações do amor. O grau mais baixo do amor manifesta-se só no ardor de sentimento espontâneo e não é senão processo vital instintivo, de ordem física. Vem depois o grau do amor natural. Dirige e plasma o instinto obscuro à luz do discernimento e com vontade forte. Seu componente principal é a espiritualidade, própria ao homem. O grau mais alto do amor, atingível nesta vida, é o amor sobrenatural. Deixa-se conduzir pela fé e pela graça e abraça tôda a criação, de modo especial a humanidade, por amor a Deus.

A pessoa dominada pela sensibilidade, sente propensão natural forte para tornar felizes as outras pessoas. Seu ideal se baseia num primeiro tempo nos dois primeiros graus do amor. Deseja ardentemente difundir ao redor luz, alegria, amor. Mas, para a expansão completa de sua paixão, êsse tipo de pessoas tem necessidade de móvel eficaz, representado pela visão ou pela recordação da miséria alheia e das suas necessidades. Não são os sêres física e psìquicamente fortes que provocam a expansão máxima do impulso de dedicação, mas sim a pobreza, a fraqueza, o luto e a angústia que suscitam a compaixão e o amor operoso. A miséria alheia não provoca sòmente a ativação do amor: garante a meta por êle visada: assegurar-se de modo estável o apêgo e a gratidão do próximo. Êste desejo forte de apêgo agradecido por parte dos assistidos é, ao mesmo tempo, a fôrça e a fraqueza da sensibilidade. Quer tornar os outros felizes, nenhum sacrifício e nenhuma renúncia são demasiados para o amor cheio de dedicação; mas, em troca, quer a gratidão. Não pode e não quer renunciar a ela, justamente porque aí está a fôrça secreta e a mola que a impele com alegria para o sacrifício.

Também o homem sensível, de igual maneira ao orgulhoso, deseja dominar, não porém, pela fôrça ou violência, mas — o que parece contradição — pela fôrça do amor serviçal. À disposição de amar corresponde, como é mui natural, o desejo de ser amado. Quanto maior e mais pronto ao sacrifício fôr o amor que um indivíduo dedicar aos

Digitalizado com CamScanner

outros, tanto maior será também o desejo de receber amor. Êsse gênero de amor (natural) atinge a perfeição e o valor supremo apenas se unido ao sobrenatural. Só quando a chama do amor passional (natural) é revestida e purificada pelo amor desinteressado, exercido por amor a Deus (isto é, pelo amor sobrenatural), é que o instinto de doação, por natureza egoísta, recebe a fôrça de enfrentar até o sacrifício supremo, ignorado e recusado pela natureza, de dar-se sem reservas, mesmo no caso de não encontrar correspondência, mas até indiferença, ingratidão, talvez aversão e ódio. Demonstra-se verdadeiro, também neste caso, o aforisma: *gratia supponit naturam*. O amor sobrenatural, fruto da graça, desenvolve-se com maior fôrça onde encontra o bom fundamento de paixão ordenada (sensibilidade, instinto de dedicação). Por outro lado o amor sensível, isto é, natural, não pode despojar-se do egoísmo inato senão pelo amor sobrenatural e sublimado por êste como altruísmo nobre e por isso levado à perfeição. Sendo o amor o mandamento principal da vida religiosa, é evidente que as almas providas de espírito forte de abnegação podem vangloriar-se de ter obtido um talento precioso para as obras e para o caminho da vida. Devem cuidar com "usura" dêsse talento, para que o Senhor, no dia do juízo, possa considerá-las com interêsse. As vantagens e os frutos dessa paixão, se bem cultivada, são: fôrça de sacrifício, paciência, longanimidade, cuidado, humildade, tato, compreensão, interêsse, capacidade de compartilhar das alegrias e dos sofrimentos alheios. Da estirpe dos homens dotados de grande fôrça de abnegação é que Deus chama o maior número dos missionários, sacerdotes, médicos, enfermeiros, educadores, professôres, artistas. São os homens que constroem a sociedade. Número interminável de santos alicerçou e levou a têrmo a própria vida religiosa nas bases naturais de grande fôrça de amor, pois a santidade não é senão amor.

Naturalmente, às vantagens de grande capacidade de abnegação correspondem também muitas desvantagens e perigos, cada um dos quais, em caso de vigilância descuidada, pode levar ao afastamento extremo em relação a Deus. São especialmente: a falta de iniciativa e de independência, sugestionabilidade, fraqueza, o gôsto pelos elogios, facilidade pela simpatia e antipatia, tendência à afetação, suscetibilidade, parcialidade, inclinação para o fantástico, comodidade e tendência para os prazeres sensuais. Para evitar todos êsses perigos é preciso vigilância severa, abnegação, exercício de vontade, docilidade à graça divina. Para a vida religioso-moral é decisivo o uso que o homem faz do forte impulso de dedicação: ou dirige-se para Deus e para os homens, para prestar-lhes honra e demonstrar amor verdadeiro, ou volta-se para si mesmo, para procurar a finalidade própria e última no amor terrestre.

Digitalizado com CamScanner

B. *A paixão dominante "orgulho"*

A atitude psíquica do "orgulhoso" é essencialmente diferente da do "sensível". Neste caso o valor máximo não consiste no amor, mas na honra. A fôrça fundamental do seu espírito não é o desejo de dedicação, mas a tendência para impor-se e agir. O gerador que o move não é a indigência alheia, mas as dificuldades e os obstáculos que devem ser superados pela luta. Característica do homem dominado pelo "orgulho" é a vontade de lutar, despertada diante de uma resistência oposta, incitando-o a superar dificuldades notáveis. Quanto maiores forem os obstáculos, tanto mais inflexível se tornará a vontade de lutar e de vencer. Não conhece compromissos nem capitulações. Alegria e a glória consistem em ser inflexível e lutar até a vitória ou até a morte.

As vantagens dessa disposição natural são a capacidade de dirigir, o espírito de iniciativa, coragem, energia, diligência e visão clara da meta. Dessa têmpera são os comandantes, políticos, exploradores, naturalistas, inventores, cientistas, organizadores, fundadores de ordens, chefes da Igreja e do Estado.

Aos consideráveis aspectos luminosos dessa paixão correspondem os relativos aspectos sombrios. São: tendência ao egoísmo, capricho, obstinação, mania de domínio levado até a tirania, dureza de coração raiando a crueldade, cólera, indelicadeza, brutalidade, vaidade, ambição desmedida, altivez, desobediência, megalomania, autocomplacência, presunção. A maioria dos hereges é dêsse tipo.

Também essa paixão dominante deve disciplinar-se constantemente pela graça. A vida religiosa de um indivíduo possuído por essa paixão dominante depende do uso que pode fazer dela: ou a coloca a serviço de ideal grande e sagrado, por exemplo, de Deus ou de seu reino, para a salvação das almas, ou a torna instrumento da glorificação egoísta e soberba da própria pessoa.

Capítulo 2

Os temperamentos

Merece particular relêvo, para a compreensão da personalidade do indivíduo o conhecimento de seu temperamento. Por temperamento entende-se a disposição fundamental da alma que caracteriza a sensibilidade receptiva quanto à índole, fôrça, profundidade e duração.

Digitalizado com CamScanner

As paixões dominantes estão em correlação estreita com os temperamentos, uma vez que a índole psíquica consiste na harmonia entre as tendências superiores e inferiores e a sede das paixões está na parte inferior. Assim: o desejo de impor-se está ligado ao temperamento colérico, o desejo de dedicação ao sanguíneo ou ao melancólico, enquanto o fleumático é representado pelo apático.

A velha teoria dos temperamentos, cuja terminologia teve origem com o médico grego Hipócrates († 377 a.C.), foi muito combatida nos últimos tempos. É certo que a classificação dos temperamentos em colérico, sanguíneo, melancólico e fleumático, que deriva do médico Galeno (séc. II d.C.) não é exata. É justa enquanto mostra ter reconhecido a influência de certas qualidades físicas, sobretudo das funções de órgãos internos, sôbre o temperamento. O linguajar comum fala de sangue quente, sangue frio etc. Com isso se obtém uma expressão justa do contraste entre os diversos temperamentos: colérico-fleumático e sanguíneo-melancólico. Há muito tempo também o próprio povo percebeu que o temperamento depende do sistema sanguíneo, e hoje a ciência médica o confirma quando procura explicar a relação entre constituição física e índole psíquica pelas correlações hemoquímicas entre as glândulas internas e o cérebro.

Todavia, não podemos negar que a velha doutrina dos temperamentos, sob o ponto de vista prático, até hoje não foi ainda substituída nem tornada supérflua por qualquer outra concepção equivalente. Não só do ponto de vista prático, no campo da psicologia e da caracteriologia, é de grande valor a classificação tradicional dos temperamentos, mas é plenamente justificada também teòricamente, quando classificamos os graus da emotividade no aspecto duplo de sensibilidade receptiva e capacidade de reação. As diversas combinações da sensibilidade receptiva forte ou fraca, com a capacidade de reação, dão origem a quatro temperamentos: 1. o colérico, com forte sensibilidade receptiva e forte reação; 2. o sanguíneo, com forte sensibilidade receptiva e reação fraca; 3. o melancólico, com sensibilidade receptiva fraca e reação forte; 4. o fleumático, sensibilidade receptiva fraca e reação fraca. Os temperamentos apresentam o mesmo quadro das paixões dominantes. Ninguém possui temperamento no estado puro, mas combinado mais ou menos com os outros, embora apresentando, em geral, predominância bem reconhecível.

O conhecimento das características e dos sinais positivos e negativos dos temperamentos é de grande importância, especialmente para o diretor espiritual da juventude. Muitas vêzes temos de lamentar a pouca confiança do jovem no sacerdote. É próprio do jovem encontrar dificuldade em abrir-se ao sacerdote, especialmente nos casos da solidão

Digitalizado com CamScanner

espiritual e da falta de ajuda. Algumas vêzes é o orgulho que o impede, outras a impossibilidade inculpável de descrever certo estado de ânimo. Pensemos por exemplo nas descrições de Sta. Teresa do Menino Jesus na *História de uma alma.* "Um colóquio com aquêle padre bondoso (o Pe. Pichon, S.J.) ter-me-ia trazido consolação bem maior, sem a extrema dificuldade que sinto de exprimir-me". "Minha madre mestra... gostava muito dela... no entanto a minha alma não se expandia; não sabia como exprimir o que se passava no interior, faltavam-me os têrmos, e minhas conversações espirituais com ela tornavam-se um suplício, verdadeiro martírio".

Se almas tão puras e límpidas, como a de Sta. Teresa do Menino Jesus, não tinham na juventude a facilidade comunicativa, como nos admirarmos da mesma incapacidade, especialmente na juventude masculina? Nenhum esfôrço para obter-lhes a confiança leva ao escopo desejado, mesmo se feito com a maior gentileza e com todo o respeito. A melhor estrada é o conhecimento da psique por meio da identificação do temperamento. Só quando o jovem se sente penetrado e compreendido na sua solidão e angústia, é que se exprime o impedimento da reserva natural e a alma se enche de confiança.

A. *O temperamento colérico*

O colérico tem a característica da forte sensibilidade receptiva e reação forte. É o tipo da personalidade marcante, do homem vigoroso, conhecedor do mundo, da índole enérgica do líder e do combatente.

Reconhece-se a disposição do temperamento colérico muitas vêzes até pelo aspecto exterior. O colérico tem físico vigoroso, maciço, de ombros largos, músculos fortes e nervos duros. A expressão do rosto é séria, o olhar cortante e penetrante, às vêzes apaixonado. A bôca de lábios finos fica rigorosamente cerrada. O passo é firme e seguro, a voz forte e harmoniosa.

O colérico, se de talento superior à média, possui intelecto claro. Capta logo a essência de um fato. Não fica na superfície, mas atira-se com ardor para o fundo. Isso não o impede de passar por cima do secundário, não ligar para os sentimentos pessoais alheios e não demonstrar a mínima compreensão pelos estados de ânimo e sentimentos dêles; é por isso que se torna com facilidade bruto e ofensivo. A vontade é forte e resoluta. Procura colocar em prática o que se propõe e atingi-lo a todo o custo. Na atuação de um ideal escolhido, custa a satisfazer-se até com o máximo. É capaz de entusiasmar-se ardentemente por tudo o que é belo e sublime. O grande e o heróico o incitam. Está pronto a empenhar-se com esfôrço heróico e combatividade por uma

Digitalizado com CamScanner

causa elevada e ideal. Sua virtude eminente é a magnanimidade. A natureza o leva à luta. A ação e o sucesso são a sua meta. Além disso, está cheio de acentuada ambição, que o leva com facilidade a arrivismo sem medidas. A fôrça cresce com a grandeza da tarefa. Não conhece complexos de inferioridade.

É otimista impertérrito, mesmo quando a reflexão e a calma deveriam convencê-lo que, em determinado caso, a meta escolhida é inatingível. Confia sempre e em tôda a parte na fôrça e na capacidade do eu. Tem por lema: ou dobrar ou quebrar. Por ter muito sucesso, reforçam-se ainda mais as aspirações, e por isso aventura-se também ao que é impossível. Odeia a mediocridade, o meio-têrmo. Tudo o que faz, faz completamente. Move-se entre os extremos e quer ou tudo ou nada. Traz em si o germe do santo ou do delinqüente. Para atingir o seu escopo serve-se de todos os meios. Pode ser duro e insensível, cruel e brutal. Pode mentir e fingir, adular e tiranizar. Para o alto é capaz de reverências, para o baixo é capaz de pisar. Tudo existe para o seu bem-amado eu. Custa-lhe reconhecer as obras e os sucessos dos outros, que olha com inveja, como atos que prejudicam a própria capacidade, dignidade e proeminência. Ai de quem se lhe opõe! É êle que deve dominar, comandar, organizar, pois só êle possui a habilidade necessária. Sempre tem razão, mesmo quando no íntimo, já há muito tempo, reconheceu ter disparado com audácia imprudente contra o objetivo. Não reconhece que a razão possa encontrar-se, pelo menos uma vez, também do lado do adversário. Impedem-no o orgulho, a ambição e presumida infalibilidade.

Êsse orgulho indomável é o maior obstáculo à sua santificação. Gera nêle confiança exagerada em si mesmo e obstinação infantil pluriforme, que raramente respeita a opinião dos outros; antes, fala mesmo com desprêzo, do juízo e dos pareceres alheios e ofende muita vez os adversários com o sarcasmo e a zombaria. A soberba lhe impede o amor para com Deus, o próximo, e tôda a criação.

Tem em si a fonte da própria hipersensibilidade, prepotência, do espírito de contradição, dureza, incompatibilidade de caráter e cólera, às vêzes tão forte, que lhe faz perder completamente o domínio de si, levando-o a erros gravíssimos com um sorriso frio nos lábios, a desprezar sem consideração os laços de velhas amizades e arriscar, com leviandade, a saúde e a vida. O orgulho lhe tira a faculdade de inclinar-se, de adaptar-se e submeter-se, obedecer, estender a mão ao adversário em sinal de reconciliação. A vaidade egoísta torna-o inapto para a compreensão cordial e para comungar com o estado de ânimo de outro ser humano, a compaixão amorosa diante da dor alheia e a bondade de coração no contato com os pobres e necessitados. Quantas vêzes por

Digitalizado com CamScanner

dia peca contra a caridade com o pensamento e com as obras, sem nem sequer percebê-lo! Quando, porém, com o auxílio da graça divina, o colérico resolve corrigir-se, aperfeiçoar-se, santificar-se, quando aprende a conhecer e reconhecer os próprios limites e a própria dependência, a inclinar-se humildemente diante de Deus; quando chega ao ponto de se alegrar logo que Deus o subjuga e aniquila nêle todo o egocentrismo, então o temperamento torna-se ponto de apoio na subida para a santidade; então a ambição e anseio de sobressair empenham-se por tornarem-se agradáveis aos olhos de Deus, em produzir algo imponente para o reino de Jesus Cristo. O colérico zeloso, que se autocastiga e autodisciplina, é líder nato. Empenha-se por um ideal com calor e fôrça de persuasão. É herói por nascimento. É homem do dever, que não concede escapatórias a si mesmo, que não se deixa desviar das decisões tomadas, que não descansa antes de atingir o alvo predeterminado. Assim, êste temperamento oferece muitas vantagens e auxílios ao homem lutador, que se dirige para o alto ao atingir a própria santidade, como também, por outro lado, se erra a estrada, pode torná-lo propugnador fanático do mal, sujeito a vaidade satânica, ódio indomável e fúria bestial.

A vida de oração do colérico não apresenta dificuldades especiais. As fôrças espirituais tornam-no apto ao recolhimento e à concentração interior. O desejo constante de expansão ilimitada é satisfeito pelo empenho ininterrupto e total por Deus e por sua causa. Emprega tôda a fôrça de vontade em aceitar o sacrifício e o sofrimento, no exercício da penitência e da mortificação, em padecer confusão e humilhação por amor a Deus. O colérico que tem em vista a perfeição fica agradecido quando lhe apontam os defeitos. Procura emendar-se. Nas relações com o próximo luta para fundir a veracidade com a delicadeza. Coloca tôda a honra na conduta de vida ilibada.

O colérico engenhoso tem atuação notável no trabalho profissional. A disposição natural incita-o à atividade incessante. Não pode viver no ócio. Deve trabalhar sempre e ocupar-se sempre. Não é capaz de deixar um trabalho pela metade. Deve terminá-lo completamente. Não suporta a desordem. Gosta da limpeza, da consciência escrupulosa, da pontualidade. Tem sempre o que fazer. Nunca tem tempo para o inútil, mas sempre o tem para o necessário. Descobre trabalho onde outros não o vêem. Não pode descansar, enquanto há trabalho por fazer. Olha sempre para a frente, reflete, calcula. Por isso consegue sempre acrescentar às tarefas, já numerosas, nôvo trabalho, graças à capacidade organizadora, à rapidez da ação, à circunspecção e habilidade. É claro, breve e decidido no falar. O que diz deve estar simplesmente certo (mesmo que não o esteja). Na conduta e no modo de proceder é independente,

Digitalizado com CamScanner

ousado, sem sombra de temor. Tem a faculdade de persuadir os outros, de convencer, de influenciar e de guiar, de tornar-se sustentáculo e apoio, de deixar a própria marca no ambiente inteiro. Além disso parece tão certo e inequivocável que ninguém pode resistir-lhe, salvo o que fôr da sua mesma têmpera. É o tipo do chefe, do educador, da pessoa de autoridade.

O importante é que o colérico procure desenvolver seus lados bons e atenuar os piores. Precisa de um ideal claro: serviço de Deus por amor a Deus, amor ao próximo por amor a Deus. É preciso apresentar-lhe ideais altos para poder empenhar as próprias fôrças. Deve aprender a mendigar com humildade o auxílio de Deus e lutar com tôda a energia contra a cólera, o orgulho e outras expressões do temperamento. Deve educar-se espontâneamente ao serviço do próximo. Se fôr capaz, será também capaz de executar grandes obras para o reino de Deus. Será o apóstolo nascido para o reino de Cristo. Se o colérico educa a si mesmo sob a influência de personalidade forte que consegue o reconhecimento e a estima dêle, ajudado pela graça divina, implorada com a oração humilde, pode chegar a idealismo nobre que lhe dá impulso a tender sempre mais para o alto, otimismo invencível que não o deixa desesperar nunca, mas sempre esperar, radicalismo inflexível que o leva a gastar tôdas as energias a fim de atingir o alvo predeterminado.

O sacerdote de temperamento colérico obterá com facilidade a estima dos fiéis, com mais dificuldade o amor. Suas ações terão sucesso. Todavia deverá abster-se de disciplina rígida para não ser arrastado pela dureza inata de trato. Deve vigiar a si mesmo e tender com o máximo empenho ao amor verdadeiro, pois, doutra forma, será levado pelo temperamento a cometer atos de dureza. Muitos dêsses atos nem sequer perceberá, por causa falta inata de ternura e delicadeza. Deve também tender incessantemente à verdadeira humildade de coração e reconhecer que também é servo inútil diante de Deus, apesar do engenho e dos dotes. Malgrado todo o esfôrço, o sacerdote colérico será mais estimado que amado pelos fiéis. Serve-lhe de admoestação permanente para tender ao amor, e também de contínua escola de humildade.

B. *O temperamento sanguíneo*

As características do temperamento sanguíneo são a vivacidade e a volubilidade. Explica-se com a forte sensibilidade receptiva, ligada a reação fraca.

O aspecto trai logo o sanguíneo. Em geral é esbelto, agradável e de físico elegante. Possui sistema nervoso vivaz, fàcilmente excitável.

Digitalizado com CamScanner

Os olhos são vivos e móveis, o passo veloz, mas um tanto incerto. Falta-lhe o comportamento enérgico. A atitude exprime grande agilidade e vivacidade, às vêzes exuberância sentimental.

O sanguíneo possui o sentimento acentuado para a exterioridade, isto é, para tudo o que pode perceber por meio dos sentidos. Embora também tenha espírito ativo e ardente, é-lhe difícil concentrar a mente sôbre objeto preciso, dirigir a vontade com perseverança para alvo fixo. É esteta por nascimento, deleitando-se com as formas belas e agradáveis à vista. A seus olhos, que nunca estão parados, difícilmente escapa menor detalhe. Vê todos os movimentos, mesmo os que não deve. Escuta qualquer observação, mesmo se não se lhe destina ao ouvido, toma parte em tôdas as conversas e sempre quer intervir mesmo se não entende nada do tema. Na sua leviandade ousa atirar-se a qualquer emprêsa, antes mesmo de tê-la avaliado suficientemente. Vice-versa, falta-lhe a faculdade de terminar o empreendimento começado, também porque não dispõe de resistência tenaz e de perseverança. Tem sentimentos ternos e ardentes. Com facilidade deixa-se dominar pela disposição de ânimo. Tende à exaltação e exagêro. Nem o elogio nem a desaprovação que formula devem tomar-se muito a sério. Acha tudo divino, magnífico, maravilhoso. Entusiasma-se com facilidade. Mas, com mais facilidade ainda deixa-se induzir a jogar fora as armas por qualquer pequeno insucesso ou crítica severa. À sua natureza corresponde concepção alegre de vida, superficial, muitas vêzes até leviana. Nada considera pelo lado trágico. O riso e o pranto alternam-se com facilidade. Está sempre em contato com o próximo. É o homem de sociedade por excelência, que não encontra dificuldade em freqüentar os homens, sendo por isso bem-visto e amado.

O sanguíneo encontra, no caminho para a santidade, devido ao temperamento, não poucos empecilhos. A índole inconstante, um pouco inclinada à leviandade, causa-lhe dificuldades no progresso espiritual. Passa depressa sôbre o que é profundo. Considera aborrecido tudo quanto exige fadiga, sacrifício, renúncia, mortificação. Pensa antes de tudo em ocupar-se com os sentidos e satisfazê-los. No trabalho procura a variedade, gosta de companhia e divertimento. Contenta-se com meias-medidas e superficialidade. Muito cheio de si, é suscetível ao louvor, até à adulação, mas sente-se desmoralizado pela censura e repreensão. Vaidoso e ávido de prazeres, gosta muito de comer e beber bem, preocupa-se muito com o modo de trajar, com o lugar onde mora e todos os outros gozos da vida. Deixa-se fascinar com facilidade pelo que é vistoso, é prêsa fácil dos próprios humores e sentimentos, caprichos e inclinações. Por sua natureza vaidoso e volúvel esquece de boa vontade qualquer preocupação e corre o perigo de entregar-se aos prazeres vul-

Digitalizado com CamScanner

gares. Quer participar de tudo, estar presente em tôda parte. Sendo de índole curiosa e loquaz, para não dizer linguareiro, confia em todo o mundo; com dificuldade guarda os próprios segredos. Revela tendência acentuada para a exaltação e os prazeres eróticos. Brinca levianamente com os pecados mais graves, é muito fácil fazê-lo mudar de rumo e corrompê-lo. É-lhe difícil o recolhimento, a solidão no silêncio, na oração e mortificação. Tende mais para o ciúme, para a ostentação vazia. Na loquacidade não dá muito valor à verdade. Também a vanglória e a vileza podem induzi-lo à mentira. Exagera muita vez e de boa vontade. Quando faz qualquer narração, tudo exagera. Tem opinião excelente de si próprio. Julga-se sèriamente o mais inocente do mundo. Existem sanguíneos que não sabem o que confessar, nem mesmo se ficaram vários anos afastados do sacramento da penitência. Simplesmente não vêem a própria fraqueza, sabem enfeitar tudo e desculpar-se. A luta principal deveria ser contra a paixão sensual. Tomando a sério essa luta e a estrada da perfeição, encontrarão no próprio temperamento muita matéria para o domínio de si mesmos, para a renúncia, sacrifício e combate incessante contra o próprio eu. Por outro lado, esconde-se justamente aí o perigo contínuo de abandonar-se à embriaguez dos sentidos e à devassidão. Como êsse tipo tende a brincar e a namorar, deve evitar com prudência não perder-se com alguém; procurará, portanto, tomar atitude justa de respeito e conservar as devidas distâncias, de modo que ame os homens pela relação sobrenatural com Cristo, com Deus, vendo no próximo o filho de Deus, o irmão, a irmã de Jesus Cristo, o templo do Espírito Santo.

O temperamento sanguíneo apresenta, apesar disso, também vantagens do ponto de vista moral e religioso. Até a volubilidade do sanguíneo pode tornar-se bênção, se fôr da mesma forma inconstante no pecado. Sua cólera dura pouco, não conserva rancor; e o mesmo se aplica às relações com Deus. Uma vez de acôrdo com Deus não ficará nunca muito tempo separado dêle. Seu sentimento conduz à reparação. Muitas vêzes, naturalmente, também não passa de fogo de palha. O arrependimento não é bastante profundo, às vêzes permanece sòmente na superfície. No entanto, é suscetível de correção e aceita com facilidade as observações como, de sua parte, possui grande capacidade para corrigir os outros sem que fiquem ressentidos. A cólera é superada com a mesma rapidez com que se apodera dêle. No trato com os homens mostra-se serviçal, condescendente, gentil. É capaz de comover-se e adaptar-se. Compartilha das dores e alegrias alheias. Sabe brincar e rir, consolar e animar. Além disso, é franco e cândido, e por isso ninguém fica zangado com êle. Se conseguir vencer a antipatia e simpatia às vêzes muito pronunciadas, que lhe dominam as relações com o próximo,

Digitalizado com CamScanner

esforçando-se para elevar-se a amor purificado, espiritualizado, sobrenatural, as relações com os homens tornar-se-ão fáceis e encontrará o modo de tornar-se tudo para todos, em amor sereno e desinteressado.

Para a auto-educação deve criar princípios claros e segui-los. Deve adquirir profundeza maior, pesquisar tudo inteiramente, aspirar à verdadeira virtude e severidade da vida. Deve considerar-se feliz se encontrar um amigo verdadeiro que lhe fique ao lado, que o livre de precipitações inconsideradas e de tôdas as irreflexões. Deve trabalhar constantemente para a consolidação do caráter. Deve temperar a vontade e obrigar o intelecto a ocupar-se do que é sério. Dêsse modo conseguirá avançar na perfeição; tornar-se-á bom, gentil, sempre amigo, trazendo para os outros apenas alegrias.

O sacerdote de temperamento sanguíneo com facilidade tornar-se-á prático e conseguirá sucesso especialmente na direção espiritual da juventude. O temperamento dos meninos e de muitos jovens, como sabemos, é acentuadamente sanguíneo. Justamente pela personalidade amável, radiante e serena conquistará depressa o amor em seu ambiente, reanimará e alegrará não poucas almas sofredoras e árduas. Deve evitar, porém, que a alegria se torne exagerada e seja causa de desilusões para os que procuram nêle profundeza espiritual, pois doutra forma não o tomarão mais a sério, nem o considerarão como pessoa digna de confiança. Deve aprender a sentir a vida espiritual alheia e não medir todos os outros com a unidade da própria volubilidade. Justamente o sacerdote sanguíneo deve submeter-se a autodisciplina severa, se não quiser perder a mais delicada das atividades sacerdotais, a capacidade de dirigir almas.

C. *O temperamento melancólico*

A característica do melancólico consiste na união de capacidade receptiva escassa a capacidade forte de reação. Aparentemente, também a reação psíquica parece fraca; na realidade, porém, fica encerrada no fundo da alma, mesmo quando esta é agitada por emoções fortes. O melancólico é tão impressionável que não consegue livrar-se da lembrança de certas impressões. Bastaria isto para demonstrar que o melancólico é o temperamento mais complicado, ou menos desenvolvido, e mais difícilmente penetrável.

O melancólico tem como característica o físico magro, às vêzes fraco. O sistema nervoso é irritável e hipersensível. O olhar é tranqüilo, sério e reservado, o passo lento e medido. Demonstra certo desinterêsse pelos acontecimentos externos. Parece ocupado sempre com

Digitalizado com CamScanner

o próprio íntimo. Seus aspectos revelam-se freqüentemente angústia e sofrimento.

Não é fácil reproduzir a fisionomia espiritual do melancólico. É sujeito a incoerências, muitas vêzes irregular na maneira de agir e enigmático também para si mesmo. O que estamos para dizer não se aplica, dessa forma, a todos os melancólicos. É justamente o temperamento que apresenta muitos matizes. Todavia podemos constatar diferença notável entre os indivíduos que se deixam transportar pelo temperamento e os que procuram freá-lo e dominá-lo.

O melancólico tem alma extraordinàriamente rica e, muita vez, extremamente terna. Influências externas podem agitá-lo com a maior intensidade. Mesmo se reagir lentamente à influência e ao estímulo dessas impressões, o efeito às vêzes é muito duradouro. Até depois de várias semanas, quando já está tudo mais do que esquecido pelos outros, ainda se atormenta por causa de alguma palavra dura, alguma ofensa; e o inquieta ainda mais do que no momento mesmo em que se deu. O melancólico é de poucas palavras, sempre ocupado consigo mesmo, com disposição forte para a reflexão. Procura afastar-se dos homens e da agitação do mundo para construir para si um mundo na própria alma, no silêncio da solidão. Por isso acontece muitas vêzes que, em meio às conversas mais interessantes e alegres, esteja espiritualmente ausente. Seria êrro qualificar-lhe a atitude como falta de interêsse ou indiferença, julgando-o amante das comodidades e da inércia. Está sempre ativo, sempre ocupado. Mas vive quase sempre num mundo duplo e mais freqüentemente no mundo dos próprios pensamentos, e não no que o circunda. Demonstra pouca compreensão pela alegria rumorosa dos filhos dêste mundo; antes, tende à melancolia e à tristeza, às vêzes até ao pessimismo e ao sentimentalismo doentio. No entanto, muitas vêzes sente-se só e abandonado, incompreendido e não amado. Crê que os homens não querem saber dêle e ninguém no mundo lhe quer sinceramente bem. Parece-lhe que só as próprias costas suportam o pêso do mundo inteiro. Ainda mais, de vez em quando invade-o nostalgia instintiva e indefinível. Às vêzes gostaria de entregar-se, seguir completamente os próprios sentimentos; não desejaria mais viver e sim morrer. Deveria encontrar energia suficiente para superar certas situações sorrindo, como fazem os outros, em vez de fazer o coração sangrar e considerar tudo muito mais difícil de que realmente o é. O melancólico mostra-se muito preocupado com as suas ações e extremamente consciencioso. Cumpre as tarefas com precisão escrupulosa. Se lhe dão tempo suficiente, o trabalho é exato, calmo e inteiramente de confiança. A precisão pode, às vêzes, aumentar até ao pedantismo, que considera essencial o secundário e deixa de lado o que é muito mais importante.

Digitalizado com CamScanner

Como a alma tem de sofrer e superar tantos empecilhos e dificuldades, demonstra grande compreensão pela dor, misérias e dificuldades alheias. Possui a faculdade de colocar-se no lugar dos outros. Fica felicíssimo se pode ajudar, prestar um serviço, porque se lhe apresenta assim a ocasião de justificar um pouco o direito à própria existência. Sofre de muitos complexos de inferioridade. Não pode conceber que os outros se alegrem com a sua presença, apreciem-lhe os trabalhos e tenham necessidade dêle. Julga que em tôda parte esteja perturbando, considera-se inútil e sem habilidades. No entanto, possui muitas capacidades. Tem sentimento profundo de ordem, sensibilidade aguda para a beleza. O temperamento melancólico nos deu a maioria dos poetas, compositores e artistas.

Agitado muitas vêzes no íntimo por estados de ânimo, por humores e sentimentos que contrastam entre si, o melancólico é reservado diante do mundo exterior. Nas suas relações com o próximo descobre sempre a própria inabilidade, a impotência tímida, o desânimo. É certo que, repetidas vêzes, observou como zombaram dêle, como se divertiram com seu comportamento. Perde assim a última possibilidade de confiança. Torna-se desconfiado e insocial, corre até o risco de entregar-se completamente à melancolia; gostaria de desabafar, mas não encontra palavras capazes. Pesa os prós e os contras, considera tudo sob todos os pontos de vista imagináveis e como conclusão perde a boa ocasião.

Por isso não chega a decisão firme e clara, nem mesmo com relação à própria vida moral. Adia constantemente as decisões vitais, importantes, radicais — sempre amanhã, nunca hoje — e por fim paralisa as energias de modo tal que não chega jamais à ação. Justamente pela precisão conscienciosa, reflete os prós e os contras, de modo que se torna difícil a decisão por determinado caminho. Mais difícil ainda se apresenta a situação quando outros se intrometem em seus negócios e procuram persuadi-lo. Cede muito fàcilmente e abandona projetos amadurecidos após meditações de semanas inteiras, porque numa conversa com alguém surgiram novos pontos de vista. O insucesso o desanima e amedronta. Se encontra resistência e prevê insucesso, gostaria de renunciar completamente à obra iniciada. No entanto êle, que não confia em si, que julga todos os outros mais capazes e mais hábeis, é justamente o que produz trabalho sério quando se põe simplesmente diante dêle uma tarefa, pedindo-lhe que a execute; mas não se deve dar-lhe muito tempo para hesitações e ponderações, reflexões e sofismas. Não se deve exigir dêle o empenho impetuoso do colérico. É lento no trabalho, porque é meticuloso em todo o comportamento. Mas se lhe concedermos tempo e calma suficientes, demonstra ser trabalhador pre-

Digitalizado com CamScanner

ciso e consciencioso, que se dedica à própria obra com grande tenacidade, perseverança e paciência. Também no melancólico o orgulho tem parte considerável. Manifesta-se grande mêdo de fazer feio, em sensibilidade exagerada e no temor à vergonha. Nas relações com o próximo, o melancólico é muitas vêzes atormentado não só por suspeitas, mas também por ciúmes. Confia nos outros com dificuldade. Mas encontrando alguém a quem se possa abrir, vigia cuidadosamente para que a confiança não seja traída e isso até o ponto de tornar-se um pêso para o confidente de seu coração, cuja paciência, por causa de certas atitudes, será colocada à prova de modo bastante duro. Não confiará nunca por muito tempo num mesmo confessor. A desconfiança apodera-se dêle com muita facilidade e julga não encontrar a compreensão plena e o amor que merecia. No caso de eventuais mal-entendidos, em vez de pedir explicações e esclarecimentos, leva na alma alguma palavra escapada sem premeditação, coloca-a sempre de nôvo na balança da precisão e é capaz de citá-la ao pé da letra, mesmo após vários anos, sempre com tristeza profunda e renovada. Não percebe com facilidade os próprios dotes, nem os dos outros. Mas tende fàcilmente ao exagêro do mal. Vê tudo muito escuro; deixa-se oprimir pelo cúmulo de dificuldades naquilo em que o sanguíneo nem sequer as percebe. Deve lutar muito contra as aversões, suscitadas por determinadas pessoas. Muitas vêzes sente-se perturbado, devendo distinguir entre antipatia pessoal e recusa motivada objetivamente. Certas pessoas estão simplesmente mortas para êle, por uma razão qualquer. Não quer mais saber delas. Ao invés, a aversão pode crescer até o desespêro, até o ódio mais violento. Só com esfôrço extremo deixa-se induzir a uma explicação amigável. Essa índole do melancólico torna-se particularmente perigosa se influencia a relação íntima com Deus. O insucesso, as recaídas no pecado, podem torná-lo de tal modo infeliz que corra o perigo de abandonar até a Deus e suscitar nêle, além de certa aversão, até a recusa e o ódio a Deus. É o grande perigo, o grande escolho. Êste perigo, naturalmente, é atenuado por viver-lhe, no mais íntimo da alma desejo intensíssimo de Deus, do eterno e do infinito, sem o qual não pode sentir-se feliz.

O temperamento melancólico oferece não poucas vantagens no caminho da santidade. Não é pura coincidência que justamente êsse temperamento constitua a percentagem muito acentuada dos santos da nossa Igreja. A inclinação marcante para o mundo interior, o apêgo ao recolhimento, à solidão, o dobrar-se sôbre si mesmos facilita a oração mental. O melancólico possui a verdadeira disposição para a devoção. O desejo fundamental do coração é anseio imenso de valores supremos, de felicidade imorredoura, de refugiar-se em Deus, de vida eterna. Com-

Digitalizado com CamScanner

preende verdadeiramente as palavras de Sto. Agostinho sôbre a inqüietação que reina em nosso coração, enquanto não encontra repouso em Deus. Sabe que não há maior felicidade na terra do que a paz de Deus num coração puro. O melancólico, porém, pode ser desanimado até na oração. Êsse desânimo cresce poderosamente, quando teve a desgraça de cometer pecado grave. Sentindo-se separado de Deus por pecado mortal, sente-se muito infeliz. Não pode, como outros, curar-se dêle. A má ação persegue-o dia e noite. Decidir-se à confissão é extremamente difícil. Põe-se diante de si, cheio de vergonha sempre renovada, mas sem luz. Torna-se prêsa da tristeza, do desgôsto da vida. É aqui que se apresenta a reviravolta mais perigosa, isto é, a ameaça de perder a confiança em si e em Deus; ao invés, por certa obstinação e ódio contra Deus, pode entregar-se às paixões vulgares. Se porém, em vez de se entregar por desânimo e desespêro à tristeza infrutuosa e à melancolia, aprender a consentir de bom grado à dor e à desventura que o atingiram, se souber encontrar a união com Deus em arrependimento filial e profundo, conseguirá vantagem. Justamente êle, que experimenta tanta dor íntima, deve também procurar familiarizar-se com o sofrimento. Deve aprender a ver na dor a participação dos sofrimentos de Jesus Cristo. Deve exercitar-se na aceitação alegre da dor, até desejar a cruz do sofrimento por amor a Deus. O amor à cruz é a sua salvação, fortuna, fonte de paz indizível da alma, de vida espiritual profunda e rica, de verdadeira devoção, pronta ao sacrifício.

Assim, o melancólico deve formar a si mesmo, deve educar-se e deixar-se educar pelas circunstâncias, pelo ambiente. Deve lutar pela própria santidade, livrar-se do desânimo da alma, do desgôsto pela vida, do sofrimento e do temor. Deve consentir de modo calmo, racional, humilde e com confiança ilimitada em qualquer sacrifício e sofrimento, qualquer miséria externa e interna que o atinja. Deve colocar o amor como base fundamental da alma: o amor a Deus, o amor ao próximo, o amor a cada homem por mais antipático que pareça. Dêsse modo se libertará mais depressa do egoísmo oculto, e levado pela vida, na escola do sofrimento, aprenderá o que é o amor purificado e sobrenatural a Deus e ao próximo, sob cuja luz se aproximará sempre mais do ideal da santidade pessoal.

O sacerdote de temperamento mais melancólico adapta-se especialmente à assistência dos enfermos, ao cuidado das almas atribuladas e, em linha geral, à consolação de todos os aflitos. Ajudar-lhe-ão a alma terna, compassiva, que conhece a dor por experiência, a bondade, a calma e a índole reflexiva, a dedicação e prontidão ao sacrifício. Na vida de oração terá mais facilidade que o sanguíneo para manter o recolhimento e fará maiores progressos na oração mental. Deve naturalmente lutar com

Digitalizado com CamScanner

seriedade contra as fraquezas da própria natureza, especialmente contra a tendência para a melancolia, para a desconfiança e o pessimismo, contra a indecisão e falta de energia e contra a misantropia. Êste último defeito constitui muitas vêzes o motivo pelo qual se torna vil diante das pessoas enérgicas e, embora tendo razão, cede, enquanto exagera nas exigências ante os pacientes e bonachões.

Em linhas gerais o melancólico não se adapta bem às grandes emprêsas, a tarefas de chefe responsável, pois falta-lhes energia, resolução e o otimismo indispensável exigidos. Prejudica-os também a desconfiança inata e o mêdo da vergonha. Daí, não é só êle quem padece, quando lhe confiam um cargo de direção, mas impõe muitas vêzes aos dependentes sacrifícios enormes, especialmente por causa da desconfiança e personalidade alheia à alegria. Tem tendência forte à mania crítica, ao sofisma justificado sob o pretexto do zêlo pela glória de Deus, enquanto que, em grande parte, provém do próprio descontentamento espiritual.

Como todos os melancólicos, assim também o sacerdote melancólico deve aprender a alegrar-se com os aspectos positivos do temperamento. Nenhum temperamento traz desejo tão profundo de Deus e do eterno como êste; no fundo da alma sempre se esconde certa tristeza, "pranto interior", porque a alma melancólica sente-se estranha no mundo e sofre de doença incurável, a saudade da eternidade.

D. *O temperamento fleumático*

O temperamento fleumático é o oposto do colérico e caracteriza-se por sensibilidade receptiva fraca unida a capacidade ativa fraca. As impressões estimulam o fleumático nada ou pouco, a reação é fraca ou falta completamente. Daí resulta a atitude psíquica fundamental de propensão à comodidade e à preguiça, de fraqueza em tôdas as paixões, de amor ao sossêgo e aversão à fadiga e esfôrço.

O fleumático exteriormente possui, em geral, certa corpulência. É pesado, desajeitado ou pouco ágil. O sistema nervoso é fraco. O olhar sem ardor e sem energia, o passo cômodo. Gosta de dormir, come muito e adora o descanso.

Também nas manifestações psíquicas o fleumático é cômodo e preguiçoso. A alma responde às impressões externas com lentidão, sem emoção especial. Custa a perder a paciência, a menos que se lhe perturbe a cômoda tranqüilidade. Pode considerar-se esta sêde de quietude como característica dominante. O resultado é a fraqueza, a falta de energia. O intelecto não é, com certeza, o mais adequado a meditações profundas. Não é capaz de sacudir a própria vontade. A mente é

Digitalizado com CamScanner

pouco desenvolvida. Difícilmente se entusiasma, mas também dificilmente se inquieta. Corre o perigo constante de cair numa espécie de hebetismo ou aridez espiritual fria. Gosta da vida regular, calma, não perturbada. Êstes aspectos do caráter fleumático constituem obstáculo também à perfeição.

Por mais que o fleumático se esforce no trabalho, nas ligações com o próximo, nas relações com Deus, na profundeza da alma nada o toca, permanece frio e indiferente.

Apesar dessas fraquezas, êsse temperamento apresenta certas vantagens. O fleumático nunca é atirado. Odeia tudo o que é arriscado e passional. No pensar, no agir é lento e ponderado. Todavia o que começa, leva a têrmo. A calma permite-lhe ver com sobriedade tudo o que acontece em redor. Com semelhantes dotes pode também tornar-se alguém, terá mesmo superioridade nas situações que exigem ponderação, pois nem sempre o sucesso depende da rapidez da ação. Quando os outros estiverem desiludidos há muito tempo e dobrarem cansados as asas, êle ainda terá fôrças intactas para prosseguir a obra com paciência silenciosa. Não tem pretensões e é modesto sob todos os aspectos. Pacífico, vive em paz com todos, mesmo se não gosta de comunidade.

Concluindo podemos afirmar: faltam ao fleumático o impulso interno e a energia. Tem de conquistar maior fôrça de vontade, sentimento do dever mais decidido, maior desenvoltura, maior coragem diante da vida. Assim também encontrará o lugar certo, embora não tenha nascido para comandar as grandes batalhas da vida. Muitas vêzes será apenas arrastado pelos que estão na vanguarda. Mas justamente a êsses pode prestar serviços com a ação refreadora da prudência.

O temperamento fleumático é o menos disposto à perfeição, pois falta-lhe por natureza a fôrça do arroubo. Atingir a santidade pessoal exige, além disso, constância de vontade e perseverança, que é muito difícil para o fleumático, por disposição congênita.

Como o sacerdócio se fundamenta, seja pela essência, seja pela missão, na paixão pelo ideal, encontraremos bem poucos fleumáticos entre os sacerdotes. Apesar da vantagem da ponderação, sobriedade e paciência, deverão combater durante tôda a vida contra as fraquezas do temperamento, especialmente a falta de energia e a lentidão na mediocridade. Livrem-se de construir o ideal pessoal ùnicamente sob a índole fleumática, mas sim sob as capacidades que derivam da combinação com algum outro temperamento.

Antes de terminar a exposição dos temperamentos, lembremos ainda que as fraquezas e a fôrça, os valores e os defeitos naturais do indivíduo dependem em grande parte do temperamento diverso. Daí a

Digitalizado com CamScanner

necessidade de conhecer não só o próprio temperamento, mas também o das pessoas que devemos guiar e ensinar. Os lados bons de cada temperamento são o fundamento natural da santidade; será preciso controlar e combater os lados negativos. Malgrado todos os esforços, o homem raramente poderá livrar-se de todos os defeitos e de tôdas as fraquezas do temperamento; nem mesmo se tender sèriamente à perfeição e tiver vida longa à disposição. O sacerdote bom conhecedor das almas, perceberá até na cabeceira de moribundo se tem diante de si o colérico, sanguíneo, melancólico ou fleumático. Os defeitos que Deus, muitas vêzes, deixa até no homem mais perfeito, naturalmente sem nenhuma culpa pessoal, são defeitos de temperamento. Acham-se profundìssimamente radicados na disposição psicofísica do homem e são a escola permanente da vigilância, paciência e humildade.

Conforme aludimos precedentemente, o temperamento não se manifesta nunca em forma pura, isto é, isento de combinações com outros. As combinações mais comuns são o sanguíneo-melancólico e o colérico-sanguíneo. A combinação colérico-melancólico é menos freqüente, enquanto a colérico-fleumático por sua natureza não existe, prescindindo-se de que, em todos os indivíduos, encontram-se vestígios de todos os temperamentos.

Querendo comparar o temperamento às estações, poderemos dizer que a primavera corresponde ao sanguíneo, o verão ao colérico, o outono ao melancólico e o inverno ao fleumático. Na relação com os diversos períodos da vida humana, poderemos afirmar que a idade infantil tem certa afinidade com o temperamento sanguíneo, a idade do desenvolvimento com o melancólico, a idade madura com o colérico e a velhice com o fleumático. Encontramos também certa dependência entre temperamento e sexo: os temperamentos colérico e fleumático prevalece nos homens, enquanto o melancólico e sanguíneo se encontram mais nas mulheres.

Também os povos distinguem-se pela predominância de determinado temperamento. Enquanto nos meridionais prevalecem os sanguíneos e nos povos do centro da Europa os coléricos, os povos dos países setentrionais caracterizam-se pela índole tranqüila e fleumática. São próprias dos povos eslavos a profundidade de ânimo e a melancolia, que correspondem ao tipo melancólico.

Estas indicações admitem muitas exceções. Por isso não será nunca demasiado dizer que no campo da tipologia psicológica tôda classificação rìgidamente sistemática coloca-nos em pistas falsas. Em última análise todo ser humano representa personalidade única, não suscetível de repetição e diferente de tôdas as outras.

Digitalizado com CamScanner

Capítulo 3

Condições somáticas e disposições

Conforme sugerimos precedentemente, entre condições físicas e funções psíquicas existe interdependência rigorosa.

Juntemos a tal respeito mais algumas observações. Ernst Kretschmer teve grande mérito, com os estudos minuciosos sôbre as relações recíprocas entre constituição física e caráter, tornando pràticamente fecundo o conhecimento da psique humana, desenvolvendo e aprofundando a teoria dos temperamentos. Kretschmer, sendo psiquiatra e neurólogo, parte antes de tudo do homem psicopata. Distingue três formas de constituição física: o leptossômico (alto e grácil), o atlético (robusto) e o pícnico (gordo).

a) O tipo leptossômico caracteriza-se pela estatura esbelta, magra, alta, rosto comprido, musculatura pouco desenvolvida, mas fibrosa, ossatura fraca, membros longos e delicados. Colorido geralmente pálido.

b) O tipo atlético distingue-se dos outros dois pelo desenvolvimento pronunciado do esqueleto e da musculatura, estatura entre média e alta, físico robusto, vigoroso, ombros largos, tórax grande, membros superiores vigorosos e compridos, pernas muita vez delgadas, mãos grandes.

c) O tipo pícnico tem como características cabeça, peito e abdome volumosos, tendência à gordura, estatura média, membrudo, rosto regular, fronte saliente, musculatura flácida, ombros estreitos, tórax maciço, membros finos, curtos e delicados. Colorido mais avermelhado.

Pois bem, Kretschmer conseguiu demonstrar que entre êsses tipos de corpo e as duas principais formas de alienação mental, isto é, a loucura maníaco-depressiva e a esquizofrenia, existe afinidade clara e constante. Além disso, partindo dêsses dois tipos patológicos, Kretschmer chegou a duas grandes famílias de temperamentos ("biótipos gerais") com vida psíquica normal, que denominou de "esquizotímico e ciclotímico", às quais mais tarde acrescentou o tipo "misto". Daí resulta que êstes tipos gerais de caráter, como também as formas patológicas que, acentuando-lhes as características tornam-nas evidentes, estão subordinados a cada constituição somática típica:

Digitalizado com CamScanner

Constituição somática normal	Doenças mentais	Temperamentos normais
	esquizofrenia	Temperamento esquizomítico
	esquizofrenia - paranóia	
	psicose maníaco-depressiva	Temperamento misto
	(ciclofrenia)	Temperamento ciclomítico

Os indícios psíquicos principais do ciclomítico são os seguintes: a vida psíquica apresenta fluxo mais uniforme, sem ondulações rítmicas especiais; reação fraca, imediata, natural diante da alegria e da dor, mas diferenças muito acentuadas do movimento geral: vai do rápido ao lento. O movimento psíquico dos ciclomíticos oscila, portanto, entre os pólos: lento e rápido. A curva do temperamento é mais flutuante que impetuosa.

O esquizotímico caracteriza-se pelas oscilações entre a hipersensibilidade e a apatia; mas a maioria dos representantes dêsse temperamento apresenta contemporâneamente, de uma parte, frieza e, de outra, hipersensibilidade. Dobram-se sôbre si, a vida íntima é discordante, sentem-se interiormente embaraçados e pobres de espírito, não conseguem tomar contato com o ambiente. Apresentam contrastes estranhos: frieza gélida no exterior e sensibilidade da "mimosa pudica" (sensitiva) no íntimo, ou interêsse vivo no exterior e indiferença absoluta no interior, cinismo mordaz contra o ambiente e severidade para consigo.

Ignácio Klug descreve, com o seu realismo habitual, as particularidades do temperamento ciclomítico e esquizotímico, suas combinações e as passagens da vida psíquica sã à mórbida. Vejamos alguns pensamentos dêle.

O ciclotímico, em linhas gerais, é transparente como um regato; calmo e límpido como o regato, pode acidentalmente encher e transbordar, ficar turvo, se desencadeia um temporal, mas a corrente vital de seu espírito permanece sempre substancialmente igual. O esquizotímico, ao contrário, é lago alpino luminoso e tranqüilo, mas que pode também enfurecer-se selvagemente como tempestade repentina. O esquizotímico tem algo de enigmático, de esfinge. Psicològicamente falando, é terreno vulcânico, pode estar calmo por muito tempo, trepidar levemente, tornar-se de nôvo firme e duro, para depois tremer de repente e, sem que se espere, vomitando o conteúdo incandescente das suas profundezas, feito de entusiasmo nobre e vulgaridade, amor ardente e ódio exaspera-

Digitalizado com CamScanner

dor. O ciclotímico desabafa de boa vontade, descobre o íntimo espontâneamente com naturalidade cordial, encontra a maior alegria no mundo e nos homens que o circundam. O esquizotímico, ao contrário, vive fechado em si mesmo, escutando a própria alma, meditando, tem o mundo interior trancado, barrado, selado. Freqüentemente é egocêntrico, isto é, que não vive para ninguém e para nada mais senão para si mesmo. Se não vive como egocêntrico, pelo menos é esquivo, tímido, como que afetado por patalisia íntima. Particularmente estranhas são no esquizotímico a hipersensibilidade, a hiperirritabilidade, superexcitabilidade latente, que explodem de modo imprevisível e, além disso, estrutura psíquica mais que apurada. Mas junto dessa "hiperestesia" encontra-se forte "anestesia", certa apatia, ausência de interêsse, frieza que pode chegar até ao gêlo e à impassibilidade. Os esquizotímicos diferenciam-se em tipos diversos. Há os "tipos tarados", como por exemplo, o egoísta frio e calculador, em geral, o homem egocêntrico, que deseja lhe girem em tôrno todos e tudo; há o tipo original; o perseguidor obsecado de caprichos; o preguiçoso inconsistente, indiferente e o delinqüente. Encontramos também tipos de valor: o aristocrata nas formas, idealista, líder, poeta e artista, apaixonado, herói, cultivador espirituoso de aforismas e irônico.

Mas, devemos ter sempre presente que não existem tipos puros de ciclotímicos e esquizotímicos. No problema da constituição, intervém outrossim a hereditariedade. Se as formas hereditárias dos genitores são diferentes, o quadro constitucional, como o psíquico, da prole representará tipo misto. Nesse caso fala-se de fusão. Pode acontecer também que as qualidades de um dos genitores se manifestem com superioridade física e as do outro com superioridade psíquica. Nesses casos fala-se de "cruzamento".

São justamente essas fusões e êsses cruzamentos que tornam difícil reconhecer cada tipo de caráter. Apesar disso a caracteriologia deve muito às conquistas de Kretschmer. Naturalmente, nem mesmo suas teorias podem levar-nos a conhecimento perfeito da psique humana, porque, no fim de contas, cada homem, por vontade divina, é individualidade *a se*, enigma e segrêdo que só Deus mesmo conhece.

"Muitas vêzes observa-se nos filhos ilegítimos certas perturbações e estados de angústia depresiva que provêm fàcilmente do estado de ânimo da mãe durante a gravidez" (Liertz). Os médicos salientam com insistência sempre crescente a importância decisiva que tem para o desenvolvimento do caráter infantil a vida íntima da mãe durante a gestação. Durante a gravidez a mãe não só deveria afastar da mente tôda excitação passional, vulgar e desordenada, como também esforçar-se por vida íntimamente unida a Deus, cheia de devoção e alegria espiritual.

Digitalizado com CamScanner

QUADRO SINÓPTICO

	Ciclomítico	Esquizomítico
I. Característica geral	equilibrado, harmônico, extrovertido	desequilibrado, contraditório, introvertido
II. Sinais do temperamento	1. sociável, bom, gentil, ameno	1. associal, taciturno, reservado, sério, sem humorismo, bizarro
	2. alegre, humorista, vivaz, ardoroso	2. tímido, medroso, delicado, sensível, nervoso, excitado, amante da natureza e dos livros
	3. taciturno, calmo, difícil, fraco	3. dócil, bonachão, bondoso, indiferente, estúpido, obtuso
III. Disposição social	sociável, filantropo, realista, adaptável	associal, sociável eclético, superficialmente sociável
IV. Reação psicomotora	simples e uniforme	tímido e afetivamente paralisado
	oscilante	impulsivo
	casos extremos: exuberante	casos extremos: hipertensivo
V. Tempo psíquico	1. faladores, alegres	1. espírito fino e nobre
VI. Tipos do caráter	2. humoristas, tranqüilos	2. idealistas, estranhos ao mundo
	3. sentimentais, taciturnos	3. déspotas frios e egoístas
	4. comodistas, gozadores	4. áridos e paralisados
	5. práticos, enérgicos	

Também o pastor de almas deve indicar esta necessidade na ocasião da instrução às futuras espôsas.

Existe relação íntima entre vida psíquica e função cardíaca. Sintomas cardíacos de origem nervosa são freqüentes no período da adolescência, durante os períodos de menstruação, nos anos climatéricos e nos que estão sujeitos ao onanismo solitário. Também a pressão do sangue influi inegàvelmente sôbre o estado de ânimo. O aumento provoca a falta de vontade (p. ex. nos arterioescleróticos), enquanto nos indivíduos

Digitalizado com CamScanner

sujeitos à tuberculose pulmonar, com pressão baixa, encontra-se muitas vêzes estado eufórico. Os homens de sangue frio têm pulsação lenta (Napoleão tinha quarenta), enquanto os sanguíneos apresentam função cardíaca mais acelarada. O efeito da angina péctoris sôbre a vontade e sôbre o estado de ânimo é conhecido. No caso de crise aguda a angústia pode atingir tal grau que absorva completamente a vida volitiva e sentimental e suprima totalmente o livre arbítrio (Liertz).

A relação entre processos físicos e psíquicos manifesta-se com evidência especial nos movimentos das paixões. O poder de autodefesa da vida psíquica explica-se por duas formas diversas. Ou o homem sente-se mais forte que os fatos e então surge movimento positivo de defesa do apetite irascível, no sentido mais extenso da palavra; ou mais fraco, sobrepujado, e então vem o sentimento de fuga, mêdo, no sentido mais extenso da palavra. Todos os impulsos intensos têm como conseqüência super-emprêgo de energia nervosa que abarca todo o complexo dos tecidos celulares. A atividade dos nervos manifesta-se, de modo especial, no sistema vasomotor, isto é, nos nervos que revestem os vasos sanguíneos, causando ora agitação, ora restrição. Os movimentos do apetite irascível agem em sentido excitante, dilatam o vasos; o coração bate mais veloz, o sangue aflui à periferia, o cérebro e a medula são mais irrigados; brotam gestos agressivos; o colérico sente que se torna maior e mais forte, faz movimentos de defesa e agressão. A cútis, especialmente no rosto, torna-se vermelha por efeito da circulação mais intensa. Ao contrário, a sensação de mêdo age em sentido paralisante. É sentimento de desprazer pela própria inferioridade. O sangue retira-se para os grandes vasos abdominais, a pele fica pálida, o indivíduo sente-se menor e mais fraco, treme e procura esconder-se. Entre o sentimento da cólera e o do mêdo está o da vergonha, como já demonstramos anteriormente.

Existe, portanto, dependência íntima entre estado físico e psíquico. Não devemos, porém, esquecer-nos de que muitos indivíduos, apesar de longas e às vêzes graves enfermidades, conseguiram desenvolver bem as fôrças espirituais, e aliás, atingiram a santidade, produzindo obras exímias e cheias de bênção para o reino de Deus. "As pesquisas sôbre indivíduos em particular no setor da dependência psicofísica, como também a história geral da humanidade, apresentam-nos exemplos de almas vigorosas, vencedoras do corpo fraco e dos conseqüentes obstáculos, se levarmos em conta e admitirmos sem reserva a superioridade do espírito" (Liertz). "Justamente na vida dos santos encontramos casos de equilíbrio espiritual em constituição fraca, o que demonstra que, apesar da união do espírito à matéria, agravada pela herança de Adão, o espírito é capaz de desenvolver-se livremente" (Liertz). Não falamos agora

Digitalizado com CamScanner

da graça divina que opera na alma de cada indivíduo e que tem o poder, em certos casos, de dominar as qualidades naturais de modo miraculoso; estamos sempre na esfera natural da ação normal mútua entre vida física e psíquica sã e patológica. A propósito: *mens sana in corpore sano*, é válida de norma geral. Por isso é dever de todo cristão cuidar da própria saúde física com consciência, mas sem ansiedade, abandonando-se à vontade divina, não só por amor à felicidade eterna, mas também no interêsse da saúde da alma.

Infelizmente nem todos os tempos reconheceram e agiram nessa conformidade. A preocupação exagerada de alguns pela saúde física, perfeição e eficiência do corpo, não deve nunca tornar-se pretexto para condenar de modo absoluto o cuidado do corpo, que é dever moral. Muitos santos, no fim da vida, choraram erros dêsse gênero. Nem mesmo o maior concertista poderá exibir-se tocando instrumento desafinado. O sucesso depende do artista e do instrumento; da alma e do corpo. Qual é o pastor de almas que não experimentou a preciosidade do capital representado pela saúde física, no setor da vida religiosa do indivíduo, no trabalho fervoroso pelo reino de Deus? E qual é o sacerdote que não observou como o cansaço, tristeza, angústia, desespêro e pessimismo — efeitos de enfermidade física — tornam infecunda a alma e indizìvelmente difícil o exercício da fé, da esperança e da caridade e de todos os outros dons de Deus? Com que fôrça, muitas vêzes, a doença impele o pequeno eu para o centro da consciência tornando-a egoísta, exigente, triste, turva, má, insuportável, irritável e, às vêzes, até maligna!

Antes de tudo, essas doenças que se estendem "à zona limítrofe entre corpo e alma", o centro nervoso e até à vida psíquica, perturbam muitas vêzes e de modo sensível, o desenvolvimento tranqüilo da vida interior, religiosa e moral. Como é íntima a ligação entre o estado mórbido do neurastênico e os defeitos do caráter, demonstra-o a seguinte exposição do tipo neurastênico psicógeno (segundo Rhaban Liertz).

O neurótico, no egocentrismo e inconsciente fanatismo da verdade, procura desvalorizar os homens e as circunstâncias. Êsse impulso deriva com freqüência da sensação da própria incerteza e inferioridade. Uma espécie de autovitismo, a mania de limitar fortemente o próprio campo de atividade — para poder mais violentamente agitá-lo e dominá-lo de modo patológico — são as características do doente dos nervos. Manifestam-se também nêle indiferença, amor às comodidades, cansaço, incapacidades de tôda espécie que são pretexto para evitar decisões que poderiam ferir-lhe o orgulho, mas também para subtrair-se a empenhos vitais sérios. Em certos casos particularmente avançados, êste período de evolução termina pelo suicídio que, pelo obscurecimento psíquico e

Digitalizado com CamScanner

a imersão nos fantasmas criados, sente-se como vingança contra o destino, contra os parentes, os superiores e o mundo inteiro. O livre arbítrio do neurótico é consideràvelmente limitado, por efeito da deficiência orgânica. No entanto não devemos excluir, em tais casos, certa possibilidade de educação. O neurótico recusa adaptar-se, exige cuidados particulares e exceções à regra. Manifesta apreensão exagerada em relação aos outros, em conseqüência do hábito mental de mêdo e da ânsia pela sorte de terceiras pessoas. Dá sempre conselhos, descobre sempre novos perigos. Êle mesmo, porém, aceita com grande dificuldade uma sugestão, mesmo se formulada com a melhor das intenções. Salienta-se pela ambição, soberba, tendência ao domínio, sensibilidade e muita vez também pedantismo. É personalidade cheia de contradições, de natureza desequilibrada, incoerente no pensar, sentir e agir. Freqüentemente exigente, quer para si todos os cuidados, embora não o tendo para com os outros; pretende muita paciência e amor, embora seja impaciente e frio com o próximo. Tende à mania de criticar, falta-lhe o sentimento de independência, é fàcilmente irritável, indeciso, desatento, sem perseverança, obstinado, desobediente e briguento. Inclina-se ao excesso tanto no trabalho como na diversão, aumentando sempre assim, por culpa própria, os sofrimentos. Caracterizam-no: tornar-se alheio ao mundo, falta de autocrítica objetiva, necessidade mórbida de carinho e tendência para supervalorizar os próprios sentimentos, fundamentalmente fracos. Sofre de igual maneira tanto na solidão como na companhia dos homens, pois julga-se pouco compreendido, estimado ou amado. Sem saber, impõe ao ambiente muitos sacrifícios por causa da natureza mórbida. Para os neuróticos com disposição ou educação religiosa existem princípios de direção como: proibições especiais, formas particulares de devoção e exercícios para sustentar o quadro pessoal incerto, por êles cumpridos escrùpulosamente, justamente por causa da necessidade de apoio. O neurótico sonha com ideais exaltados, para poder tornar-se mais desiludido, se não forem atingidos. Cambaleia pela vida com a fome infeliz do inatingível.

Além da concomitância entre neuropatias e disposições para determinados defeitos, podemos constatar efeitos recíprocos entre o estado físico e o psíquico, também no caso de outras enfermidades. Assim por exemplo conhece-se a tendência dos que sofrem do coração para a excitação, estados de angústia e ira, enquanto que tísicos têm, freqüentemente instinto sexual excessivo, cuja satisfação lhes é mais prejudicial que vantajosa. Seria desejável uma exposição exaustiva das correlações entre doenças físicas e incapacidade psíquica no caso de estudos de psicologia médica.

Devemos sem dúvida dar as boas-vindas às novas pesquisas no

Digitalizado com CamScanner

setor da hereditariedade, pesquisas capazes de demonstrar a vasta extensão da influência que o complexo hereditário exerce sôbre a constituição física e bem como sôbre o desenvolvimento do caráter. Todavia exageram os que, baseando-se em estudos biológicos da hereditariedade, esperam por parte da Igreja a instituição de "impedimento matrimonial de natureza eugenética". A Igreja nessa matéria não ultrapassará o "matrimonium dissuadendum est" da Encíclica *Casti connubii*. Vice-versa, seria muito indicado o exame dos candidatos ao sacerdócio ou às ordens, quanto à disposição hereditária, a fim de que se possam afastar a tempo os indivíduos desajustados para o sacerdócio e a vida religiosa.

A nenhum observador escapa a relação incontestável entre constituição física e caráter. Já aludimos às cuidadosas pesquisas de Ernst Kretschmer, que podem, contudo, sob alguns pontos de vista, ser ampliadas ainda mais. Antes de tudo seria desejável na obra de Kretschmer exposição exaustiva da vida psíquica normal que, no seu tratado, em confronto com a patológica, deixou demasiado de lado. Ninguém negará as relações que existem entre constituição física e caráter no indivíduo normal. Aqui queremos salientar apenas algumas. Ao físico robusto e alto corresponde em geral caráter sereno, bonachão, calmo; espírito vivo, brilhante, tendendo ao irascível habita em geral num corpo de proporções menores. A corpulência é, muitas vêzes, índice de mentalidade benigna, jovial, boa; as almas invejosas e avarentas, em geral, moram em corpo magro. Estas normas, naturalmente, têm exceções de modo que cada um pode enumerar, por experiência, exemplos contrários.

Da união intrínseca entre corpo e alma deriva também a grande influência exercida pelos hormônios sexuais sôbre a vida espiritual e sentimental do homem. E. Pualy, a quem devemos a seguinte exposição, assinala tais relações no trabalho *Der Uberempfindliche Mensch* (O homem hipersensível). O autor procura provar, acima de tudo, que a *hipersensibilidade* psíquica se encontra mais nos indivíduos cuja diferenciação sexual não se desenvolveu suficientemente (Intersexualidade). A possibilidade da intersexualidade resulta das constatações de Steinach, que demonstrou encontrar-se em cada ser humano hormônios sexuais masculinos e femininos. Sua relação recíproca produz efeitos em larga medida sôbre a vida espiritual, volitiva e sentimental. O temperamento de cada indivíduo consiste na relação entre a personalidade interior e a exterior. A relação entre o homem e ambiente baseia-se na capacidade de adaptação, pois tôdas as relações recíprocas entre os homens encontram a raiz nessas tensões. Ora, a voltagem psíquica do homem é determinada pelos hormônios sexuais, ou num sentido mais amplo, pelo sistema sexual. Quanto maior a direção bissexual do fluxo vegetativo, tanto mais muda o nível da voltagem. Se cresce, resulta o homem

Digitalizado com CamScanner

hipertensivo, exaltado; se diminui sobrevém distensão que leva à forma do tipo fraco, relaxado. Dêste modo podemos grupar os homens hipersensíveis em angiospásticos, em angiodeprimidos e por fim em comprimidos.

1. *Angiospástico* é o indivíduo com tendência a processos convulsivos, espasmódicos. Êsses indivíduos, não são nunca desenvoltos; estão diante do próximo e dos acontecimentos do ambiente em atitude espasmódica. São introvertidos e de caráter fechado. De vez em quando estão sujeitos a descargas psíquicas repentinas, em geral impetuosas. Têm disposição para a pressão alta, síncopes, emicrania, doenças hepáticas e enfermidades do aparelho digestivo.

2. *Angiodeprimido* (fraco) é o tipo contrário. Tende à falta de vontade e à depressão, falta de concentração espiritual, indecisão, capricho, indiferença e estados de angústia. Do ponto de vista somático apresenta metabolismo reduzido. Assim se explica a disposição para a fraqueza e cansaço. Caracteriza-se pela pressão baixa e músculos frouxos. Inclina-se aos estados análogos de colapsos, fàcilmente sujeito a doenças infecciosas, a flebite e embolia pós-operatória.

3. Ao terceiro tipo pertencem os homens *instáveis* com espasmos alternados. Representam a resultante dos indivíduos descritos nos nn. 1 e 2 e são em parte respectivamente um e outro (cf. E. Pulay).

Também o modo de vida e as circunstâncias externas desta influem sensìvelmente na formação e nas propriedades do caráter. Não devemos descuidar da importância da influência da nutrição sôbre a vida moral do homem. Passaram-se os tempos em que nos colégios serviam-se por dia, três ou mais pratos de carne aos adolescentes. Nenhuma educação sensata hoje poderia justificá-lo sendo conhecida a relação entre a nutrição rica em albumina e a libido. Para o nosso conhecimento é óbvio também o efeito do clima e da temperatura sôbre a vida psíquica. O clima muito frio e rígido, como o das regiões polares, produz fraqueza; de igual modo o clima muito quente dos países meridionais e tropicais. O clima meridional, ao contrário, favorece a precocidade sexual e torna difícil o domínio do instinto sexual, enquanto que o clima nórdico retarda o início da puberdade e mesmo depois do seu aparecimento, raramente obriga os indivíduos a lutas morais tão duras como as enfrentadas pelos meridionais. Pode afirmar-se, em linhas gerais, que o calor favorece a excitabilidade sexual, enquanto o frio a reduz ao mínimo. De modo contrário, o frio acelera a mudança, aumenta a fome e por isso torna-se motivo, em caso de eventual carência de alimento, de atos de apropriação indébito de bens alheios.

Podemos mencionar também a mudança das estações, como outro fator de flutuações na vida psíquica do homem. É inegável que a pri-

Digitalizado com CamScanner

mavera, com o despertar de nova vida em a natureza, traga, pelo menos nos jovens, aumento sensível do instinto sexual e dos desejos de amor erótico. O mês de julho apresenta o número maior de delitos passionais; depois a percentagem diminui. O número dos suicídios culmina nos meses de maio a julho, talvez também coincidindo com o aumento do instinto sexual nessa época. O verão parece favorecer os esforços físicos maiores, o inverno os trabalhos espirituais. Mas o inverno é também a estação dos delitos contra a propriedade, provàvelmente porque aumenta a miséria e respectivamente diminui a possibilidade de ganho. É conhecido também o efeito do vento sôbre o sistema nervoso e sôbre o estado de ânimo de muitas pessoas. O outono é a estação da contemplação silenciosa e serena; é a preferida dos homens de idade avançada, que vêem nela espelhar-se a fase de declínio da própria vida. Também a hora do dia tem importância para a vida sentimental e espiritual do homem. A atividade intelectual chega ao ápice nas horas da manhã, enquanto as horas da noite favorecem o aumento do sentimento e da fantasia. Já a *Regula Monachorum* de S. Bernardo leva em consideração êsse fenômeno, prescrevendo não ler à noite determinados trechos do Pentatêuco e do Livros dos Reis, capazes de excitarem a fantasia, mas sim noutras horas do dia, "porque a esta hora (post cœnam) não é útil aos homens mais fracos ouvir estas partes da Sagrada Escritura" (c. 42). Justamente porque as horas da noite estimulam os sentimentos, o povo gosta mais das devoções noturnas, como as missas vespertinas, o mês de Maria, do Sagrado Coração, especialmente a missa da meia-noite no Natal. A própria escuridão e a paz da noite incitam o homem à devoção e ao recolhimento. Também por essa razão e não só por motivos litúrgicos foi muito bem acolhida em 1952 a concessão, há tanto tempo desejada, de celebrar-se a solenidade pascal à noite e não na manhã do sábado santo, como era costume durante os séculos passados. Exercerem as funções da quinta-feira santa, as horas de adoração e os sermões sôbre os novíssimos influência mais profunda e duradoura não depende sòmente da natureza dos argumentos tratados, mas também da característica das horas noturnas, sendo evidente que a noite, depois de um dia de trabalho, oferece ao espírito maior possibilidade de recolhimento que não a manhã, cheia de impaciente fervor de trabalhos e atividades, que tomam conta da mente, levando-a a distrações e desvios.

É mui acertado afirmar que se reconhecem o padre e o soldado mesmo à paisana. A profissao do indivíduo, portanto, fica impressa não só no espírito, mas determina-lhe o exterior e as atitudes. Tal se aplica sobretudo a determinadas profissões, como músico, cientista, alfaiate,

Digitalizado com CamScanner

carpinteiro, camponês: profissões cujo exercício torna explicável certa característica da atitude física.

Os movimentos do homem, como também o rosto, são imagem refletida da alma. Como os movimentos se manifestam também na escrita, uma ciência especial, a grafologia, empenhou-se em indicar as normas que tornam possível o juízo sôbre o caráter de determinada pessoa, baseando na caligrafia. Malgrado os esforços de estudiosos sérios, como Klages, para tratar essa matéria por método científico, é-nos permitido duvidar da possibilidade de determinar com certeza o caráter de um indivíduo, baseando-se ùnicamente na escrita. Podemos encontrar caligrafias muito uniformes e agradáveis, cujo autor não possui nada de caráter equilibrado e simpático; por outro lado existem sêres nobres, bons, simpáticos, com escrita repugnante, desigual, antipática. Enquanto não tivermos à disposição resultados grafológicos certos, será necessário reserva cautelosa nesses julgamentos, para não cometer erros a respeito de alguém. Por outro lado, não se poderá negar que um grafólogo hábil possa reconhecer com grande probabilidade uma característica qualquer de determinada pessoa por meio da caligrafia.

Capítulo 4

Os diversos tipos de caráter

Pela palavra *caráter* em psicologia, entende-se a peculiaridade psíquica que determina o comportamento e a atuação da pessoa. É evidente que, para o conhecimento dos homens, importa antes de tudo individuar e julgar-lhe o caráter.

A qualidade de um caráter depende acima de tudo da mola que faz saltar as ações e os sentimentos, isto é, da disposição congênita que condiciona a orientação fundamental da vontade. São as tendências inatas do homem que determinam a diversidade das orientações práticas. Embora os dotes intelectuais tenham importância na formação do caráter, todavia, a causa principal da diferença dos caracteres encontra-se especialmente no campo do sentimento e da vontade. A tal respeito devemos distinguir dois tipos opostos: *o homem sentimental* (que corresponde, do ponto de vista da vivacidade e mudança rápida de sentimentos, ao temperamento sanguíneo; ou ao melancólico, na profundeza e duração dos sentimentos) e *o homem volitivo* (que corresponde ao temperamento colérico). No homem sentimental predomina o impulso à dedicação, enquanto no volitivo é muito acentuado o instinto de conservação. Tôdas as diferenças do caráter derivam da dosagem dêsses

Digitalizado com CamScanner

dois impulsos fundamentais: dedicação e conservação. Assim, com o instinto de dedicação se entrelaça o amor à verdade, beleza, humanidade, além da paixão nobre que se manifesta em forma passiva na capacidade de amor, na veneração, espírito de sacrifício e semelhantes; em forma de reação (isto é, suscitada por fato externo) no interêsse pelos outros, compaixão, indulgência etc.; em forma ativa, na dedicação apaixonada. Essa passionalidade pode encontrar-se também sob as vestes da avareza, da paixão pelo jôgo, do vício de beber, ciúme, sêde de vingança e avidez sexual. Se, ao contrário, na união dos dois impulsos domina o instintivo de conservação, as características do quadro psíquico serão o realismo forte, a necessidade de independência, a consciência, o sentimento de responsabilidade. Mas se o instinto de conservação toma formas egoístas, então numa natureza *ativa* prevalecerão o interêsse pessoal, o amor ao lucro, a mania de domínio, a obstinação, a teimosia, a ambição e inveja; numa natureza *passiva,* ao invés, resultarão a circunspecção, vigilância, suspeita, desconfiança, esperteza, falsidade, hipocrisia e astúcia. No mesmo terreno desabrocham depois com facilidade a necessidade de sobressair, a sêde de vingança, a malignidade, crueldade, perfídia e outras paixões, como fenômenos de reação com que o eu responde à mortificação e ao tratamento injusto (Th. Müncker).

Quanto ao que concerne à estrutura do caráter, devemos distinguir três componentes. Antes de tudo a *orientação congênita,* ou seja as disposições naturais do caráter. A êsses elementos intrínsecos do caráter acrescentam-se *as influências do ambiente,* no sentido mais amplo da palavra. São muito significativas, sob êste aspecto, as influências voluntárias ou involuntárias da família, do ambiente e educadores. Sabemos por experiência que aspectos notáveis permanecem na vida psíquica do homem após a perda prematura do pai. Provocam no menino, não poucas vêzes, a dificuldade de reconhecer uma autoridade; por outro lado, muitas vêzes a morte prematura da mãe traz para o menino o desenvolvimento insuficiente das disposições da alma e da capacidade afetiva. Os danos causados pela falta de irmãos são muito conhecidos; por isso não nos detemos sôbre o assunto. A disposição psíquica congênita, plasmada e modificada pelos fatôres externos, desenvolve-se por fim com a participação da *vontade pessoal;* pois o homem não é simplesmente ser animal, mas ser pessoal, senhor de si, que pode e deve livre e progressivamente desenvolver a bondade do caráter, isto é, tornar-se personalidade moralmente preciosa. Para a formação do caráter de um cristão é de importância decisiva o trabalho da graça divina que se adapta, em geral, às disposições naturais e constrói sôbre elas, mas que pode seguir também caminhos próprios, porque "para Deus nada é impossível" (Lc 1,37).

Digitalizado com CamScanner

No campo da caracteriologia trabalhou-se muito nesses últimos anos. Na pesquisa das vias que levam ao conhecimento do homem, partiu-se de diversos pontos de vista e seguiram-se várias direções. Indicaremos as principais segundo o esquema de A. Carrard.

A. *A caracteriologia baseada na "psicologia individual" segundo Fritz Kunkel*

Fritz Kunkel, antigo aluno de Alfred Adler, criou a caracteriologia segundo a "psicologia individual". Como Adler, não admite as peculiaridades hereditárias do caráter, mas atribui as singularidades pessoais e psíquicas do homem ùnicamente à influência do ambiente e da educação. Segundo Kunkel, existem no homem duas espécies de comportamento: um objetivo, consciente das responsabilidades, corajoso; outro subjetivo, esquivo diante da responsabilidade, covarde. Êste último, que em geral domina, causa muitos males. É a raiz de tôdas as distorsões do caráter e das neuroses. Kunkel, na sua concepção do homem, não se interessa pelo "de onde", mas pelo "para que fim". Anseia por compreender o que o homem quer obter pela atitude. Segundo afirma, só o homem subjetivo sofre por causa de si mesmo e é causa de todos os males do mundo.

Distingue quatro tipos, segundo a atividade e a passividade, a fraqueza e a dureza.

OS TIPOS DO SUBJETIVISMO

	Fraco	Rígido ou duro
Ativo	Vaidoso exigente quer ser admirado	Déspota quer ser tímido
Passivo	Tímido choramingas quer ser defendido	Indiferente fechado quer que o deixem em paz

O vaidoso

O tipo vaidoso deriva do menino viciado que, durante a vida, foi centro do interêsse alheio. O vaidoso é extremamente exigente e pretende a satisfação de todos os desejos. Enquanto vamos ao encontro de

Digitalizado com CamScanner

suas necessidades e desejos, mostra-se contente, de ótimo humor, não regateia na distribuição de suas graças. Mas se lhe negamos a admiração, sem a qual não pode viver, após certo tempo fica abatido e torna-se estúpido ou tímido.

O tímido

Também o tímido provém do menino viciado. Também êle procura a satisfação dos próprios desejos, não para ser admirado, mas pela necessidade real ou imaginária de carinho e ajuda. Porque está sempre mal não se pretende muito dêle. Tem capacidade acentuada de sofrimento; muitas vèzes encontra protetores que o assistem benèvolamente. Mas se o tímido não é atendido, se suas lamúrias, com o andar do tempo, não suscitam outro efeito senão aborrecimento e impaciência, a crise estoura com violência e manifesta-se em neurose.

O déspota

O tipo césar viveu geralmente sob educação severa e experimentou desde cedo que não pode confiar nos adultos. Quando menino escutou repetidamente que é mau, enquanto queria apenas mostrar-se sincero e vivo. Via-se hostilizado em tôda parte. Por isso no íntimo amadureceu esta convicção: "os outros não querem ajudar-me, só servem para me atrapalhar, portanto, devo arranjar-me sòzinho". Sua mentalidade torna-se egoísta e considera o próximo como objeto, para não se ver abaixado ao nível de objeto. Ataca os outros por autodefesa. Não experimenta nunca o sentimento da desfeita, mas apenas o da hostilidade e fanatismo. A única alegria é a malignidade e considera como a maior desgraça a perda da superioridade e do poder. Em geral vem a falir quando encontra na vida outro déspota, porque nesse caso a maneira de agir não atinge a meta.

O indiferente

Também o indiferente aprendeu por sua vez que não pode contar com a ajuda dos adultos. Suas tentativas de eximir-se dela faliram pela própria insuficiência física e espiritual, ou porque os adultos se mostraram fortes demais. Como conseqüência vive sob o lema: "Eu sòzinho não estou em condições de ajudar-me". Daí não chega à satisfação de seus desejos nem com o auxílio de terceiros nem com as próprias fôrças. Portanto, só lhe resta a renúncia. Se consegue renunciar a todos os desejos, pode tornar-se feliz de igual modo, apesar da pobreza interior. Organiza a vida completamente em função da renúncia

Digitalizado com CamScanner

e menospreza todo prazer de grau elevado, especialmente qualquer companhia. Concede a si mesmo apenas a satisfação das exigências vitais: comer, beber, dormir. Compreende-se que, segundo êste modo de viver, o considerem preguiçoso, molenga e, às vêzes, também idiota. No entanto não o é. Atrás da máscara de obtuso, escondem-se a irritabilidade e a sensibilidade, índices de faculdade de sofrimento e delicadeza nervosa. Podemos atacá-lo; não se defende. Resiste até o fim, até quando faltam os meios para os outros e acaba vencendo. O comportamento do indiferente não pode ser modificado senão pelo encorajamento.

Künkel acha fácil a tarefa do terapeuta. O paciente deve ser levado até o ponto em que tiver aprendido a renunciar bastante ao seu subjetivismo. Com a renúncia à pretensão de aparecer, somem também os complexos de inferioridade. Embora os conceitos da teoria antiga não sejam completamente idênticos aos quatro tipos de subjetivismo de Künkel, pode-se no entanto afirmar que o "vaidoso" corresponde aproximadamente ao sanguíneo, o "déspota" ao colérico, o "tímido" ao melancólico e o "indiferente" ao fleumático.

As conquistas de Künkel no campo da caracteriologia são muito preciosas. No entanto, seu parecer, segundo o qual as propriedades do caráter não seriam transmissíveis, é refutado pela experiência.

B. *A caracteriologia psicanalítica de Sigmund Freud*

A consideração psicanalítica de Freud parte de um ponto de vista completamente diferente da caracteriologia baseada na "psicologia individual". Apresentamos sua teoria para sermos completos. Freud procura demonstrar que os aspectos do caráter estão ligados à vida instintiva do homem e a sua raiz mais profunda se encontra nas fases evolutivas da primeira infância. Segundo êle, na psique humana operam três elementos principais: o id, o ego e o super-ego. O id é a esfera psíquica primária que é também a fonte de todos os impulsos, instintos e paixões. O ego, ao contrário, percebe, julga e age conscientemente; encontra-se em relação com o mundo exterior. Coordenado a êle, mas no mais inconsciente, está o super-ego, que ordena e proíbe, em suma, uma espécie de guia ético superior.

Cada uma dessas grandes regiões psíquicas participa, de modo próprio, na formação do caráter e pode exercer, em linhas gerais uma função dominante, influindo sôbre as outras num sentido de reação. Vê-lo-emos na seguinte descrição dos principais tipos de caráter.

Digitalizado com CamScanner

O caráter oral

Contemplando as manifestações de um lactente, observamos que sempre pretende mamar. É ainda ser completamente instintivo, que não cessa de pedir o seio materno e quer beber. A intensidade dessa "libido" é, por enquanto, fôrça vital puramente instintiva, dado que não possui ainda verdadeiro ego. Mas o lactente não exige só alimento, pede também a proximidade da mãe e depois qualquer objeto palpável e visível que pode possuir por meio da bôca. Freud chama essa primeira fase da infância, na qual quase tôdas as satisfações do prazer sucedem na bôca, a "fase oral" e o instinto do "querer ter" "instinto oral". Sua importância para a formação ulterior do caráter depende da satisfação maior ou menor das necessidades orais do período da amamentação. O indivíduo que na primeira infância teve essa satisfação oral será otimista, benévolo, bom, generoso, pródigo, etc; o insatisfeito ao contrário: pessimista, desiludido, invejoso, egoísta, amedrontado diante da solidão etc. Se o super-ego se defende contra a "libido" muito forte e vence a necessidade oral, temos o "desistente". Mas se na luta contra o super-ego a "libido" é mais forte, forma-se a concupiscência.

O caráter anal

Além da "libido", no lactente e no menino pequeno manifesta-se depressa uma segunda tendência: reter o que conseguiu possuir. Muito antes ainda de ter o lactente consciência vemos que segura com fôrça cada objeto que a mão tem e quanto mais procuramos tirá-lo, tanto mais aumenta a fôrça com que o segura. Na idade de 2-3 anos, quando o menino começa a interessar-se pelas excreções de seu corpo e com isso a atribuir-lhes um certo valor, ânsia de conservar pode estender-se também a êsses produtos. Nessa fase deixa-se levar pelo arbítrio de dar ou não "alguma coisa" por amor aos pais ou de conservar "tudo" para lhes causar despeito. Considerando tais fenômenos, Freud deu o atributo de "anal" a essa fase do desenvolvimento. Ora, tendências anais podem prolongar-se até a idade adulta. Os homens com a fixação anal querem sempre "conservar" e não dar nunca, trate-se de dinheiro ou de qualquer outro objeto material. Por isso são econômicos até a avareza, obstinados até a cabeçudice. Como na sua época atribuía-se importância excessiva à excreção, assim acontece agora com o dinheiro. Mas também nesse caso a voz do super-ego faz-se ouvir com uma certeza obscuramente percebida: o que fazes é "sujo". A sujeira, porém, é afastada oportunamente pela limpeza. Por isso as tendências anais, se

Digitalizado com CamScanner

subordinadas às exigências de super-ego forte, podem mudar-se no contrário e transformar o homem numa pessoa de consciência limpa, talvez até em fanático pela limpeza.

O caráter do indivíduo pode formar-se também pela influência do ego. Se o fator dominante é o ego consciente e observador, desenvolve-se o caráter subjetivo ou narcisista.

O caráter narcisista

Todo homem possui determinada quantidade de energias psíquicas que dirige, se fôr sadio, como indivíduo que age e ama os objetos do mundo exterior ou outras pessoas; mas em certas situações da vida (sono, doença) pode reconcentrá-las em si mesmo. Há, todavia, homens que perderam mais ou menos a faculdade de transferir para outra pessoa a própria energia psíquica. Esta acha-se parcial ou integralmente ligada ao ego e conserva-o estàvelmente ocupado. Corresponde a estado de autonamôro e a mais ou menos acentuada falta de relações com o "tu". Essa estranha perda de relações Freud chama de narcisismo, de Narciso, o jovem da mitologia grega que se enamorou da própria imagem refletida na água. No homem narcisista sobressaem principalmente essas qualidades: predomínio do ego; a custo se entrega a necessidades eróticas ou sociais; seu interêsse supremo é a autoconservação; é independente e pouco tímido. Os homens dêsse tipo impõem-se como "personalidade" e são idôneos para servirem de sustentáculo aos outros, representarem o papel de cabeças, darem impulso a novos desenvolvimentos culturais ou prejudicarem os que já existem. Os distúrbios de caráter por parte do super-ego são, no máximo, de reação. O super-ego defende-se contra exigências pronunciadas do id, ou já é de per si excessivamente severo, de modo que impede até os efeitos das tendências normais daquele.

O caráter obsessivo

No caráter chamado obsessivo domina o super-ego que se separa, sob alta tensão, do ego que tudo percebe e defende-se especialmente contra as necessidades do id, isto é, contra as exigências do subconsciente. No tipo obsessivo é característica a angústia de consciência. Sentimentos de culpabilidade entram no primeiro plano, mas também indecisão, dúvida e desconfiança. Todo o ser fica penetrado pelo autodomínio que, às vêzes, chega a bloquear totalmente os afetos. Referem-se então todos os impulsos instintivos. Nos casos de exagêro patológico essa situação leva à neurose obsessiva.

Digitalizado com CamScanner

O caráter histérico

Também nesse tipo o super-ego luta contra os desejos do id. Mas, ao contrário do caráter obsessivo, o super-ego não consegue suprimir completamente as exigências do id, mas apenas desfigurá-las parcialmente. Verificam-se transigências entre a exigência do id e a defesa do super-ego. O resultado é forte necessidade de amor e mêdo acentuado de perdê-lo. Por isso o caráter histérico distingue-se por faceirismo oculto ou claro, mas também por timidez e reserva na proximidade da meta suspirada. O mêdo das experiências sexuais é substituído por atividade vazia. As pessoas dêsse tipo são na maioria delicadas, exageradamente corteses, de modos efeminados. Os indivíduos de ambos os sexos apresentam inconstância afetiva e sugestionabilidade forte. As mulheres distinguem-se especialmente pelo temperamento briguento, prepotente e obstinado. Desde que as exigências instintivas, sufocadas pelo super-ego, não podem chegar a satisfação adequada e, por outro lado, essas pessoas não estão em condições de empregarem as próprias energias estagnadas em obras úteis para serviço de fins elevados, estas convertem-se em angústia, ou suscitam sintomas físicos.

Nos casos em que se verifica semelhante inversão dos instintos, fala-se de histerismo.

Segundo os conceitos da psicanálise, encontramo-nos na presença de caráter são, "normal", quando a colaboração de tôdas as três instâncias psíquicas (id, ego, super-ego) realiza-se de modo harmonioso, isto é, quando nenhuma delas toma a primazia de modo que subjugue as outras ou suscite reações.

Só para sermos completos e a título de informação expusemos também a caracteriologia psicanalítica de Freud; não por querermos afirmar que esteja certa sob todos os aspectos. Não se pode pôr em dúvida, porém, que as experiências inconscientes da primeira infância tenham influência não só notável, mas até decisiva para a formação do caráter humano.

C. *Os tipos de caráter segundo Carl Gustav Jung*

Contràriamente ao conceito psicanalítico do caráter, que decompõe a totalidade pessoal nos seus elementos genéricos, C. G. Jung põe o problema de preferência do ponto de vista da pessoa e da sua unidade, pois o homem é, como pessoa, uma unidade e como tal essencialmente diverso de qualquer outra.

A tese essencial de Jung afirma que o homem está entre dois pólos extremos de conduta e aspiração, sendo que uma domina sempre e as

Digitalizado com CamScanner

outras, mais ou menos atrofiadas, contêm a sua existência no subconsciente. Tal contraste exprime-se na fórmula "interno-externo". É determinado pela tomada de posição do homem em relação ao seu mundo interno e externo. Um afirma mais o "interno", outro o "externo", embora ambos tenham a faculdade de uma e de outra posição e ajam em ambas as direções. Segundo a preponderância de uma ou de outra atitude fundamental teremos o *introvertido* e o *extrovertido.*

O tipo introvertido. No introvertido prevalece a tendência para olhar dentro de si. Procura antes de tudo a expressão do que acontece no próprio íntimo e atém-se ao quadro que êle mesmo faz do mundo de maneira subjetiva, poder-se-ia dizer, à sua imagem refletida. Para êle tem menos importância a realidade em si, do que a impressão que exerce sôbre êle. Procura o profundo e atribui importância secundária ao mundo exterior.

O tipo extrovertido. Para o extrovertido o desejável, como também o teatro de atuação, está no mundo exterior. Para êle o "de fora" é mais importante que o mundo interior psíquico-espiritual. Procura captar cada impressão. Recebe os impulsos pela própria atividade no exterior. As tarefas estão no mundo real, é aí que opera.

Quando se determina o comportamento de um homem entra em jôgo, como fator decisivo, não só a posição introvertida ou extrovertida, mas também a orientação do fluxo da própria energia psíquica. Se esta energia está apontada para a frente, será pilotada, por assim dizer, pelo sucesso esperado e se manifestará visìvelmente como atuação ou transformação da realidade presente; se, porém, estiver orientada para trás, teremos regressão. É, em certo sentido, progressão deficiente, que externamente se manifesta por atitude passiva, mas opera no interior ativamente, enquanto, após forte dispêndio de energias no intento de equilibrar a tensão, serve para regenerar e conservar as fôrças físicas e psíquicas, para estimular a fôrça da imaginação, criando novas possibilidades de progressão.

O tipo de atitude psíquica pode, portanto, subdividir-se da seguinte maneira:

Tipo introvertido

Forma progressiva. Pessoa calma porém ativa, encara de frente a realidade intensivamente. É completamente confiante e consciencioso. Sem deixar-se desviar e com tenacidade tende à realização das próprias idéias e ao alcance da meta escolhida.

Forma regressiva. Êsse tipo considera a realidade muito dura e por isso retira-se para o reino da fantasia, onde fica à vontade. Com relação ao exterior é passivo, mas em compensação a vida íntima é mais

Digitalizado com CamScanner

movimentada. Alheiar-se ao mundo e sua dificuldade de acesso são suas características. Prefere a solidão acima de tudo e evita a sociedade humana. Na vida prática é desajeitado e atrapalhado, e já que não pode abrir-se espontâneamente está sempre pronto para a retirada.

Tipo extrovertido

Forma progressiva Êste tipo é o verdadeiro homem de ação, com atividade enorme, sempre trabalhador e continuamente em movimento. Precisa de fatos, homens, relações e tarefas externas para aplicar as fôrças, de preferência, a si mesmo. Suas normas se baseiam na mentalidade geral de seus tempos. Nos casos extremos arrisca-se a perder-se totalmente no mundo externo ou deixar-se absorver pela parte que êsse mundo lhe entrega.

Forma regressiva. Também êste tipo se orienta para o mundo externo e se conforma com a mentalidade déle, mas não vai tão direto à meta como o extrovertido progressivo e não corre o perigo de ser totalmente absorvido pelo ambiente; procura mais não gastar completamente as próprias fôrças.

* * *

A variedade psicológica e caracteriológica do homem, porém, não se baseia sòmente na atitude introvertida ou extrovertida, mas também no comportamento de determinadas funções psíquicas. Jung é do parecer que o fator psíquico manifesta-se em quatro funções principais. Dá-lhes os seguintes nomes: pensamento, sentimento, sensibilidade sensorial, intuição.

O *pensamento,* segundo Jung, é a função da orientação vital que julga o verdadeiro ou o falso, o justo ou o injusto.

O *sentimento* é a função da apreciação e parte da simpatia ou da antipatia. Distingue entre o "sim" e o "não", entre o "pró" e o "contra" e também entre o "agradável" e o "desagradável".

A *sensibilidade sensorial* é a função sensível da percepção, que revela se algo existe ou não, que julga o "que é" e o "como é".

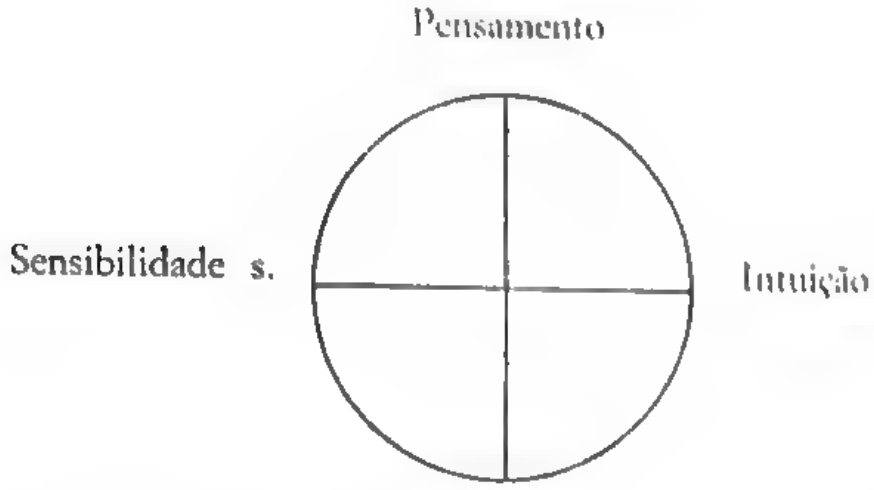
A *intuição* é a percepção do mundo através do inconsciente. A intuição é a percepção inconsciente, que pressente o que seria possível, um espontâneo "ter" compreensões, conhecimentos, idéias, possibilidades, pressentimentos, suposições etc.

O pensamento e o sentimento são, segundo Jung, funções racionais, enquanto a sensibilidade sensorial e a intuição são funções irracionais. Como se vê no diagrama cruzado das funções, as duas funções racionais e irracionais são de per si polares. Ao pensamento contrapõe-se o senti-

Digitalizado com CamScanner

mento; à sensibilidade a intuição e vice-versa. Pois bem, uma dessas quatro funções se desenvolve no indivíduo a ponto de tornar-se principal, enquanto a oposta é removida ou pouco desenvolvida, produzindo no subconsciente atividade primitiva, que muita vez irrompe na consciência e gera determinados distúrbios. Além disso, à função consciente principal está coordenada freqüentemente uma das funções que pertencem ao lado oposto, como função auxiliar secundária.

Diagrama cruzado das funções



Se imaginarmos cada uma dessas quatro funções unida ao tipo introvertido ou extrovertido, resultarão oito tipos diferentes, representados no quadro seguinte:

TIPOS DE CARÁTER SEGUNDO C. G. JUNG

	Introvertido	Extrovertido
Tipo pensador	Pensamento: Tende a aprofundar-se, cria teorias por amor à teoria. Reflete positivamente, mas muitas vêzes sem aderir à realidade. Juízo frio, inflexível; obstinado em seguir as próprias idéias. Tendência para passar do ideal ao imaginário. Caráter: Relações negativas com o mundo exterior. Arma-se de medidas protetoras contra êle. Teme a realidade e o sexo feminino. Pouco prático e desajeitado, colérico. Exemplos: Kant, Nietzsche.	Pensamento: Orientado para fatos objetivos, formalista e dogmático, obedece a esquemas geralmente válidos. Cria e conduz a fatos novos. O juízo é em geral sintético. Caráter: Deformações dos sentimentos que se manifestam em forma de sensibilidade, agressividade e ressentimento. Pouco sentimento estético, muita vez tirânico. Exemplos: Darwin, Cuiver, Splenger.

Digitalizado com CamScanner

	Introvertido	Extrovertido
Tipo sentimental	Prevalece nas mulheres. Taciturno, pouco acessível, muitas vêzes de temperamento melancólico. Calma aparente e indiferença no exterior porque sente no íntimo e em profundidade. O pensamento contido, inconsciente, é primitivo e muitas vêzes projetado para fora. Na luta defensiva contra inimigos imaginários torna-se suspeitoso, espião e intrigante.	Prevalece nas mulheres. Vive segundo as normas do sentimento, adequado aos valores geralmente reconhecidos. No que não aferra por meio dos sentimentos, nem sequer pode pensar conscientemente. Necessidade forte de contatos e relações. O pensamento é pouco valor, não desenvolvido e negativo e manifesta-se em obstinação, prepotência e briga. Os juízos impossíveis do pensamento não cedem diante de argumentação lógica.
Tipo experimental	Prevalece nos homens. Desde estetas finos até oportunistas brutais. Homens positivos. Andam à caça de prazeres. Geralmente não têm complicações, são alegres. Dificilmente se convencem de valores sentimentais e idéias. A intuição sufocada fornece motivos para projeções, isto é, indicam as próprias intenções e qualidades como dos outros. Êsse tipo pressente tudo quanto é possível e procura premunir-se por atos obsessivos muita vez ridículos.	Orienta-se segundo as sensações interiores, suscitadas por estímulos exteriores. Concepções ilusionistas da realidade. Deixa-se enganar e desfrutar. Ocupa-se muito com os próprios processos físicos. Aparentemente calmo e dominado, ìntimamente torturado por temores e imaginações, que lhe mostram o ambiente sob luz falsa.
Tipo intuitivo	Está sempre à caça de novas possibilidades. Tem faro especial para o que vai acontecer. Corre o perigo de perder-se. Ameaça ficar sufocado em circunstâncias seguríssimas. Como promotor de tôda a iniciativa pode adquirir méritos culturais. Raramente colhe o que semeou. Não considera importante o presente. Pensamentos e sentimentos são sufocados. Tem pouco respeito pelos outros, porque não lhes vê as necessidades de momento.	Está muito afastado da realidade e encontra-se à vontade no reino das fantasias e das visões. Êsse tipo não se ocupa com fatos exteriores, mas encaminha as percepções para todos os processos ocultos da consciência. Seus argumentos carecem de bom senso convincente; só sabe dogmatizar e proclamar. Se as imagens internas assumem tom imperativo, torna-se profeta. Recusa o mundo exterior, reprime o sentimento. Êste tipo é sonhador, visionário, artista.

Digitalizado com CamScanner

D. *Os tipos de caráter segundo Eduard Spranger*

Enquanto Jung, que na caracteriologia faz pouco caso da fôrça de vontade, parte da individualidade da pessoa, *Eduard Spranger* constrói a tipologia sob a orientação do interêsse e do aprêço em relação aos bens culturais.

Spranger divide os valores culturais em seis categorias, que correspondem a seis tipos fundamentais de homens:

1. o tipo teórico,
2. " econômico,
3. " esteta,
4. " social,
5. " político ou autoritário,
6. " religioso.

O tipo teórico

O homem teórico quer saber como é, se verdadeiro ou falso. Mediante distinções e divisões precisas, procura chegar a sistema nítido e lógico. Para servir a essa causa, coloca cada questão pessoal e sentimental em segundo plano. O que importa, em primeira linha, é o conhecimento objetivo. Uma vez que lhe fica estranho tudo o que não é claramente suscetível de captar pelo pensamento, demonstra pouca compaixão pelo próximo e recusa a compreensão e a intuição como exaltações insensatas. Na vida prática é desajeitado, inábil, às vêzes também impotente. Faltando-lhe notàvelmente o sentimento econômico e prático, não consegue nem mesmo como homem político fazer triunfar as idéias, salvo em casos excepcionais. Geralmente se mostra indiferente mesmo diante do belo. No campo religioso tende às dúvidas da fé.

O tipo econômico

A mentalidade do homem econômico dirige-se para os valores úteis. As considerações do útil e do prejudicial determinam-lhe as ações. É egoísta acentuado que vê no próximo só o meio e o auxílio para a realização das próprias metas econômicas. As ciências despertam sua estima só quando pràticamente valorizáveis. Conhecimentos que não produzem lucro, significam para êle perda de tempo. A estética é aproveitada quando se mostra capaz de tornar a vida mais agradável. No campo da política interessa-se apenas pelos problemas econômicos e financeiros. Em geral conserva-se à distância da religião, porque muito ocupado e preocupado com o que é efêmero. Na vida profissional de-

Digitalizado com CamScanner

monstra senso prático e economiza material, fôrças e tempo, para obter com o mínimo dispêndio o maior proveito possível.

O tipo esteta

O esteta sente-se afastado do material. Encara a vida compreendendo, gozando e contemplando. Idealista, mais ou menos estranho à realidade, é também insaciável. Sentindo-se ameaçado, bate em retirada. Mostra-se alheio às pesquisas científicas, porque vê em a natureza criaturas animadas e vivas e não objetos de experimentação científica. É contrário à fôrça e ao Estado, não aprecia o militarismo. Só compreende a política se serve ao ideal da liberdade. Homens e fatos são para êle expressão de determinado modo de ser. Procura plasmar a personalidade com critérios estéticos. Em geral sente atração pela religião, mas não tanto pelo seu conteúdo de verdade, quanto pela sua expressão do belo e do sublime.

O tipo social

O tipo social apresenta uma mentalidade cheia de amor, de compreensão e de benevolência para com o próximo. Põe a necessidade alheia acima das próprias. Além da própria vida vive também a dos outros. Não conhece o egoísmo. Vê nos seus próximos as possibilidades que realmente têm. Carece de energia e dureza para poder conseguir sucesso na vida política. Não pode familiarizar-se com a ciência, porque parece-lhe muito prosaica e objetiva. Reflete pouco e se adapta mal à realidade. Em conseqüência, raramente vê as coisas de modo objetivo e é muito parcial. Quanto à religião demonstra uma disposição positiva.

O tipo político ou autoritário

O homem autoritário afirma a si mesmo. Exige obediência de todos e quer que os outros se adaptem às suas opiniões e disposições. É justamente o oposto do homem social, porque em vez de ajudar e favorecer procura dominar e subjugar. O saber significa para êle poder, um meio de domínio. A estética serve para a manifestação de seu poder. A mentalidade social equivale para êle à moral de *carneirismo*. Sendo sua aspiração a liberdade, considera o amor como uma cadeia. Dedica-se de preferência à política, porque lhe oferece a possibilidade de chegar ao domínio de seu próximo. Suas relações com a religião, ao contrário, são tensas, pois de má vontade reconhece em Deus o ser mais poderoso que êle.

Digitalizado com CamScanner

O tipo religioso

O homem religioso procura os valores máximos da existência e pergunta sempre a si mesmo: "Que importa isso para o escopo final da minha vida?". Acha-se num estado contínuo de inquietação e de insatisfação. Considera a ciência como uma coisa limitada porque acredita ùnicamente nas verdades sobrenaturais e põe as verdades da religião na base de tudo. Também a estética é pura aparência. O fator econômico é reconhecido como necessário, mas valorizado como meio vulgar para a manutenção da vida, não devendo entregar-se a êle. A atitude social é para êle a realização da caridade para com o próximo, exigida por Deus. Reconhece o Estado e a política, enquanto se limitam à regulamentação das coisas terrenas e não ofendem os direitos de Deus e da Igreja.

E. *A caracteriologia constitutivo-biológica segundo Ernst Kretschmer*

O fundador da nova doutrina dos temperamentos, Ernst Kretschmer, constrói sua teoria caracteriológica e tipológica sôbre fatôres constitutivo-biológicos. Já expusemos sua classificação em tipo leptossômico, atlético e pícnico. Kretschmer, professor de psiquiatria e de neurologia em Marburgo, tinha iniciado seus exames e suas observações num primeiro tempo entre alienados mentais. Visto, porém, que as doenças mentais não apresentam senão deformações, por excesso ou por falta, dos mesmos fatôres psíquicos que, em estado de equilíbrio recíproco aproximado, constituem a vida psíquica do homem normal, êle estendeu suas pesquisas constitutivo-biológicas também aos indivíduos de mente sã. Após os resultados obtidos, estabeleceu dois grupos principais de características psíquicas no homem, cujas relações com a constituição física são demonstráveis: o tipo de caráter *ciclotímico* e o *esquizotímico*.

O homem esquizotímico:

Intermediários:	*Hiperestésicos:*	*Hipoestésicos:*
insociável	hesitante	correto
taciturno	tímido	equilibrado
reservado	delicado	obtuso-estulto
sério	angustiado	insensível
não espirituoso	excitado	dócil
estrambótico	nervoso	bonachão
extravagante	de volubilidade afetiva	

Digitalizado com CamScanner

ESCALA DOS TEMPERAMENTOS DO TIPO *ESQUIZOTIMICO*

Estado de ânimo		Tempo e tensão	Psicomotricidade	Sociabilidade	
como a sensitiva	sem humorismo	confuso	distraído	idealista	
terno		volúvel	precipitado		
		caprichoso	irrequieto	reformador	
delicado		conseqüente, enérgico	tímido	sistemático	
sensível					
		tenaz	reservado	obstinado	introvertido
	sério		firme	estrambótico	
excitável				descontente	fechado
inquieto			aristocrático		
nervoso				reservado	
severo					
frio			rude		
brusco			rígido	insociável	
gélido		pedante	paralisado		
apático		fanático	taciturno	brutal	
Flutuações de humor		Bloqueios			

Digitalizado com CamScanner

ESCALA DOS TEMPERAMENTOS DO TIPO CICLOTÍMICO

Estado de ânimo	Tempo e tensão	Psicomotricidade	Sociabilidade
sereno excitado colérico radiante satisfeito taciturno de sentimentos ternos sangue pesado desanimado de sentimentos calorosos bonachão jovial	impulso expedito operoso rico de idéias enérgico estimulável vivaz acomodado pesado atrapalhado	móvel loquaz acomodado taciturno pesado atrapalhado natural terno melindroso reativo	ingênuo consciente generoso alegre inteligente comunicativo modesto indeciso extrovertido sociável aberto materialista
Flutuações de humor: alegre — triste			

Digitalizado com CamScanner

O homem ciclotímico:

Sintônicos:	*Hipomaníacos:*	*Deprimidos:*
sociável	alegre	taciturno
bom	de senso humorístico	suscetível
gentil	vivaz	calmo
social	espirituoso	fraco
	fogoso	

No elenco que apresentamos põem-se em relêvo os sinais característicos da índole essencial dos esquizotímicos e dos ciclotímicos.

O homem esquizotímico e o ciclotímico estão ainda na esfera da assim chamada "normalidade". Existem, porém, em ambos os grupos de temperamentos fôrças excessivas, que tendem à alienação mental e não se podem considerar normais, mas nem mesmo expressamente mórbidas. Kretschmer fala nesses casos intermediários de homens esquizóides e ciclóides. Fazem parte dos psicopatas.

Homens normais	Submórbidas	Alienados
Esquizóides	Esquizotímicos	Esquizofrênicos (anafrênicos, catatônicos, paranóicos)
Ciclóides	Ciclotímicos	Ciclofrenia (Psicoses maníaco-depressivas)

Podem estabelecer-se também relações entre o tipo constitucional psicofísico e o engenho:

	Ciclotímicos	Esquizotímicos
Poetas	realistas, humoristas	patéticos, românticos, artistas da forma
Estudiosos	amantes do convento empíricos descritivos	lógicos metafísicos, sistemáticos
Líderes	cheios de iniciativa organizadores ousados comerciantes hábeis	idealistas puros, déspotas, fanáticos e calculadores frios

Digitalizado com CamScanner

É óbvio que, nem mesmo nos casos mais acentuados, não nos encontramos na presença de tipo "puro". Cada tipo tem em si, com pequenos acréscimos, um complexo hereditário. Essa mescla, na qual o tipo se apresenta em cada indivíduo, Kretschmer chama de liga constitucional, denominação que resulta justa tanto do lado psíquico quanto do biológico-constitucional.

Digitalizado com CamScanner

SEÇÃO QUARTA

DIFERENCIAÇÃO SEGUNDO AS PROFISSÕES

A profissão ocupa lugar importante entre os fatôres que determinam as peculiaridades psíquicas do homem. É claro que a profissão, a que o indivíduo dedica as maiores fôrças e os melhores anos da vida, contribui para a formação de certa mentalidade profissional que, por sua vez, comporta também para a vida religiosa diversas vantagens e ocasiões de méritos, mas outras tantas desvantagens e perigos. Na parte que iniciamos trataremos menos de cada profissão como tal, embora também produzam tipos bem conhecidos, e mais das diferenças espirituais que se formam no povo, por meio das várias profissões e que devem ser levadas em muita consideração no cura das almas que pretender estar em dia. Embora os tempos modernos tenham reduzido notàvelmente as diferenças de classes, outrora tão acentuadas, e superado em larga medida os contrastes entre elas, todavia ainda restam numerosas características nas várias profissões. Conhecer êsses elementos formadores do tipo profissional e avaliar-lhes a influência sôbre a vida espiritual é um dos deveres do pastor de almas. Nas páginas seguintes trataremos, portanto, sob êsse ponto de vista, de alguns tipos principais da estrutura social profissional.

Capítulo 1

A classe rural

A profissão, ou melhor, o ofício mais antigo e mais necessário é o do camponês. Embora o número dos indivíduos ocupados na agricultura tenha diminuído muito, por motivos sociais e pessoais derivados da urbanização, e embora a classe rural tenha deixado de lado, junta-

Digitalizado com CamScanner

mente com o velho costume característico, também mais de uma das antigas e severas tradições, aceitando muitas inovações, não só na vida econômica, mas no próprio teor de vida, e tudo a custa de costumes preciosos, todavia a natureza característica do camponês manteve-se, no fundo, no essencial.

A característica do camponês reside no apêgo ao solo, à terra onde nasceu, na alegria pela propriedade recebida, na dedicação ao trabalho, na própria casa e terreno. Por isso o camponês é fundamentalmente conservador, apega-se tenazmente ao que recebeu, e não só ao poder dos ancestrais, mas também aos usos, à mentalidade e concepções da vida. O trabalho é o seu elemento vital, porque a terra produz colheita, tanto maior quanto mais a trabalhar e dela cuidar. As circunstâncias condicionam-lhe a simplicidade do teor da vida. Na casa do camponês respira-se ar patriarcal: a família constrói-se sôbre a hierarquia tradicional que marca para cada membro o respectivo campo de atividade e afirma a autoridade do chefe. O camponês é rei no seu pequeno mundo e como tal sente-se livre e independente.

A história nos dá a razão pela qual participa em menor escala das reviravoltas sociais: nada tem a ganhar, só a perder. A fôrça do camponês e a segurança de si encontram a origem no apêgo à terra e no amor à pátria. Quando se retira o camponês da terra, afastando-o do solo nativo, perde também o sustentáculo interior e reduz-se a proletário. O mesmo aplica se aos que, obrigados ou por vontade própria, abandonam o campo e vão para a cidade. O espírito conservador da classe rural e a ligação com a natureza e o campo, oferecem terreno propício ao desenvolvimento da vida religiosa. "A religião faz parte dos costumes tradicionais; a dependência para com Deus continua a revelar-se também no trabalho. A chancela religiosa da vida familiar, a oração comum em família, a freqüência à igreja, a santificação do domingo, o amor pela casa de Deus, o respeito da autoridade eclesiástica, são dons preciosos dos costumes rurais. O aprêço da família, o trabalho incessante e a simplicidade da vida garantem a saúde física e moral. A relação contínua com a natureza incita à meditação; por isso o camponês compreende também as verdades religiosas mais profundamente e as converte com maior coerência numa concepção de vida sobrenatural soberanamente imperiosa, o que é difícil para os que se encontram no vórtice da vida. Assim se explica que muitas vêzes, nos camponeses, debaixo de aspecto rude, encontramos fé surpreendentemente profunda, resignação calma no sofrimento, coragem intrépida diante da morte, comovente nobreza de ânimo ante as misérias do próximo" (Pruner).

Onde brilha muita luz, também as trevas são mais profundas. Assim aos valores da psique rural contrapõem-se diversos defeitos e peri-

Digitalizado com CamScanner

gos. A palavra do poeta: "Conquista o que herdaste de teus pais, se queres possuí-lo", o camponês deveria aplicar não só aos bens econômicos, mas também à convicção religiosa. Muitos membros da população rural continuam firmes nas verdades religiosas não porque foram reveladas por Deus e propostas pela Igreja, mas porque também o pai e o avô tinham a mesma religião. Como conseqüência, nos períodos de luta religiosa ou quando, por exemplo, durante o serviço militar o homem do campo encontra descrentes, sua fé pode ficar exposta a sério perigo. Não é fácil tirar a fé religiosa do camponês, mas uma vez perdida, achá-la é ainda mais difícil. São testemunho disso os anos da guerra. Não poucos filhos de camponeses, que antes consideravam óbvio o cumprimento dos deveres religiosos, depois da vida militar, transcorrida longe de casa, em meio a incredulidade e hereges, necessitaram de anos para reencontrarem o caminho da Igreja. O camponês encontra a religião pronta e, portanto, ela não é para êle conquista pessoal penosa, como para tantos filhos da cidade, e fica com facilidade na superfície da vida espiritual, exercida mecânicamente, faltando-lhe a fôrça necessária para a luta contra as paixões desordenadas e o pecado. Sua fé religiosa conduz, além disso, fàcilmente a conceito fatalista, muitas vêzes apegado ao secundário, produzindo a superstição. As relações com Deus tornam-se, outrossim, espécie de comércio (do ut des), pouco inspirado no verdadeiro amor a Deus. A prisão à terra sòlidamente possuída dá ao camponês a sensação de autonomia e independência notável. Em muitas vêzes é indócil, cabeçudo, pedante e rudemente apegado à defesa dos próprios direitos. Esta índole explica não raro o orgulho, a mania de brigas e tantas vêzes as inimizades com a vizinhança. A obstinação e a cabeçudice são, às vêzes, tão fortes que nem mesmo escuta e segue a palavra benigna e pacificadora do vigário. A permanência contínua no círculo restrito do lugarejo, limita-lhe o horizonte e o torna rude e privado de compreensão para com as exigências de outras classes sociais. Tende com muita facilidade a apreciar, entre tôdas as espécies de trabalho, ùnicamente o físico e não concede valor algum e caráter de trabalho à ocupação mental. O trabalho pesado e duro, por um lado, e a sua natureza e feitio, por outro, tornam-no rude e avêsso às boas maneiras. Por isso muitos cidadãos os consideram atrasados, inferiores, o que os torna desconfiados e hostis. A preocupação pela casa, pela fazenda, pela família degenera muita vez em egoísmo; o melhoramento de suas posses ocupa-lhe excessivamente os pensamentos. Os interêsses do trabalho superam em certos camponeses até mesmo o amor à família. Acontece que rapazes e môças, vários anos antes de receberem a herança paterna e poderem casar-se, geram filhos para obter quanto antes fôrças válidas ao trabalho. Por motivos de mal-entendida

Digitalizado com CamScanner

economia não se cuida muito dos servos envelhecidos e doentes. A operosidade na classe rural é às vêzes exagerada. Para a maioria dos camponeses a vida tem sentido sòmente e até quando são capazes de trabalhar. Por isso o camponês difìcilmente concede repouso a si próprio, quando está enfêrmo, embora o médico o exija com severidade no interêsse da saúde. Também às vêzes exigem dos meninos e adolescentes trabalhos que lhes superam as fôrças, acabando-os precocemente. Sofre com isso também a instrução escolar dos filhos, pois muitas vêzes não lhes concedem o tempo necessário para a preparação cuidadosa dos deveres. O trabalho assíduo, num mundo de valores reais e palpáveis, cria com facilidade o perigo de materialismo prático. Só assim podemos explicar em certas regiões propagar-se fortemente o trabalho dominical.

Ao trabalho rural — centro de interêsse do camponês — sacrificam-se ou descuidam-se muitos outros valores. Entre outros, falta muitas vêzes a ordem, a limpeza e o cuidado da habitação. Naturalmente deve-se, em grande parte, também a que muitos camponeses não podem, por motivos econômicos, empregar mão-de-obra suficiente para efetuar também êsses trabalhos "que não dão lucro algum". Não raro descuidam da higiene e limpeza pessoal. Os motivos são: preconceitos hereditários, ignorância e embaraço e pudor exagerado diante do próprio corpo.

Entre a população da planície e a da montanha existe, ao menos em certas regiões, diferença notável. Enquanto na planície, com as melhores condições de terreno e maiores possibilidades de lucro, verifica-se sempre mais a comodidade e como conseqüência a aspiração aos prazeres da vida sempre mais altos e refinados, nas montanhas conservam-se as condições originárias da vida rural. Enquanto na planície o materialismo assume formas sempre mais avançadas com indícios de relaxamento religioso, com o aumento da corrida para o prazer, também no campo sexual, e com o aumento do descontentamento, em certas regiões de montanha existe ainda cristianismo verdadeiro e autêntico, que se revela em verdadeira humildade do coração, piedade filial, devoção a Deus, alegria, prontidão ao sacrifício e pureza sexual. Naturalmente à disposição de ânimo do montanhês mais profunda e terna, corresponde também maior sensibilidade, enquanto a população da planície tem a pele, não poucas vêzes, bastante dura.

Quem tem certo conhecimento das condições do campo reconhece que a vida religiosa da classe rural está, em parte, sèriamente ameaçada e, em parte, já aniquilada pelo espírito negativo do materialismo atual. Os indícios são: a indiferença religiosa, a profanação do domingo com trabalhos servis, a ausência à missa dominical, o desaparecimento da oração coletiva, a diminuição tremenda dos nascimentos e a saída de pouquíssimos elementos da classe rural para o sacerdócio, enquanto an-

Digitalizado com CamScanner

tigamente a maioria dela provinha. Sob o manto das tradições religiosas firma-se cada vez mais a incredulidade prática, que constitui, em larga medida, uma das causas da contínua extensão da urbanização. Antigamente dizia-se do camponês, com as palavras do poeta: "É fiel no mais profundo da alma quem, como tu, ama a casa paterna". Hoje, a falta de fé, a loucura do prazer, a preguiça, a avidez do lucro sacudiram profundamente o amor à casa paterna. O materialismo, unido ao egoísmo crescente, é a causa principal do desaparecimento do verdadeiro espírito cristão e da apostasia interior da Igreja — fatos que também se observam difundidos nos campos.

Não devemos descuidar, além disso, do sério fenômeno da imoralidade sexual que se alastra entre as populações rurais de certas regiões. Deve-se ao enfraquecimento do espírito religioso e da contaminação crescente e dominadora da cidade; mas há também outras causas, características e específicas da população rural. Em primeiro lugar, a falta de iniciação sexual prudente e iluminadora por parte de pessoas competentes, acima de tudo, por parte dos pais. Os meninos aprendem desde tenra idade o segrêdo da procriação por fonte tôrva e raramente pura. A observação, dificilmente evitável, dos fatos correspondentes na vida dos animais faz aparecer os atos sexuais como naturais e óbvias aos olhos dos jovens do campo. Por um lado, é bom enquanto o menino reconhece na sexualidade algo de natural e por isso querido por Deus. Mas esta forma de iniciação não está isenta de perigo. É fácil que o filho do camponês veja nos fenômenos sexuais apenas fato biológico, necessidade da vida animal, e não chegue a compreender que no homem, composto de corpo e alma, também a função sexual deve ser determinada e dominada pelo espírito. E ainda mais difìcilmente compreende que o cristão deve considerar a questão não só do ponto de vista espiritual, mas também do sobrenatural. Assim acontece que para muitos a dignidade, a sublimidade, a santidade e a relação do sacramento do matrimônio com Cristo, ficam completamente ignorados. Levando tudo isto em conta, cabe à assistência espiritual rural elevar cada vez mais os pensamentos dos valores puramente corporais aos espirituais, do natural ao sobrenatural e, com isso, torná-los conformes à vontade criadora de Deus e à sua vontade redentora e santificadora. Outra razão da incapacidade freqüente de continência pré-matrimonial na juventude rural é a possibilidade retardada do casamento. O camponês sente-se soberano no seu reino. Mas os reis e príncipes não gostam de abdicar e só descansam quando não há outra saída. Quem está acostumado a fazer e desfazer segundo o próprio parecer e prazer, de má vontade a êle renuncia. Por isso, muitas vêzes, os pais não entregam ao herdeiro o govêrno senão muito tarde (geralmente ao filho mais jovem, para

Digitalizado com CamScanner

poderem ficar independentes por mais tempo). A entrega do govêrno é em geral fato muito temido. Por isso diz um provérbio popular: "Entregar é morrer". Para o camponês que teve nas mãos o poder por 30 ou 40 anos, segundo os próprios princípios e experiências, é muito desagradável ver que o sucessor procede de modo diferente e talvez até melhor que o pai. Muitos camponeses, especialmente se semearam pouco amor em os corações dos filhos, temem colhêr também pouco. Finalmente, e muitas vêzes só quando o bom andamento do govêrno começa a ressentir-se e a padecer graves danos, é que se decidem à entrega. Nesse ínterim o filho já chegou à idade de 30, 35 ou 40 anos. Quem conhece a vida e os homens não ficará surprêso por encontrar nestes fatos a razão freqüente de situações imorais que duram anos. Devemos acrescentar ainda a circunstância de escolherem às vêzes o pai ou os pais o cônjuge dos filhos segundo conveniências puramente econômicas e financeiras, e até sob a ameaça: "Doutra forma não receberás a casa", obrigam-nos a determinado casamento, ou impedem outro baseado na simpatia recíproca. Nenhum cura rural deveria ignorar que esta é a fonte da incontinência pré-matrimonial, dos casamentos infelizes e também da infidelidade conjugal.

A êstes motivos de natureza social acrescentam-se ainda outros, fundados nas condições externas desfavoráveis de vida. Devemos mencionar entre outros: a nutrição muito rica, com três ou quatro refeições por dia à base de carne; trabalho às vêzes pouco fatigante, graças ao auxílio de máquinas agrícolas; as condições escassas de alojamento; o trabalho freqüente em comum entre rapazes e môças; as bebidas alcoólicas; a falta de estímulos espirituais e a corrupção tenaz do mau exemplo, por parte dos companheiros de trabalho mais velhos. Quem conhece a situação nas diversas casas de colonos, poderá deplorar muitas condições, mas não espantar-se de suas tristes conseqüências. A tôdas estas dificuldades acrescenta-se ainda outra, particularmente característica em certas populações rurais (especialmente do norte). O costume, digamos farisaico, de aprovar muitos fatos, se se davam sob o manto da noite, enquanto todo encontro à luz do dia entre rapazes e môças, mesmo inspirado em intenções puras e honestas, suscita falatórios a êles prejudiciais. É evidente que dois sêres, desejosos de ligar-se recìprocamente por tôda a vida, têm o direito, ou antes, o dever de se conhecerem recìprocamente. Mas visto não ser admissível na presença de outros e à luz do dia, pelas supracitadas razões farisaicas de falso puritanismo, a juventude encontra-se à noite, em circunstâncias em que normalmente não pode conservar por muito tempo a continência. O que, porém, acontece sob a proteção das trevas da noite não choca a ordem, segundo o julgamento dos costumes e dos hábitos campesinos imemo-

Digitalizado com CamScanner

riais. É naturalmente muito problemático que, contra opinião tão errada e profundamente enraizada, a palavra do pastor de almas possa alcançar certo efeito, ou será talvez mal interpretada.

Encontrará mais fàcilmente o acesso à alma da população rural o sacerdote que tiver vida exemplar, apreciar o trabalho do camponês, demonstrar interêsse pelos seus desejos, mas sem se comportar como um dêles. O cura rural não deve ser o primeiro entre os camponeses (primus inter pares) a entregar-se ao trabalho do campo. Os camponeses esperam e apreciam a cordialidade do cura, mas não aprovam seja "perfeito camponês". Sentem a verdade da palavra divina segundo a qual ninguém, e menos ainda o padre, pode servir a dois senhores.

Capítulo 2

A classe operária

Um dos fenômenos mais deploráveis do século dezenove é o afastamento de grande parte da classe operária da Igreja e do cristianismo, ou mesmo, a luta aberta contra a religião em geral. Os motivos são muitos. O primeiro, e provàvelmente o mais profundo, consiste na falta de assistência religiosa oportuna.

Pela metade do século XIX, na trilha do desenvolvimento extremamente rápido da técnica, surgiram as mais diversas emprêsas industriais, em geral na periferia das grandes cidades, ou nas vizinhanças dos lugares de produção das matérias-primas necessárias às indústrias, ou onde se encontravam abundantes fôrças hidráulicas à disposição. Tais lugares em geral não tinham igreja nem assistência religiosa. Assim, os operários desde o início careceram do sacerdote, do pastor das almas. No entanto, justamente êstes homens, dos quais grande parte vinha do campo para condições completamente novas, tinham necessidade especial do padre e da assistência religiosa. A maioria crescera em comunidades onde a fé, a vida religiosa era considerada natural, o afastamento da igreja e a incredulidade como vergonhas. Esta gente saía de vida de tradições religiosas; as idéias contrárias à religião eram-lhes desconhecidas, nunca tiveram motivo de discutir pró ou contra a fé. Ora, chegando em ambiente onde a incredulidade, ou a irreligiosidade não é vergonha, mas até sinal de cultura, escutam diàriamente as mais disparatadas objeções contra a fé e não sabem como defender-se, por ser a instrução religiosa muito insuficiente. Falta-lhes o sacerdote, falta-lhes a instrução, falta-lhes a indispensável assistência espiritual. No lugar onde vi-

Digitalizado com CamScanner

vem não existe pastor, não existe igreja. O operário que mora num bairro grande da cidade não sente vontade de caminhar muito para encontrar uma igreja ou um sacerdote, como o camponês que mora em fazendas afastadas. A Igreja foi apanhada de surprêsa e ultrapassada por essa industrialização; não estava armada para essas novas tarefas de assistência espiritual. Foi difícil conceber o cuidado de almas fora da organização paroquial. Não se teve a coragem de edificar igrejas novas e implantar novos focos de assistência espiritual nos lugares industrializados.

Outra causa do esfriamento religioso do operário consiste no liberalismo que dominou no século XIX, tanto do ponto de vista ideológico, quanto na orientação econômica. A burguesia e as esferas intelectuais eram liberais, por isso indiferentes em relação à religião, hostis à Igreja, oferecendo assim mau exemplo às massas operárias. O liberalismo econômico afirmava que o indivíduo devia pensar livremente ao tratar dos próprios interêsses; que êste era o meio único de tutelar e promover o bem-estar privado e público e submeteu tôda a ética às exigências econômicas. O liberalismo vê no operário mercadoria, pagável conforme a lei da procura e oferta. O sistema econômico liberal desfruta dos elementos econômicamente mais fracos e baixa os operários a proletários. Prega a autonomia do homem, liberta-o de todo dever religioso e moral para com um ser supremo, baseia-se nos princípios da Revolução francesa, do empirismo, do individualismo, do racionalismo; torna-se dêsse modo ideològicamente e, até certo grau, também no plano econômico, pai do socialismo marxista. Ao catolicismo em certas nações, faltou antes de tudo imprensa que iluminasse suficientemente as massas enquanto triunfava o liberalismo, isto é, enquanto surgiam os grandes complexos industriais; faltou também organização suficiente para a vida política parlamentar.

Fêz-se talvez crítica muito negativa do socialismo de Marx, conheceu-se e aproveitou-se muito pouco a parte certa que êle continha, enquanto a Igreja, certamente em tempo, fixava a diretiva de uma política social cristã (Leão XIII, na Encíclica *Rerum Novarum*). Mas publicou-se e repetiu-se muito pouco a proclamação dessas diretivas, a sua apropriação e aplicação na prática. Além disso, certos homens da Igreja até a conclusão da Primeira Guerra Mundial, viam em cada greve, mesmo legítima, uma revolta moralmente ilícita, em vez de apoiar as exigências justas apresentadas naquelas ocasiões. Assim, o operário permaneceu espiritualmente sem raízes, por causa da posição econômica e social. Em conseqüência, os inimigos da Igreja: o materialismo ateu, o socialismo extremista e o movimento dos livres-pensadores puderam exercer influência com muito mais facilidade sôbre as massas operárias. Enga-

Digitalizado com CamScanner

naram e solaparam o mundo operário, apresentando a Igreja como advogado de defesa do capitalismo injusto e a religião como o ópio do povo. Uma vez que o operário a custo podia manter uma família média com o trabalho duro, devia pensar com preocupação na velhice e na invalidez, enquanto o fruto do trabalho só favorecia ao patrão. Compreende-se que ficasse amargurado e duvidasse da justiça. Seria irresponsável o sacerdote, se diante do apoio à desordens sociais e injustiças patentes, quisesse pregar a moral de contentar-se com a situação e consolasse só com os bens celestes o operário que não tinha o necessário para viver. Para o homem normal, em linhas gerais, é necessário certa medida de possibilidade de existência terrena e de fé na justiça neste mundo, para crer também na bondade e no amor divino.

Exalta-se com grande facilidade a independência de pensamento do operário, que trabalha em grande complexo industrial e talvez more em grande bairro operário, aceita com leviandade e sem crítica tudo quanto lhe sugerem os dirigentes políticos e sindicais e crê tanto mais voluntàriamente, quanto mais numerosas as promessas e os engodos que correspondem às próprias idéias e desejos. Torna-se prêsa fácil da psicose de massa. O trabalhador que não possui de próprio nem casa, nem um pedaço de jardim, entrega-se à sensação de exílio espiritual. Já que não está radicado a qualquer lugar, falta-lhe estabilidade e com isso também a base de espírito conservador são. A mecanização e a industrialização diminuem a alegria do trabalho, priva-o da participação inteligente e torna-o sempre mais semelhante à máquina. Assim se explica que grande parte das administrações das grandes fazendas apreciem apenas o trabalho produtivo de bens econômicos e considerem o trabalho espiritual, mesmo o do sacerdote, como ociosa perda de tempo. Do conjunto dêsses fatos resulta claramente que nos círculos operários não será aceito senão o sacerdote desinteressado, que se ocupa com as justas exigências dos indivíduos, que, longe de qualquer partido político, vá ao encontro déles com a própria bondade e amor, ajudando onde pode ser de ajuda e desmentindo, pela conduta correta, pelo modo de vida simples, as calúnias dos inimigos dos padres. "A reconquista do mundo operário é o problema mais espinhoso da assistência espiritual moderna e a preocupação substancial" (Cardeal Faulhaber). Como proceder nesta reconquista? A experiência de padres ocupados como operários nas fábricas e nas construções, tentada na França, não encontrou aprovação por parte das autoridades eclesiásticas. Demonstra, porém, claramente a necessidade da pesquisa de formas capazes de superar os contrastes sociais e a aspiração de aproximar-se do operário o mais possível.

A primeira premissa para a reconquista do operário é a construção de paróquias, de igrejas — mesmo em forma de barcas — para dar

Digitalizado com CamScanner

a possibilidade aos operários de assistirem à missa, pelo menos aos domingos. Primeiro virão os meninos e as mulheres, de vez em quando algum homem, cujo número aumentará com o correr do tempo. O sermão deve ser apropriado ao operário, mais instrutivo que moralista, testemunhando que a Igreja sustenta sinceramente a causa dos pobres e dos fracos. O sacerdote deve procurar entabular conversa com o operário, para que êste veja que o padre é ser humano como êle, que lhe compreende suas preocupações e sente os erros e desvios. O pastor deve ajudar em tôda parte, mas ter presente que o operário não quer esmola, mas sim justiça na vida econômica e pública. O sacerdote deve ter a coragem de defender, onde puder, o operário, o mais fraco, contra as injustiças e a inflexibilidade do mais forte. Deve ser o primeiro a dar exemplo de sentimento social para com os próprios dependentes, tanto em casa como na igreja. Deve tratar os operários com cortesia, os filhos com imensa bondade e paciência. Em caso de necessidade, deve chamar benèvolamente a atenção dos genitores sôbre os defeitos dos filhos, dar conselhos prudentes e bons para a educação; dêsse modo o operário poderá convencer-se de que o sacerdote lhe ama os filhos. Por meio dos filhos poder-se-á sempre conquistar os pais.

A Igreja deve empenhar-se em tudo o que apóia e favorece a família; pelo salário familiar que se obtém mediante caixas de compensação; pela casa própria, que deve consistir pelo menos em espaçosa cozinha-sala, dois quartos e demais acessórios de habitação moderna, sã e higiênicamente perfeita. Deve providenciar para que a operária solteira, que normalmente se tornará a futura espôsa do operário, freqüente cursos de arte doméstica, aprenda a cozinhar, costurar e fazer qualquer trabalho indispensável à casa. É muito importante a organização de asilos e alimentação para a infância. A Igreja deve intervir para que a operária casada não seja obrigada a trabalhar fora de casa e possa ficar na família, o que se torna realizável apenas com o salário familiar. A pretensão do operário de poder participar do útil do patrão segundo determinadas leis e ter representante no conselho administrativo é justificável. Com isso o operário se tornará mais consciente, obterá conhecimento são do próprio estado e se tornará cidadão contente com o país e será também levado a maior contato com a religião e a Igreja.

É dever de consciência conquistar o jovem trabalhador começando do aprendiz, para a causa da Ação Católica; cada casa paroquial deve criar Círculos para êles, onde a juventude operária possa passar horas livres em jogos e leituras; devem organizar-se noitadas regulares para prover ao ensino e recreação. Essa juventude deve instruir-se a fundo no que respeita a religião, política, sindicalismo e economia. Os problemas da vida política cotidiana devem ser tratados do ponto de vista

Digitalizado com CamScanner

católico. É preciso despertar interêsse pela imprensa católica. Dêsse modo a juventude operária católica chegará à idade adulta, formando massa de trabalhadores católicos que o govêrno não poderá deixar de lado com indiferença, nem tampoucos os sindicatos, nem a vida pública, nem mesmo os círculos hostis à Igreja.

A assistência espiritual do operário não está isenta de dificuldades especiais. Mas os círculos operários e suas famílias, uma vez conquistados para a vida religiosa, darão ao pastor de almas colaboradores fiéis e de boa vontade para o reino de Deus, apóstolos fervorosos de caridade e homens de religiosidade convicta, para os quais a fé não representará herança puramente exterior, mas convicção profunda.

Capítulo 3

A classe intelectual

"A reconquista da classe intelectual é o maior problema da assistência espiritual moderna" (Cardeal Faulhaber). Enquanto na Idade Média a cultura era representada quase exclusivamente por padres e monges, os tempos modernos, com a secularização de quase tôda a vida espiritual, produziram também nesse campo mudança profunda. Em época recente já podemos registrar melhora notável. Nos círculos que podemos considerar sérios, o materialismo perdeu o predomínio e penetra sempre mais a aspiração de ideologia baseada em ideais espirituais. Apesar disso, entre a gente culta reina ainda muita incredulidade e, em maior medida ainda, a indiferença ou a aversão para com a Igreja. Resulta em grande parte da ignorância grande e difusa em questões religiosas, devido tanto à insuficiência de instrução religiosa em algumas escolas, como à deficiência de bons estudos filosóficos nos institutos de instrução superior. Nos ginásios, só os melhores professôres de religião obtêm bons resultados. Devem ser não só bons teólogos, mas também sacerdotes benévolos, conhecedores delicados dos homens e amigos da juventude. E sobretudo não devem tratar a "religião" como matéria puramente escolar e instrutiva, como a história ou a física (H. Wirtz). Erros de método no ensino religioso nas escolas médias explicam muitas vêzes a ignorância religiosa e o desinterêsse pela vida religiosa. Enquanto o universitário adquire bom conhecimento da especialidade profissional, no setor religioso permanece ignorante e, às vêzes, mal conhece e compreende o conteúdo das principais perguntas do catecismo e poderia ficar embaraçado diante de muitos alunos primários. É claro que essa cisão entre saber profano e religioso torna-se perigosa

Digitalizado com CamScanner

para a vida religiosa. Seria todavia injusto atribuir a culpa principal da indiferença religiosa de muitas pessoas cultas ùnicamente ao ensino religioso ou aos professôres de religião. Mais de um incrédulo recebeu instrução religiosa excelente. Muitos docentes universitários devem a incredulidade ao orgulho de espírito. Vários dêles julgam que, afinal de contas, para êles deveria existir caminho bem diferente do que seguem a pobre criada e o camponês analfabeto para chegar a Deus. Muitos não compreendem que Deus resiste ao soberbo e dá graça ao humilde (Prov 3,34).

Os exercícios espirituais oferecem subsídio precioso para o desdobramento da personalidade religiosa e orientação cristã da própria vida. Especialmente para os homens que ocupam pôsto de direção na vida pública e devem colaborar para a realização do reino de Deus, é de grande importância a consolidação ideológica, a iluminação e o aprofundamento religioso, segundo os exercícios espirituais. Quantos assuntos definem-se hoje pelo têrmo "cultural" que possuem tão-só a aparência de cultura. Guardini tem razão quando afirma: "Devemos *ser* e não *parecer*". A cultura é algo mais que a simples formação da personalidade. Não é apenas forma, mas forma de expressão, plenitude, ordem e perfeição espiritual. A personalidade sòmente pode viver de conteúdo espiritual.

O sinal essencial da verdadeira cultura consiste na faculdade de abarcar com o olhar e dominar, em medida humanamente possível, a totalidade da verdade e da realidade, partindo de segura posição de meio. Esta visão complexa da realidade, que parte de olhar seguro, chama-se concepção do mundo (Weltanschauung).

Pflieger diz justamente: "É triste que o jovem estudante saia da escola secundária e, portanto, perca a última possibilidade sistemática de estabelecer uma concepção da vida, justamente na idade em que poderia e deveria estabelecer tal concepção. Justamente nessa idade deve escolher uma escola superior, escolher uma faculdade e, nela, uma das tantas especializações. Esta situação o expõe ao perigo de ter de limitar-se a um *setor* da realidade justamente no momento em que deveria formar um *quadro complexo* do mundo e colocá-lo na base das decisões vitais. Não se disse, de modo absoluto, que sucumba a êste perigo. Antes, a limitação necessária pode reforçar o desejo de ideologia conforme esta idade... Mas o jovem, em geral, está condenado a procurar para si a cultura à própria custa. Muitas vêzes uma experiência casual ou até a própria pequena visão adquire o valor de concepção universal. O ramo científico escolhido, uma arte, o entusiasmo por algum ideal, toma o lugar da religião. Uma ciência que domina a fundo apenas pequeno setor do real, pode encher completamente o

Digitalizado com CamScanner

estudioso. Assim se forma aquêle tipo de homem que Ortega y Gasset chama "o douto ignorante" (M. Pflieger).

A "crise da cultura" da Universidade consiste em ter deixado de ajudar a juventude na busca de uma concepção da vida justa, além de ter descuidado até agora da tarefa de educação. A educação, na idade juvenil, dificilmente pode processar-se sem fazer apêlo à liberdade do educando. Mas êste deve escutar o apêlo e tomar consciência do perigo da instrução profissional restrita. É preciso apontar-lhe as estradas que, além da especialidade, ou melhor ainda, por meio da especialidade, conduzem-no a visão complexa da verdade e da realidade" (Pflieger). A verdade e a honestidade do pensamento, a consciência e segurança dos métodos do conhecimento, devem ser em qualquer caso a aspiração de quem deseja chegar a ideologia vivida e correspondente à realidade. Ajudar essa aspiração deve ser a primeira tarefa da assistência espiritual das pessoas cultas.

Não menos difícil que êsses casos é o tratamento pastoral das pessoas de cultura média. "Cultura média" não significa só de per si determinada medida de noções adquiridas na escola, mas atitude espiritual que se contenta de certa medida de conhecimentos adquiridos, que desdenha os meios ordinários de instrução posterior profunda e sente-se autorizada, por esta posição, a exprimir juízos pessoais também sôbre os problemas mais importantes da humanidade. Falta às pessoas de cultura média o conhecimento dos limites do próprio saber, a consciência que torna modesto o juízo da pessoa verdadeiramente culta, que atingiu a própria instrução por meio de estudos profundos e fadiga perseverante. Por isso essas classes são muito indecisas nos princípios, prêsas fáceis de frases feitas e da moda, querem aumentar a cultura deficiente pela assimilação das novidades mais ousadas e procuram imitar as classes mais altas (Prumer). Embora essa forma de "cultura média" se encontre, em geral, nas pessoas cujos estudos escolares ficaram limitados à escola secundária ou a qualquer estudo equivalente, devemos admitir ser possível adquirir a verdadeira cultura por meio de sérios esforços, também pela simples pessoa do povo, enquanto alguns universitários, descuidando do próprio aperfeiçoamento espiritual, decaem ao nível da cultura média. Devemos também recordar que, além da formação escolar, existe ainda outra mais importante, a do coração, que consiste no cuidado da nobreza espiritual, da bondade e da delicadeza do trato.

Digitalizado com CamScanner

Capítulo 4

A classe média

Por classe média entendem-se as camadas da população que se encontram socialmente entre o alto e o baixo nível, econòmicamente entre o rico e o pobre e constituem, numa nação sã, parte notável da população. Uma vez que essa classe forma o cerne da sociedade, é preciso não poupar meio algum para salvá-la da ameaça de escorregar para o proletariado. Sua decomposição levaria aos contrastes extremos das classes, terminando inevitàvelmente na luta de classes e ameaçando sèriamente a estabilidade do Estado e do bem público.

Chama-se em geral a classe média de burguesia. Pela instrução escolar, que ultrapassa a comum e elementar, pela experiência das várias vicissitudes da vida, esta classe possui visão mais ampla e conserva certo sentimento de ordem e disciplina. A consciência de pertencer ao mesmo ramo profissional foi mantida viva no passado através das corporações; hoje encontra expressão nos sindicatos e confederações.

O mundo espiritual, o conceito e o teor de vida do homem da classe média apresentam grande variedade e dependem em geral da profissão. Os empregados, se têm de cuidar de muitos filhos, sentem a preocupação financeira que, muitas vêzes, se torna tanto mais angustiosa quanto mais procuram escondê-la. A pobreza dissimulada dessa classe é, comumente, fonte da amargura que, não poucas vêzes, a deixa indisposta também quanto à religião. Muitos dependentes e empregados privados devem lutar duramente, por isso é compreensível que esperem do sacerdote intervenção enérgica no sentido da justiça social. Assim também o próprio círculo de pequenos industriais, apesar da tendência conservadora, encontra-se em posição incerta, por causa da concorrência multiplicada. Para essa camada da população subsiste o perigo de afogar-se completamente nos negócios, em parte pela situação econômica difícil, em parte pela avidez do lucro. Enquanto o simples operário se contenta com mais facilidade, as camadas que têm maior perspectiva de lucro, através do comércio ou do movimento de capitais, demonstram, às vêzes, avidez e insaciabilidade acentuadas. Os de classe inferior são com facilidade vítimas do ciúme do ofício; no caso de sucesso feliz nos negócios domina-os a vaidade, que se exprime de forma repelente no oportunista. Causa repulsa especial o "catolicismo comercial" que põe a serviço dos negócios até a profissão de fé e a participação à missa.

Digitalizado com CamScanner

"A superioridade da classe média no ambiente popular, devida à instrução escolar, viagens, relações comerciais e sucesso, manifesta-se na expressão de opiniões mais livres da influência da leitura de periódicos e de revistas, na imitação do espírito superficial e da moda dos habitantes das metrópoles. Justamente essa meia-cultura de que a classe se gaba como se fôsse verdadeira cultura, torna-a dificilmente acessível à assistência espiritual" (Pruner-Seitz). Os tipos dessa classe são muitas vêzes os ricos que Deus manda de volta de mãos vazias (Cf. Lc 1,53).

O sacerdote encontrará nessas pessoas tanto "mais aceitação, quanto mais perfeito fôr o seu espírito sacerdotal e desinteressado o amor com que tomar parte nas preocupações e necessidades da vida econômica de tôdas elas. Mas muitas vêzes deverá apontar o único necessário (Lc 10,42) e fazer a pergunta do Salvador: De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perder a alma? Ou que dará o homem em troca da alma?" (Mt 16,26).

Capítulo 5

O estado sacerdotal e religioso

O sacerdote, como tal, representa para o mundo, e também para aquêle que não o odeia por partido, algo de estranho, fenômeno que provoca certo espanto. Espanta a sua existência porque a diversidade é assombrosa... "Até para os amigos e íntimos, o sacerdote permanece, em última análise, estranho e incompreendido, embora sofrendo êle mesmo por isso. É sempre o "outsider" que deve ser dêste mundo e foi para sempre elevado da esfera humana, considerado sempre como estranho e estrangeiro. O expulso, que, porém, não podemos dispensar; o desprezado, diante do qual, contudo, nos ajoelhamos. É o apontado, o isolado, aquêle que se encontra à margem da vida e, apesar disso, está sempre colocado no meio dela; é, ao mesmo tempo, o mais alto e o mais baixo, o primeiro e o último, o mais rico e o mais pobre; está no limite entre o homem e a mulher, entre o são e o doente, no limite onde se tocam as esferas, êle, o mistagogo, o servo dos mistérios e o circundado de mistério, imerso na luz crepuscular" (Sellmair).

O sacerdote deve conhecer profundamente a natureza da vocação sacerdotal e dos seus deveres, não só para compreender melhor a própria missão, mas também para formular juízo sôbre os candidatos ao sacerdócio. Nenhum outro fator é tão importante para a expansão do reino de Deus e para atividade fecunda no bem, como o bom sacerdote e o religioso fervoroso. Uma vez que o pastor de almas se encontra

Digitalizado com CamScanner

contìnuamente, seja como educador, seja como guia espiritual e confessor, na condição de dever aconselhar os jovens chamados ao sacerdócio ou às ordens religiosas, trataremos dêsses problemas de modo pormenorizado.

Está muito difundida e fundamentada a impressão que, nos últimos decênios, tenha-se usado na admissão às ordens sacerdotais e ao estado religioso menor severidade e prudência do que seria desejável para o bem da Igreja e salvação da alma dos indivíduos em particular. A razão desta situação deve procurar-se por um lado na diminuição do número de sacerdotes, que se faz sentir sempre mais em determinados lugares, por outro lado na pouca cultura de muitos pastôres de almas nas questões relativas à psicologia, caracteriologia e ciência da hereditariedade.

Pio XI pronunciou essas palavras significativas: "É melhor ter poucas vocações, mas boas, do que muitas, medíocres ou más. Trata-se do bem comum da Igreja e não do bem privado do indivíduo. Mesmo se se despedir indivíduo idôneo, as conseqüências não têm a gravidade das que se verificariam admitindo aos votos indivíduo não idôneo".

O juízo sôbre a vocação sacerdotal não se deve basear sòmente no impulso subjetivo íntimo, mas também no chamado da Igreja e na idoneidade do candidato. O juízo sôbre a idoneidade cabe, em primeiro lugar, ao bispo. O Direito Canônico afirma: "Episcopus sacros ordines nemini conferat quin ex positivis argumentis moraliter certus sit de eius canonica idoneitate, secus non solum gravissime peccat, sed etiam periculo sese committit alienis communicandi peccatis" (Cân. 973, 3). Naturalmente o bispo não pode carregar sòzinho essa responsabilidade. Êle a compartilha com todos os sacerdotes e diretores espirituais que guiaram e acompanharam o candidato no caminho do sacerdócio. Sob êste ponto de vista, e não em último lugar, apresentam-se ao pároco do candidato tarefas especiais de grande responsabilidade.

O fator decisivo para o juízo sôbre uma vocação é o seguinte: a dedicação desinteressada ao serviço das almas por amor a Cristo. É claro que exige uma série de boas qualidades. Sòmente a tendência natural ao celibato não indica vocação ao sacerdócio ou ao estado religioso. Antes, devemos estar convencidos de que um indivíduo que faz esta escolha apenas por desprêzo do matrimônio estaria a priori no caminho errado e não poderia oferecer a garantia necessária de bom resultado. Aquêle que, permanecendo no mundo, não se tornasse bom pai de família, menos ainda poderá tornar-se, como padre, bom guia de almas, pastor fiel e pai da comunidade (Cf. 1Tim 3,4).

Embora o celibato não faça parte essencial do sacerdócio, a questão da idoneidade à profissão sacerdotal está todavia ìntimamente ligada ao

Digitalizado com CamScanner

problema da idoneidade ao celibato. Segundo a prática eclesiástica vigente há muitos séculos, a Igreja católica exige de cada padre de rito latino a renúncia perene ao matrimônio e com isso vida de *castitas perfecta*. Por isso quem quer tornar-se sacerdote ou religioso, deve fazer a si mesmo esta pergunta decisiva, se é realmente capaz de permanecer só por tôda a vida, sem a companheira destinada ao homem, sem uma criatura amada, sem o complemento mais natural, sem o *remedium concupiscentiæ* dado por Deus. "Quem crê poder considerar a renúncia ao matrimônio como insignificante, ou quem só se resigna à lei do celibato, sem íntima adesão motivada pelo amor aos valores superiores, expõe-se ao perigo de faltar ao empenho no ápice da vida" (Sellmair).

Devemos reconhecer que a vida moderna não é muito capaz de tornar fácil ao sacerdote a observância do celibato. O crescente esgotamento dos nervos na assistência espiritual, a multiplicação dos incentivos sexuais, a sempre crescente falta de respeito com relação ao amor, a concepção hedonista da vida que se espalha cada vez mais, exigem do sacerdote esfôrço de vontade, dose de caráter e de sacrifício sempre maiores. Em consideração às condições hodiernas, a seleção mais severa na admissão dos candidatos à ordem sacerdotal ou religiosa apresenta-se como necessidade absoluta, mesmo se devesse aumentar ulteriormente a penúria de sacerdotes. O conhecido moralista Vermeersch diz: "O confessor experiente torna-se, com o correr dos anos, sempre mais manso na ministração do sacramento da penitência, mas tanto mais severo na admissão às sagradas ordens. Deverá refletir que, mostrando-se muito indulgente para com o indivíduo, torna-se fàcilmente cruel para com a Igreja". Pe. Ludwig Anler, O.F.M., no *Comes pastoralis confessarii* observa que certos moralistas, não excluindo Sto. Afonso, menosprezaram a importância do fator natureza na guarda da castidade e supervalorizaram a obra da graça divina. Também aqui se aplique: *gratia supponit naturam*. As inclinações físicas e a grande variedade inata da fôrça e das direções da *libido* ficaram esclarecidas sòmente pela psicologia moderna e medicina. Reconheceu-se também que as disposições hereditárias têm influência muito mais neste setor do que se pensava até agora. Não se pode contar com uma fôrça de vontade excepcional, nem com o auxílio de graça extraordinária. Ninguém está obrigado a tornar-se padre ou a entrar para um convento; a castidade perfeita continua sempre conselho, forma e estado de vida fundado na disposição psicofísica e no auxílio da graça divina, por amor de valores superiores, para aquêles que a ela podem tender.

Como a graça, em linhas gerais, assim também a vocação é algo de pessoal e individual. Todavia podemos indicar certos grupos de pessoas incapazes do estado de vida sacerdotal. São:

Digitalizado com CamScanner

veneream experta non sit, si funesti effectus morales defuerint, aliquoties mitius agi potes.

Si quis ultimos annos semel aut bis per mensem voluntarie se polluit, ab ingressu saltem mox futuro in ordinem uti clericus ordinarie repellatur, quia novitiatus unius anni non sufficit ad moralem certitudinem de voti castitatis adimplemento adipiscendam (Violenta non durant). Ad seminarium vel laicatum in religione graviter monitus potest spectatis admitti, cum longioris experimenti adsit tempus (Episcopi requirunt biennium absque omni relapsu ante susceptionem subdiaconatus). Vermeersch: Qui in primo anno seminarii, ubi multa nova media supernaturalia præsta sunt, habitum non deposuerit, experientia teste, a fortiori in sequentibus annis manet habitu ligatus, quare dimittendus est. Mulieres diuturna consuetudo satisfactionis solitariæ vix semper facit ineptas ad vitam religiosam, cum voti castitatis omnimoda observatio solum provectiore ætate tandem adiuvante sperari possit".

Ao quarto grupo daqueles que devido à disposição natural não são chamados ao celibato e conseqüentemente ao estado religioso, pertencem as pessoas com forte necessidade de afeto e de companhia, noutras palavras: indivíduos muito sentimentais e profundamente sensíveis. Correm o risco da infelicidade e carecem de empenho, especialmente nos períodos de crise, como por exemplo, depois da morte do pai ou da mãe, ou no caso de insucesso no trabalho profissional. Seria êrro fatal supor que um jovem, só por ter transcorrido os anos da juventude piedosamente e com pureza, seja chamado e idôneo para o sacerdócio e para a vida religiosa. Com isso queremos recordar que a renúncia ao matrimônio compreende, além de parte física, também e sobretudo parte espiritual. E aplica-se não só ao sacerdote como também ao religioso, porque a comunidade religiosa não substitui a família. Portanto, quem, no seminário ou durante o noviciado, sente necessidade evidente e excessiva de comunhão e união com outros, necessidade especial de intercâmbio e de complementação espiritual, demonstra não ser capaz da vida celibatária, que implica necessàriamente na solidão espiritual, e por isso não pode considerar-se chamado por Deus. Claro que também entre os santos, consagrados a Deus, podem existir e sempre existiram amizades. Mas aqui não se trata dessas amizades espirituais, causadas por motivo sobrenaturais. Não devemos considerar como fenômeno contra a natureza ou trágico existirem nos internatos, colégios e seminários não poucas das assim chamadas "amizades particulares", apesar de tôdas as proibições contrárias. Por outro lado, porém, não devemos esquecer que essas amizades, mesmo se permanecem inocentes, como acontece na maioria dos casos, não são mais que a substituição de um amor por

Digitalizado com CamScanner

uma môça, impedido pelo isolamento do colégio. A tal respeito dever-se-ia proceder com mais rigor que no passado.

Anler diz justamente: "Qui singularem experiuntur propensionem erga alienas personas sive alterius sive præsertim eiusdem sexus eamque externe manifestant oculis, verbis, osculis, complexibus aliisque immodestiis, maxime si moniti tamen hisce inclinationibus facile cedunt, graviter dehortandi sunt a sacerdotio et statu religioso" (Comes pastoralis). A idoneidade do candidato ao sacerdócio não depende, portanto, ùnicamente da capacidade para o sacrifício físico da continência sexual, mas também da capacidade de desenvolver as próprias disposições individuais até alcançar personalidade harmoniosa, fora do vínculo conjugal. Também o bispo Sailer admite que a solidão por tôda a vida torna-se para muitos pêso enorme, verdadeira cruz, pois nem todos se encontram em proximidade carismática e virginal de Deus, na qual êle, em pessoa, toma posse completamente do coração humano, vinculando tôdas as fôrças do amor. É sabido que em tais casos verificam-se com facilidade compensações, satisfações por via de substituição que, conforme o objeto, tornam-se mais ou menos inconvenientes ou perigosas para a vida sacerdotal.

"O sacerdote da Igreja vive numa zona de limite, onde pode rebentar a tragédia. Deve estar sempre pronto para empenhar-se na emprêsa extrema, heróica, ousada. Apesar da retidão da vontade e da pureza de intenções iniciais, poderia encontrar mais tarde justamente pessoa que faça vibrar certas cordas e ponha em ação fôrças, cujo domínio parecerá superar a própria capacidade e não poderá, pelo menos por meios puramente naturais, fazer voltar à calma. O educador dos candidatos ao sacerdócio, calando sôbre êste assunto, tomaria sôbre si grave responsabilidade diante de Deus, ou então demonstraria não conhecer os homens. Parece-nos que o mais importante não é o domínio da sexualidade: isso é parte. Mais importante e necessário, pois sempre atual, parece-nos se perguntar ao candidato para o sacerdócio secular: "Crês que possas ficar e viver sòzinho, isolado, em solidão extrema com Deus?" (Sellmair). O que se diz aqui do padre secular, aplica-se quase em tôda a extensão ao padre regular.

Willibald Lauck, no comentário ao Evangelho de S. Mateus, faz a seguinte observação digna de nota, com relação ao problema do celibato: "A vantagem da virgindade... é incontestável, como a preferência por êste estado demonstrada por Jesus. Apesar disso êle mesmo estabelece limitação significativa: Nem todos entendem esta palavra, mas só aquêles aos quais se concedeu. Entender não significa apenas compreender — cada cristão compreenderá e deverá compreender —, mas apropriar-se interiormente para conformar com ela tôda a própria vida.

Digitalizado com CamScanner

Para isso é preciso dom especial, não apenas sobrenatural, mas também natural. Aquêle que não o possui, cujo desejo impetuoso apenas domável e coração muito necessitado de amor parecem feitos para o matrimônio, cometeria ato temerário, querendo obter à fôrça, mediante a graça, o que Deus lhe negou à natureza.

Aqui é necessário obedecer à palavra de S. Paulo: *é melhor contrair matrimônio, que arder por causa dos desejos da carne.* Deus, que criou também a natureza, não quer que um homem sem vocação especial, claramente notada por êle mesmo, consuma as fôrças melhores na luta pela castidade e se torne incapaz do bem que deveria realizar de outra maneira. E quem pode saber por quanto tempo estará em condições de resistir à luta? Não podemos esquecer que impulsos muito fortes, cujas energias por motivos intrínsecos não se desviam para outras atividades, podem levar com facilidade a perturbações psíquicas mais ou menos graves, com reflexos sôbre o físico, quando impedido do desabafo natural. Por isso as palavras conclusivas de Jesus — "Quem pode entender, entenda", não são simplesmente convite, mas também séria admoestação para o exame de consciência. Claro que soam como advertência para os que possuem o dom".

Não queremos formular qualquer crítica à forma tridentina atual sôbre a preparação para o sacerdócio. Mas faz pensar não se tornarem padres-modêlo tantos alunos-modêlo. A vida num colégio ou seminário, sob a guia e vigilância de superiores, com horário rígido, cheia de trabalho interessante, separada do mundo, numa coletividade de irmãos da mesma mentalidade e aspiração, é para o espírito essencialmente mais favorável que a vida na paróquia, em contato com o mundo, com criadagem feminina, sem contrôle de superior, muitas vêzes sem a possibilidade de contato com os irmãos e não poucas em paróquias pequenas, com um mínimo de trabalho. Essa diversidade de circunstâncias exteriores de vida serve para explicar como tantos candidatos cheios de belas esperanças, que nos anos de preparação ao sacerdócio não ofereciam o mesmo motivo para dúvidas sôbre a autenticidade da vocação, mais tarde, num ambiente desfavorável, manifestaram incapacidade deplorável. Devemos acrescentar outro fato incontestável: as disposições físicas e biológicas de um jovem de vinte anos (é essa a idade em que normalmente vem a escolha da vocação), são essencialmente diversas das do homem na flor da vida, entre os 30 e 40 anos. Alguns, que entraram nos anos juvenis, com passo rápido, no santuário da vocação sacerdotal, chegados ao ápice da vida, tiveram de sofrer não pouco no sacrifício heróico do celibato e teriam retirado de boa vontade a decisão de outrora, se fôsse possível. Compreende-se, portanto, que, de vez em quan-

Digitalizado com CamScanner

do, levantem-se vozes (por exemplo, Ruland, no primeiro volume do *Manual de Assistência Espiritual Prática*), que propõem adiar a decisão por parte dos candidatos ao sacerdócio até a idade em que possam medir o alcance da resolução. E essa idade, para muitos, deveria ser ainda além dos 40-45 anos. Como essa proposta possa realizar-se na prática, é certamente problema muito difícil, mas não insolúvel. Contudo, que é certa mais de uma culpa e mais de uma tragédia, em parte involuntárias, poderiam eliminar-se da vida dos sacerdotes.

Quanto ao juízo sôbre a idoneidade de um candidato, não se trata ùnicamente de indagar se está em condições de cumprir com os deveres e suportar os sacrifícios do seu estado — até com o emprêgo total das próprias fôrças — mas de assegurar-se se consente também no íntimo às renúncias impostas, de modo que permaneça ìntimamente alegre e saudável, apesar de tôdas as renúncias e de todos os sacrifícios. Neste ponto surge muitas vêzes uma dificuldade, especialmente para caráter sensível, de sentimentos profundos. Nem todos os sacerdotes são iguais ao apóstolo Paulo, que embora na total solidão interna e externa, apesar de tôda a severidade e inflexibilidade para consigo mesmo, tornou-se pai espiritual, tudo para todos, e pôde comparar-se até à mãe que cuida dos próprios filhos (1Tes 2,7). Feliz do sacerdote que, embora renunciando ao matrimônio e à família, consegue ter, como o bom pastor, o coração aberto para todos os que recorrem aos cuidados, à guia e ao amor pastoral dêle. Mas ai daquele que não é capaz de dar conteúdo elevado ao celibato e à solidão da própria vida! Com que freqüência irrompem nesse vazio as fôrças destruidoras e até demoníacas! A psicologia moderna descobriu êsses focos perigosos, produzidos pela pura repressão das energias vitais. O indivíduo, pouco a pouco, torna-se parcial, extravagante, fechado, inacessível, misantropo e até inimigo da humanidade. Quem não aplica a exuberância das fôrças vitais, quem não as sublima intensificando a energia espiritual e física, quem sufoca dentro de si as tendências que se combatem mùtuamente e deixa que se entredevorem, tornar-se-á sempre mais indiferente, ou asssumirá uma espécie de hostilidade, atitude puramente negativa diante do que é são, que se torna muitas vêzes a fonte triste do fanatismo. O resultado de mal-entendida formação espiritual, de falso ascetismo, que não adota o princípio fundamental do sacrifício por amor, será homem mal formado, espasmódico, no qual algo foi destruído irremediàvelmente e talvez aniquiladas as mais delicadas disposições da própria fôrça criadora. O frescor da ousadia, a alegria de cada manhã que chama para novos deveres, para novas possibilidades, nêle ficaram murchas: o cansaço da alma e, depois, a fraqueza do espírito e do corpo consomem a vontade de viver (Sellmair).

Digitalizado com CamScanner

Liga-se ao tema que versamos o problema da conduta do sacerdote ao tratar com as mulheres. Sòmente o sacerdote intimamente forte terá capacidade para usar na assistência espiritual às mulheres, a desenvoltura que vemos na vida de Jesus. Pensemos na atitude do Redentor diante da samaritana, da adúltera, da Madalena pecadora que lhe ungiu os pés, das irmãs Maria e Marta de Betânia. Na vida terrestre, êle foi ao encontro da mulher com dignidade e liberdade, com amor compassivo e compreensivo. Por isso o sacerdote que assume por princípio conduta negativa (de desprêzo ou temor), não se assemelha ao Redentor, antes, demonstra a falta de liberdade interior, se vê na mulher ùnicamente a serpente do Éden, o mais astuto de todos os animais da terra (Gên 3,1) e não a criatura de Deus, a mãe ou a irmã em Cristo, como pede S. Paulo (1Tim 5,1). A tal respeito diz o Pe. Lippert ao discípulo Deodato: "Seria êrro, se quisesses retirar-se, de modo brusco e pedante, de tôda a assistência espiritual das mulheres. Tal atitude negativa é, de per si, muito cômoda, como tudo o que se faz por alto, e não há motivo algum para admirar os ascetas rígidos que se gabam da inacessibilidade ao mundo feminino. É posição espiritual doentia e deplorável, ou mesma perigosa".

Um candidato ao sacerdócio, que nutre aversão acentuada para com as mulheres e vive em ansiedade contínua e mêdo da presença delas, não se pode dizer mais idôneo para o sacerdócio do que o que não poderia viver feliz sem o amor feminino.

Nos manuais de ascética encontramos muitas vêzes numerosas indicações sôbre a conduta dos sacerdotes que, na qualidade de párocos, vêem-se obrigados a contratar empregadas para a direção da casa. Essas normas, que não faltam também nos livros mais recentes, divulgadas pelos diretores de exercícios espirituais para o clero, são justas em si mesmas, mas, não raro, estão muito longe da realidade. Resultam de não terem passado êsses autores ou diretores de exercícios em alguma paróquia mais que poucos dias e, portanto, não estão em situação de julgar nem de compreender as respectivas condições de vida.

Tratando das qualidades naturais exigidas pelo celibato, mostramos que seria desejável adiar a consagração até idade mais madura. Aos 21 anos (idade para a profissão solene) e aos 22 (idade para o subdiaconato) a maioria dos jovens não pode ainda medir todo o alcance de uma decisão a favor do celibato. Nessa idade, normalmente, nem mesmo o leigo pensa sèriamente em casamento. Além disso, seria útil que o candidato tomasse o empenho definitivo para o celibato sòmente quando passasse certo período em meio à vida, e não nos anos de seminário, onde vive isolado do mundo ao qual está destinado como padre secular.

Digitalizado com CamScanner

Roland traz no Manual de prática do cuidado das almas, êste exemplo evidente de falta de senso da realidade. "Um sacerdote recém-ordenado censura em tom áspero a mãe de um menino nascido um dia antes porque não se preocupa em assistir ao batismo". Devemos espantar-nos se alguns sacerdotes, pràticamente segregados no seminário durante todo o período de preparação profissional, fiquem desorientados quando de repente se vêem atirados em meio ao mundo?

Tôdas as considerações feitas até agora aplicam-se também à entrada num convento. Neste caso devem formular-se também as seguintes perguntas: 1. O candidato (a candidata) é idôneo para a vida coletiva, às vêzes segregada do mundo numa clausura restrita? 2. É capaz de renunciar, durante a vida natural, à propriedade pessoal? 3. É capaz de manter o voto de obediência? 4. Está em condições de cumprir com os deveres da ordem ou do convento escolhido?

É claro que nem tôdas as pessoas são capazes de viver numa comunidade religiosa. Disseram até: *Vita communis maxima pœnitentia.* Quanto mais marcante fôr a personalidade de um indivíduo (especialmente nos biliosos), tanto mais difícil será adaptar-se a uma coletividade e harmonizar-se com os outros. As naturezas marcantes, os tipos fortes sofrem por tôda a vida, se não obtêm cargo de direção e se vêem obrigados a deixar-se dirigir sempre pelos outros. Os indivíduos que sentem forte necessidade de companhia não poderão encontrar-se à vontade nem mesmo na coletividade de um mosteiro — que não pode substituir nunca o círculo natural da família — como, por outro lado, uma natureza marcante de eremita ficará sempre estranha à vida coletiva, permanecerá original, ligado de modo inorgânico e puramente superficial à comunidade religiosa.

É relativamente mais fácil julgar se alguém é ou não capaz de conservar o voto de pobreza. O importante é que não confunda o desleixo em vestir-se, a desordem e a avareza com a santa pobreza e o desapêgo dos bens terrenos.

O voto que exige maior sacrifício de um homem de alto nível espiritual é, sem dúvida, o voto de obediência. Para um adulto com idéias, opiniões, capacidades e disposições próprias, a renúncia perpétua a tôda autodecisão pessoal e a submissão à vontade alheia, torna-se possível só com a aspiração de seguir a Cristo, com a ajuda da graça e com sacrifícios muitas vêzes gravíssimos. Graças a Deus raramente acontece que um superior, devido a ascética mal-compreendida, só para dar ocasião abundante de renúncia da vontade própria e de mortificação, confie especialmente aos religiosos as ocupações que não correspondem nem à capacidade nem às inclinações. As ordens e as congregações mais recentes esforçam-se, em geral, para designar aos membros, na medida

Digitalizado com CamScanner

do possível, os cargos que correspondem melhor às disposições e capacidades de cada um. Um superior consciencioso, que na qualidade de guia espiritual de seus filhos deve conhecer-lhe as qualidades e inclinações, procurará, no limite do possível e das exigências do convento, confiar a cada um as tarefas correspondentes às capacidades que Deus lhes deu. Dêsse modo, o trabalho realizar-se-á não só com maior alegria mas também com maior sucesso e nesta alegria serão superados com maior facilidade os perigos eventuais de crise profissional. Se o superior agisse de outro modo, assemelhar-se-ia ao trabalhador que sepulta os talentos dos outros, de modo que êstes, no dia da prestação de contas, não poderão apresentar as obras que o Senhor espera dêles. Se Deus concede a um homem disposições e capacidades especiais para determinadas obras, deseja que as exerça, mesmo no convento, quando as circunstâncias o permitirem e não quer que fiquem inúteis pelo zêlo de mortificação de um superior pouco iluminado (S. Bernardo o chama no c. 72 de "zelus amaritudinis"), mas que sejam favorecidas de todos os modos possíveis. Por mais que um monge obtenha um campo de atividades do seu agrado, restam, todavia, sem-número as ocasiões de abnegação. Naturalmente, muitas vêzes, as exigências das circunstâncias são mais fortes que a melhor vontade de um superior bem intencionado, que de bom grado confiaria a um irmão o pôsto adequado, se as necessidades das tarefas do mosteiro não exigissem diversamente. Nesses casos não há outro remédio senão desempenhar os deveres do cargo, mesmo se não estão de acôrdo com as disposições naturais, confiando num auxílio especial do Senhor.

É claro que também a escolha de uma determinada ordem ou convento deve corresponder às inclinações naturais. Quem não possui qualidades para a vida contemplativa, não deve ser trapista nem cartuxo; quem não tem talento oratório, não escolha os dominicanos; quem não possui inclinação especial pela liturgia e pelo côro, não seja beneditino.

O estado religioso exige a formação do homem inteiro, segundo o espírito do fundador da ordem, mediante a regra e constituição, aprovadas pela Igreja. Assim acontece que, em certos casos, encontramos membros de determinadas ordens que, no feitio da personalidade, reproduzem a imagem fiel do fundador da ordem. Quem não encontrou pelo menos uma vez um franciscano que, pela piedade infantil, pela ingenuidade livre de todo pêso terrestre, não parecesse o retrato do santo seráfico? Quem não viu um jesuíta, resplandescente do ideal de Sto. Inácio? Ou um salesiano no qual se descobre o espírito de Dom Bosco, ou um beneditino formado pela disciplina discreta e moderada do santo de Monte Cassino? Como os santos fundadores das ordens

Digitalizado com CamScanner

tiveram personalidade diferente, assim também acontece com os discípulos e alunos que os seguem. Por isso, tratando-se de ideais que deverão formar tôda a personalidade e de uma decisão que empenha tôda a vida, os que entram numa determinada ordem deverão refletir sèriamente antes de resolver.

Certamente ao julgar a idoneidade e disposição para o estado religioso, não devemos esquecer que Deus, na sua graça, chama a quem quer. Só com fé viva nessa graça e com confiança cheia de amor, o homem fraco pode assumir a responsabilidade de ligar-se, por tôda a vida, ao sacerdócio e ao estado religioso. Aos olhos do mundo sua determinação parece loucura incompreensível, do ponto de vista puramente humano emprêsa temerária, mas para o que foi chamado é uma graça que o torna feliz; para êle valem as palavras do Senhor: "Não sois vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi e vos destinei para que produzais frutos; e vosso fruto será duradouro" (Jo 15,16).

A vida na ordem baseia-se na renúncia, inspirada no amor ao reino celestial, proposta pelos conselhos evangélicos aos que podem entendê-la. Trata-se da renúncia ao direito de propriedade dos chamados bens de fortuna, ao matrimônio e ao exercício livre da própria vontade, submetendo-se às decisões do superior. Pois bem, perguntamos: o homem, feito de barro, será capaz não só de querer mas de fazer tal sacrifício da própria natureza, como o exige o tríplice voto religioso? Quase parece que êsse sacrifício ultrapasse a fôrça de suportação de um pobre ser humano. Na literatura católica dos últimos decênios muitas vêzes se combate àsperamente uma forma de piedade que torna o homem oprimido e absurdo. Pois bem, êsse perigo torna-se mais ameaçador no estado religioso, onde o homem, por princípio, deixa insatisfeitas as exigências íntimas da própria natureza. Sem dúvida a culpa de certas mutilações psíquicas nos religiosos, como também nos cristãos leigos, recai sôbre métodos errados de educação religiosa. Em tais casos é dever de consciência eliminar as fontes do êrro, no interêsse de sã evolução religiosa. Já o exige o conhecimento da responsabilidade para com a Igreja. Infelizmente nos nossos dias, a fraqueza humana de muitos cristãos leigos e religiosos e também de alguns sacerdotes constitui obstáculo considerável a muitas pessoas de espiritualidade e vitalidade fortes, que procuram sinceramente o caminho da verdade. O cristão fiel esquece com muita facilidade que o céptico e aquêle que está fora da Igreja vê apenas as aparências exteriores. Uma vez atingido por elas não se preocupa em conhecer a essência do conteúdo. No entanto a supervalorização dos pressupostos naturais da vida religiosa, a carência de conhecimentos psíquicos e pedagógicos na autoformação e na edu-

Digitalizado com CamScanner

cação religiosa dos outros, a tensão escrupulosa, a falta de sentimento da realidade, a estreiteza e obtusidade sentimental, não são requisitos ou efeitos essenciais da vida monástica. "Refugiar-se junto de Deus" não dispensa das leis de ascese conforme a natureza, da formação de consciência sã e do exercício de humanidade límpida e elevada.

Qual é a razão profunda pela qual não só o religioso mas também o leigo experimenta com maior ou menor evidência e dor a impossibilidade da perfeição da própria humanidade? A resposta é: a natureza humana é recipiente muito pequeno e miserável, para ser suficiente às exigências do cristianismo, sempre maiores que êle. É por isso que a síntese do natural e sobrenatural na vida presente continua sempre como esfôrço obrigatório que nem mesmo os santos realizam perfeitamente. Êste estado de tensão é a raiz íntima dos vícios "especìficamente cristãos" e "religiosos". "Especialmente" cristãos e religiosos porque derivam justamente só do contraste entre a insuficiência humana e o ideal do cristianismo e do estado religioso. Não existiriam se faltasse o choque entre o natural e o sobrenatural. Também o risco de uma sufocação acidental dos valores naturais pertence às inevitáveis conseqüências da busca exclusiva do reino de Deus. No fundo, são valores periféricos perdidos, porque o espírito humano não está em condições de mantê-los, sem comprometer ou repelir os fundamentais.

Por mais dolorosamente que nos surpreenda a falta de perfeição humana até em alguns santos, não nos deve levar a qualquer injustiça para com êles. Também a santidade, neste mundo, traz o saião do peregrino. O heroísmo "unilateral" é, em certo sentido, o seu estigma. Cada homem foi deslocado da justa direção interna de desenvolvimento, por efeito da culpa original e das suas conseqüências. Daí resulta que também a construção da personalidade cristã exige necessàriamente maior concentração de fôrças e de atenção nos pontos mais ameaçados do caráter. E isso não pode durar sem repercussão sôbre o equilíbrio interno da personalidade inteira. O heroísmo "unilateral" da vida, assim obtido — prescindindo de outros motivos — representa supercompensação de perda sofrida nas regiões marginais da personalidade cristã. Harmonia maior supera, em geral, as fôrças do homem na vida terrena, e não é conforme ao estado de peregrino, sòmente estado de provação e não ainda de perfeição. O essencial para o sacerdote e para o religioso é o cume: os desvios e rodeios são periféricos. Claro que também nêles o sobrenatural deve visar o aperfeiçoamento da natureza. Mas, no fim de contas, não se trata de salvaguardar a natureza diante das exigências da graça, mas sim de como se possa empregá-la, mesmo arriscadamente, em favor da vida sobrenatural. É a graça que tem necessidade de defesa

Digitalizado com CamScanner

contra as exigências da natureza, e quando se devesse defender também a natureza, deveria dar-se, em última análise, ùnicamente por amor do sobrenatural. Com isso naturalmente, não queremos dispensar o religioso de aspirar à síntese harmoniosa entre natureza e graça, mas apenas tornar compreensível o motivo pelo qual não será possível nunca atingi-la completamente.

Digitalizado com CamScanner

SEÇÃO QUINTA

DIFERENCIAÇÃO SEGUNDO O AMBIENTE

É fato de experiência universal que a vida espiritual do homem depende em larga medida do ambiente. A densidade de população onde uma pessoa vive contribui para caracterizar-lhe a índole psíquica. O campo ideal para o cuidado pastoral *é o povoado da roça,* e isso por muitos motivos. Nessas localidades o edifício maior e mais belo é a igreja, e já por isso torna-se símbolo da importância eminente e do valor supremo da vida religiosa. O caminho, mais ou menos comprido, que leva à igreja, torna possível a preparação espiritual e a volta oferece tempo para a reflexão e o aprofundamento das impressões religiosas recebidas no templo. Reconhece-se de boa vontade o sacerdote, pela posição e instrução, como guia espiritual, e os habitantes desses lugarejos nêle depositam inteira confiança, se mostrar-se digno dela, pela bondade e cordialidade. É importante que o pastor de almas não se imiscua nas desavenças pessoais, muitas vêzes mesquinhas, nem pretenda estar sempre presente em tôda parte e fazer ouvir em cada questão a sua palavra. Quanto menos se intrometer nos negócios do mundo, tanto maior valor adquirirá sua palavra no púlpito, e tanto mais sentirão os fiéis que o sacerdote é o servo de Cristo e o dispensador de seus mistérios. Nesse sentido é muito de desejar que o sacerdote se intrometa o menos possível em tudo o que se relaciona com a arrecadação das ofertas e do dinheiro necessário para as obras pastorais e o culto.

A permanência em pequenos centros rurais com um número limitado de habitantes, parte dos quais no domingo vai para as cidades vizinhas a fim de cumprir com seus deveres religiosos, exige do sacerdote boa dose de desinterêsse e de humildade e o encerra não raro em sério perigo para a alegria da própria vocação. Sem dizer que a limitada ocupação em pequena paróquia solitária e isolada da vida civil representa, grande tentação para a integridade da vida sacerdotal, sobre-

Digitalizado com CamScanner

tudo para os sacerdotes mais jovens. A escassez do clero, que se faz sentir nestes anos, está eliminando a possibilidade que os sacerdotes passem os anos melhores da própria vida com ocupação mínima. Ai de quem não sabe ocupar o próprio tempo livre com atividade espiritual metódica e regular. Estaria condenado a descer inevitàvelmente da altura da própria vocação.

Enquanto ao sacerdote do campo, mesmo estando num centro importante, não é muito difícil conhecer e seguir pessoalmente os próprios paroquianos, dada a sedentariedade da população, não é assim tão fácil nos *centros industriais*. Em muitos dêles, além disso, o número dos sacerdotes e das igrejas à disposição não é mais suficiente para atender à população sempre crescente. Para vantagem própria o pastor de almas pode encontrar menor distância entre as casas, maior vivacidade espiritual nas crianças e mais facilidade para recrutar colaboradores nas fileiras da Ação Católica. Contrapõem-se, porém, grandes desvantagens: a influência de agitações e de adversários, a sêde de prazer, o espírito materialista das várias classes, os perigos morais, a miséria social freqüente que se faz sentir sobretudo na falta de habitações, a dificuldade de obter de alguns a interpretação cristã do domingo.

A situação é análoga nas *cidades pequenas*. Às desvantagens e lados negativos descritos acima devemos acrescentar a petulância presunçosa de muitos burgueses, incapazes de olhar além de horizonte às vêzes muito limitado, que se mostram aferrados com obstinação obtusa a princípios completamente errados.

A *cura das almas nas grandes metrópoles* comporta muitas dificuldades e exigiria exposição à parte. Aqui queremos salientar apenas algumas das suas características. Exigem grande esfôrço de trabalho; conseqüentemente, sacerdotes sadios, amantes da vida ativa, de vistas longas e que se adaptem com facilidade. Não são muito próprias para tais centros as naturezas impressionáveis, de temperamento melancólico, inclinadas ao pessimismo. São idôneos, ao invés, os otimistas (coléricos), possuindo autodisciplina sólida e suficiente vida interior, para não se perderem em questões exteriores, no meio das numerosas ocasiões de distração. A repetição contínua das funções litúrgicas comporta o perigo da mecanização, especialmente nas grandes paróquias, quando o trabalho dos sacerdotes é organizado de modo tão infeliz que um dêles deve ministrar todos os batismos, outro fazer tôdas as encomendações etc. Em tais circunstâncias torna-se quase inevitável o automatismo dos ritos mais sagrados. Mesmo prescindindo dêsses casos, a cura das almas nas grandes metrópoles exige caracteres com fôrça de vontade e autodisciplina notáveis.

Digitalizado com CamScanner

TERCEIRA PARTE

PSICOPATOLOGIA PASTORAL

Digitalizado com CamScanner

Preliminares

É inegável que nos últimos anos e decênios o número dos psicopatas aumentou de modo impressionante. Tal a verdade sobretudo para os habitantes das cidades, mas difìcilmente se encontra um único lugar no campo onde não haja algum psicopata.

Certos sacerdotes, por princípio, não querem envolver-se com psicopatas, seja porque farejam nêles sempre o histerismo e temem pela reputação, seja porque não têm idéia alguma sôbre a assistência espiritual a essa classe de pessoas. Muitos pastôres de almas consideram e qualificam com o epíteto genérico de histerismo qualquer anomalia psíquica. E como no tratamento dos histéricos é preciso adotar por princípio prudência e reserva, abstêm-se do cuidado de todos os psicopatas e crêem que a melhor ajuda que podem oferecer-lhes consiste em deixá-los de lado completamente. Com isso esquecem-se que o histerismo, embora seja antipático, é também doença e sobretudo que numerosos indivíduos, afetados por outras formas de psicopatias, não estão em condições de ajudar-se sòzinhos, mas precisam urgentemente do socorro benévolo e compreensivo de outra pessoa. Naturalmente nem sempre é fácil julgar se, num caso concreto, é necessário consultar médico ou sacerdote. Nas formas mais graves será certamente indicado pedir a colaboracão de ambos. Mas há circunstâncias em que o doente, por motivos financeiros ou porque não tem bastante confiança no médico, é obrigado a recorrer à ajuda do sacerdote. É necessário, portanto, que cada sacerdote, que se dedica à cura de almas esteja ao corrente dos problemas da psicopatologia.

O neurólogo Dr. W. Bergman queria que o estudo das psicopatias fôsse adotado sistemàticamente, como especialidade, entre as matérias do curso teológico e que sejam encarregados de tal tarefa professôres que conheçam bem todos os ramos do extenso assunto.

No quadro dos estudos teológicos, ao lado de certas matérias secundárias, poderia muito bem entrar um pouco de estudo sôbre a natu-

Digitalizado com CamScanner

tera e o tratamento das psicopatias. Se assim se fizesse, não aconteceria que certos sacerdotes zelosos, prontos a qualquer sacrifício no serviço das almas e em querer tornar-se tudo para todos, como o apóstolo S. Paulo, sejam capazes de passar distraìdamente e sem piedade justamente ao lado dos psicopatas, como o sacerdote e o levita que abandonaram o ferido, recolhido depois pelo samaritano misericordioso. Estas pobres almas, dignas de compaixão, são semelhantes, em certo sentido, às almas do Purgatório, porque devem sofrer duramente, sem a possibilidade de se ajudarem por si mesmas. O diretor de grande manicómio pòde dizer a um sacerdote: "Muitos dos abrigados em nossas casas de saúde teriam podido escapar do seu destino se tivessem encontrado a tempo o pastor de almas que os amparasse. Êle poderia preservar muitos do desespêro e do suicídio".

Digitalizado com CamScanner

SEÇÃO PRIMEIRA

NATUREZA E CAUSAS DAS DOENÇAS PSÍQUICAS

Apesar de, até agora, os especialistas não serem unânimes na definição e classificação das psicopatias e neuroses, tentaremos, todavia, expor a diferença entre os dois conceitos, fazendo notar antes que as duas formas se cruzam em parte e por isso o limite entre elas é flutuante.

Por *psicopatia* entende-se distúrbio da integração psíquica, congênito com anomalias incuráveis do caráter no campo da vida sentimental e volitiva, que acarreta sofrimento para o paciente e para a sociedade onde vive.

Por *neurose* entende-se comportamento defeituoso da personalidade causado pela elaboração defeituosa de uma experiência.

Quem observa de olhos abertos a vida dos homens deve constatar que o número dos psicopatas é relevante. É evidente que varia segundo os lugares, profissão, classe social, idade e sexo. Se pensarmos no número exíguo de pessoas com saúde física perfeita, não nos devemos admirar que sejam poucas as pessoas perfeitamente equilibradas. Para aquêle que crê torna-se dêsse modo terrìvelmente clara a ferida da natureza causada pelo pecado original.

As causas da psicopatia são várias. Como primeira podemos apontar, sem mais, a hereditariedade. A estrutura do caráter depende de modo vigoroso do complexo alma-corpo. O equilíbrio e o desequilíbrio psíquico estão condicionados em sumo grau às disposições somáticas. Corpo e alma formam unidade substancial. É por isso que a hereditariedade tem tanta importância nas pesquisas sôbre pressupostos físicos da vida moral. As qualidades psíquicas, ligadas de qualquer modo ao elemento somático, dependem do plasma germinal dos genitores e das mudanças que os "gens", veículos de transmissão, sofrerem no processo da fecundação. Devemos acentuar explìcitamente que a influência da hereditariedade se estende só à esfera psicofísica, contra o exagêro natu-

Digitalizado com CamScanner

ralista dos que sustentam a hereditariedade do pensamento, que querem explicar também o estado psico-espiritual do homem por meio de fatôres puramente biológicos. O materialismo que não reconhece o fator espiritual, ignora por sua natureza também o que torna o homem tal, isto é, a fôrça pessoal e criadora do espírito que brota da liberdade.

Também a experiência pastoral confirma os resultados da biologia eugenética, sôbre a transmissão das anomalias psíquicas. Crisóstomo Schulte, diretor espiritual de muitos psicopatas, diz: "Em cada indivíduo é sempre um mal hereditário que desabrocha em primeiro plano. Não é sem-razão que, na linguagem popular, se fala de sangue doente que alguém traz nas veias. O homem deve tôda existência aos pais; mas as modalidades da existência derivam em grande parte do ramo genealógico. Nunca encontrei um só caso, especialmente entre os neuróticos obsessivos, no qual não se mostrasse a influência hereditária, pelo menos unilateral. Em conseqüência às pessoas afetadas por psicopatias graves devemos desaconselhar o matrimônio, embora tendo presente que não há obrigação moral rigorosa de renunciar a êle.

Outra causa da psicopatia é, sem dúvida, a má ou, ao menos, a mal-entendida educação. Quem poderia negar os erros cometidos tanto na educação na família, como na escola e na instrução religiosa do catecismo, na pregação e no sacramento da penitência, erros que facilitam o surto ou o refôrço de estado psicopatas? Os assim chamados ineducáveis estão, em geral, afetados por uma tara neurótica! O mal pode tornar-se logo grave, não só pelo emprêgo de métodos errôneos, mas também por querer se usar com êle do mesmo tratamento pedagógico que serve para os indivíduos normais. A tal respeito cometem-se muitos erros na família e na escola, favorecendo notàvelmente muitas doenças psíquicas" (Schulte). Também o grande desgaste dos nervos, efeito da vida moderna, gera em larga medida psicopatias. Vida cultural refinada se desenvolve, em geral, às expensas do regime natural de vida, prejudicando assim o sistema nervoso e com isso o equilíbrio psíquico. O que diz Schulte referindo-se à Primeira Guerra Mundial, aplica-se ainda mais à segunda e tristes tempos de após-guerra: "O fim do mundo em miniatura, que arrasta a nossa geração não pára nas roupas, mas penetra mais profundamente. Pensemos nas conseqüências da guerra, da revolução e da inflação com todos os sintomas que a acompanham. Muitos teriam resistido à luta pela vida em condições habituais e normais, mas diante da quebra de fortunas, de privações, de tensões e preocupações tão terríveis, de desmoronamentos econômicos tão catastróficos, que aniquilaram numerosas existências e famílias inteiras, manifesta-se inevitàvelmente a insuficiência física e psíquica".

Devemos ainda mencionar as neuroses profissionais, conseqüência

Digitalizado com CamScanner

da sobrecarga imposta por muitas ocupações e pela precipitação que daí deriva no aviamento do trabalho. Referimo-nos, em primeiro lugar, às ocupações mentais e às em que as mulheres tomam o lugar dos homens. Na classe das professôras, das estudantes, empregadas e doutôras encontramos muitas pessoas que sofrem de esgotamento nervoso e de psicopatias.

A tôdas essas causas se associam, como fator não descurável, insatisfações psíquicas de diversas espécies. Se alguém dissesse que, por exemplo, a renúncia forçada ao matrimônio, só por circunstâncias exteriores, não tem efeitos desfavoráveis sôbre a vida psíquica da môça, demonstraria conhecer muito pouco a vida, ou, por causa de preconceitos, não querer ver os fatos na sua realidade. Uma fonte considerável dos sofrimentos humanos é e continuará a ser virem-se obrigados muitos indivíduos, capazes e desejosos de constituir família, a renunciar a ela por motivos exteriores. A situação não muda nem mesmo quando a renúncia se dá por motivos de consciência, como falta de saúde, ou ter fugido a ocasião de encontrar um companheiro capaz, ou quando alguém renuncia ao casamento em circunstâncias em que não pode prever e medir a gravidade da decisão, como acontece, às vêzes, no caso de sacerdotes e religiosos. É trágico ver e observar como tantas môças contentes de viver, gentis, diligentes, sob o pêso da renúncia à felicidade presumida ou efetiva de matrimônio bem sucedido, transformam-se em solteironas insuportáveis, impiedosas, mordazes. Portanto, não é verdade, de modo algum, que "no matrimônio a vida sem matrimônio não signifique renúncia dolorosa às alegrias terrestres" (Dillersberger), eis que, para o homem normal é sempre sacrifício duro renunciar à maior felicidade terrestre querida por Deus, à comunhão matrimonial de amor e de vida. Por isso o celibato só perturba a harmonia da vida psíquica no caso de não ser aceito espontâneamente, por aspiração ao amor de Deus mais perfeito; quando aceito por aquêles que estão à altura de compreendê-lo, porque o Senhor os chamou, após eleição especial da graça que, porém, pressupõe normalmente disposição física e espiritual. Há relação íntima entre amor e vida tanto na ordem sobrenatural como na natural. Quem percebeu esta verdade, não admirará ver que os psicopatas, como a experiência no-lo demonstra, estejam preponderantemente nas fileiras dos que não puderam satisfazer o desejo de amor, seja porque, obedecendo mais à necessidade do que ao próprio impulso, foram obrigados a renunciar ao matrimônio, seja porque, embora escolhendo espontâneamente o celibato, não podiam compreender e avaliar o alcance da renúncia. Basta pensar nas numerosas solteiras que constituem o maior contingente de psicopatas, nas muitas viúvas e algumas freiras, ou naqueles que, embora sendo casados, não

Digitalizado com CamScanner

tiveram matrimônio feliz. E como é raro encontrar, ao contrário, psicopatas entre os cônjuges que vivem concordes no matrimônio, mesmo quando têm mais trabalho e preocupações, e devam suportar maiores sacrifícios do que os solteiros.

Como no instinto entra um constitutivo físico e um psíquico, tendo relação íntima com o desejo de felicidade e implicando em graves responsabilidades, é evidente que a esfera sexual seja terreno propício para germinar desequilíbrios psíquicos. É dever fundamental do homem o domínio sôbre os instintos, com o auxílio da razão e da vontade guiada pela graça. Ora, depois do pecado original, também o homem normal experimenta a luta entre o instinto e as exigências do espírito e da consciência (cf. Rom 7,14-23). No psicopata, porém, êsse dissídio assume outro aspecto. Procura fugir do conflito esforçando-se para não tomar conhecimento dêle, porque não tem a coragem de impelir a vontade para luta moral decisiva. Os desejos sufocados conduzem então com muita facilidade à situação histérica, por meio de um jôgo de metamorfoses psicológicas. Nesse estado criam-se depois situações em que, por motivo de assistência física ou psíquica, exigida por sofrimentos físicos ou psíquicos, artificialmente provocados (desmaios, explosões de dor, crises de pranto), procura-se aproximar e estabelecer alguma relação com o objeto do próprio desejo sexual. Muitas vêzes as visitas repetidas e inúteis ao diretor espiritual, sob a veste do escrúpulo ou com o pretexto de confissões gerais, encontram explicação em tais motivos, enquanto outros psicopatas, menos religiosos, vão repetidamente ao médico para serem escrùpulosamente examinados, para a aplicação de raios, para massagens e pedem até operações não necessárias. Noutros ainda criam-se ressentimentos íntimos (é uma espécie de rebelião surda de todos aquêles que foram desiludidos pela vida, do fraco contra o poderoso, do pobre contra o rico, do doente contra o são etc.), surgem idéias paranóicas de terem sido prejudicados, ou disposição contínua para explosões sentimentais de lamúria ou descontentamento. Êste estado de ânimo pode constituir o ponto de partida para formas neuróticas muitíssimo diversas (doenças nervosas funcionais) e para psicoses de reação (isto é, determinadas por abalos emotivos). Se a sufocação do instinto, mediante o auto-engano sôbre a índole sexual, continua por muito tempo, o indivíduo acaba criando ao redor de si barreira artificial de defesa contra os movimentos sexuais, que no fundo representam a necessidade da natureza. Não quer saber dêsse fato natural, nem para si nem para os outros; portanto, vem a faltar a inserção necessária da vida instintiva na personalidade inteira, de modo que se forma estado de equilíbrio psíquico e produz-se estado inatural de desequilíbrio, mesmo quando não se atingem formas agudas de histerismo. Êste estado se

Digitalizado com CamScanner

manifesta no pudor exagerado consigo mesmo e com os outros, no mêdo contínuo de escandalizar e na disposição concomitante de ver o escândalo em tôda parte.

As pessoas exageradamente pudicas revelam-se, portanto, pelo menos suspeitas de neuropatias. Outras causas de disposição neuropata podem ser: o complexo de inferioridade, a depressão psíquica, o mêdo hipocondríaco de contágio e de infecção. As conseqüências de tensão assim contínua entre instinto e exigências morais podem manifestar-se, no hipocondríaco, sob a forma de impulsos coactos e neurose obsessiva, em que a associação dos contrastes retorna sempre da mesma forma e conduz naturalmente à derrota física. Surgem as chamadas formações de compromissos, nas quais o instinto é repelido e contemporâneamente satisfeito, mas em forma atenuada. Outro modo de defesa consiste na transposição e simbolização.

Assim, a mania obsessiva de lavar-se pode ter fundo sexual, enquanto a sensação da fealdade sexual transfere-se para um contato inócuo com o que é presumidamente nocivo, sendo uma reação a lavagem das mãos. Na pessoa religiosa, a disposição neurótica física caminha, muitas vêzes, ao lado de uma consciência moral errônea e escrupulosa, devida a educação muito rigorista. Tal rigorismo, que vê pecado mortal em qualquer movimento natural, leva freqüentemente a uma supercompensação ética, que de sua parte pode tornar-se ponto de partida para neurose. O instinto, que por si é natural, é considerado como corpo hostil e estranho e a luta entre o instinto e a vontade, repetidamente derrotada em esfôrço extenuante, torna-se o único conteúdo de tôda a vida, roubando-lhe as melhores energias destinadas a obras úteis. Em tais condições não é possível nem mesmo dominar o instinto por meio da vontade reflexa e deliberada e produz-se cisão da personalidade, abismo entre o eu consciente e a natureza. Tais condições são muito deploráveis e podem dar-se também com pessoas que não são pròpriamente psicopatas mas, por prudência escrupulosa, vivem em ânsia contínua e no mêdo diante do sexo, até diante dos processos naturais de libertação, porque descobrem errôneamente nas sensações conexas agradáveis consentimento da vontade e, portanto, não conseguem nem mesmo dormir tranqüilas, o que naturalmente lhes esgota o sistema nervoso.

A maioria dos psicólogos modernos em geral considera a repressão nociva para a vida psíquica. Inácio Klug, no estudo de psicologia moral, diz: "Para os indivíduos normais, de mente clara e objetiva e de vontade firme, a repressão é fácil, especialmente quando estão intensamente absorvidos por tarefa que não lhes deixe tempo e vontade de se dobrarem muito sôbre si mesmos... Mas há indivíduos para os quais a repressão não é possível. A intensidade do instinto, unida a disposição

Digitalizado com CamScanner

neurótica, transforma o instinto sexual, aparentemente reprimido, numa série sem fim de complexos molestos e fenômenos angustiosos". Não se confunda, porém, a repressão com o desvio (capacidade de desviar a mente). Concretamente torna-se difícil muitas vêzes, se não impossível, decidir se o indivíduo é psicopata porque reprime os movimentos instintivos, ou se é incapaz de dominá-los por ser psicopata (por outros motivos). Nesse caso o *post hoc* pode confundir-se com facilidade com o *propter hoc*.

O pastor de almas, no tratamento de tantas almas que não podem vencer os instintos mas se refugiam na repressão, embora sofrendo os graves danos psíquicos, perguntará a si mesmo: por que um luta aberta e honestamente contra os movimentos instintivos e os vence, enquanto outro adoece psìquicamente ao querer reprimi-los? Só o Onisciente, que conhece e penetra as profundidades misteriosas da alma humana, pode responder a tais perguntas. Para o homem muitas manifestações e operações da psique continuarão enigmáticas, como para o médico continua segrêdo, em última análise, porque os bacilos da tuberculose se calcifiquem no pulmão de alguns tornando-se inócuos, enquanto em outros formam enormes cavernas e destroem o pulmão.

Recentemente também estudiosos católicos da terapia psicanalítica afirmaram que tôda neurose tem por base certo sentimento de culpa, consciente ou inconsciente. Mesmo que não se sustente a afirmação nesta forma generalizada, todavia é válida para muitos casos; pelo menos no sentido de que aquêle que, consciente ou inconsciente se separa de Deus, fonte de tôda a alegria, paz e amor, não pode sentir-se feliz nem mesmo na esfera puramente natural, onde se vê exposto sem auxílio nem sustentáculo a fôrças cegas incontroláveis. Se o homem não se sente seguro no amor a Deus, seu pai, cai por fôrça na angústia. Esta se desenvolve nociva e devastadora onde falta o verdadeiro amor e, portanto, o sentimento da segurança. Se o mêdo já oprime e impede a alma humana, tal se dá em proporções ainda muito maiores na angústia. Desperta-se o mêdo por estímulo determinado, distinguível, sendo-lhe intrínseca a tendência para não combater o mal conhecido claramente, sem subtrair-se mediante a fuga. Crescendo, torna-se terror ou desânimo. A angústia, ao contrário, não tem objeto claro e bem conhecido. A indeterminação e a obscuridade despertam sentimento indefinido de excitação e tensão, sentido como ânsia, para a qual o latim emprega a palavra "angor". Tal angústia sobe ràpidamente a grau elevado no qual o equilíbrio corpóreo e psíquico fica fortemente abalado (W. Bergmann, *Religion und Seelenleiden*, 7 [1932] 94). Mesmo que a angústia se ligue aparentemente ao concreto, ela o transcende porém em algo de indeterminado, numa última incógnita; é-lhe congênita a sensação de

Digitalizado com CamScanner

estar exposto a situação que desagrada. Trata-se sempre de angústia diante da destruição, do desastre da vida humana. Por isso é para Heidegger a "situação existencial do ser". É a reação do instinto de conservação quando os direitos primários da pessoa se vêem ameaçados. Kierkegaard (*Der Begriff der Angst*, Jena, 1912) vê na angústia referência à ameaça da existência humana, de modo que nela estão interessadas as camadas mais remotas e mais profundas do homem, que experimenta na angústia o próprio limite de criatura. É o que aparece bem claramente sobretudo na angústia pelo remorso de consciência (cf. Th. Müncker, *op. cit.*, 78). Compreende-se então o aumento das psicopatias nos tempos de decadência religiosa como nos nossos dias. Muitos homens para os quais a transcendência de um mundo objetivo real desapareceu e para os quais Deus está morto, "sofrem" a nulidade vazia da imanência que criaram para si, de qualquer gênero que seja. Perdem a consistência espiritual e psíquica, tornam-se titubeantes no pensamento e na vida e jazem sob a angústia em tôdas as suas formas. Como explosivo psíquico fortíssimo ameaça tôda a conformação do ser humano. Tornam-se visíveis principalmente as ruínas onde o homem é homem: na alma. A neurose é, em última análise, a conseqüência psicológica da conversão espiritual do objeto em sujeito, do ser em dúvida corrosiva e em cisão amarga. Do caos do pensamento nasce o caos da vida: por causa da separação louca de espírito e em relação à natureza a fôrça da razão emancipada torna-se a impotência mais dolorosa que possa existir para um homem sôbre a terra (Th. Müncker, *op. cit.*, 78).

No excelente tratado, embora mereça aqui ou ali algumas reservas, "*Pastoralpsychologie, ein Pstulat der Zeitseelsorge* — Psicologia pastoral, postulado da pastoral moderna", Gallus Jud salientou a relação entre vida religiosa e sanidade psíquica. Seguimos-lhe aqui as afirmações; o que diz sôbre os neuróticos vale, de certo modo, para todos os doentes psíquicos.

A maior parte dos neuróticos tem em comum o seguinte: a realidade infinita e absoluta de Deus está de certo modo perto dêles, mesmo daqueles que gostariam de fugir dela. Nenhum duvida sèriamente no íntimo da alma. Todavia não são felizes porque têm diante do espírito contìnuamente o juiz eterno, deformação neurótica da imagem de Deus, em ato de inquisição e ameaça. Também no que se relaciona com êles mesmos, sentem contìnuamente a própria problemática humana, experimentando angústia diante de Deus e de si mesmos. Numa situação tão deplorável afastam-se ou de si mesmos ou de Deus.

Quase sempre vêm ter com o sacerdote indivíduos que fogem contìnuamente da vida natural do próprio ser, como também do mundo. Algumas vêzes estão aterrados pelos próprios sentimentos, instintos e

Digitalizado com CamScanner

impulsos naturais ou estão preocupados de modo paradoxal com a própria "periculosidade" e não saem mais da angústia. Com desconfiança profunda diante de tudo que é natureza, suprimem e removem também os menores movimentos inócuos e aspiram à vida impossível de anjo na carne. Chamam até de santa a remoção e empenham-se em comportamento religioso artificiosamente estruturado, antes exaltado. Em vez da atitude humilde e corajosa, mas nobre, de quem luta contra as próprias paixões desordenadas, fazem pacto de segurança com as "fôrças protetoras" religiosas no tempo e na eternidade contra o risco perigosíssimo, conforme o consideram, de terem de combater aberta e conscientemente contra a natureza pecadora. Em troca põem em execução muita expiação e penitência, sacrifícios duros e renúncias ásperas, que só os verdadeiros santos faziam antigamente. Quanto mais se enfurecem contra a presumida pecabilidade própria, tanto mais os aflige o que afugentam de modo inatural. Conhecemos bem essa situação pela psicologia dos escrupulosos.

Pertencem a esta categoria também as "almas piedosas" que evitam tarefas desagradáveis para entregar-se com maior zêlo à religião, fazendo obras de piedade que nada lhes custam. A piedade é pura atitude e mera exterioridade, a maneira religiosa de agir é impulso vazio. Outros por sua vez se tornam religiosos por inveja e maldade inconfessada. Brilham de zêlo e mentalidade eclesiástica para aparecerem assim diante daqueles que não a podem suportar. Patenteia-se aqui ao pastor de almas tôda a psicologia das "beatas".

Existe outra categoria de pessoas que no fugir da própria instintividade se retiram em amor a Deus feito de ternura e beleza superficial, satisfazendo por assim dizer sob o verniz religioso, o erotismo removido. Em vez de procurarem a Deus, que quer ser adorado em espírito e verdade (Jo 4,23), procuram a própria comoção, muitas vêzes também os gozos estéticos da música, pintura, arquitetura e culto religioso. Tais pessoas gozam apenas do próprio estado religioso e entregam-se a gôzo egoísta de "piedosos" sentimentos. Aqui a psicologia desmascara a mentira sentimental da pseudomística.

Em todos os desvios da vida religiosa não se trata sempre, portanto, em primeiro lugar, da própria religião. Essas pessoas fogem mais da vida natural e das suas exigências. Estando a natureza humana ferida pelo pecado de origem, repudiam-na com desconfiança e de tal modo perdem o terreno sob os próprios pés. Fugindo dos perigos inevitáveis da vida terrena, voltam-se para a religião apenas como reação, conforme a necessidade, as tendências insatisfeitas ou inferioridade dolorosa, com a conseqüência de se colocarem fora da estrada. Não se trata, portanto, de ato espontâneo nem nas origens nem na decisão (cf. V. E. von

Digitalizado com CamScanner

psíquica do indivíduo, mas o expõe ao perigo da perda intelectual, da volatilização e degeneração. Assim o indivíduo religioso reativo não só desconta a eliminação da sua personalidade instintiva espontânea e afetuosa mediante paralisação da própria produtividade e a enfermidade corpórea, mas também o seu comportamento religioso degenera, torna-se falso, sentimental, desviado ou vazio, formal, morto, forçado ou artificial. Mas também o homem natural reativo nos mostra justamente a sua naturalidade; será talvez mesquinhez racionalista aquela em que cai ou obstinação ou pobreza intelectual; ou aparece o indício mais difundido e mais certo de disposição maníaca fundamental, a do erotismo ou do álcool ou de outros produtos farmacêuticos; ou será a do trabalho, da afirmação e do poder".

Essa relação entre a decadência na vida religiosa e a neurose confirma também C. G. Jung que afirma não haver, entre todos os pacientes que ultrapassaram a metade da vida, isto é, os 35 anos, um só "cujo problema último não fôsse a interrupção da prática religiosa".

Não vivemos mais na Idade Média. Os homens do nosso tempo são diferentes, sobretudo mais complicados. Cresce, portanto, também a freqüência dos desequilíbrios psicopatas. Somos todos corpo animado, corpo informado pela alma espiritual, a qual é também eminentemente vegetativa e sensitiva. Somos terra e espírito e vivemos na unidade, real e atualmente, esta *unio oppositorum,* e depois do pecado original sofremos todos ou mais ou menos. A vida é alegria e dor ao mesmo tempo; tensão na situação, harmonia no fim. Mas muitos homens modernos caíram no desespêro extremo dêsse dissídio universalmente humano e vivem num desequilíbrio doloroso de corpo e de espírito. Não são nem doentes, nem sãos, nem simplesmente bons nem maus. Sofrem imensamente por causa de seu ser humano, dessa mistura de corpo e espírito, dessa impotência, fraqueza e pecado. Nasce assim o sofrimento na luta e no conflito, essencialmente humanos, entre dedicação ao dever e domínio da personalidade instintiva e espontânea. Tal estado denomina-se neurose no sentido lato. Quem cai num desequilíbrio dêsse tipo não conhece em geral a proveniência e as causas do conflito; ou as conhece vendo que justamente aí se origina a neurose aguda, mas de modo tal que lhe fica desconhecida até a cura completa. O interessado nota apenas as conseqüências do comportamento irregular. Os sintomas são os seguintes: sente-se cansado e tenso, torna-se de mau humor e sombrio, impedido e convulso, não pode mais concentrar-se, trabalha mal, nada lhe vai de acôrdo com o gênio. Ou mergulha no trabalho e nos deveres, ou torna-se imoderado também nos prazeres. Pode assaltá-lo a angústia em tôdas as formas existenciais. E em tudo isso o neurótico sente-se incompreendido; por isso muitas vêzes não ousa nem mesmo

Digitalizado com CamScanner

falar do tormento íntimo. Como quem está só, tortura-se nos dias escuros e nas longas noites, chegando, às vêzes, ao desespéro. O sono é interrompido e perturbam-se as funções dos diversos órgãos do sistema nervoso involuntário, vegetativo, como tôda a zona do instinto e do sentimento que dêle depende, até as esferas espirituais da inteligência e da vontade. Quanto mais o pobre se defende, resiste e luta, tanto mais grave e aguda se torna a situação seja do ponto de vista físico seja do psíquico e espiritual. Nem a boa vontade, nem as melhores intenções, nem tratamentos dispendiosos, nenhuma consolação ou conselho, nenhuma boa palavra nem confôrto nesse caso podem proporcionar socorro duradouro.

Êste estado torna-se dolorosíssimo para o interessado e deletério para o ambiente, quando o comportamento do neurótico toma a vida religiosa. Então devem falir natural e regularmente todos os meios ordinários e extraordinários da nossa pastoral. Só mui raramente, sermões, exercícios, livros, experiências podem levar o paciente a abalo salutar que servirá depois ao sacerdote experimentado como ponto de partida para a cura. Curas por efeito da graça constatam-se só excepcionalmente, do mesmo modo que no âmbito das doenças ordinárias. Não raro acontece justamente o contrário. Quem conhece os homens sabe quantas pessoas que se confessam com freqüência, fazem anualmente os exercícios espirituais e vivem num teor de vida exterior eclesiástico, praticando sempre as mesmas grosserias e as mesmas pequenas ou grandes maldades, são motivo de irritação para os outros. Justamente porque a "piedosa" mentira da vida não está totalmente desmascarada, subtraem-se contìnuamente ao banho de fogo da catarse. Outros, por sua vez, perdem os últimos resíduos de fé, esperança e amor. Não rezam mais ou no máximo levantam o grito desesperado para o céu. Há um aspecto comum a todos: vivem a própria vida em íntima contradição. Pessoas de tal gênero não têm caminho certo para a salvação. O pastor de almas encontra-se perplexo e impotente quando não conhece as leis profundas da psicologia.

Digitalizado com CamScanner

SEÇÃO SEGUNDA

A PSICOPATIA

Capítulo 1

Diferentes espécies de psicopatias

Na exposição que apresentamos, atendo-nos aos resultados de Teodoro Müncker (*"Die psycholosgischen Qrundlehren der Katholischen Sittenlehre* — Princípios psicológicos fundamentais da moral católica"), as doenças psíquicas verdadeiras (psicoses) ficam fora de consideração, pois os atingidos por elas não são objeto da pastoral geral.

Relaciona-se com as psicopatias a tentativa de delinear alguns tipos em base à semelhança das reações com determinadas formas de doenças psíquicas, de modo que Kretschmer considera os psicopatas ciclóides como atenuação caracteriológica das alienações maníaco-depressivas, os esquizóides como atenuação da esquizofrenia. Recomenda-se essa tentativa de divisão porque se consideram os desvios da regra como unidades biopsíquicas e inserindo-se assim numa totalidade superior. Podem, por isso, dividir-se os psicopatas nos seguintes grupos:

A. *Os psicopatas ciclóides*

Seu modo de reagir tem semelhanças acentuadas com as reações próprias das alienações maníaco-depressivas ou circulares. Trata-se de doença psíquica, causada provàvelmente por perturbações das secreções internas, que se manifestam sobretudo em anomalias do biotono, isto é, da disposição vital fundamental e leva a alternativas de sentimento exagerado de vitalidade ou mortificado, da excitação maníaca e da depressão melancólica. No âmbito do normal, reações dêsse gênero encontram-se no temperamento sanguíneo, melancólico e no pròpriamente ciclotímico,

Digitalizado com CamScanner

que ora está no alto, ora está deprimido. Os ciclóides são derivação mesmo se não variação patológica verdadeira dêsse temperamento.

O acréscimo psicopata do temperamento sanguíneo cria o chamado hipotímico, que manifesta disposição de ânimo exaltada após o potenciamento do sentimento da vida, condicionado constitucionalmente. A acentuação do eu torna difícil nesses casos inserção harmoniosa nas exigências da comunidade. A atividade exuberante da fantasia na sucessão precipitada das concepções e no impulso desenfreado para a ação causa fraudes e enganos. Tipos inconstantes e litigiosos estão muitas vêzes entre os hipotímicos, especialmente os sexualmente levianos. Entre os psicopatas depressivos prevalece tristeza psíquica determinada pela predisposição. Nos caracteres de estrutura harmoniosa manifesta-se o tipo mais melancólico, nos outros a depressão surge como excitabilidade aguda, mau humor, descontentamento exacerbado que nos faz entrever aspectos esquizóides. Nos depressivos há a tendência para descarregar impulsivamente os próprios desgostos interiores que, significativamente nesses tipos, não derivam de experiências pessoais mas sim de elementos biológicos (cf. Schneider, *Die psychopatischen Persönlichkeiten*, pp. 36ss).

Constituem terceira categoria os indivíduos com disposição mutável ou volúvel, nos quais a leviandade mais serena alterna com seriedade mais que biliar. Claro que tais oscilações de impressões encontram-se em indivíduos normais como o entusiasmo de uma juventude transbordante cede o lugar, com o correr dos anos, a atitude de seriedade; mas nestes tipos de disposição volúvel as ondulações se sucedem por forma rápida e acentuada. Nos momentos de mau humor domina-os a vontade de distensão e variação que os leva a fugir, vagabundear e passear ao léu. Também os dipsômanos e certa categoria de dissipadores pertencem a êste grupo. Bebidas e profusão de dinheiro são os meios para superar as crises depressivas que lhes sobrevêm com regularidade rítmica. A dificuldade que daí deriva para a harmonização numa vida em comum dispõe tais psicopatas à delinqüência ocasional e ao adultério.

B. *Os psicopatas esquizóides*

A experiência nos ensina como são numerosos os psicopatas esquizóides. São ou ultra-sensíveis ou frios, o temperamento psíquico ou é inconstante ou persistente. Acha-se neste caso sobretudo o tipo sensitivo. Em união com uma forma especial de elaboração do estímulo nasce a insegurança da vida que leva com facilidade a fenômenos de opressão que examinaremos depois. Justamente a antítese é representada pelos psicopatas frios, para os quais é difícil entrar em contato com os seus companheiros. Nestes indivíduos notamos, antes de tudo, o

Digitalizado com CamScanner

desaparecimento de sentimentos altruistas, levando-os com facilidade a atitude fria e hostil com relação à sociedade. Aqui é que se encontram casos de *moral-insanity*. Quando se manifestam sobretudo os fenômenos de inconstância, temos os psicopatas muito bem designados por I. Klug como indivíduos "ziguezague". Sim e não, admiração e repulsa, idealismo e cinismo alternam-se sucessivamente. Mas o modo de pensar e sentir pode ser rígido como no tipo de psicopata fanático e cabeçudo. O fraco perde-se atrás de idéias quiméricas, puramente fantásticas que dificilmente podem prejudicar, enquanto o forte luta ativamente pelas suas concepções exageradamente unilaterais. Mostra-se assim como justamente as intemperanças unilaterais na afirmação de um ideal falsificam o juízo moral sôbre o justo e o injusto e deforma a natureza dos motivos. Ìntimamente aparentado com o fanatismo é o extravagante. Pertencem a êste tipo os indivíduos com hábitos especiais, com características e esquisitices. Chegando a concepções ilusòriamente fantásticas sôbre coisas e pessoas temos a psicopatia paranóica. Uns na exaltação do próprio eu consideram-se como enviados de Deus, outros padecem preconceitos estranhos e fantásticos de perseguições e vivem suspeitando em tôda parte insídias e inimizades. Quando tais indivíduos sentem-se lesados nos próprios direitos presumidos desenvolvem energia extraordinária para conseguir os próprios fins. É fácil compreender como de tais ilusões surjam ações objetivamente imorais dirigidas, por exemplo, contra presumidos perseguidores e feitas em nome do direito.

C. *Os psicopatas epiletóides*

Estão enquadrados nesta categoria os psicopatas atingidos de modo especial pela excitabilidade que pode levá-los a excessos de ira, portanto os irascíveis e os explosivos. O desequilíbrio entre excitação e reação que se nota contìnuamente nos psicopatas aqui é particularmente grave e exprime-se muitas vêzes numa descarga intermitente de natureza explosiva que, em geral, desaparece ràpidamente. Excitação e descarga efetuam-se de boa mente sob o efeito do álcool. Devido à restrição repentina do campo da consciência pode chegar-se a gestos especiais de violência consideráveis e graves, sobretudo se tem lugar simultâneamente o obscurecimento da consciência. Afetividade forte e falta de autocontrôle caracterizam vida psíquica não desenvolvida e encontram-se, por isso, também em crianças e primitivos. É exata, portanto, a designação de Kretschmer como "reação primitiva". Quando se verifica num adulto é de concluir legìtimamente haver obstáculo ao desenvolvimento ou outro fato nocivo devido ao qual a reação assume proporções psicopatas. Como as crises explosivas se assemelham a certas formas de acessos motores

Digitalizado com CamScanner

dos ataques que se encontram na epilepsia, escolheu-se a designação de psicopatia epiletóide; todavia hoje contesta-se com boas razões qualquer relação biológica com a verdadeira epilepsia.

D. *A degeneração histérica*

Devemos distinguir aqui os fenômenos exteriores e o caráter histérico. Como no histérico a unidade da vida pessoal fica destruída, a característica particular da reação histérica determina sôbre a vida psíquica total supervalorização anormal de si mesmo e atitude conseqüente para com o ambiente. A penetração nos fenômenos psicopatas do histérico, mesmo se à primeira vista parece difícil, no fundo é fácil, como demonstraram as tremendas experiências de terror da guerra, por apresentarem hoje homens, outrora sãos, fenômenos histéricos. O conhecimento do histerismo da guerra ensinou à psicologia que, diante de certo grau de experiências, qualquer homem é passível de histerismo. Ora, a reação tìpicamente histérica deixa entrever também a grande discordância entre estímulo e reação. É característico da predisposição histérica que, em estado de fraqueza constitucional, também pequenas experiências afetivas, como mêdo, ira, angústia, zêlo, encontro com a pessoa amada, perturbações matrimoniais ou excitações sexuais podem despertar fenômenos histéricos estando à disposição da explosão motora do afeto estradas muito transitáveis. Modificação justificável do sentimento, do pensamento e do desejo, que escapa a qualquer motivo racional, obstinação impulsiva com que se conserva um preconceito, recusas caprichosas e movimentos impulsivos tornam-se então inteligíveis. Neste caso fica patente a natureza primitiva do histérico: também o menino normal oscila nas disposições e é injustificável nas amizades e inimizades. Nos casos graves por uma pequena excitação, desaparece também a consciência, sendo removida por estado fantástico, o chamado estado crepuscular histérico. Discutiu-se muito, em época recente, que a sexualidade do histérico é em parte muito instintiva, em parte também se exprime em formas degeneradas. Resumindo, os sintomas histéricos podem ser descobertos em cada aspecto da índole infantil manifestando-se na idade adulta como degeneração da vida psíquica. Por isso, a responsabilidade do histérico é menor do que a das pessoas dotadas de aspectos psicológicos e biológicos sólidos.

E. *A depressão psíquica (Melancolia)*

Nos doentes de depressão distinguimos a depressão periódica, a depressão da idade avançada (pré-senil ou senil) e a depressão psicastênica. Enquanto as duas primeiras formas estão ligadas ao corpo e per-

Digitalizado com CamScanner

tencem, portanto, de preferência, ao âmbito médico, a terceira forma é acessível à influência psicoterapêutica e, portanto, também pastoral. Trataremos aqui conseqüentemente apenas da última.

A depressão psicastênica é fraqueza doentia da vontade, em conseqüência da qual falta o entusiasmo para executar os atos naturais para o homem normal, ou porque existem obstáculos externos ou internos no ponto focal da atenção, ou porque sobretudo falte a capacidade de remover os obstáculos do campo visivo. É evidente que entre todos os temperamentos o melancólico apresenta maior inclinação para essa doença. Todavia fiquemos certos de que há inúmeros casos em que a afecção melancólica encontra-se totalmente no âmbito do normal e do são. O melancólico doente é reconhecido logo pelo exterior. Causa impressão estranha, desconcertante; isola-se e foge do convívio dos homens sempre que pode; deixa a vida correr, descuida-se do exterior, não toma parte em manifestações externas, é apático e pode ficar horas imóvel, sentado, sonhando de olhos abertos. No íntimo do ânimo doente só há tristeza e desconfôrto, contra o qual não combate, abandonando-se sem vontade e sem coragem a desespêro mudo. Não raro surgem pensamentos de suicídio tomados muito a sério, diferindo das tentativas de suicídio dos histéricos, teatrais e não sinceras. Os doentes de melancolia não falam tanto de suicídio (como os histéricos, que na maioria dos casos, tentam tornar-se interessantes com êsse gênero de conversa), mas muitas vêzes preparam de longe até os mínimos detalhes. Um doente de depressão, que terminou cortando as veias do pulso, tinha comprado nada menos que 40 facas diferentes, apesar de ser muito avarento e de fugir tanto dos homens que tinha mêdo até de entrar numa loja. Os doentes de tal gênero, apesar do horror aos homens, têm grande necessidade física e psíquica de acolhimento, como as crianças que se refugiam totalmente na mãe quando suspeitam algum perigo, ou como os velhos que têm necessidade de encontrar em tôda parte sustentáculo e apoio. Muitas vêzes são fechados e, ao mesmo tempo, desconfiados e suspeitosos. Todavia têm necessidade extrema de que alguém saiba encontrar-lhes a chave da sua alma. Em geral encerram em si tôdas as impressões externas e reagem apenas no exterior. Abafam em si com violência os próprios sentimentos até que um dia descarregam e reagem de maneira violenta. E esta "explosão", se é para o doente grande alívio e distensão, é, para os vizinhos provação fortíssima de paciência e de nervos.

Na afecção psíquica da melancolia interrompem-se todos os processos vitais, inclusive o da idealização. Pode suceder ter de esperar minutos antes de obtermos a resposta de uma pergunta compreendida. A amargura interior torna incertos os freios morais interiores e, sendo áridos os impulsos para agir e para mover, justificam-se muitas omissões.

Digitalizado com CamScanner

Crescendo a amargura pode chegar-se a ações doentias de descarga. Ao mesmo tempo, devemos considerar que após o impedimento da idealização, motivos morais não podem, ou podem sòmente em medida inadaptada, atuar com eficácia suficiente. Nos caracteres com disposição depressiva, embora sendo raras tais faltas, todavia permanecem contìnuamente como "vontade de morrer" ou suicídio, após experiências perturbadoras.

Não é por acaso que justamente indivíduos melancólicos sejam, freqüentemente, profundamente religiosos. Evidentemente a reflexão e imaginação doentia os faz cair, às vêzes, em grave miséria religioso-moral. Por motivo da inatividade e ausência de energia própria dos doentes deprimidos, após o afrouxamento da fôrça de resistência, provocado pela tristeza e por causa da reação instintiva contra a ausência de alegrias na própria vida, o doente vem a encontrar-se muitas vêzes em grande opressão sexual. É interessante que os doentes de melancolia sentem dificuldades religiosas só quando se manifesta a doença. Desaparecendo a depressão, cessa automàticamente a miséria da consciência.

Embora a melancolia e a neurose de opressão tenham alguns pontos de contato e semelhança recíproca, devemos conservar clara a diferença das duas formas de doença. Cada uma delas tem raiz diversa: a angústia para os neuróticos de opressão, a tristeza para os melancólicos. A opressão psíquica desaparece eliminando-se a angústia, enquanto na depressão, ao invés, é o contrário: eliminando-se a depressão desaparece, sem mais, a angústia.

Causa psíquica da melancolia é a falta de vontade causada por dano na vida sensitiva. É fundamental distinguir a fraqueza de vontade do melancólico da do abúlico. No abúlico falta vontade porque não há impedimentos (abulia), no melancólico falta por causas dos obstáculos que o doente não sabe dominar (anenergia). Fonte da depressão é a predisposição hereditária. Neste caso a doença estouta de repente e se infiltra lentamente, às escondidas. Essas depressões hereditárias se repetem, com facilidade, em intervalos regulares e, sobretudo, retornam em idade um pouco avançada quando assumem, não raro, formas incuráveis. Outras causas para irromper uma psicopatia depressiva podem ser: morte de parente, desilusão com amigo, dissídios domésticos, perda das posses, insucesso no trabalho. Também colapsos no esfôrço moral podem, numa determinada disposição, levar à melancolia.

É claro que, quando se trata de depressão psíquica grave, o sacerdote insistirá para que se procure também médico especialista. Já pelo simples perigo do suicídio, o sacerdote sòzinho não pode assumir tal responsabilidade.

Digitalizado com CamScanner

Antes de tudo, o pastor de almas procurará ganhar a confiança: dar-se-á tanto mais fàcilmente quanto mais o sacerdote souber infundir consôlo e coragem. E não só o consôlo religioso e sobrenatural mas também o humano deve o doente receber do sucessor do Bom Pastor. O sacerdote encontrará acesso tanto mais fácil à alma, quanto mais a humanidade bondosa lhe preparar o caminho.

Importantíssimo, no tratamento dos doentes de melancolia, é o desvio e a destruição, estimulando pensamentos novos, novas concepções e planos. O desvio mediante leituras adequadas é possível só em estado adiantado de cura. Já se obtém muito se o doente se habituar a trabalho ordenado que o distraia. "Quando uma mulher doente de depressão, com apatia completa pelos interêsses da casa, conseguir novamente descascar a primeira cenoura, o abismo estará superado" (Schulte). O melhor meio de superar os estados de depressão é quase sempre a mudança de lugar e passar período, mais ou menos longo, em ambiente completamente nôvo.

É evidente que, nos casos em que os acontecimentos externos, que provocaram a depressão, continuarem a pesar sôbre os melancólicos, é preciso tudo fazer para removê-los, na medida do possível.

O que precisam acima de tudo os doentes psíquicos, aos quais se impõe uma das cruzes mais pesadas que podem cair sôbre um homem, mais pesada que a pobreza e a miséria, mais lancinante e dolorosa que os sofrimentos do corpo, é o sol da alegria proveniente do afeto de pessoa amante, desinteressada e benévola. Deve constituir, portanto, cuidado do sacerdote participar a êsses pobres entre os mais pobres a alegria santa e sobrenatural de viver de que a religião cristã é tão rica. Sem dúvida não devemos esquecer que para o doente psíquico tudo pode ser doloroso, mesmo o que para o homem normal é fonte de alegria. O azul do céu, o brilho do sol, a vista das flôres, o gorjeio dos pássaros, o sorriso límpido das crianças, o presente afetuoso de um amigo, a palavra boa de uma pessoa afeiçoada, tudo pode fazer mal ao doente psíquico. Sobretudo o sanguíneo deve ter cuidado para que a própria serenidade expansiva não prejudique o doente. Encontrará com mais facilidade a palavra adequada quem já sofreu pessoalmente alguma depressão psíquica. Quem aprendeu nas profundezas do próprio sofrimento, será o melhor consolador dos sofrimentos do melancólico.

O melancólico experimenta desejo espontâneo pela vida religiosa, tendo necessidade de apoio ao qual se agarre na própria indigência. Portanto, quase não existe para êle o perigo de perder a fé, por mais estranhas que sejam as afecções e por mais contrastes psíquicos que sinta dentro de si. Aumentam-se até os vínculos fortíssimos com a religião. Também na vida moral as disposições naturais o preservam das aberra-

Digitalizado com CamScanner

ções prolongadas. Pode cair, mas sente-se tão infeliz no pecado que prefere ser vítima de psicopatia a contentar-se com o estado de pecado. Não é de modo algum superficial, irreflexivo e leviano. Nos períodos de depressão aguda nada é capaz de influir sôbre êle, nem mesmo religião. É necessário, portanto, aproveitar o tempo que decorre entre os períodos de depressão para prevenir, de qualquer modo, a manifestação da doença. É importante para o pastor de almas saber que nem o sacerdote nem o doente podem vencer a depressão pela violência. A depressão, como também as outras afecções, deve experimentar-se até certo grau e depois eliminar. Quem quisesse cortá-la à fôrça cometeria êrro e lhe aumentaria a violência. Os melancólicos vêem sempre tudo prêto, tropeçando num fiozinho de capim e num grão de areia e de cada bagatela fazem grande acontecimento. Muitas vêzes é preciso proibir-lhe que faça exame de consciência cuidadoso porque senão passaria o dia todo pensando nos pecados. É preciso educá-lo numa grande confiança na Providência e na misericórdia de Deus. Nos seus impulsos sexuais obterão melhor êxito pela distração do que pela luta direta. À medida que a depressão diminui, enfraquece também a violência da tentação. O matrimônio pode ser permitido aos psicopatas depressivos (psicastênicos), quando existirem condições favoráveis. Justamente para as pessoas com predisposição à depressão a relação matrimonial é verdadeiro benefício e alívio para o sofrimento. Deve-se, contudo, advertir à parte sã que precisa estar disposta a grandes sacrifícios e assumir o risco com responsabilidade. Nos casos de verdadeira depressão periódica deve desaconselhar-se claramente o casamento, também por motivo da hereditariedade.

Quanto ao ingresso no estado sacerdotal ou religioso, os caracteres de temperamento melancólico não deveriam entrar para uma ordem contemplativa, pois, de outra forma, poder-se-ia desenvolver com facilidade depressão patológica. Psicopatas depressivos um pouco acentuados não devem entrar no estado religioso nem para o convento. Mesmo quando a doença é duvidosa deve-se desaconselhar. Numa profissão no mundo estarão melhor do que no estado religioso ou no convento, onde aumentam as ocasiões para a tendência de ficar fantasiando.

Não se deve esquecer, no cuidado dos melancólicos, que também os familiares do doente têm necessidade de confôrto e coragem, para não sucumbirem ao grave pêso que lhes impõe a assistência aos doentes.

Digitalizado com CamScanner

Capítulo 2

Experiência e comportamento dos psicopatas

Para entendermos melhor as características dos psicopatas veremos, nas páginas seguintes, o dinamismo da sua vida e do seu comportamento. Como nota característica da reação psicopata indicou-se o desequilíbrio entre estímulo e reação; nos psicopatas explosivos a reação irrompe, na maior parte das vêzes, numa descarga motora. Surge assim a questão de saber qual o modo normal em que uma experiência atravessa a vida psíquica, até chegar a reação espontânea ou a resolução deliberada da vontade e à ação conseqüente. Kretschmer formulou orientações válidas para a resposta retomadas por Ewald e elaboradas quanto à reação normal e a psicopatia. Devido ao interêsse de tôda a vida psíquica surge fenomenologia de experiência e de comportamento que faz compreender mais a fundo as reações psíquicas, permitindo distinguir alguns tipos. Tal consideração abre a possibilidade de influência sôbre indivíduos de disposição psicopata e oferece alguns tópicos para seu tratamento pedagógico-moral.

A exposição seguinte demonstrará que tudo o que se disse sôbre os diversos graus e efeitos da impressionabilidade, capacidade de retenção, elaboração psíquica e capacidade de desvio, aplica-se substancialmente também às pessoas psìquicamente sadias, cujo número infelizmente não é grande. As impressões "sem instinto" ou "com instinto acentuado" empregadas por Müncker, podem conduzir a êrro. Vida psíquica sem instinto não é possível neste mundo, pois a alma, na sua união com o corpo, forma unidade substancial. Essa denominação pode, portanto, significar apenas que se trata de vida instintiva fraca, ou ordenada harmoniosamente. A expressão "instinto acentuado" deve entender-se no sentido de pouco domínio ou desordem da vida instintiva. Só neste caso o mundo instintivo opera em sentido deformador do caráter, enquanto, ao contrário, uma vida instintiva ordenada, como dissemos antes, mesmo se fôr de grau forte, influencia benèficamente o caráter.

Pertencem à alma algumas capacidades por meio das quais se leva uma experiência além da elaboração psíquica até a reação. São "fôrças" da alma de modo especial: a impressionabilidade, a capacidade de retenção, a atividade intrapsíquica, melhor denominada elaboração psíquica e a capacidade de desvio. Conforme as experiências nesta passagem pela alma encontrarem obstáculos fortes ou fracos, varia o modo da reação

Digitalizado com CamScanner

e, portanto, do caráter. A reação que cai sôbre a pessoa inteira torna-lhe também diferente o caráter complexivo.

A) A impressionabilidade ou a capacidade de interêsse pela experiência é normal quando se recebem as impresões por grau médio de reação afetiva e participação psíquica. O oposto da impressionabiildade é a frieza do sentimento. Ewald distingue ainda a impressionabilidade por experiências que decorrem de acôrdo com os instintos, das experiências mais carregadas de sentimento, portanto, de valores que transcendem a esfera dos interêsses vitais. O aumento de excitações instintivas sensíveis liga-se, na maior parte das vêzes, a uma diminuição da impressionabilidade por experiências superiores. A impressionabilidade escassa diante de determinado âmbito de valores demonstra-se na indiferença em relação aos mesmos. São sinais de alta impressionabilidade sem instintividade: mansidão, ternura, compaixão, aptidão para admirar, venerar, inflamar-se, amar. Na instintividade acentuada manifestam-se ao contrário: sensibilidade, excitabilidade, irascibilidade, preocupação e semelhantes. São índice de impressionabilidade escassa sem instintividade acentuada: frieza de sentimentos, aridez, ausência de compaixão, sangue-frio, severidade, predomínio do raciocínio; com instintividade acentuada: dureza, malvadez, falta de respeito, baixeza.

B) A capacidade de retenção inclui tôdas as disposições que tornam possível a influência da experiência na alma e impedem que uma impressão recebida se evapore logo da alma. Os indivíduos com capacidade de retenção forte aprendem tanto das experiências boas como das más, enquanto nos de capacidade de retenção fraca as experiências não exercem qualquer influência séria sôbre o comportamento futuro. Capacidade de retenção forte sem instintividade produz fatalmente atitude exagerada de auto-imolação e de entusiasmo, dedicação, constância, fidelidade, afeição etc. mas também obstinação, unilateralidade, prevenção, mau humor. Unida, porém, à instintividade forte conduz a um exagêro no sentido de preconceito, desconfiança, suspeita, exigência de reparação, oportunismo, autojustificação e orgulho espiritual. No caso de retenção escassa sem instintividade surge a ingenuidade, leviandade, confiança, inconstância, superficialidade, falta de prudência prática e outros; com instintividade: sugestionabilidade, instabilidade, falta de consciência.

C) Por elaboração psíquica entende-se a propriedade da atividade intelectiva pela qual toma parte na formação do caráter, elaborando as impressões e relacionando-as com tôda a vida pessoal. A atividade psíquica indica se uma pessoa é de caráter móvel ou indolente, mas também se pensa de modo lógico ou fantástico e alheio à realidade. Por meio da atividade psíquica captam-se as experiências no íntimo da alma e inserem-se no ego. Quando é inferior ao normal, a regulagem psíquica

Digitalizado com CamScanner

diminui, exatamente na medida em que cresce a afetividade ou a vida instintiva. Atividade psíquica elevada sem instintividade determina realismo, senso da realidade, capacidade organizadora, consciência do dever, amor à verdade, circunspecção, mas também e com facilidade, fantasias e quimeras; com instintividade: cálculo, esperteza, tendência à crítica destruidora, intriga, mas também engano continuado e pseudologia fantástica. Índices de atividade psíquica escassa sem instintividade são: apatia, rudeza, bisbilhotice; com instintividade: bom senso comum.

D) A capacidade de desvio faz com que uma experiência desapareça mais ou menos ràpidamente. A maior ou menor voluntariedade da atividade ou da inatividade coincide amplamente com a capacidade boa ou deficiente de desvio. As naturezas ativas, dinâmicas, designam-se como estênicas; as mais passivas, evasivas, condescendentes, como astênicas. Nos estênicos sem instintividade prevalece a coragem, iniciativa, capacidade de direção, franqueza, combatividade, cabeçudice, obstinação, dureza, irrequietação; nos que têm instintividade: sêde de domínio, crueldade, espírito de contradição, falta de respeito, sêde de vingança, avidez e semelhantes. Os astênicos sem instintividade apresentam-se dotados de modéstia, timidez, condescendência, prudência, afastamento, falta de decisão e de confiança em si mesmos, necessidade de sustentáculo e outros; os que têm instintividade: vileza, esperteza, perfídia, mentira por mêdo etc. Nesses quatro grupos trata-se de disposições inatas do caráter fundamentais para o que se relaciona com a recepção das impressões e a respectiva reação. Realizando-se a harmonia entre elas resulta excelente caráter. O quadro, porém, muda logo, quando um só dos componentes se altera em relação aos outros. Quanto maior fôr a tensão em relação a cada elemento estrutural, tanto mais desarmoniosa será a reação pessoal que se realiza. Seria muito extenso demonstrá-lo, ilustrando tôdas as combinações. É bom, contudo, exemplificar o que expusemos em alguns casos e precisamente nas disposições que influem mais sôbre o caráter, isto é, na capacidade de retenção escassa associada a capacidade de desvio forte e na capacidade de retenção forte associada a capacidade de desvio limitada.

1. Na capacidade de retenção escassa as impressões não têm efeito algum duradouro; conseqüentemente, indivíduos dessa espécie não aprendem nem com punições nem com experiências más. Sofrem o triste destino, arrependem-se justa e amargamente do êrro, mas o arrependimento não produz qualquer mudança. Caso exista nesses tipos instintividade forte, maior ainda é o perigo de não penetrarem as punições do passado na pessoa como ajuda para melhorá-la. Do ponto de vista educativo um indivíduo dêsse gênero precisa de estímulos experimentais muito fortes que o impressionem sobremaneira, como também da repetição freqüente

Digitalizado com CamScanner

de exortações, para que se dê elaboração psíquica e associação das experiências. Enquanto a atividade psíquica estiver pouco desenvolvida não haverá verdadeiro domínio moral. Nas experiências agradáveis sucedem-se explosões desenfreadas de alegria, nas desagradáveis atiram-se ultrajes contra os perseguidores reais ou presumidos e elaboram-se juízos absurdos. Passa-se a ação com a rapidez dos reflexos, sem qualquer ponderação. Temos aí, em forma pura, o caráter explosivo. Fenômenos análogos dão-se também onde a disposição para a retenção está bem desenvolvida, mas a capacidade de desvio é muito mais forte. Também neste caso surge um caráter explosivo, e tôda a atenção pedagógico-moral deve concentrar-se nêle, juntamente com o fortalecimento da capacidade de retenção, para impedir o desvio. O quadro da hipertimia demonstra que êste temperamento, muitas vêzes, está unido à falta de retenção. Se à fraqueza da retenção se acrescenta atividade exagerada fica aberto o caminho para uma vida de fantasia acentuada e estranha à realidade, unida à fraude e à vanglória.

2. Quando a capacidade de retenção aumenta notàvelmente e a de desvio diminui, as experiências continuam no interior da alma de modo singular na fôrça primitiva e na carga afetiva e não caem no esquecimento. Chega-se assim não só à modificação psíquica mas à parada e bloqueio afetivo. Tal se dá sobretudo quando a capacidade de desvio é fraca. Fala-se então de obstruções afetivas. Verdadeiras idéias fixas crescem à vontade no terreno de tais disposições. Trata-se, na maior parte das vêzes, de tipos astênicos que possuem ainda certa vivacidade e instintividade não indiferente. Quando se trata de homens de instintividade forte, tôdas as lesões feitas à consciência de si, por experiências persistentes e impressionantes, correspondem fàcilmente à tendência ao egoísmo. Tais pessoas são extraordinàriamente vulneráveis, fáceis de se ofender e suspeitam em tôda parte engano e inimizade. À capacidade escassa de desvio pertence ainda uma atividade que não é suficiente para a grande capacidade de impressão e retenção, impedindo tomada de posição objetiva e perspicaz e originando complexos de desconfiança. Hipocondria, na qual se agitam preocupações pelo próprio bem-estar corpóreo, consciência ansiosamente meticulosa, como no estado do escrúpulo, ambição imoderada e outras atitudes dêsse gênero, encontram-se com muita freqüência nos tipos impressionáveis com capacidade de retenção forte. Caracteres desarmoniosos explicam-se fàcilmente pela presença da fôrça de retenção para experiências que têm relação com o eu, e de fraqueza de retenção para outras impressões. Deriva daí a inclinação ao ressentimento, unida à volubilidade e distração. Fica indicado assim o caminho para o trabalho pedagógico-moral: é preciso corroborar a ca-

Digitalizado com CamScanner

pacidade de retenção escassa por meio de treino especial da atenção e da memória (cf. Th. Müncker, *op. cit.*, pp. 184ss).

Nas páginas seguintes consideraremos mais atentamente os doentes psíquicos com os quais deve encontrar-se com mais freqüência o pastor de almas. Trata-se da opressão psíquica do escrúpulo, da depressão psíquica (melancolia), do histerismo e da superexcitação nervosa ou esgotamento (neurastenia).

Digitalizado com CamScanner

SEÇÃO TERCEIRA

AS NEUROSES

Capítulo 1

Natureza das neuroses e sua influência na vida religiosa e moral

Sendo a neurose fenômeno da vida humana, não devemos admirar seja complexa, como qualquer fato vital. Não nos encontramos, portanto, diante de conceito unitário, mas podemos dar-lhe sentido amplo ou restrito.

Segundo *Freud,* deve procurar-se a causa das neuroses na repressão do impulso instintivo (libido) por parte do "ego" consciente. Tal repressão leva a "fixações" sôbre estádio instintivo feminino e por conseguinte à falta de desenvolvimento e a amadurecimento defeituoso da personalidade. *Adler* vê a causa das neuroses na inferioridade orgânica, enquanto *Jung* as explica como expressão de gôsto ou preconceito da integridade da personalidade que reúne em si as antíteses. Para *Künkel* as neuroses derivam da atitude egoísta do homem que foge e desanima diante das responsabilidades. *Speer* coloca-as numa elaboração defeituosa da experiência, enquanto *Ringel* aponta a essência das neuroses no conflito psíquico entre tendências conscientes e inconscientes. *Neidermeyer* e *Caruso,* talvez por motivo da variedade do conceito de "neurose", abstêm-se, de propósito, de definir-lhes a essência.

De tal disparidade de vistas, por parte de médicos, psiquiatras e terapeutas insígnes, resulta que seria pelo menos imprudente quem pretendesse reivindicar hoje como verdadeira a própria e sòmente a própria definição da essência das neuroses.

Conforme notamos anteriormente, designamos neste tratado por *neurose* o comportamento defeituoso da personalidade, em conseqüência

Digitalizado com CamScanner

de elaboração errónea da experiência. A neurose é, na essência, desarmonia, confusão e desordem e, por isso, afastamento do são e normal. Pela revelação divina sabemos que todos os conflitos do homem são, em última análise, conseqüência e pena da sua separação de Deus, em que incorreu Adão, como representante da humanidade, na culpa original e por êle transmitida como herança a todo o gênero humano, com exceção do Redentor e de sua Mãe Santíssima. Por êste motivo nenhum homem pode ter certeza de não se tornar neurótico; também nos santos subsiste essa possibilidade, pois devem, como todos os mortais, padecer as conseqüências do pecado original.

Devemos notar neste ponto que muitas, mas não tôdas as neuroses, são causadas por fenômenos da vida psíquica inconsciente. Não poucas vézes a lesão sôbre a elaboração da experiência provêm do exterior; podem assim tornar-se causas de neurose excesso de trabalho, doenças, perdas, desilusões graves etc. Além disso para a neurose é essencial que tais empecilhos sejam contínuos e não momentâneos. Essa incapacidade de elaboração da experiência é a causa imediata da neurose. Conforme essa falha atinja uma esfera marginal, uma camada ou o núcleo da personalidade, teremos neuroses marginais, neuroses de camada ou centrais. Dessa distinção depende também a maior ou menor possibilidade de cura da doença.

Nesse ponto perguntamos: o que se entende por sanidade psíquica? Sem entrar na problemática intrincada dessa questão, podemos responder: um indivíduo é psìquicamente são quando forma os pensamentos, palavras e ações em base dos conhecimentos e das volições da consciência atual, isto é, quando sabe porque pensa e age dêsse determinado modo. Quando, ao contrário, os pensamentos, as ações e deliberações são estimulados e determinados prevalecentemente pelo inconsciente a ponto de agir, em muitos casos, sem saber porque decide dêsse ou daquele modo, está psìquicamente enfêrmo. Compreende-se como, de acôrdo com isso, muitos psicólogos, psiquiatras e psicoterapeutas costumam chamar a neurose simplesmente de doença. Enquanto o neurótico, por causa dos conflitos psíquicos derivados da elaboração defeituosa da experiência, se diferencia do são e do normal, podemos realmente chamá-lo, sem mais, de doente. Perguntamos então se tal doença veio ou não por culpa dêle. Ambos os casos são possíveis. Em alguns casos a predisposição neurótica do indivíduo, em contato com ambiente desfarável, pode levar a neurose mesmo sem culpa pessoal do interessado, sobretudo nos anos da infância. Mas, na maioria dos casos, a neurose não deveria vir sem culpa, pelo menos parcial, do sujeito em questão. Uma vez que a formação da neurose processa-se no âmbito da consciência, devemos considerar que também nos indivíduos com predisposição

Digitalizado com CamScanner

neurótica há afastamento consciente das indicações da consciência e tentativa de reprimi-las ou fechar-lhes à voz o ouvido interior. Assim o chamado da consciência torna-se cada vez mais fraco, até que por fim não se ouve mais. Sendo as expressões da consciência desagradáveis ao estado mau complexivo, instintivamente e como por impulso, voltamo-nos contra a consciência, porque o sentimento de culpa destrói a quietude interior. Chegamos assim finalmente a uma atitude involuntária de repressão que não só não deixa vir à tona, em cada caso, as censuras da consciência mas impede, de modo absoluto, o surto das indicações da consciência. Tal repressão dá-se, evidentemente mais geralmente, a preço de outras lesões psíquicas. Nesse caso o educador procurará chamar a atenção sôbre os valores morais prejudicados e fazer compreender a falta como injúria a si mesmo e, em última análise, contra Deus, cuja imagem é o homem; sobretudo procurará libertar os estímulos impedidos na atividade natural e removidos para o inconsciente, trazê-los novamente à ação e preparar assim a conversão interior. Dêsse modo abre-se caminho para o despertar da consciência e suas tarefas. Um exemplo de tal despertar da consciência é o gesto do profeta Natã diante do rei Davi (2Sam 12). Cf. Th. Müncker, *Die psychologischen Grundlagen der Katolischen Sittenlehre,* Düsseldorf, 1948, p. 282.

Tratando-se, nas neuroses, de fato especìficamente humano, podemos afirmar que existiram em cada época da história humana indivíduos afetados por elas e que será assim até o fim do mundo. Todavia a descoberta da causa das neuroses estava reservada ao nosso século. Outrora eram consideradas, como o próprio nome o indica, doenças nervosas funcionais; presumia-se a causa numa lesão das células nervosas provocada por perturbações na nutrição ou mudança da substância nervosa. A maioria dos médicos modernos vê nas neuroses a conseqüência de conflito psíquico. Os modos de ver quanto à origem dessa doença são diversos. Conforme dissemos, a neurose pode derivar da repressão, quando há disposição para ela e por incidência de fatôres que, em parte, ainda escapam à análise. É necessário, portanto, ter idéia clara do fato psíquico designado pela denominação de "repressão".

Pela repressão entende-se a remoção de experiência emotiva do âmbito da consciência superior e a relegação à consciência inferior. Não se trata de esquecimento casual mas intencional "não querer considerar como verdadeiro" certo conteúdo da consciência ou experiência desagradável, penosa ou proibida. Podem reprimir-se todos os conteúdos da consciência que não sejam conciliáveis com determinadas atitudes fundamentais e interêsses da pessoa. Por conseguinte submetem-se à repressão todos os desejos, impulsos e tendências que contrariam as exigências lógicas, estéticas, morais e religiosas do homem. Por exemplo, a aver-

Digitalizado com CamScanner

são, a ira contra alguém, as atitudes de ódio e os desejos conseqüentes de morte dos pais ou professôres, mas também outras tendências imorais como o desejo sexual. Observou-se justamente que a repressão se encontra com maior freqüência no âmbito da sexualidade. Mas seria enorme unilaterismo reduzir com Freud todos os fenómenos de repressão, com seus efeitos, ao complexo sexual. A repressão é maneira psicológica geral de elaborar a experiência de tudo quanto alguém sente como desagradável. Até manifestações da consciência podem ser removidas vivazmente pelo instinto, tanto as exortações como as censuras da boa ou má consciência. O motivo está na tendência de salvar o sentimento do ego ameaçado pelos ataques da consciência. Justamente aqui vemos que a repressão no fundo é um brinquedo de esconde-esconde conosco mesmos, política de avestruz diante dos fatos psíquicos desagradáveis (Müncker, pp. 192ss).

Do que vimos até aqui surge a grande importância para a vida religiosa e moral que cabe ao inconsciente. Trata-se agora de expor nos pormenores em que medida a neurose, que é dano proveniente da vida psíquica inconsciente, pode impedir e influir desfavoràvelmente na vida religiosa e no caráter do homem (Caruso Igor, *Psychanalise und Synthe der Existenz,* Viena, 1952, n. 27).

O neurótico, no íntimo da alma, está descontente consigo mesmo. Consciente e inconscientemente sofre a desarmonia da própria personalidade. Por isso compreendemos como procura fugir da sua miséria o mais depressa e do melhor modo possível. Assim se explica também a sua grande sêde de experiências novas. Mas justamente o desejo de sensações torna-o cego para as experiências naturais e a fome de gôzo o leva além do aborrecimento da vida à embriaguez de gôzo característica do nosso tempo. Muitos homens se esquecem por longo tempo, se não contìnuamente, de que "algo está perdido". Um trabalho procura outro e numa sucessão vertiginosa um acontecimento e um prazer se superpõem um ao outro. No mesmo lugar e instante volta-se ao silêncio e a si mesmo. Essa inquietação impele a trabalho ulterior, à tensão mais alta do teor de vida e a gozos mais refinados. Mas também o gôzo e a embriaguez do prazer são estímulos insaciáveis. Dêsse modo aperta-se o cêrco diabólico que não deixa o homem mais livre até desmoronar física e psìquicamente. O homem neurótico não suporta mais a quietude. Até o repouso dominical lhe é insuportável. Sente a solidão como intolerável, relegação no deserto desolado de seu íntimo. Vemos aqui o perigo para uma vida com Deus, que se revela ao homem de preferência no silêncio. Admirarmos então que poucos homens de hoje sejam capazes de fazer os exercícios espirituais, porque não suportam um par de dias em silêncio e quietude interior?

Digitalizado com CamScanner

A sêde de experiência impele o neurótico à fuga de si mesmo; mas essa fuga só é possível quando valores falsos tomam o lugar dos verdadeiros e a fuga de si mesmo se torna fuga diante do absoluto, "fuga diante de Deus" (Max Piccard) (Caruso, *op. cit.*, p. 67).

Sem dúvida, nem todos os neuróticos incorrem nessa ânsia de experiência. Os depressivos e os neuróticos angustiados fogem de tôda a alegria de viver e se refugiam só em si mesmos. A causa mais profunda da neurose é a queda do homem da união vital com Deus. Por isso o índio na floresta não tem neurose alguma porque se encontra em união vital com o luminoso. E a angústia que o oprime provém do exterior (fôrças da natureza), não do interior de sua pessoa, como nos modernos (angústia da existência!).

O neurótico inclina-se a mudar a hierarquia dos valores, isto é, colocar os valores inferiores no lugar dos superiores e apegar-se a deveres aparentes, para subtrair-se aos deveres mais sérios. A "neurose de ocupação" de que falávamos acima pode muito bem entrar nessa categoria de deveres aparentes. Muitíssimos neuróticos falham na própria vocação e vida familiar abracando pretensos deveres para com os próprios pais. Situações insolúveis nascem de se assumirem vínculos imaturos em várias partes; daí deriva uma série de deveres contrastantes que oprimem o neurótico (Caruso, *op. cit.*, p. 69).

Sintoma fácil de observar é a angústia nas suas diversas formas. A angústia diante da vida pressupõe objetivação falsa do processo da própria vida: considera-se a vida externamente, objetivamente. Da vida se esperam apenas carícias, nenhuma ferida. Tal objetivação errônea satura todo o infantilismo neurótico: não querer ser adulto, não querer envelhecer, não querer morrer, em suma, pretender da vida tôdas as vantagens e só as vantagens.

Isto, porém, leva à angústia diante da decisão: querer ter tôdas as vantagens significa também não querer perder nada.

A angústia diante da decisão é a angústia do risco, isto é, a angústia diante da insegurança. O neurótico gostaria de tornar-se seguro em tôdas as direções; mas quanto mais se assegura, tanto menos certeza tem (Caruso, *op. cit.*, p. 71).

É evidente que a angústia, quando chega a proporções insuportáveis, pode levar até ao suicídio.

Como notamos acima, a fuga neurótica de si mesmo pode levar também à fuga em relação a Deus e dêsse modo à incredulidade. Nenhum pastor de almas deveria desconhecer que uma neurose, em circunstâncias especiais, pode chegar a destruir a vida de fé de um indivíduo. "Perda ou deficiência da fé está, às vêzes, tão ligada à estrutura

Digitalizado com CamScanner

geral da neurose que, olhando a situação sem preconceitos devemos ver sua relação" (Stern Karl, *Die dritte Revolution*, 1936, p. 120).

O ponto em que o neurótico atinge a incredulidade pode variar. Uma das muitas possibilidades é o desânimo como resultado da neurose. Pensemos no caso de um adolescente que não pode livrar-se dos hábitos solitários que dependem de base neurótica. Combate sem resultado o sintoma de uma doença sem conhecê-la e sem tentar a catarse necessária da própria personalidade. Recebe habitualmente os sacramentos. A graça sacramental dirige-se à vontade do homem. Mas por causa da doença neurótica os apelos à vontade ficam sem fruto. Pode parecer que o que pertence à ordem espiritual seja diferente da doença; no entanto, tratando-se de vida espiritual, a vida de oração e dos sacramentos não exerce qualquer influência. Mas seria suposição falsa. O que nos interessa aqui é pôr-nos em guarda contra uma "espiritualidade" falsa no tratamento das doenças neuróticas; demonstrar que, muitas vêzes, o sujeito é doente, de modo que o que pertence à ordem sobrenatural não pode agir do modo que pensamos, quando se trata de vida normal; indicar como é delicada e invisível a relação entre natureza e graça em tais casos; salientar, por fim, quando ìntimamente a estrutura da neurose se liga às camadas profundas da personalidade (Stern, *op. cit.*, p. 210). É plenamente compreensível que um indivíduo que tenha feito, por longo tempo e com boa vontade, uso dos meios de graça que a Igreja lhe oferece, sem sentir efeito concreto, comece a duvidar da sua eficácia, correndo perigo a fé. Talvez se explique assim o abandono prático de tanta juventude quanto à vida religiosa. Com isso não queremos dizer que a recepção dos sacramentos careça de ajuda para um neurótico. Justamente o doente dêsse gênero precisa de um auxílio especial da graça para suportar com paciência a cruz do seu mal. O auxílio dos meios da graça ajudá-lo-á, além disso, a superar a desorientação, solidão e isolamento ou qualquer outro mal de que padeça e, dêsse modo, a livrar-se da neurose. Cristo Salvador não só pode sanar as feridas sobrenaturais da alma, mas também livrar o homem das doenças naturais, se corresponder aos planos da sua sabedoria e do seu amor. Também o neurótico que sofre na sua psique pode rezar com confiança: "Dizei uma só palavra e minha alma será curada".

Do que dissemos até agora poderia resultar a impressão que a neurose só tem desvantagens para a ação religioso-moral do homem. Mas não é assim. Sem dúvida o neurótico é problemático. Um homem é tanto mais problemático quanto mais exposto se acha a tensões interiores. Sem dúvida, a presença de tensões interiores confirma a atividade de "complexos autônomos" que agem sôbre o eu consciente, que dêsse modo perde liberdade e autodeterminação. Todavia, a inquietação

Digitalizado com CamScanner

interior do homem problemático não é sempre infrutuosa. Oferece-lhe ocasião de superamentos, estimula enriquecimentos e o protege em certa medida contra a aridez psíquica.

Justamente o descontentamento da própria vida, a suspeita obscura de que cada novidade é enganadora e finita e que qualquer existência e prazer no fundo está envenenado, permitem-nos descobrir o aspecto positivo da neurose. A neurose surge como testemunho de que o ser não pode ancorar-se na sensação. A corrida para a sensação não traz paz alguma ao neurótico. Apesar da ânsia de experiência e de sensação, a neurose vem acompanhada do pressentimento do ser absoluto; o neurótico não está contente com a tentativa de tornar absoluto o relativo e com a idealização da imagem do próprio eu. Percebe que suas angústias e desilusões podem ser superadas apenas por algo de absoluto que não se pode atingir pela tentativa de tornar absolutas fixações antigas. Por isso no íntimo do ser está disposto a compreender que nenhum amor terreno pode saciá-lo perfeitamente, nenhum tesouro que seja "ameaçado pelos ladrões" e nenhuma condição déste mundo pode torná-lo feliz (Caruso, *op. cit.*, p. 112).

Assim justamente a neurose de um indivíduo torna-se indício de que nêle nem tudo está morto para Deus, mas que sofre suspirando pelo repouso e pela paz em Deus.

Capítulo 2

Direção pastoral do neurótico

Da exposição que fizemos da neurose torna-se evidente que o tratamento de quem está afetado por ela coloca o pastor de almas diante de tarefas graves e não fáceis de serem cumpridas.

Antes de tudo deve ter bem em vista que a presença de uma neurose é compatível com o estado de graça, pelo menos na medida em que a neurose é doença e o paciente se esforça para livrar-se dela. Evidentemente consegui-lo não depende em tudo e só dêle. Se a neurose é uma das várias doenças da psique, não há razão para que o santo, apesar da sua grande riqueza de amor heróico por Deus e pelo próximo, sofrendo como todos os mortais das conseqüências do pecado original, esteja preservado dessa doença. Sem dúvida, os sintomas da neurose atingem também a esfera da vontade e, portanto, da personalidade; mas não se trata aqui de vontade livre em sentido absoluto, mas de indivíduo que se encontra impedido mòrbidamente, sob o pêso da hereditariedade de origem. Justamente o neurótico faz esta experiência: "Querer

Digitalizado com CamScanner

está em minhas mãos, mas operar o bem não. E assim não faço aquêle bem que quero; ao contrário, faço o mal que não quero... Segundo o homem interior eu me deleito na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que está em luta contra a lei da minha razão e me torna escravo da lei do pecado, que está nos meus membros" (Rom 7,19-23).

A vida psíquica intrincada do neurótico faz com que não se possa ajudar e necessite do auxílio alheio. Já dissemos que iniciar uma psicanálise não é tarefa do sacerdote. Cabe ao pastor de almas a aplicação da chamada pequena psicoterapia. Também a alma, como o corpo, possui tendência natural para o processo de cura. Amparar êsse processo natural e remover os obstáculos ("pequena psicoterapia") está no âmbito das possibilidades do pastor de almas. Evidentemente são-lhe necessários para êste fim determinados conhecimentos, o dom da distinção, muita prudência, solidez, paciência e bondade.

Antes de passarmos a tratar de cada forma de manifestação das neuroses, queremos lembrar brevemente os deveres que o psicoterapeuta tem para com seus pacientes. Trata-se sobretudo de adquirir a confiança, da diagnose, da purificação (catarse) e da criação de experiências positivas.

É bem compreensível que sem confiança do paciente em relação ao psicoterapeuta, em nosso caso, do neurótico em relação ao pastor de almas, não é possível qualquer cura. A confiança não é só exigência do amor e um de seus frutos mais nobres, mas também premissa indispensável de qualquer sucesso pastoral e pedagógico. Jamais salientaremos bastante que a confiança é uma das maiores fôrças na pedagogia da humanidade. Deve tratar-se evidentemente de confiança cheia de reverência que não se torne familiaridade e gôzo recíproco, pois a falta de distância não só tornaria impossível a cura, como também apresenta o perigo do desvio moral. Só uma personalidade bem consolidada moralmente pode ser digna de confiança. Exige-se, portanto, que o psicoterapeuta tenha no mínimo a idade de 40 anos.

A primeira tarefa do psicoterapeuta será a abertura da psique do paciente. Antes de obter a cura de uma doença é necessário conhecer de que natureza ela é, quais as causas e como atua no paciente. É necessário estabelecer se se trata de neurose central ou de camada. É importante saber, além disso, quando e como a neurose surgiu e a que influências do ambiente o paciente está exposto. Sobretudo é preciso ver como está a relação para com Deus. É preciso indagar por que motivo determinadas experiências não se podem elaborar, donde podem surgir, por exemplo, complexos de inferioridade, desânimos, desilusões, estados de angústia que se encontram em ação. Devem examinar-se tam-

Digitalizado com CamScanner

bém as fôrças positivas do sujeito, porque sôbre elas se apóia o impulso natural para a cura que existe não só na esfera somática, mas também na psíquica do homem.

Tarefa fundamental da psicoterapia é a purificação (catarse). Pode atingir estranhezas e erros do intelecto, acentuações exageradas ou convulsões do sentimento. Uns devem libertar-se do complexo de inferioridade que pode originar-se talvez da comparação contínua dos próprios dotes com os dos colegas; outros podem padecer angústias de consciência pelo motivo de quererem ideais não realizáveis, pelo menos em determinada medida. Um terceiro por orgulho escondido exige de si mesmo muito mais do que lhe é possível. Nenhuma admiração, portanto, devido a essa tensão constante, está descontente consigo mesmo e por fim adoece. É possível também, sem dúvida, que exigências contínuas por parte do patrão, da escola, da pregação criem situações que geram angústia interior ou sentimento de nulidade.

Uma tarefa importante da cura psíquica consiste na criação de experiências positivas e no reconhecimento de determinados valores.

Que progresso já se conseguiu quando o indivíduo se resigna à falta de consecução de determinadas aspirações, quando se adapta à situação concreta na qual está inserto pela vontade de Deus e pronuncia corajoso e cordial "sim" às tarefas que lhe incumbem e na provação pela qual deve passar! Muitas vêzes, por exemplo, deve-se apenas a mal- entendido quando alguém sente-se incompreendido ou perseguido pelos próprios coetâneos. Se os homens se esforçassem mais para reconhecer o belo e o bom que existe na criação de Deus e na alma, a alegria, que daí brotasse, seria meio poderoso de cura para muitas doenças da psique.

A. *Diversas formas de neurose*

É claro que nem tôdas as espécies e formas de neurose podem tratar-se de igual maneira. Exporemos então, à parte, as formas mais características.

a) *A neurose de opressão*

Costumam-se reunir sob a denominação de neurose de opressão várias manifestações psicopatológicas nas quais brotam representações, impulsos, temores, que não se deixam expulsar com facilidade e perturbam o curso normal da vida da consciência. Dividem-se em representações, impulsos, ações e empecilhos de opressão.

Designamos como representações de opressão o surto involuntário de representações inadequadas às respectivas situações, por exemplo, representações profanas, obscenas ou blasfemas, durante a oração, a santa

Digitalizado com CamScanner

missa, ou na frente de imagens religiosas. Sentem-se tais representações como estranhas e combatem-se pela vontade, todavia irrompem com fôrça irresistível tal que geram insegurança interior crescente; e os interessados não conseguem livrar-se da idéia de terem pecado, embora tenham conhecimento do caráter constrangedor da representação. Dêsse modo tais representações, muitas vêzes, dão as mãos ao escrúpulo.

Impulsos de opressão impelem a ações coagidas. Podem ser de natureza completamente banal, como contar os postes de luz ou os degraus da escada. Muitas vêzes, porém, fazem-se sentir na esfera religiosa como, por exemplo, o impulso de tratar de modo sacrílego a hóstia na santa comunhão.

Empecilhos de opressão (fobias) demonstram claramente o teor da coação e da angústia. Esta não deve confundir-se com o mêdo. Na base do mêdo está perigo objetivo; ao contrário, a angústia é puramente interior sem a presença de motivo real e objetivo. Por isso a angústia possui caráter claramente metafísico.

Ao âmbito das opressões psíquicas pertencem também os "impulsos de verificação": estímulos para controlar se as portas estão bem fechadas, se a luz está apagada etc. Podem surgir em homens normais, mas podem assumir também caráter neurótico. Faz-se notar sobretudo na esfera religiosa, na preocupação exagerada se a última confissão foi válida, se a comunhão foi indigna etc. Tal consciência exagerada conduz a artifícios no setor da fé e a escrúpulos no da moral (Niedermeyer Alb, *Handbuch der spez. Pastoralmedizin,* Viena, 1952, V, p. 82).

Não é difícil, em linhas gerais, estabelecer se num caso concreto existe ou não neurose de opressão. Em alguns casos já o reconhecemos, mesmo no exterior. Quando alguém procura afastar com o movimento das mãos ou com uma sacudidela da cabeça alguma tentação, existe neurose de opressão. No sacramento da confissão reconheceu-se o escrupuloso pela repetição freqüente dos pecados já acusados, pela incerteza da acusação ("talvez", "talvez-certamente"), pela enumeração de muitas circunstâncias marginais completamente inúteis para o julgamento do pecado. Quando um penitente revela a experiência que as tentações se tornam mais fortes logo que começa a combatê-las, indica em geral a presença de angústia neurótica, causa do escrúpulo.

Os efeitos das neuroses de opressão sôbre a vida religioso-moral são, em geral, deletérios. Excetuados os casos em que a Providência divina permite tais estados de angústia a fim de experimentar a alma, tornar-lhe mais sensível a consciência ou enriquecer-lhe as experiências, a neurose de constrangimento prejudica a vida religiosa. Prejudica principalmente a alegria em Deus, da vida e do esfôrço espiritual. "O mêdo cria o tormento" (1Jo 4,18) e dificulta o crescimento do amor, destrói

Digitalizado com CamScanner

a confiança e a paz que o mundo não pode dar (Jo 14,27). Quem está em condições de medir quanto tempo e energia é desperdiçada em busca de sofisticações inúteis e infrutuosas, em preocupações, dúvidas e reflexões atormentadoras sôbre si mesmo? O confessor constata, muitas vêzes, a inutilidade da exortação com os escrupulosos, pois justamente durante os conselhos perguntam a si mesmos se a confissão foi completa ou se existe arrependimento e propósito suficiente. Dêsse modo a melhor e mais sábia das exortações dirige-se a ouvidos fechados. Mas o perigo maior para os escrupulosos consiste na probabilidade de que um dia sintam a vida e o esfôrço religioso como pêso insuportável e o rejeitem como tal, sem cuidar mais de conhecer e cumprir a vontade de Deus. "O arco muito retesado quebra".

A partir do momento que o neurótico por opressão deixa de estar em condições de livrar-se por si mesmo da sua indigência psíquica, começa para o pastor de almas o problema de saber como levar-lhe socorro. Antes de tudo deve oferecer-se ao atribulado a possibilidade de falar e libertar-se assim da opressão psíquica. É claro que nem sempre é possível no quadro da confissão. É-lhe prejudicial o sistema de confissões apressadas. Não lhe convêm, portanto, as filas compridas de penitentes nos dias de grande movimento. Devem esperar, bem ou mal, um momento mais favorável.

É decisivo para um tratamento eficaz do escrupuloso fazer-lhe tomar consciência da sua doença. É sem dúvida motivo de confôrto para o neurótico de constrangimento convencer-se que suas representações e impulsos neuróticos não provêm de perversidade especial mas são doentios por natureza. Alguns, especialmente entre os escrupulosos neuróticos, inclinam-se a ver nos "assaltos" e impulsos que os rodeiam não sei que natureza demoníaca. A idéia de tratar-se simplesmente de doença, alheia a qualquer caráter preternatural diabólico, influi em sentido benéfico. Principalmente se o doente se deixa convencer que não se pode falar de pecado quando falta o consentimento interior ao conteúdo da representação, sentindo-o mais doloroso. Há, porém, casos em que se tiraria do neurótico o último apoio interior, a fé na própria personalidade e a confiança em si mesmo quando se desculpassem sempre e só como "doença" tôdas as manifestações da neurose. É preciso precaver-se atentamente de processo de tal gênero que desconheceria a natureza da neurose e a finalidade do seu tratamento que consiste na reconstrução da personalidade (Niedermeyer, *op. cit.*, p. 85).

Tem grande importância no tratamento dos neuróticos de opressão a remoção dos estados de angústia. Devemos notar atentamente que tais estados interiores não podem eliminar-se pela fôrça, mas só pela ajuda de motivos e convencimentos adequados e pouco a pouco, grada-

Digitalizado com CamScanner

tivamente. O Pe. Crisóstomo Schulte, no seu livro sempre precioso, apesar da desconfiança pela psicologia do profundo: "O que o pastor de almas deve conhecer sôbre as doenças psíquicas nervosas", mostra como é necessário o trato prudente e a distinção de cada caso de per si.

Devemos ainda observar que, muitas vêzes, o adversário de Deus, o diabo sempre em busca de quem devorar (1Pdr 5,8), insinua-se no santuário da alma pela brecha de uma doença psíquica. Podem existir, portanto, ao lado de estados de neurose, verdadeiros ataques do demônio. A distinção, sem dúvida, é difícil em cada caso. É possível que um assalto dêsse tipo pelo menos se ligue ao fator concomitante às representações neurótico-constrangedoras. Quando surge essa suspeita é necessário a máxima cautela e prudência no tratamento pastoral. Nos casos de dúvida devemos inclinar-nos sempre para o modo de ver puramente natural, evitando inquietar o paciente onde não haja necessidade. Pode levar-se em consideração a hipótese de intervenção preternatural sòmente quando o exigirem motivos convincentes que excluam explicação puramente natural. Doutra forma incorreremos no perigo de ver o diabo em tôda a parte, vê-lo onde não está presente senão no "mundo" (Niedermeyer, *op. cit.*, p. 86).

b) *O histerismo de desenvolvimento*

Entre as diversas formas de histerismo duas especialmente merecem ser distinguidas. O histerismo de decadência, condicionado de preferência pela situação, que por isso se trata entre as psicopatias. O motivo do histerismo de decadência é a procura acentuada de afirmação. Dessa espécie de histerismo difere o histerismo do jovem, chamado também do desenvolvimento, até os 25 anos. Tem como sintoma uma crise de amadurecimento de caráter neurótico. O motivo de ação é conseguir um privilégio. Tal gênero de histerismo desaparece, muitas vêzes, depois que cessa o período puberal. Todavia dá-se o caso de indivíduos que, por tôda a vida, continuam "imaturos". Êstes, mesmo no vértice da vida, e até na velhice, podem apresentar sintomas histéricos.

Os fenômenos do histerismo apresentam tal gama de variedades que não existe ainda qualquer definição satisfatória para essa doença que está entre o corpóreo e o psíquico, para êsse sofrimento entre o real e o imaginário, para essa deficiência corpórea e moral. Não só para o leigo mas também para o médico a histeria continua enigma em alguns casos, de modo que também êle, não chega a saber com clareza se, num determinado caso, se trate realmente de "doente ou de indivíduo sem preconceitos, malvado e egoísta, ao qual mais convém uma dose de pauladas" (Reinhard F., *Heilkunde für alle*, 1932, p. 373).

Digitalizado com CamScanner

A histéria é justamente um misto de doença e de egoísmo, de fraqueza e de busca de si mesmo e apresenta-se como conseqüência de omissões irremediáveis na educação juvenil. Surge fàcilmente em indivíduos fracos cuja capacidade de serviço não está em proporção às exigências do ambiente. Entre os sintomas psíquicos nota-se, em primeiro lugar, o desequilíbrio da vida afetiva. Os histéricos caem de olhos abertos em sonhos de todo o tipo, dispõem de capacidade imaginativa ilimitada e vivaz, às vêzes são infiéis, indignos de fé e sucumbem à auto-ilusão. Os estados e as tendências internas do histérico são oscilantes (lábeis), fáceis de subir e descer e quase sempre sem medida. Tiram, de boa vontade, do próprio ambiente todos os estímulos, nada lhes é indiferente, são ávidos de novidades e tem mania de mexericos. Ao mesmo tempo, não existe qualquer participação real no próprio ambiente e todos os afetos se polarizam egocêntricamente ao redor da própria pessoa e do seu mal fundamental. A gama dos sentimentos pode passar da mais alta alegria ou da ira mais ardente à tristeza mais profunda ou ao aviltamento penetrante, conforme sirva para o cumprimento de um desejo ou da necessidade de afirmação. A excitabilidade contínua e ininterrupta do neurasténico não se encontra nos histéricos. Podem até parecer amáveis e mansos, quando lhes convém. (Ruland L., *Handbuch der prakt. Seelsorge*, 1940, I, p. 360).

No caso de se verem descobertos, os histéricos refugiam-se na doença. Estão sempre doentes, se lhes convém ao objetivo, mas podem instantâneamente estar bem quando, por exemplo, a doença impede que tomem parte num prazer. Não existem para êles sentimentos de inferioridade: querem ser o centro da atenção, do interêsse. Tudo deve gravitar em tôrno déles, acariciar-lhes a vaidade, honrá-los, apreciá-los, amá-los, admirá-los ou déles compadecer-se. Muitas vêzes trata-se de indivíduo que precisam grandemente de amor. Quando não recebem o amor que esperam, na realidade ou em relação à medida do próprio desejo insaciável, inventam doença a fim de despertar pelo menos compaixão, que, em substância, é também uma forma de amor. Inconscientemente são grandes egoístas.

Há mais histerismo entre as mulheres que entre os homens. Não são por isso raros os sintomas em relação com os órgãos genitais ou baseados em profundos "complexos" psíquicos, e respectivamente neuroses com colaboração erótica especial. De quando em quando os sintomas eróticos apresentam aspecto religioso, ou a religiosidade do histérico tem colorido erótico.

Nesse sentido devemos colocar em justos limites êrro largamente difundido, isto é, a idéia de que o histerismo está sempre ligado à sexualidade hipererótica. É verdade só em parte. Existem, ao contrário, não

Digitalizado com CamScanner

poucos casos em que o histerismo, por motivo de egocentrismo invencível, exprime-se numa capacidade de amor aumentada e às vêzes não só no sentimento da incapacidade de um amor e doação pessoal desinteressada, mas até de erotismo primitivo impessoal, no sentido de frigidez mais ou menos acentuada (anaesthesia sexualis); às vêzes, porém, unida a insaciabilidade sexual e crueldade especial (Niedermeyer, *op. cit.*, p. 88).

A pergunta se o histerismo é curável pode receber resposta afirmativa onde fôr possível abrir os olhos do histérico e levá-lo a admitir que o é. É naturalmente raro que tal se dê, devido ao obstáculo do egoísmo e da vaidade. Em geral há esperança de cura quando se véem dominados por mêdo tal pela vida que esta fica interiormente abalada. Nada se consegue sòmente pelo tratamento psíquico.

O comportamento do pastor de almas para com os histéricos deve revestir-se fundamentalmente de grande reserva. Não permitir-lhes nunca familiaridade nem receber presentes dêles. É excelente deixar passar despercebidas as manifestações e "extravagâncias" dêles sem manifestar-lhes admiração especial ou compaixão sensível. Uma vez que os histéricos não conhecem freios, convém impor-lhes vínculos e limites. Sobretudo deve-se reconduzi-los a ocupação ordenada e regular sob contrôle e observação rigorosa. Evidentemente alguns histéricos, diante de trabalho absorvente e sério, se refugiarão na doença. Mas é justamente de trabalho fisicamente fatigante que necessitam e lhes é salutar. Na vida religiosa nada se deve permitir-lhes de extraordinário, é preciso tratá-los sòbriamente e sem obrigá-los à comunhão freqüente, sobretudo cotidiana. Não raro êles mesmos desacreditarão a comunhão freqüente. É excelente não fazer visitas a doentes afetados só por histerismo; nem ter com êles correspondência epistolar. Se possível, evitem-se os encontros fora do confessionário.

Não nos devemos deixar atemorizar com as ameaças de suicídio por parte dos histéricos. Por afirmações dêsse gênero querem apenas tornar-se interessantes, e basta o grande egoísmo para impedir que o façam sèriamente. Na pior das hipóteses podem encenar tentativa de suicídio; mas, neste caso, sobrevém um "êrro do diretor de cena".

Não nos devemos esquecer que a histeria pode ser contagiante, de modo que o histérico, em tudo quanto fôr possível, deve ficar separado dos outros. Tal se aplica principalmente aos institutos de formação de jovens.

Mesmo que o pastor de almas deva sofrer por causa dos caprichos e impertinências de algum histérico, não está, todavia, autorizado a designar como "histérica" qualquer anormalidade de caráter. Quanta injustiça e quanto mal podem causar-se assim aos homens! Para os

Digitalizado com CamScanner

leigos, isto é, para os que não são médicos, é impossível a diagnose para a determinação do histerismo, porque são quase em número infinito no histerismo as passagens de um aspecto de caráter ainda no âmbito do normal para as formas patológicas mais graves (Van Acken B., *Hysterie*, 1951, p. 7).

Devemos ter muita prudência no uso do epíteto "histérico" designando não só doença mas depreciação geral do caráter. Quantas vêzes e gravemente o uso inconsiderado dêle prejudicou a caridade e a justiça! Talvez a ponto de não haver mais remédio.

Desde que a tendência a comportamento histérico muitas vêzes já existe na criança, a educação religioso-moral deve ter todo o cuidado de combater, desde o início, a afirmação exagerada do próprio eu, a excitabilidade imoderada e fora de lugar, assim como a inclinação para a auto-sugestão. A complacência do sonho e da ilusão combate-se por meio da educação à realidade e submissão da própria pessoa às exigências justas dos outros homens. À necessidade de consideração sob qualquer forma deve contrapor-se indiferença fria e consciente tanto se trate de presumíveis manifestações patológicas ou da exigência de tomar parte em tudo. É preciso convidar o menino a dominar os afetos e refrear a atividade da fantasia. Por isso, tôda falta de sinceridade e exagêro deve ser imediatamente explicada e corrigida pelo educador. Se as afirmações dos meninos normais devem considerar-se com a maior cautela, as dos histéricos não têm valor podendo ser tanto falsas e simuladas como justas. O educador deve estar prevenido sempre contra a possibilidade de deixar perceber ao aluno que lhe considera o comportamento como patológico. Só assim a vontade do menino de lutar contra as próprias tendências e impulsos degenerados pode ser fortalecida, corrigida a inclinação para o mundo do eu e a juventude encaminhada para idéias construtivas.

Apesar da antipatia que o caráter defeituoso do histérico pode despertar não devemos esquecer-nos que o histerismo, pelo menos em parte, mesmo se desagradável, constitui sempre doença. Embora imaginários os dissabores e as choramingas sem correspondência real numa doença do organismo (notando-se, porém, que também os histéricos podem adoecer orgânicamente, mesmo que não estejam dispostos a crê-lo), por mais que possam ser exaltados e animados por meio da consideração e aviltados pela indiferença, não se trata todavia de embrulhões e enganadores, no sentido de responsabilidade moral ou jurídica. São doentes que devemos compreender, cujas fraquezas devemos perdoar e aos quais, como a todos os fracos e enfermos, temos de levar compreensão e compaixão, compaixão que não se exteriorize demasiadamente, deve impedir-nos de sermos injustos para com êles (Ruland, *op. cit.*, p. 364).

Digitalizado com CamScanner

c) *A neurastenia*

Mesmo que alguns autores (p. ex. Niedermeyer, *op. cit.*, pp. 74ss) não considerem a neurastenia e a hipocondria como neuroses verdadeiras, devemos todavia delas tratar aqui, por causa da afinidade com aquelas e dos seus efeitos sôbre a vida psíquica e religioso-moral.

A neurastenia (em geral, fraqueza nervosa, "nervosismo") é estado de excitabilidade elevada e fácil relaxamento do sistema nervoso. A alta excitabilidade deve considerar-se como elemento primário, o relaxamento fácil como secundário.

A neurastenia pode ser congênita (constitucional) ou adquirida. Neste último caso aparece como "neurastenia de esgotamento", em conseqüência de doenças, operações, dores, tensão física ou espiritual excessiva. Quanto ao corpo temos grande diminuição de fôrça muscular e sentido de cansaço difundido. No âmbito psíquico e espiritual a neurastenia manifesta-se num relaxamento da fôrça de vontade e de decisão; o impulso da alma fica como que paralisado.

Freqüentemente é diminuição do poder de concentração: excitabilidade com relação ao ambiente, capricho, mêdo, angústia (sonhos angustiantes), insônia.

A diminuição do poder de concentração produz no neurastênico o relaxamento no campo religioso: distração nas orações, incapacidade de oração verdadeira, meditação e participação no culto divino. Não experimenta, portanto, a fôrça que procurou e sente como especialmente necessária. Não raro a incapacidade de rezar depende de obstáculos psíquicos. Neste caso justamente a oração seria meio muito eficaz de pacificação interior. A idéia de estar excluído da eficácia da graça pode aumentar ainda mais o estado de depressão. Pastoralmente, portanto, tais pessoas precisam de encorajamento e confôrto razoável (Niedermeyer, *op. cit.*, p. 76).

Já que a neurastenia torna difícil a execução das tarefas da vida, as relações com os coetâneos e o cumprimento dos deveres profissionais, torna-se não raro, como justamente na neurose, causa de sentimentos de inferioridade. Os neurastênicos sentem que sofrem mais que os outros na vida, sentem tudo pesado e por isso estão menos temperados para as dificuldades da vida. Deriva daí o abalo da autoconsciência. O desânimo tem influência negativa, sob mais de um aspecto, no âmbito da vontade e do caráter. Falta de vontade, indecisão, tristeza, ressentimento, inveja e ciúme, podem achar aí a causa. É reação compreensível de quem está afetado por sentimento de inferioridade tentar compensar-se por outros meios diferentes. Justamente por isso uma ne-

Digitalizado com CamScanner

cessidade acentuada de afirmação, vontade especial de colocar-se em evidência pode ser prova de sentimento oculto de insuficiência. Não raro homens dêsse tipo não querem deixar que os outros apareçam e mostrem as próprias obras. A tendência para afirmar-se leva-o a comportamento anti-social, a afastamento da sociedade. Às vêzes porém, embora com esfôrço, consegue estabelecer o equilíbrio psíquico; noutros casos, até o impulso da inquietação interior o torna capaz de serviços extraordinários. Outros, ao invés, degeneram, naufragam e assumem no "ressentimento" atitude hostil à sociedade (Niedermeyer, *op. cit.*, p. 99).

O sentimento de inferioridade como tal constitui experiência fundamentalmente humana. Deriva da submissão de um indivíduo em relação a outros, de defeito orgânico real ou presumido, ou de alguma lacuna dolorosa sob qualquer aspecto. A elaboração conforme a experiência é decisiva, porque daí deriva "complexo de inferioridade" patológico. No caso de desenvolvimento neurótico o resultado dessa elaboração é a consolidação do sentimento de inferioridade que em seguida se evidencia, diante de tôdas as dificuldades da vida, e "desanima" o interessado (Rigen Van Lun, *Tiefenpsychologie*, 1952, pp. 16-17).

A direção espiritual de um indivíduo afetado por êstes complexos atrairá sobretudo a atenção sôbre a maneira pela qual Deus distribui os dotes naturais e sobrenaturais segundo os planos de sua Providência divina cabendo-nos enquadrar-nos com humildade e confiança nos seus desígnios. O valor de uma personalidade não depende do próprio juízo e muito menos da opinião dos outros, mas do juízo de Deus, que não mede pelo sucesso o valor da pessoa e sim pelo esfôrço generoso e perseverante em ministrar e gastar pela sua glória os talentos dêle recebidos.

Há outra forma de doença afim à neurastenia; a hipocondria. Assim se designa a inclinação doentia à consideração angustiada de si e temor exagerado diante das lesões da saúde. Não se deve considerar como doença "a se" mas simples sintoma; símbolo de variadíssimas significações. Pode ser expressão de neurastenia de esgotamento ou de disposição psicopata. Também para o histerismo com a produção de tôdas as formas "psicógenas" possíveis de doença, nem sempre é fácil a delimitação; de igual modo, às vêzes pode ser difícil distinguir a doença "imaginária" da doença simulada (simulação). Todavia um sinal é fundamental: o hipocondríaco tem *angústia* diante da doença, o histérico, ao contrário, a *quer* ("refúgio na doença"); o simulador *finge* doença.

Sensibilidades orgânicas doentias (neuroses orgânicas) podem levar a auto-observação maior e dêsse modo à hipocondria.

Pastoralmente é bastante difícil a aproximação aos hipocondríacos. O perigo de suicídio é menos atual nos hipocondríacos egocêntricos pelo

Digitalizado com CamScanner

forte impulso de conservação, mas pode ser grande nos hipocondríacos depressivos, nos quais a hipocondria é apenas sintoma parcial de melancolia ou de psicose ilusória. Neste caso o suicídio pode dar-se, mesmo de surprêsa e improvisamente (Niedermeyer, *op. cit.*, p. 77).

Uma forma de hipocondria é o receio do câncer tão difundido nos nossos tempos. Em circunstâncias especiais pode provocar num indivíduo por anos inteiros mais sofrimentos e tormentos psíquicos que o próprio câncer.

Em última instância, a hipocondria, sob tôdas as formas, deve-se a atitude falsa diante da vida. Para o homem que tem fé, nem a vida como tal nem mesmo a saúde, o maior dos bens terrenos, são o bem supremo. Sabe que está envolvido pelo amor de Deus e destinado à felicidade eterna. Por isso evita tôdas as preocupações angustiosas que derivam do amor desordenado de si mesmo e da falta de confiança em Deus. Sòmente é possível vencer a angústia que inquieta o homem e a sua existência terrena mediante a fé que a vida não será tirada ao fiel, mas transformada e que, depois de deixar a habitação terrena, vai encontrar pátria eterna no céu (Prefácio da missa dos defuntos).

d) *A fuga em a doença*

Essencialmente diferente da hipocondria é a chamada "fuga em a doença". Enquanto o hipocondríaco teme diante da doença, dá-se o caso de homens que, não sabemos em virtude de que motivo oculto no inconsciente, se refugiam na doença e declaram aos outros que estão doentes. Não nos referimos aos que se declaram doentes para subtrair-se a alguma tarefa determinada ou fugir a uma responsabilidade (simulação). No caso de fuga em a doença trata-se de auto-ilusão.

Queremos aqui penetrar no íntimo de tal doença e verificar que tarefas impõe aos homens.

De modo algum a "doença" é mero defeito orgânico, falta de perfeição somática, desvio da "norma somática". Nem mesmo a nossa resposta à pergunta "que é a doença" seria satisfatória se nos ativéssemos apenas ao "conceito normal", pois êste, infelizmente, não se pode delimitar com segurança no âmbito somático.

Devemos procurar por isso critério ulterior para a diagnose de "doença". Encontramo-lo refletindo que a "doença" é necessàriamente também estado psíquico, situação do ânimo. Onde falta êste componente psíquico no sentido de "conhecimento do estado somático anormal", onde falta, para dizer genèricamente, a "experiência da doença" podemos falar apenas de "defeito orgânico" ou de "estado somático anormal", não pròpriamente de "doença".

Digitalizado com CamScanner

De modo análogo um indivíduo que "imagina uma doença", portanto, possui a experiência da doença sem qualquer defeitos orgânico, não poderá ser designado como "doente", mas sim exatamente como "psicopata" ou "neurótico", conforme queiramos definir-lhe o "estado psíquico anormal".

Evitamos então falar aqui de "doente corpóreo" ou "doente psíquico" porque somos de parecer que só o homem inteiro pode ser "doente", no sentido de que todo o conjunto psicofísico fica em estado fora do normal. Entendemos, portanto, por "doença", "estado anormal psicofísico".

Como o corpo e a alma formam uma unidade substancial explica-se que a experiência da doença não depende só da natureza do mal e das circunstâncias externas, como situação econômica, profissional, família, mas, do mesmo modo, também da personalidade e do caráter do "doente".

Além disso, por mais que possa parecer surpreendente, o ser doente depende também da concepção do mundo que o interessou. Quem tem uma tarefa, dedica-se ao trabalho de "corpo e alma", vive em espírito de responsabilidade, cuja vida tem, portanto, significado, reagirá ao estado psicofísico anormal de modo completamente diverso de quem não se interessa pelo significado da vida, que não se sente ligado ao trabalho e talvez esteja contente de ter encontrado ocasião para livrar-se um pouco dêle e do dever. Um indivíduo dêste tipo assume de boa vontade a "doença" como pretexto. Quanto mais rica e intensa fôr a vida de um homem, tanto mais fácil e ràpidamente conseguirá superar a "doença".

"Talvez porque, hoje, para muitas pessoas, a vida perdeu o significado, girando sem direção e sem meta, tenhamos de ver aí uma das causas mais profundas não só do aumento das afecções neuróticas mas também da falta de resistência de tantos homens diante de influências patogênicas" (Stern).

Qualquer doença é, portanto, pergunta de destino que se propõe ao homem e dêle espera resposta. A resposta é a experiência da doença que pode ser confissão de doença ou fuga em a doença.

Uma doença pode não só ser recebida como meio para ter a cura ou ser suportada como provação, mas pode também ser escolhida e querida como meio para conseguir uma vantagem que, diversamente, não se obteria ou, pelo menos, não com tanta facilidade. Neste caso a doença serve como pretexto para iludir-se, torna-se engano e representa, simplesmente, solução aparente. Devido, porém, à intimidade com que o corpo e alma se pertencem mùtuamente não nos devemos maravilhar que, desta vez, o corpo tenha como exigência o "querer ser doente"

Digitalizado com CamScanner

e se comporte de maneira conseqüente, isto é, correspondendo ao desejo da alma. É fácil de explicar o surto de tais neuroses orgânicas por meio da unidade psicofísica do homem.

Finalmente a "fuga em a doença" pode realizar-se por temor diante da responsabilidade e dos deveres, como única via de saída para aplacar os remorsos da consciência (Grünewald Ed., *Flucht indie Krankheit*, 1947, pp. 11ss). Neste sentido é possível falar de influência desfavorável das garantias contra as doenças.

A cura de uma doença depende também da perspectiva de desenvolvimento de vida, sentida como mais acessível. Quanto mais desagradável fôr a doença, com tôdas as suas conseqüências, tanto mais prontos estaremos para esforçar-nos realmente por sarar. Devemos lembrar aqui o significado dos sofrimentos e dos dissabores que a doença, muitas vêzes, traz consigo; como também o valor da indigência social que a doença comportava, antes que fôssem instituídas as previdências sociais. O processo de cura é promovido essencialmente pelo sacrifício que o homem se vê obrigado a fazer. É experiência médica antiquíssima que também a psicoterapia recente confirmou. Uma cura ou mesmo um meio de cura pago diretamente pelo doente é mais eficaz que o que nada lhe custa. Até as curas das fraturas ósseas, como demonstram as estatísticas, são facilitadas quando o paciente deve pagar pessoalmente os gastos ou teme a perda do pôsto ou de algum lucro. O seguro social elimina todos êstes fatôres. Na legislação atual o contrato de trabalho permanece, mulher e filhos recebem subsistência e tôdas as despesas são assumidas pela corporação. Em tal situação pode acontecer que a tendência para a cura seja mínima. Nesse terreno ocultam-se hoje, sem dúvida, muitíssimas doenças crônicas e desenvolve-se também a neurose dos que possuem rendas. A medicina do passado conhecia um pouco de tudo isso, quando falava de "vontade de cura", embora nada tenha a ver com a vontade consciente, pois trata-se de processo que se desenvolve, substancialmente, além da consciência.

De modo diverso da fuga em a doença opera a fuga em a ânsia exagerada de trabalho e na superocupação. Não nos referimos à sobrecarga de trabalho que não se pode evitar, quando assim o exigem as contingências, mas da inquietação do espírito e do coração que leva sem descanso de um trabalho a outro. Tal inquietação pode derivar de vários fatôres. Para uns é a sêde desenfreada de lucro, o desejo de nível de vida sempre mais alto. Outros são impelidos pelo orgulho e desejo desmedido de afirmação. Outros usam o trabalho ininterrupto como narcótico que ajuda a suportar as dores e sofrimentos da vida. Não estando em condições de elaborar certas experiências, procuram sufocar instâncias, esquecer recordações e desejos numa atividade sem freio. É

Digitalizado com CamScanner

como se o tempo da máquina se apoderasse do homem moderno. Não chega mais à paz. Por isso verifica-se com tanta freqüência a chamada "doença dos dirigentes" que consome antes do tempo as energias da vida e não raro provoca o colapso cardíaco (enfarte cardíaco) ainda na flor dos anos. Jesus descreve admiràvelmente a vida, a ação e a morte de tal homem (Lc 12,13-21). É claro que também tal doença tem raízes psíquicas, espirituais e filosóficas. O homem que não encontra em Deus a paz não a encontra em si pode arruinar-se na inquietação. "Só em Deus o homem reencontra a si mesmo" (Hermann Bahr).

e) *A avidez*

Há bons motivos para incluir também a avidez entre as formas de manifestação neurótica. O elemento obscuro de opressão, obsessão, necessidade insubstituível, vínculo talvez não se apresente tão claro em nenhum outro caso de neurose, como na avidez. Diante de fumante furioso, uma pessoa sã não habituada ao fumo nota instintivamente que, no comportamento dêsse indivíduo, existe algo que não está no lugar. Tal percepção é exata; antes, ela toca exatamente o ponto que, sòzinho, ilumina a compreensão de tal neurose, pois a avidez nasce sòmente de falso comportamento da personalidade.

Se muitas formas de neurose podem definir-se como fuga em a doença, na neurose de avidez pode falar-se de fuga nos meios, mais exatamente na eficácia dos meios, não importa tratar-se de eficácia real ou apenas presumida e imaginária. Interrogando porque um indivíduo se refugia num meio teremos sem dificuldade a resposta que tudo espera do meio. Precisamente, comporta-se como o avestruz que oculta a cabeça e julga-se completamente escondido. A fuga em o meio revela, portanto, a mesma ilusão a que sucumbe mais ou menos qualquer pessoa em tôdas as espécies de neurose.

A escravidão ao álcool pertence às formas degeneradas. A idéia que o álcool pode ameaçar uma pessoa sã é completamente errônea. Só num abuso contínuo do álcool tornam-se visíveis disposições defeituosas. O álcool não é aquêle ser que se considerou nocivo por tanto tempo. Mas quem degenerou gravemente, e por causa dessa degenerescência se entrega à bebida, transmite a degenerescência e, em geral, em formas piores, pois une e funde a hereditariedade má com hereditariedade de pouco valor. Ora precisamente nos bebedores podemos observar com clareza a fuga em o meio. É notório que o bêbedo entrega-se ao álcool com a intenção de esquecer mágoas, dor, miséria. Noutras palavras: não lhe é possível a elaboração de qualquer dificuldade da vida. Para fugir ao sentimento de miséria que deriva de tais dificuldades bebe o

Digitalizado com CamScanner

álcool, cujo efeito já conhece como libertação e descarga e depois também como anestésico. Para o bebedor que se sente infeliz a libertação comporta igualmente névoa geral na qual se evaporam tôdas as dificuldades. Tal fuga nos meios significa, portanto, como em tôdas as outras neuroses, superação não autêntica e comporta, como tal, o estigma da injustiça e da vileza (Speer Ernst, *Von Wesen der Neurose*, 1949, pp. 68s).

Comportando a avidez enormes repercussões no corpo, a libertação em relação a ela nos casos mais graves é possível só na perspectiva de cuidado médico. Na medida em que a cura se torna possível, por via de influência direta da vontade, deve-se procurar conhecer as causas que levaram à avidez. Tanto para o pastor de almas como para o médico tem valor fundamental neste caso, como em tôda a esfera das neuroses, o princípio: é melhor prevenir que remediar.

f) *A superexcitação nervosa ou esgotamento*

Além das formas de psicopatias tratadas até aqui existem doenças psíquicas de constituição psicopata e concomitantes a cansaço ou esgotamento físico. Êste último pode ser geral ou parcial. O caso mais freqüente é o de esgotamento geral que se manifesta em um ou mais setores, ficando as energias tão consumidas que não resta mais fôrça alguma de resistência. A doença se manifesta por enorme cansaço físico, conjugado à inapetência e insônia, com precipitação nos movimentos e falta de concentração espiritual. A relação com os companheiros toma formas superexcitadas que levam a conflitos agudos. Surgem movimentos apaixonados de todo gênero ficando o doente completamente desarmado e impotente diante dêles. Não faltam, na maior parte, a boa vontade e a disposição, mas sim a capacidade e as fôrças físicas e psíquicas. A fraqueza excitável do sistema nervoso, acompanhada do enfraquecimento precoce, fazem-se sentir, naturalmente, também no âmbito da ação voluntária. O estado de superexcitação manifesta-se em explosões irrefreadas (impaciência, ira) para as quais, em cada caso, a voluntariedade plena é muito limitada e conseqüentemente também diminuída a responsabilidade moral. Característica especial do comportamento neurastênico é o mêdo diante da responsabilidade, a falta de energia que teme diante de qualquer ação. "Até quando toma resolução interior o nervoso teme em dúvida angustiosa que não é boa, antes mesmo de pô-la em ação" (Ruland, II, p. 37). A atitude psíquica do neurastênico é variável, mas quase sempre é de opressão e dêsse modo causa a própria insatisfação e inclinação à crítica. Está angustiosamente preocupado quanto à saúde (hipocondríaco). É-lhe difícil, e em alguns casos impossível, concentrar-

Digitalizado com CamScanner

-se espiritualmente. A fantasia é viva e o torna capaz de grande participação em acontecimentos reais ou imaginários. É fàcilmente impressionável e sofre estados de angústia antes de encontros, viagens, exames, discursos etc. Não raro aparecem os estados de opressão descritos anteriormente, como concomitante da reação neurastênica. Sofre de bacteriofobia e vive a lavar-se. Notemos de passagem que a neurastenia adquirida é mais fácil de curar que a inata e a freqüência da fraqueza nervosa reduz-se sensìvelmente com o correr dos anos, muitas vêzes depois dos 40.

Como causas do esgotamento nervoso (neurastenias), intervêm não raro outras doenças nervosas. Assim a neurose de opressão pode ser não só conseqüência e concomitância da fraqueza nervosa como também causa. Assim também podem condicionar-se e causar-se mùtuamente a melancolia e a superexcitação nervosa. Menos grave é o perigo para os histéricos e abúlicos, cujo egoísmo impede gastarem a própria fôrça nervosa. Naturalmente há exceções.

Em muitíssimos casos a neurastenia consiste em neurose da profissão. Tal se aplica sobretudo à profissão intelectual das mulheres. Claro que não é o trabalho intelectual que não convém às mulheres, mas entregando-se a mulher de boa vontade e com tôda a alma, trabalhando de verdade e quase febrilmente, cede à sobrecarga mais fàcilmente que o homem, que diante dos trabalhos mais apaixonantes mantém sempre certa distância. De maneira análoga, todo acúmulo de ocupações físicas ou espirituais duradouras, como também graves experiências espirituais, grandes desilusões suportadas por muito tempo e solidão prolongada levam ao esgotamento nervoso. É inegável que em muitos casos ocupam grande parte no consumo da fôrça nervosa o uso de entorpecentes e o abandono desenfreado aos impulsos das paixões. Além disso, é importante neste setor a hereditariedade. O primeiro passo que deve dar quem cuida das almas nos casos de esgotamento e superexcitação nervosa é despertar no doente a percepção do próprio estado patológico. Neste ponto deparamos com caso análogo ao dos doentes de opressão. Só um irresponsável pode julgar atingir certo objetivo e ajudar os neurasténicos qualificando todos os sintomas da fraqueza nervosa como superstições. Quando o doente percebe que está psìquicamente enfêrmo e o que julga falta moral é justamente manifestação da doença, já deu o primeiro passo para a melhora. Muitas vêzes é impossível estabelecer, no caso concreto, se e quando a fraqueza nervosa dificulta ou até impede a vontade livre. Muitas vêzes podemos notar nos esgotados que, por exemplo, tinham a própria vida ameaçada ou oprimida pelos problemas sexuais, enquanto na realidade faltava o consentimento voluntário. Em cada caso será preciso instrução cuidadosa sôbre os problemas da vida

Digitalizado com CamScanner

sexual, sobretudo quando a angústia conduziu a verdadeira neurose sexual. Também a angústia pode ser uma das causas da neurastenia, como vice-versa a neurastenia pode levar a estados de angústia.

Como nas outras doenças, também neste caso a profilaxia é melhor que a terapia após o aparecimento do mal. Uma vez, porém, que o mal já exista, é necessário intervir para remover a causa, na medida do possível. O principal é o alívio e a distensão. Muitas vêzes uma licença, uma mudança de ambiente ou de ocupação pode produzir melhoras substanciais. É preciso principalmente esforçar-se por conseguir sono profundo, possìvelmente não perturbado por sonhos. Os nervosos devem habituar-se a combater a própria pressa em caminhar, falar, trabalhar, comer e obrigar-se assim à tranqüilidade. A quietude interior exige como premissa a exterior. Para os pacientes cuja doença foi provocada por superacumulação de trabalho intelectual, é de grande ajuda trabalho físico correspondente às próprias fôrças corpóreas. O esfôrço físico e psíquico devem caminhar juntos. Os indivíduos que são por natureza fracos dos nervos são também, ao mesmo tempo, fracos de vontade. Portanto, preocupando-se numa primeira instância com o fortalecimento dos nervos, obter-se-á em seguida maior energia e clareza na vontade. Não devemos esquecer, por outro lado, que para obter melhor saúde dos nervos é preciso muito exercício e esfôrço da vontade.

Nos períodos de esgotamento nervoso é preciso libertar os doentes de todos os vínculos não necessários. Reduzam-se as orações quando estiverem sobrecarregados. Nos tempos em que ainda vigorava a lei severa do jejum era necessário obter dispensa. O tratamento dos esgotados no confessionário exige, sobretudo, bondade e inteligência. O axioma: "pœnitenti credendum est" só se aplica às pessoas sãs e nem sempre aos doentes psíquicos. Quando, por exemplo, uma professôra, esgotada por ter trabalhado muito no cumprimento escrupuloso dos deveres da escola com zêlo excessivo, acusa-se na confissão de ter-se empenhado muito pouco e não ter aproveitado suficientemente o tempo de aula, o confessor não deve ater-se a tal confissão. Como poderia ser funesto se, diante dessa acusação, o sacerdote quisesse exortar a cumprimento mais meticuloso dos próprios deveres. Quando doentes dêsse tipo se acusam de distrações na oração devemos avisá-los que se trata de conseqüência necessária da doença.

Da descrição do estado do neurastênico e da consideração dos empenhos que comporta, tanto na vida matrimonial como na sacerdotal e religiosa, deduzimos que não deve abraçar o matrimônio nem o estado religioso quem sofre de esgotamento nervoso grave. Só quando puder voltar a si mesmo: "mens sana in corpore sano", é que poderá escolher estado de vida que impõe vínculos e responsabilidades tão graves.

Digitalizado com CamScanner

Concluindo, salientemos que, só depois de longa experiência e prática assídua do discernimento das almas, o pastor saberá distinguir se, no caso concreto, se trata de falta de autocontrôle, de espírito de sacrifício ou egoísmo o que pretendem desculpar com o nervosismo, ou se realmente há boa vontade, mas, por deficiência do corpo como instrumento da alma, a vontade não pode comandar ou então só o faz imperfeitamente.

B. *As neuroses nas diversas idades*

Como o homem em qualquer época da vida pode encontrar-se em perigo de padecer conflitos psíquicos por causa da falta de elaboração de experiências, em tôdas as fases de idade é possível formar-se a neurose.

Do que dissemos sôbre a origem de uma neurose resulta que aparece principalmente na infância. Nas outras épocas da vida o homem tem a possibilidade de vencer ou de consentir aos impulsos instintivos; o menino, ao contrário, toma quase exclusivamente o caminho da repressão. Vemos então como é difícil o problema da culpabilidade de uma neurose. Pode dizer-se que as neuroses nascidas na infância, mesmo se ficaram latentes por muitos anos e só mais tarde se manifestaram, pertencem a esfera patológica da qual o homem não é responsável porque não deriva da vontade livre. Se, ao contrário, a neurose surge num período sucessivo, quando o homem está em grau de vencer um conflito psíquico, não se poderá prescindir totalmente de responsabilidades morais nem mesmo quando não tenha podido prever tôdas as conseqüências do comportamento errado.

O tempo mais perigoso para o surto das neuroses é, sem dúvida, a infância (até os 6 anos de idade). Daí a grande importância de uma boa educação e a enorme responsabilidade dos pais e educadores em afastar tudo quanto pode provocar o aparecimento de neurose (cf. Pfliegeler M., *Der rechte Augenblick,* 1955).

Período mais rico de experiências na vida humana são os anos da puberdade. Quem poderia negar que, justamente nesses anos de perda e de esclarecimento, existe a possibilidade de muitos conflitos? Pense-mos apenas nas polaridades de infância e maturidade, personalidade e sociedade, autonomia e necessidade de direção, instinto comunicativo e introversão, autoformação e heteroformação. Justamente nesse período o jovem está sujeito a vários sentimentos de inferioridade que não quer admitir, procurando reagir inconscientemente. Daí a inclinação do jovem à desobediência e obstinação, crítica impiedosa contra homens, fatos e situações, excessos nos esportes, o primeiro cigarro etc.

Digitalizado com CamScanner

Apelamos para pastoral mais responsável e pedagogia mais inteligente. Sacerdotes e educadores devem deixar de combater as manifestações externas, sem reconhecer e corrigir as faltas que estão na base. Que se diria de um médico que ordenasse ao doente de bronquite catarral: "Deixa de tossir contìnuamente, porque faz mal"? O paciente só poderia responder: "Não tusso por minha vontade, mas porque tenho bronquite catarral. Se o senhor me livrasse dela, a tosse iria embora". Consideremos as diversas fraquezas do caráter na idade púbere: desobediência, impulso desenfreado de liberdade, obstinação, autonomia de pensamento, vaidade e falta de autodomínio sexual. O pastor de almas e o educador devem descobrir qual a falta que é o motivo das quedas em determinado setor.

Tomemos como exemplo o onanismo púbere, porque justamente aqui se erra inconscientemente. Seria errôneo afirmar que essa falta, tão difundidade entre os adolescentes, seja sintoma de neurose. Há, sem dúvida, casos de indivíduos física e psìquicamente sadios que, nos anos do amadurecimento, entregam-se a êsse mau hábito, do qual são plenamente responsáveis na própria consciência. Mas qual o sacerdote que não conhece jovens de famílias boas e piedosas que, apesar da melhor educação, apesar da vida religiosa assídua, apesar da proteção contra os desvios e as ocasiões perigosas, apesar da melhor vontade e de grande repulsa ao pecado, caíram no hábito da impureza durante meses e anos inteiros? Como é possível que homens, cujo esfôrço está todo concentrado na conservação da pureza, que nunca tomam parte em conversas desonestas, governam a própria fantasia, evitam a ocasião voluntária de pecado, recebem regularmente os santos sacramentos, rezam com assiduidade e sofrem tremendamente por causa das próprias fraquezas, como é possível que, em determinadas épocas, caiam nos seus "pecados"? É óbvio presumir que, em tal caso, existe alguma deficiência que, responsável ou não, causa tais faltas. O onanismo é, portanto, sintoma de conflito psíquico às vêzes inconsciente. Será de admirar que o sintoma não desapareça enquanto dura a causa?

Um exemplo: um jovem bem educado, de família cristã possui um amigo! Compreendem-se e completam-se mùtuamente no amadurecimento da respectiva personalidade. Enquanto perdura a amizade quase não tem problemas sexuais. Repentinamente rompe-se a amizade. Por não sei qual motivos os dois não se entendem mais e se tornam estranhos um ao outro. Ao mesmo tempo recomeça a masturbação, vencida já há tantos anos. Que aconteceu? A amizade servia para vencer a introversão desordenada. Enquanto existia, o jovem estava afastado da mania de si mesmo e do isolamento, que se expressavam na masturbação. Interrompida a amizade volta à miséria da introversão e auto-erotismo.

Digitalizado com CamScanner

Outro exemplo: trata-se de um aluno diligente, mas apenas mediocremente dotado. Apesar da aplicação assídua, os insucessos não são raros; a vida cotidiana do colégio, muitas vêzes monótona, parece-lhe privada de alegria. Não raro entra em choque com os superiores. Os dias transcorrem escuros. Apesar da sua excelente vontade cai regularmente no onanismo que o desanima e torna ainda mais triste. Dêsse modo trava batalha sem êxito. Chegam as férias. Goza do afeto cordial dos genitores e das irmãs, faz viagens magníficas, encontra a alegria em a natureza, na coleção de selos, na música. Durante todo o tempo das férias não teve uma recaída. Por quê? O homem tem necessidade de alegria. Quando possui alegria verdadeira e autêntica deixa de lado o gôzo aparente dos desejos pecaminosos; mas, se, ao contrário, está privado de alegria torna-se vítima da alegria aparente.

O pastor de almas, o confessor, o educador, tomará o cuidado de indagar que deficiências estão na origem das faltas. Talvez se trate de isolamento culpável, solidão, amargura, obstinação, falta de alegria, insucesso, desânimo. Só quando êste "exército de bactérias" tornar-se inócuo cessará a infecção. É claro que tal gênero de direção exige muita paciência, amor e compreensão, pressupõe confiança e, sobretudo, requer tempo. No tempo-recorde de uma confissão de 80 segundos pode pôr-se em movimento apenas uma máquina de absolvições, não exercer o ofício de médico espiritual e samaritano misericordioso.

Poder-se-ia pensar que os anos da plenitude das fôrças do homem, período entre 25 e 45 anos, estivessem isentos de problemas psíquicos. No entanto a psicologia moderna ensina que no vértice da vida e no seu declínio começa período crítico. O fim da natureza (procriação) e a meta social (posição, profissão) foram atingidos. Faltando visão satisfatória do mundo, começam a faltar também as metas. Chega-se a tensão psico-espiritual altamente perigosa que pode oferecer terreno fecundo ao surto da neurose. O "dæmonium meridianum" (Sl 90,6) pode arruinar um homem que parecia consolidado na vida. Quem não conhece casos de matrimônios rompidos depois de 20 anos? Quem não sabe de sacerdotes que faltaram à vocação no 3º decênio da vida sacerdotal?

Época marcada de crises pode ser a dos anos do climatério, embora em si mesmos representem o estádio de desenvolvimento natural que se contrapõe aos anos do amadurecimento. Sobretudo indivíduos com complicações psiconervosas devem sofrer com freqüência nesse período e precisam ser compreendidos e tratados como doentes. Na maior parte dos casos o impulso de ver tudo mal ou a hipocondria, a angústia da vida e a superexcitação já se manifestaram antes em outras circunstâncias críticas e trouxeram complicações.

Digitalizado com CamScanner

Além desta disposição influem evidentemente também a vida precedente e a atitude com relação à vida. "Deveremos arrepender-nos, nos anos do declínio, do que descuidamos nos anos do desenvolvimento" e "tôda mulher tem o climatério que preparou para si", dizem os provérbios. Tudo isso, porém, não acontece constrangedoramente. Pode intervir a decisão e a conversão do homem que exerça influência substancial no curso da vida (Maeder A., *Krisenjahre bei Mann und Frau,* 1933, pp. 7s).

Os anos do climatério caracterizam-se, não raro, por forte renascimento do erotismo. Tal não se dá só com o homem que, às vêzes, depois de 20 ou 30 anos de casamento feliz, sente-se repentina e vivazmente interessado por môças e mulheres. De modo análogo pode acontecer para a mulher de quarenta anos. Também ela pode sentir-se atraída por um jovem ou sentir impulsos eróticos por um homem maduro de condição elevada (não excluindo o sacerdote). Pertence também a êsse contexto casar a todo o custo, a que se sente estimulada alguma "valde adulta". É claro que tal renascimento de erotismo, que assume muitas vêzes côres trágicas e cômicas, em circunstâncias desfavoráveis pode encontrar também solução dolorosa. Pode levar a um matrimônio infeliz como também a romper matrimônio em ação. Os filhos adultos separam-se do pai e da mãe justamente no período em que a sua presença lhes seria necessária. A mulher separada cai na amargura ou na depressão. O nôvo matrimônio mesmo é ameaçado na sua persistência e não só porque edificado sôbre ruínas (o passado não pode ser cancelado de um só golpe) mas também pelas incompreensões dos dois esposos.

A primavera era só aparente! O homem deve por longo tempo representar o papel do jovem amante e esgotar-se, forçando a linha de desenvolvimento da vida, ou distanciar-se interiormente da segunda mulher. Todos os dois tornam-se infelizes, expostos novamente aos perigos das fôrças do destino, desta vez de modo mais trágico (Maeder, *op. cit.*, p. 11).

Na época em que as fôrças físicas e espirituais do homem retrocedem e perdem o vigor, na mulher a graça e a beleza vão desbotando e assim sobrevêm sentimentos de inferioridade aos quais se reage de muitos modos. O homem conserva firme o pôsto, mesmo se há tempos já não pode cumprir adequadamente os empenhos, antes procura novos trabalhos e ônus para demonstrar a si mesmo e aos coetâneos que ainda é ativo e operoso e enganam os que pensam que não é mais jovem. Outros indivíduos, nesse período, caem com facilidade na hipocondria, procuram médicos e charlatães e não querem reconhecer que, na verdade, estão envelhecendo e se aproximam do fim.

Digitalizado com CamScanner

Um pouco diversamente influem êsses anos na vida psíquica da mulher. Algumas filhas de Eva vêem, com profundo ressentimento, evaporar-se a beleza e se apegam com zêlo ardoroso às loucuras da moda e à cosmética mais moderna. Não suspeitam sequer a que trágico ridículo se expõem, velhas de 50 anos, querendo enfeitar-se como môça de 17. Quando os coetâneos e sobretudo o marido não têm delicadeza e espírito cavalheiresco que supre benèvolamente a decadência externa, podem chegar, impelidas por circunstâncias desfavoráveis, a estados de depressão que podem levar até ao suicídio.

É justamente nessa idade que se põe a prova a vitalidade da fé cristã, a esperança de vida eterna no céu e o verdadeiro amor a Deus e ao próximo, que livra do egoísmo insano. O pastor de almas fará todos os esforços para ativar, justamente nesses anos, as energias da fé e da graça e assim ajudar os homens que envelhecem a livrar-se de egoísmos doentios que, em última análise, são os germes de tôdas as neuroses e do temor imoderado da morte.

Alguém poderia pensar que, pelo menos, a idade dos cabelos brancos seja caracterizada pela paz da alma e pela ausência de problemas psíquicos. Infelizmente não é assim, nem mesmo nesse período. Ao contrário! Devemos considerar que no presente a velhice está ameaçada pelo suicídio, sobretudo por motivos físicos. A psico-higiene moderna dedica por isso interêsse especial à velhice e na terapia das doenças dessa idade (Geriatria) ocupam lugar de primeiro plano as lesões psíquicas. A psicopatologia da idade das cãs não se deve ocupar só de variações orgânicas regressivas, como alterações dos vasos de circulação no cérebro, formação de focos de amolecimento que levam, por fim, ao estado de demência senil; acrescentam-se, como complicações, os modos de conceber próprios dessa idade: a desconfiança, sobretudo para com os jovens; a sensibilidade e a suscetibilidade fácil; o sentimento de não ser mais útil e, portanto, de que está deixado de lado; a solidão crescente e a limitação do próprio eu; e finalmente a redução a simples conservação da própria vida.

Muito desfavorável em nosso tempo é afastar-se, sobretudo na indústria, com o grande emprêgo de homens, qualquer operário como "muito velho" mal acaba de ultrapassar os 40 anos. Por um lado procura-se, por todos os meios, prolongar artificiosamente a vida, por outro abrevia-se, sem necessidade e sem objetivo, a duração da capacidade de serviço. Dêsse modo apenas se torna mais difícil o prolongamento de uma velhice infrutuosa começada prematuramente.

É de importância fundamental tirar dos velhos o sentimento de inutilidade, melhor ainda, impedir que apareça. É de suma importância psico-higiênica confiar-lhes ocupação condizente, ao menos sob a forma

Digitalizado com CamScanner

de "hobby". Quanto mais um serviço razoável puder dar aos velhos o senso da sua utilidade tanto mais eficazmente serão protegidos do perigo de suicídio.

O fator mais eficaz, nesse sentido, é fé viva no Deus pessoal, na redenção em Jesus Cristo e a esperança na vida eterna do Céu que Deus preparou para os que o amam.

O homem que, envelhecendo, não vê na morte o desaparecimento definitivo no nada, mas o surto de vida nova e perfeita, ou melhor, o aperfeiçoamento da própria vida, vence a angústia da morte, inata em tôda criatura, e espera por ela com a disposição de quem pode olhar serenamente o retôrno à verdadeira pátria da alma. Esta esperança dar-lhe-á confôrto, mesmo nas contingências externas mais adversas.

Quem, ao contrário, por trás da morte vê apenas o nada, não dispõe de qualquer argumento razoável para não fugir das misérias e sofrimentos da idade e procurar para si a morte, a fim de abreviar uma vida de tristezas, sobretudo se acompanhada de indigências materiais. A maior parte dos suicídios na velhice é motivada por preocupações e misérias materiais, bem como pela angústia diante de sofrimentos dolorosos e particularmente pelo abandono e isolamento no qual o velho sente-se encerrado, quando não vive em espírito de comunhão íntima com Deus.

O suicídio na velhice é, porém, ato terrível de acusação contra o mundo, que muitas vêzes, abandona pessoas altamente meritórias, após existência sacrificada, em tal situação de miséria e isolamento que não sabem encontrar no desespêro outro alívio senão a fuga na morte antes do tempo.

Um dos méritos indiscutíveis da psico-higiene é ter começado a ocupar-se com êste problema. Contribuirá assim para superar o problema da "eutanásia materialista", afastando-a do mundo espiritual do homem moderno (Niedermeyer A., *Compendium der Pastoralhygiene*, 1956, pp. 339ss).

Outra possível degenerescência da vida psíquica na idade senil é a enorme persistência da *libido sexualis*. É verdade que não existem términos fixos, sobretudo para o homem, e há casos bastante freqüentes em que a sexualidade pode conservar caráter são até idade avançada. Mas, em muitos casos, uma fôrça singular do instinto nos velhos deve considerar-se como expressão de corrupção patológica. A desproporção entre a libido e a potência determina tensão que se inclina a manifestar-se externamente em desvios sexuais típicos. A enorme sexualidade senil é caracterizada, muitas vêzes, por elementos "polimorfopervertidos" como se encontram também na sexualidade infantil. A anomalia da

Digitalizado com CamScanner

potência instintiva no velho assume fàcilmente o caráter de anomalia da direção do instinto (Niedermeyer A., *Pastoral-Medizin*, I, 202).

Deficiência que, não raro, se observa no caráter do velho é a chamada malvadez senil. Provém, com certeza, do conhecimento não aceito de não estar mais em condições de desempenhar determinadas tarefas e trabalhos. Para não fazer essa concessão nem a si mesmo, nem ao ambiente, o velho, às vêzes, se refugia em manifestações de obstinação insensata que, exteriormente, podem parecer ditadas pela malvadez mesmo se talvez faltar a má intenção. Qualquer atração lunática e imprevista do velho, quer às vêzes, apenas demonstrar que ainda existe e não temos o direito de ignorá-lo. Por êsse desenvolvimento psíquico inconsciente talvez se explique o caso do velho pároco que, após ter-se lamentado, por muito tempo, junto aos superiores porque não estava mais à altura do cargo, fica dolorosamente aborrecido e espantando quando, finalmente, obtém o coadjutor implorado mas, ao mesmo tempo, interiormente recusado.

Quem considera a vida humana um pouco atentamente percebe que o homem, em tôdas as idades, pode ver-se impedido de elaborar perfeitamente suas experiências. Por conseguinte, durante tôda a vida, encontra-se em perigo de reagir neuròticamente contra as dificuldades da experiência.

C. *Conselhos de estado para os neuróticos*

Para concluirmos êste capítulo queremos expor algumas indicações quanto à escolha da profissão e do estado por parte de indivíduos neuróticos.

Tratando-se de contrair o matrimônio exige-se consciência sagrada no que se relaciona com a saúde física e psíquica dos contraentes. Por isso, é muito aconselhável e desejável que os interessados, antes ainda do noivado, peçam-se mùtuamente atestado de saúde. Não poucos casamentos infelizes seriam evitados se houvesse essa precaução.

Mesmo que a neurose como tal não seja hereditária, pode estar contida na massa hereditária certa disposição para ela, que mais tarde se desenvolverá em sentido nefasto. Sobretudo torna-se nocivo o clima neurótico em que vivem os pais. Regularmente, os meninos crescidos em ambiente neurótico e educados por genitores neuróticos deveriam sucumbir também à neurose. Nos casos de neurose central profunda, portanto, devem desaconselhar-se absolutamente os casamentos. O mesmo conselho devemos dar aos histéricos e a todos os que padecem de depressões periódicas. Êste último caso, porém, já pertence à esfera das psicoses.

Digitalizado com CamScanner

É surpreendente que justamente indivíduos neuróticos, muitas vêzes, sintam-se chamados e atraídos para o estado sacerdotal e religioso, embora não sendo, em geral, capazes. Como explicar tal fato? Às vêzes o motivo poderia ser encontrado no impulso da auto-afirmação, em piedade não iluminada ou em necessidade de expiação. Ou o neurótico está em luta consigo mesmo e só com dificuldade pode enfrentar as tarefas da vida: família e profissão. Invadidos por êsse temor à vida alguns se refugiam no sacerdócio ou nos mosteiros, afastados do mundo. Não suspeitam sequer que também ali existem deveres graves e importantes que não poderão cumprir justamente por causa da neurose. Ao contrário, se há estado que exija serenidade psíquica é justamente o sacerdotal e religioso. Quando existem anomalias no psiquismo, surgem com vivacidade especial nos sacerdotes e religiosos. Tal em geral não se dá durante os anos de noviciado e seminário; algumas vêzes só nos anos seguintes percebe-se que um candidato, por motivo de neurose latente que se manifestou sòmente depois, não era capaz de vida sacerdotal e religiosa. Mas agora é tarde demais; há o vínculo da profissão ou da consagração. Não é mais possível voltar ao mundo e não se torna apenas um péso para si mesmo mas a cruz e a preocupação do bispo e do superior religioso e gravame, quase insuportável, para os irmãos, o mosteiro, a diocese, a paróquia.

De modo algum, um candidato afetado por neurose grave, em geral incurável, é capaz de vida sacerdotal ou religiosa. Assim também uma neurose de angústia séria torna incapaz o sacerdote para anunciar a palavra da Boa Nova. Nas neuroses de opressão devemos distinguir: se a forma fôr leve, fàcilmente curável, tais indivíduos podem tornar-se ótimos sacerdotes e confessores, cheios de compreensão. Em geral, porém, o estado de neurótico de opressão sofre a influência desfavorável do estado monástico ou sacerdotal, pois as novas obrigações de estado impõem novos vínculos, além dos que já existem, aumentando assim as responsabilidades.

Os neurasténicos podem considerar-se aptos para êste estado só quando se trata de grau diminuto de fraqueza nervosa e se possa esperar razoàvelmente que o mal não se agrave. Não devemos esquecer que, justamente em nosso tempo, a atividade pastoral, como também a vida no mosteiro, impõe exigências fortes aos centros nervosos. Os histéricos constituem grande desgraça para as ordens religiosas. Como pastôres deixam preocupadas comunidades inteiras e tornam a vida muito dura para os irmãos. Vêem-se perseguidos por tôda parte, enquanto são êles que perseguem os outros. Nos conventos, sobretudo femininos, podem provocar tal desordem que transtornam tôda a comunidade. Teremos grande mérito sempre que descobrirmos um histérico e lhe impedirmos

Digitalizado com CamScanner

a entrada no estado religioso. É claro que também os ávidos não são capazes de vida religiosa porque, não raro, a avidez é acompanhada por grande fraqueza de vontade.

Podemos afirmar, no fim dêste capítulo, que a orientação pastoral do neurótico impõe ao sacerdote tarefas não leves e muito delicadas. Mas também na cura das almas as dificuldades existem para serem superadas com a graça e o auxílio de Deus. Quem conhece, porém, a situação não pode dizer que o cuidado e a assistência aos neuróticos não é importante. Ao contrário, se pensarmos no grande número dessas pessoas sentiremos não só compaixão pela sua miséria, mas procuraremos auxiliá-las na medida do possível. É provável que a difusão das neuroses seja conseqüência da civilização, triste herança da guerra e do período subseqüente. Acrescentemos que, em muitos casos, o neurótico é responsável pelo seu estado, pelo menos em parte. Tudo isso pode estimular o pastor de almas que deseja imitar o divino Salvador, levando socorro onde existem doentes psíquicos. Trata-se também aqui do "Reino de Deus e da sua justiça" (Mt 6,33). Quem pode medir em quantos milhares de casos uma neurose tenha atacado ou destruído a vida de fé em uma pessoa, quantas vêzes é responsável por faltas morais, misérias sexuais graves fora e dentro do matrimônio? Também a escassez de candidatos à vida religiosa e ao sacerdócio pode atribuir-se grandemente à neurotização da nossa vida.

Reflete-se aqui grandemente a incapacidade de uma decisão que vincula tôda a vida, incapacidade que deriva da angústia da vida e da falta de confiança em Deus. Se considerarmos ainda a dificuldade de educar o menino neurótico, a sua falta de concentração, o pouco interêsse pela vida espiritual, a facilidade de distrair-se e a sêde de experiência, iluminaremos sempre mais o dever do educador e do pastor de almas em auxiliar e criar remédios enquanto fôr possível.

Talvez não seja exagerado afirmar que os povos da antiguidade desapareceram por causa da sua neurotização. A falsidade da vida, a avidez de experiência, as loucuras egoístas levaram a tal grau de vício e de cansaço da vida que os homens daquele tempo não se viram mais aptos para as tarefas da existência. Se considerarmos as condições de hoje veremos a semelhança do nosso tempo com o de outrora. Estará iminente o fim do Ocidente? Custos, qui de nocte?

Digitalizado com CamScanner

Capítulo 3

Profilaxia da neurose

Na ciência e na arte de curar tem aplicação o princípio fundamental: é melhor prevenir que remediar. A afirmação tem valor muito maior no caso das doenças psíquicas que, como ensina a experiência, são muito mais difíceis de tratar e curar que as afecções somáticas.

Imaginemos um indivíduo que sofre de neurose grave. Deve submeter-se a tratamento psicanalítico. Sòmente pode fazê-lo médico muito hábil do ponto de vista psicoterapêutico, que se haja submetido à análise teórica. Médicos dêsse gênero são raros, sobretudo no interior. Talvez possamos encontrar um entre quinhentos. Portanto, o paciente deverá dirigir-se à cidade que pode estar muito longe. Como média podemos considerar um tratamento de dois anos, com duas visitas por semana. É fácil ver o enorme gasto financeiro, sem ter a certeza da saúde, pois os próprios psicoterapeutas admitem que só 25 a 40% dos pacientes consegue regularmente a cura. É evidente, portanto, a importância de evitar o aparecimento de uma neurose, que, na maioria dos casos, tem como causa ou, pelo menos, estímulos defeitos de educação durante o período infantil.

O progresso neurótico é considerado hoje, em geral, como conseqüência de elaboração defeituosa da experiência (Speer). Uma das suas causas consiste em que cada acontecimento desagradável ou tôda uma série de experiências subjugam violentamente o indivíduo e o tornam incapaz de compreensão e explicação adequada do que experimentaram. O resultado então, do ponto de vista funcional, é um estado no qual as influências provenientes do exterior não estão mais em relação de contrôle e confronto com a ressonância sucessiva, estado no qual a comunicação normal entre estímulo e reação é interrompida em tôda a amplitude, em que o menor choque pode provocar reação inesperada e forte enquanto a preocupação de exercer influência intensa pode passar sem ressonância. Segundo a opinião corrente, também o adulto normal e são não está completamente isento de tal destino. Por conseguinte, muito menos a criança. Incompleta no desenvolvimento pessoal, inexperiente quanto ao alcance do sentimento pessoal, está exposta muito mais que o homem maduro a tôdas as experiências perturbadoras e excitantes. Tais experiências para o menino derivam, sobretudo, das influências imediatas e da configuração aos efeitos pedagógicos do am-

Digitalizado com CamScanner

biente em que vive (Schiff Herb., *Elternfehler-Kinderschicksal,* 1948, p. 30).

A. *Erros pedagógicos: causa da neuroses*

Resumiremos substancialmente os múltiplos erros pedagógicos que podem levar a neurose nos seguintes: educação sem medida, educação contraditória, superexcitação, desinterêsse e apatia pedagógica.

A. *Erros pedagógicos causa da neuroses*

Designamos assim o sistema em que o educador satisfaz todos os desejos da criança, até as formas mais imponderadas do capricho infantil. Quais as conseqüências de tal comportamento? Na idade primeira e inconsciente, psìquicamente tenra e influenciável, o menino não tem a experiência fundamental da vida, isto é, a da ordem e que existem limites aos nossos desejos. O menino não chega a experimentar que, na vida, existe o possível e o impossível, o permitido e o proibido, o certo e o errado. Não aprende que, além dos nossos desejos, existe também direito e vontade dos outros, que também os outros podem afirmar os seus direitos e satisfazer sua vontade e que é preciso respeitá-los.

Qual a conseqüência de tal tratamento (pois seria ilegítimo usar a palavra educação)? O menino torna-se exigente, ambicioso, sem limites. Não aprendeu a conhecer outra direção senão a do seu desejo emocional. Torna-se desenfreado, instintivamente passional. Não existe mais vontade contra os próprios desejos. Torna-se brutal e sem respeito para com os outros, cego, ou melhor, permanece cego diante das necessidades alheias, fica cruel.

O outro êrro típico de uma educação sem medida é o comportamento oposto: jamais se satisfaz desejo algum do menino, mesmo legítimo. Significa: experimenta a vida, na primeira idade inconsciente e sumamente impressionável, apenas como limite. Sente o mundo que o circunda ùnicamente como inimizade e contradição. Aprende a conhecer a "ordem" só como aspereza.

Quais as conseqüências da infância dêsse gênero?

1. Uma conseqüência possível de tal forma de educação é a ruptura psíquica. Há indivíduos que, por tôda a vida, sentem-se oprimidos, são meio-homens, sempre privados e incapazes de alegria. Há crianças que não sabem sorrir.

Seu comportamento é obsequioso, servil e sem dignidade. Caminham amedrontados, pela vida afora, como cães apedrejados. Recebe

Digitalizado com CamScanner

tratamento razoàvelmente humano como graça. Com dificuldade conseguem crer no afeto dos outros.

2. Mais sensível é outra reação a tal tratamento. Aparece sobretudo quando a dureza, pouco a pouco, se torna consciente para o menino que a sente ou interpreta como infligida intencionalmente pelo ambiente. O menino conserva pressentimento do direito à felicidade e vê, em redor, apenas inimigos de suas possibilidades de alegria, mesmo onde não os há. Torna-se desconfiado e misantropo. Tal indivíduo atravessa a vida com rancor oculto, refreado com grande esfôrço. Muitas vêzes nem mesmo sabe porque odeia. Aspira inconscientemente à vingança. Não tem qualquer inimigo pessoal: a humanidade mesma, a ordem constituída, a felicidade em si mesma são seus inimigos.

3. Uma terceira parte daqueles cujos desejos não são jamais satisfeitos considera a própria sorte como se lhes fôsse inata. Na realidade voltam-se ìntimamente contra ela. E, uma vez que a repulsa é ineficaz e absurda e o ambiente exige não só opressão mas também adaptação, enganam o mundo com a aparência de agirem espontâneamente; tornam-se mentirosos, falsos, maliciosos, dissimulados. A mentira brota-lhes do centro psíquico.

4. Ainda é possível outra reação psíquica contra a negação constante da felicidade, que importa em maior número de conseqüências: o menino vai em busca de possibilidades ocultas de prejudicar e as encontra. Descobre, às vêzes por acaso, fontes de prazer secreto e a elas se agarra àvidamente. Como os coetâneos o proibiam e todavia não podem impedir aumenta ainda mais a satisfação do gôzo secreto. Alguns meninos fecham o caminho para a alegria por causa da confusão que daí resulta. Os outros tornam-se cruéis com os homens e animais, ciumentos, sádicos e ladrões. Tais e muitas outras podem ser as conseqüências de educação sem medida (Pflieger M.,? *Der rechte Angenblick*. 1955, pp. 34ss).

b) *A educação contraditória*

Dá-se esta forma errada de educação quando as normas de hoje estão em contraste com as de ontem, de modo que não existe coerência alguma e finalismo nas medidas educativas, e sim mudança contínua, pois o que antes era permitido, depois é proibido e vice-versa. Não há diferença pràticamente se tal contradição está dentro das medidas e do comportamento do educador ou se provém de influência que se cruzam de partes diversas. O resultado nos dois casos é o mesmo: desorientação completa do menino, defeitos graves no comportamento, ou, ocasionalmente, aproveitamento da situação em favor próprio. Observa-

Digitalizado com CamScanner

mos êste último caso, sobretudo, quando a contradição do comportamento educativo torna-se consciente para o menino, porque se discute, na presença dêle, o meio de educação mais conveniente. Infelizmente é mau costume muito difundido discutir sôbre a educação na presença das crianças (Schliff, *op. cit.*, p. 37).

c) *Superexcitação pedagógica*

Podemos designar por superexcitação pedagógica o comportamento que, quase por constrangimento e de maneira não adequada às circunstâncias e ao fim que se propõe, reflete-se sôbre algumas feridas da psique do educando que, para usar de analogia do campo fisiológico, ainda não cicatrizadas, são contìnuamente excitadas até que não só a ferida, mas todo o comportamento do menino, vem a sofrer, como que por envenenamento da atmosfera inteira. Chegamos por fim a um dia em que tôda a superabundância de excitações acumuladas se descarrega necessàriamente e os pais vêem, com aborrecimento, transbordar a reação ao menor estímulo. Como o adulto não pode suportar, por muito tempo, o contato molesto de algum objeto, assim também para o menino é nociva a repeticão monótona de expressões estimulantes fora de lugar. A repetição persistente de indicações nas circunstâncias e momentos mais inoportunos, apesar das melhores intenções, faz surtir, em geral, o contrário do efeito esperado.

Outras formas de superexcitação podem atacar ainda mais diretamente o sentido de si mesmo no menino. Pensemos no mau hábito de atirar no rosto da criança que estragou ou fêz mal qualquer ação: "Mostrou mais uma vez que é o mesmo!" O menino deve sentir tais expressões como ataque direto contra a própria confiança em si e o seu valor pessoal que já desde pequenos têm o cuidado de defender. Além disso, mostram as faltas como que brotando invariável e necessàriamente da sua natureza e tiram tôda a esperança de melhora (Schiff, *op. cit.*, p. 40).

d) *A apatia pedagógica*

Trata-se aqui não precisamente de êrro de educação mas da recusa prática da atividade formadora, causada pelo amor ao sossêgo, negligência ou incapacidade humana. Mas, como êste caso produz, em conseqüência, desequilíbrio na educação, é justo que falemos dêle. Muitas vêzes tal apatia pela educação encontra-se nos pais impedidos pelo grande volume de trabalho, sobretudo a mãe, pràticamente impossibilitada de ocupar-se com os filhos (Schiff, *op. cit.*, p. 39).

Digitalizado com CamScanner

Uma fonte abundante de neurose é a triste substituição da educação pelo treinamento. O menino tem o dever de inserir-se no ambiente de modo ordenado e harmonioso. Ajudá-lo nessa tarefa é um dos fins de tôda boa educação. Sem dúvida, os esforços do menino para conhecer e conquistar o mundo tornam-se muitas vêzes fatigantes para o adulto cuja paciência, não raro, se submete a dura prova. Sem dúvida, é também muito mais simples e cômodo ter meninos "bravos" que não incomodam com perguntas fastidiosas nem se fazem notar de modo diferente na própria vida. Muitas vêzes estamos mais inclinados a treinar do que a educar e de tal modo que alguns não distinguem mais as duas posições e falam igualmente de treinamento e educação. Quais os resultados, diz-nos o recente passado da Alemanha. Quem está acostumado a caminhar sempre com as rédeas não pode suportar mais a liberdade. Não só porque foi educado em ideologia falsa, mas porque a liberdade esconde a tentação. Quem não conhece jovens que se revoltam e abusam da liberdade adquirida? Quem não saberia encontrar exemplos dêsse gênero na história e na política?

Até aqui expusemos o alcance e as dolorosas conseqüências de educação causadora de neuroses. Nas páginas seguintes trataremos dos elementos positivos que um trabalho fecundo de educação pode e deve produzir.

B. *Educação preservadora das neuroses*

O grande segrêdo para obra educativa eficaz e fecunda é o amor autêntico e grande. Êle preserva do melhor modo das neuroses porque vence a angústia e o desânimo e forma à alegria, comunidade e responsabilidade (Gagen Friedr. v., *Selbstbesinnung und Wandlung*, 1956, pp. 36ss).

a) *O amor vence a angústia e o desânimo*

Não podemos pensar em vida humana sem angústia. Pertence às conseqüências do pecado original. Não é, pois, finalidade da educação e da psicoterapia eliminar a angústia, mas sim fornecer oportunamente aos homens a fôrça para superá-la. O homem, portanto, pode e deve não viver sem angústia, mas apesar da angústia, torná-la impulso para serviços, para esforços em atingir a segurança no concêrto da vida. Ora, o que pode ajudar decididamente a vencer a angústia da vida e da morte é o amor que leva à segurança (cf. 1Jo 4,17-18). O elemento decisivo para superar a angústia existencial humana é a fé no amor a Deus por nós e o amor para com êle, aceso em nós pela graça divina.

Digitalizado com CamScanner

Em via normal, porém, o homem necessita de certa medida de amor humano, que lhe deve ser dado, para tornar-se capaz de crer no amor a Deus. Por isso, a alma e o coração de tôda a arte educativa é o amor. Aqui está a grande e quase insubstituível função da mãe para com o próprio filho. O único confôrto humano eficaz para quem vive neste mundo de sofrimento é o amor que lhe é proporcionado. O amor cálido e previdente da mãe, que envolve totalmente a criança, pode na sua ternura natural fazer desaparecer aos seus olhos a dor do mundo e a sua angústia. Do comportamento da mãe depende, de modo decisivo, se o menino vê o mundo como fôrça inimiga e má ou boa e benéfica; como realidade ingrata da qual se deve retrair, ou alegre com a qual pode iniciar relações; se o menino se atira corajoso à luta pela vida, ou se, desanimado, procura evitá-la; se impele as próprias energias psíquicas ou se, ao contrário, impedido nos seus impulsos, permanece enclausurado dentro do próprio egoísmo. Compreende-se, portanto, como é grave para o desenvolvimento natural do menino a perda da mãe. Compreende-se também como pode ser angustioso para o menino não ser querido, dever a própria vida não ao amor, mas a um "acaso infeliz" sendo ìntimamente rejeitado, como não raro acontece hoje em dia (Gergen, *op. cit.*, pp. 71ss).

É surpreendente; quantos homens afligidos por males psíquicos, que por motivo do desânimo não se acham mais à vontade na vida e sofrem por serem incapazes de amar, declaram nunca terem experimentado o amor. Aplica-se neste caso o princípio: ninguém pode dar o que não recebeu antes dos outros. Meninos criados em atmosfera fria, que não foram acolhidos nem mesmo pelas próprias mães num ninho quente de afeto, ficam inclinados, durante tôda a vida, a sentir-se como "crentes no amor". Procuram sempre com ânsia o homem que finalmente lhes dê a aspiração constante de meninos. Inconscientemente param na posição do menino que quer ser envolvido pela ternura materna, que se oferece com ambas as mãos a amor concreto e todavia é incapaz de dar afeto. Dessa falta de amor recebido compreendemos também a lesão do justo sentimento de si e o sentimento de insegurança que daí deriva e que pode desabrochar, às vêzes, nos complexos de inferioridade.

b) *O amor educa à alegria*

Um dos frutos mais preciosos do amor é a alegria (cf. Gál 5,23). Quanto é certa portanto a educação à alegria e como é errado proibir aos meninos o sorriso! Tôda a nossa pedagogia, incluindo a instrução escolar, deveria visar muito mais à alegria dos meninos, alegria que é irmã da seriedade e tão distante do riso vazio e insulso.

Digitalizado com CamScanner

Uma fonte de alegria pura, que não deveria ser descuidada pela sabedoria do educador, é o encaminhamento à atividade criadora. Aí tem função sobretudo o brinquedo. O brinquedo, e como conseqüência o material usado, deve ser de tal natureza que o menino se entregue a êle com vivacidade e faça florescer aí tôda a fantasia. Não será talvez conseqüência da excessiva mecanização dos brinquedos se a alegria se tornou tão rara entre os homens, justamente porque brincar não exprime mais uma atividade criadora? Notemos de passagem que existem genitores que não deixam os filhos brincar; tais meninos perdem preparação fundamental para a vida. É fácil pensar como por êsse modo tira-se-lhes não só a alegria da atividade criadora mas também impede-se o confronto com a vida configurado no brinquedo (Gagern, *op. cit.*, pp. 132s).

Nem de um verdadeiro amor e muito menos da educação à alegria procede o comportamento dos pais e educadores que "viciam" os meninos. Com preocupação exagerada procuram afastá-los de tôdas as ocasiões em que poderiam mostrar e exercitar a própria energia e destreza, pelo simples motivo de que aí poderia haver algum perigo. Mas dêsse modo criam-se os filhos em ansiedade exagerada para com êles mesmos e o ambiente. Alguns pais "amam" de tal modo os próprios filhos que lêem-lhes os desejos nos olhos para satisfazê-los imediatamente. Mas o menino sabe que se comprazem com a sua felicidade e como conseqüência torna-se precioso. A experiência demonstra que não se adquire dêsse modo o afeto dos filhos, e sim tornamo-los egoístas sem remédio. Apesar de tôdas as aparentes exibições de afeto, os filhos percebem a ausência do amor verdadeiro. Não é verdadeira segurança a que encontram junto dos pais. O elemento falso e egoísta de tal "afeto" dos pais os impele a sentimento de abandono e isolamento. Tornam-se inseguros não só por falta de amor verdadeiro, mas porque percebem que estão falhando na luta pela vida. Os sentimentos de inferioridade não se apagam, apesar das tentativas de compensação, e tornam-se cada dia mais insistentes (Gagern, *op. cit.*, p. 79).

c) *O amor educa à comunidade*

Forma de manifestação ou, pelo menos, sintoma da neurose é a perturbação da capacidade para a vida social. Pertence, por isso, ao âmbito da profilaxia das neuroses educar conscientemente o menino para a comunidade. O fundamento é, sem dúvida, a atmosfera de comunhão na qual a criança nasceu, o amor recíproco dos pais no qual foi acolhido calorosamente. Devem-se, além disso, evitar os erros que podem, de sua parte, arruinar tão bom fundamento. Não raro, alguns pais excluem

Digitalizado com CamScanner

rigorosamente os filhos, sobretudo quando se trata de filhos únicos, de tôdas as companhias e brinquedos com outros meninos. Temem que possam ser corrompidos pelo ambiente mau. Realmente muito ouvimos e lemos sôbre os perigos que correm os meninos na rua. Mas a reclusão é perigo não menos grave. O menino se torna solitário que depois, só com grande esfôrço, aprenderá a inserir-se numa companhia obrigatória. Também num eventual matrimônio muitas vêzes pode ser difícil para tais indivíduos encontrar o caminho para o "tu" com o qual se comunicar.

O menino aprende, nas pequenas turmas de jogos, a encontrar-se bem no ambiente, a inserir-se, a subordinar-se conforme o exijam as circunstâncias. Exercita-se na luta e na conquista, em vencer e perder, no esfôrço e no risco, como depois o exigirá a vida. Sem dúvida, é necessário que os genitores tenham os olhos abertos sôbre o que rodeia o filho. E aqui interessa não a origem mas a pureza interior dos indivíduos.

Importantíssimo para a formação à comunidade é experimentarem os filhos o matrimônio dos pais como harmonia. Quantas vêzes na pré-história de pessoas incapazes de espírito social podemos ver que o casamento dos pais desmantelou-se, ou os outros educadores — por exemplo, nas comunidades religiosas — não eram modêlo capaz de caridade fraterna. Neste caso também se aplica o princípio que os educadores devem começar em si mesmos. Por isso os pais devem esforçar-se por aperfeiçoar o próprio matrimônio e não dar, de modo algum, o exemplo de contrastes pessoais. O mesmo deve dizer-se da educação nas comunidades religiosas, onde também é preciso cultivar, do melhor modo possível, o espírito de família.

d) *O amor educa à responsabilidade*

Quem quer inserir-se na sociedade e por ela trabalha deve ser capaz de assumir responsabilidades e desejá-las. Uma das fugas mais freqüentes é diante da responsabilidade e da deliberação. Por isso também a formação à responsabilidade faz parte de tôda pedagogia sã e boa. Como podemos educar-nos à alegria da responsabilidade? Pela própria natureza tem-se responsabilidade diante de um senhor. Sem dúvida somos responsáveis também por nós mesmos. Não somos, portanto, senhores absolutos de nós mesmos, mas sim propriedade de Deus e administradores dos bens. Também na educação à responsabilidade é importante que nos compenetremos da idéia de sermos administradores e nos sintamos instrumentos nas mãos de Deus. Infelizmente podemos observar, não raro, que alguns educadores se vangloriam do poder que adquiriram

Digitalizado com CamScanner

sôbre as almas e não cuidam de garantir-lhes, na decisão da própria consciência, a liberdade dos filhos de Deus para encaminhá-las dêsse modo à auto-educação. É êsse um perigo contra o qual os genitores, mas sobretudo o pastor de almas, devem precaver-se. Trata-se, portanto, de começar com a educação de si mesmos.

A necessidade de começar consigo mesmo não se mostra tão evidente em qualquer ponto como na educação sexual. Como pode um indivíduo ajudar outro na pureza, se não fôr puro, no sentido mais claro da palavra?

Resumindo, repetimos mais uma vez: como o amor é o elemento vivificador, assim também é a fôrça sanadora para os sofrimentos dos homens. E não só no sentido da cura para doença que já veio, mas também no sentido de preservação da dor. Por isso um amor verdadeiro e autêntico é, também, a alma de qualquer profilaxia das neuroses.

Digitalizado com CamScanner

APÊNDICE

A personalidade do pastor de almas ante os doentes psíquicos

Não há dúvida que a causa de grande parte das doenças psíquicas é a ruína da relação justa entre o homem e o Criador. É claro que o homem que coloca um ídolo no lugar de Deus não pode ser feliz. "De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois vier a perder a alma?" (Mt 16,26; Lc 9,25). Não existe diferença substancial, se o nome do ídolo é Moloc, Astarte ou Ápis, ou teor de vida, sexo e poder. O homem desiludido pelas criaturas, abatido pela angústia da existência e perplexo consigo mesmo e com o mundo, pode permanecer psìquicamente são apenas quando não saciar a sêde de amor verdadeiro nas cisternas corrompidas de civilização decadente, mas sim com a água que se torna para êle "fonte que jorra na vida eterna" (Jo 4,14).

Quem, portanto, deseja ajudar a um homem e procurar-lhe a cura deve achar-se pessoalmente num lugar sólido, possuir um abrigo seguro que lhe dê refúgio, segurança, proteção e paz interior em meio às tempestades e conteúdo, significado e esperança à vida. Ora, assim só pode dar-se com quem tem fé em um ser perfeitíssimo, isto é, num Deus pessoal que é amor e chamou também os homens para o amor, a felicidade e a bem-aventurança eterna. Portanto, quanto mais perfeitamente amarmos a Deus, tanto mais estaremos em condições de conduzir os outros para Deus e consolidá-los nêle para que não sucumbam mais nos sofrimentos da vida e não precisem refugiar-se, de qualquer modo, nas enfermidades, mas para que estejam repletos de alegria íntima e cheios de consolação, apesar de qualquer doença (2Cor 7,4). Êste é o primeiro pressuposto fundamental do pastor de almas e do educador que deseja guiar os homens, isto é, a orientação para o fim eterno, o esfôrço constante, fundado na fé, para um amor a Deus sempre maior.

Digitalizado com CamScanner

Outra característica de todo pastor de almas, mais que tudo necessária para o tratamento dos enfermos, é o amor desinteressado ao próximo que se inclina, cheio de misericórdia e generosidade, sôbre quem sofre e tem, mais que ninguém, necessidade de tal amor (cf. Lc 10, 23-37). Evidentemente tal amor não se satisfará com o quadro de pura humanidade natural, mas exigirá fim baseado na fé sobrenatural e permeado pela imitação de Cristo. Devemos amar o próximo porque é criatura de Deus, redimida no sangue de Cristo e chamada pelo Espírito Santo à santidade. Também aos doentes psíquicos aplica-se a palavra do Senhor "O que tiverdes feito a um dêsses irmãos menores, a mim o fizestes" (Mt 25,40). Também o doente psíquico tem necessidade do amor que o samaritano misericordioso lhe oferece, porque sòzinho não pode ajudar-se.

O amor por parte do pastor de almas deve manifestar-se, antes de tudo, por grande compreensão da necessidade do próximo. Claro que não no sentido de "compreender tudo significa perdoar tudo". Mas a compreensão da necessidade alheia é a primeira ponte ou, ao menos, passagem onde aquêle que socorre encontra o necessitado e lhe dá auxílio.

O amor por parte do pastor deve ser paciente e benévolo, não deve procurar a si mesmo, nem indignar-se com o mal, por exemplo, com a falta de correspondência (1Cor 7,4ss). Sobretudo exige muita paciência e perseverança. Mesmo que o próprio doente estivesse a ponto de perder o ânimo e impacientar-se, o pastor não deve imitá-lo. Sempre e em todos os momentos, deve trazer uma palavra de coragem e de esperança para substituir com a fôrça da própria responsabilidade, o que falta ao paciente. Tal se aplica especialmente à confiança, uma das qualidades principais do amor e um dos meios mais necessários a qualquer educação e cuidado de almas. O que falta nalguma medida para todos os doentes psíquicos é confiança razoável em si. Tantas vêzes já foram enganados por si mesmos que não têm a fôrça de crer retamente em si. A confiança do pastor deve penetrar para compensar essa lacuna. A confiança é fôrça do alto e tende para o alto, como a luz atrai as plantas para o sol. Na confiança, mesmo que não seja completamente fundamentada, está contido um impulso poderoso para fazer o bem, subir a grau mais alto e tornar-se digno da própria confiança. A confiança é uma das maiores fôrças sanadoras e pedagógicas da humanidade; é preciso ter a confiança dos homens para torná-los melhores. Tudo isso sabe ou pelo menos percebe o amor, o grande amigo, médico e auxiliar da humanidade (Wöhrmüller B., *Das Königliche Gebot*, 1929, p. 133).

Uma característica ulterior do amor é o apuro do tato. A palavra tato deriva do latim "tangere", tocar. Trata-se, portanto, da arte de

Digitalizado com CamScanner

tocar alguém no lugar certo e não, sem motivo, onde dói. O doente psíquico tem alma ferida; portanto, é mais do que necessário não aumentar a dor além do que é inevitável. O mesmo deve dizer-se quanto à vergonha espiritual. O sentimento do pudor não nasce só no corpo, por causa do que se gostaria de esconder aos outros ou a si mesmo, enquanto diminui o sentimento de si ou se ofende a própria dignidade; surge também diante da revelação do próprio santuário interior. O sentimento muito desenvolvido do que é próprio e único na vida interior é o terreno com que nasce essa espécie de pudor. Consiste na repulsa delicada de mostrar o que é mais pessoal. O descobrimento do homem interior parece uma penetração profana no santuário espiritual íntimo, que é propriedade exclusiva do homem (Haase, *Zur Psychologie und Pädagogie der Scham*, p. 420).

É claro que qualquer atividade pastoral e pedagógica fecunda pressupõe que o pastor e o educador sejam pessoalmente bons e bem formados e procurem eliminar o que tiverem de defeituoso no próprio caráter, compensando-o mediante atividade séria de auto-educação. *Agere sequitur esse*. Só quem possui personalidade rica, distinta válida, e madura pode estar em condições de exercer influência favorável sôbre os outros. Para essa exigência fundamental de cada homem é preciso autoformação que dure tôda a vida, sobretudo quando se trata de pessoas que tenham responsabilidades para com os outros. Tal se aplica especialmente ao pastor de almas e o educador.

Coeficiente importante para o sucesso na prática pastoral é possuir cabedal suficiente de conhecimentos no campo da *psicologia*. Não só, evidentemente, no que respeita à doutrina filosófica da alma ou a psicologia experimental, mas também a caracteriologia, os empecilhos à vontade livre e às diversas anomalias e afecções da psique humana. Sobretudo o capítulo *"de impedimentis actus humani"* da teologia moral fundamental exige, muita vez, revisão radical. Devem levar-se em consideração, de modo especial, os conhecimentos da psicologia pastoral, da psiquiatria, da neurologia e da psicologia do profundo, confrontando-os com os princípios imutáveis da moral. Infelizes dos doentes psíquicos se, na sua dolorosa situação, não encontrarem pastor de almas a quem possam recorrer confiantemente, que os compreenda e se torne conselheiro e protetor (Schulte Chrys., *Was der seelsorger von nervösen Seelenleiden wissen muss*, 1936, p. 16).

Constitui exigência urgente proporcionar, no quadro do estudo d moral e da pastoral dos futuros pastôres de almas, os conhecimentos de que precisarão para o tratamento pastoral dos doentes psíquicos, cujo número hoje vai aumentando cada vez mais. Evidentemente o simples conhecimento teórico não basta; para agir com resultado são necessários

Digitalizado com CamScanner

determinada predisposição e talento individual. Em geral, as pessoas que se encontraram alguma vez diante dessas situações e formaram juízo de acôrdo com a própria experiência possuem capacidade particular de compreensão e adaptação, sobretudo se também lutaram e conseguiram libertar-se dos próprios empecilhos e convulsões.

Tal capacidade de adaptação e simpatia torna possível penetrar no mundo próprio da doença e compreender o doente. Estamos, por isso, diante de estado penoso que compreendemos e compartilhamos com a disposição de socorrer de qualquer modo. Assim criamos atmosfera de confiança, que é tanto mais necessária quanto mais êsses enfermos, sobretudo no início, costumam ver-se envolvidos por sentimento de afastamento.

O segrêdo de um sucesso pastoral sôbre os doentes psíquicos está, até certo ponto, na participação pessoal do pastor de almas no destino daquele que, na sua infelicidade sem limites, a êle se dirige como náufrago pedindo apoio e auxílio (Schulte, *op. cit.*, p. 38).

Às exigências naturais de tôda a boa pastoral pertence também certa dose de *conhecimento do homem*. E êste não se aprende, pelo menos em certo sentido, mas como dom da intuição é dote natural. A experiência demonstra que não são muitos os homens que possuem tal dote. Infelizmente a avaliação objetiva das disposições de caráter não é freqüente nem mesmo entre sacerdotes. De outro modo, como seria possível que pregadores lancem mão de cumprimentos e artificiosidades retóricas próprias de prestidigitadores, deixando de infundir confiança em pessoas sérias e honradas? Como é possível que ocupem certos postos sacerdotes incapazes de cumprir tais missões, enquanto outros, que na sua modéstia não falam de si, não possam desenvolver a própria capacidade e floresçam despercebidos como as violetas ao longo dos muros do cemitério? Se já é desejável certo grau de conhecimento dos homens para o pastor de almas, quanto mais necessário se torna quando fôr preciso lidar com doentes psíquicos! É doloroso, antes até catastrófico, quando um sacerdote trata os neuróticos de igual maneira que os sãos e não sabe distinguir as várias espécies de doenças psíquicas.

Não só o conhecimento da pessoa, mas também o do ambiente tem importância para o pastor de almas. Trate, portanto, de informar-se, com prudência e delicadeza sôbre a profissão, família, saúde e outras circunstâncias exteriores entre as quais o neurótico deve viver. Nos casos mais difíceis colocar-se-á em contato com a família ou os superiores para ouvir-lhes a opinião e para aconselhar como devam tratar o doente psíquico ou exercer influência sôbre êle (Schulte, *op. cit.*, p. 40).

O objetivo da direção pastoral do paciente psíquico é levar o in-

Digitalizado com CamScanner

teressado a agir e mover-se só. É evidente que exige do sacerdote muita prudência, solidez e paciência.

O que disse, certa vez, Joseph von Görres aplica-se igualmente ao pastor de almas e educador que se ocupa de doentes psíquicos: "Cada um procure, antes de tudo, dar a si mesmo a justa medida, para que sua personalidade apareça circunscrita em figura humana e não como chama devoradora. Vinculemos assim em nós a massa selvagem dos instintos e das paixões, para que não se imponha como dominadora. Além disso cultivemos a nobreza do nosso ser interior, coragem, valor, fôrça e resolução, renúncia, moralidade e justiça. No vértice, depois, deve habitar sacerdotalmente a piedade reta e o reconhecimento do mundo superior; o abandono à guia do poder que de lá dirige envolto no mistério; a visão da lei superior que resume em si todos os acontecimentos e confere maravilha perene a tôda a história; e finalmente a convicção de que sòmente Deus tem o ser em si e permanece sempre, enquanto o mal é, em si mesmo, vazio e que há de perecer" (De Klug S., *Le profondità dell'anima,* Turim, 1952, p. 438).

Digitalizado com CamScanner

ÍNDICE

Prefácio 5
Prefácio à segunda edição 5
Introdução 7

PRIMEIRA PARTE

A vida espiritual no caminho da perfeição

Seção I — A alma no caminho da purificação 15
Seção II — A alma no caminho da iluminação 39
Seção III — A alma no caminho da união 52

SEGUNDA PARTE

Psicologia dos tipos

Seção I — Diferenciação segundo o sexo 69

Cap. 1 - *Peculiaridades psíquicas dos sexos* 69
Cap. 2 - *Sexo e personalidade* 73
Cap. 3 - *Sexo e vida religiosa* 74
Cap. 4 - *Sexo e vida moral* 76
Cap. 5 - *Psicologia pastoral no cuidado das almas masculinas* 84
Cap. 6 - *Psicologia pastoral no cuidado das almas femininas* 86
Cap. 7 - *Psicologia da vida sexual* 89
Cap. 8 - *Psicologia do celibato* 98

Seção II — Diferenciação segundo a idade 107

Cap. 1 - *Vida psíquica da criança* 107
Cap. 2 - *Vida psíquica da adolescência* 116
A) Vida psíquica do rapaz 121
B) Vida psíquica da jovem 136

Digitalizado com CamScanner

Cap. 3 - *Vida psíquica da idade madura* 143
Cap. 4 - *Psicologia da velhice* 147

Seção III — Diferenciação segundo a índole pessoal 150

Cap. 1 - *As paixões dominantes* 150
A) Paixão dominante "sensibilidade" 151
B) Paixão dominante "orgulho" 153
Cap. 2 - *Os temperamentos* 153
A) O temperamento colérico 155
B) O temperamento sanguíneo 158
C) O temperamento melancólico 161
D) O temperamento fleumático 166
Cap. 3 - *Condições somáticas e disposições* 169
Cap. 4 - *Os diversos tipos de caráter* 179
A) A caracteriologia baseada na "psicologia individual" segundo Fritz Kunkel 181
B) A caracteriologia psicanalítica segundo Sigmund Freud 183
C) Os tipos de caráter segundo Carl Gustav Jung 186
D) Os tipos de caráter segundo Eduard Spranger 191
E) A caracteriologia constitutivo-biológica segundo Ernst Kretschmer 193

Seção IV — Diferenciação segundo as profissões 198

Cap. 1 - *A classe rural* 198
Cap. 2 - *A classe operária* 204
Cap. 3 - *A classe intelectual* 208
Cap. 4 - *A classe média* 211
Cap. 5 - *O estado sacerdotal e religioso* 212

Seção V — Diferenciação segundo o ambiente 226

TERCEIRA PARTE

Psicopatologia pastoral

Seção I — Natureza e causas das doenças psíquicas 233
Seção II — A psicopatia 244

Cap. 1 - *Diferentes espécies de psicopatias* 244

Digitalizado com CamScanner

A) Os psicopatas ciclóides 244
B) Os psicopatas esquizóides 245
C) Os psicopatas epiletóides 246
D) A degeneração histérica 247
E) A depressão psíquica (melancolia) 247
Cap. 2 - Experiência e comportamento dos psicopatas 252

Seção III — As neuroses 257

Cap. 1 - *Natureza das neuroses e sua influência na vida religiosa e moral* 257
Cap. 2 - *Direção pastoral do neurótico* 263
A) Diversas formas de neurose 265
B) As neuroses nas diversas idades 281
C) Conselhos de estado para os neuróticos 287
Cap. 3 - *Profilaxia da neurose* 290
A) Erros pedagógicos causa de neuroses 291
B) Educação preservadora das neuroses 294

Apêndice - *A personalidade do pastor de almas diante dos doentes psíquicos* 299

Digitalizado com CamScanner